

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JULIANA CONTTI CASTRO

**O DISCURSO DA *NOVA ESCOLA*:
PROCEDIMENTOS E VALORES**

VITÓRIA
2013

JULIANA CONTTI CASTRO

**O DISCURSO DA *NOVA ESCOLA*:
PROCEDIMENTOS E VALORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Pedagógico da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração Educação e Linguagens.

Orientadora: Prof^a Dr^a Moema Lúcia Martins Rebouças.

VITÓRIA
2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Castro, Juliana Contti, 1973-
C355d O discurso da *Nova Escola* : procedimentos e valores / Juliana
Contti Castro. – 2013.
229 f. : il.

Orientadora: Moema Lúcia Martins Rebouças.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Editora Abril. 2. Fundação Victor Civita. 3. Nova Escola, (1986).
4. Valores. 5. Professores - Aspectos morais e éticos. 6. Professores -
Aspectos sociais. I. Rebouças, Moema Martins, 1957-. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JULIANA CONTTI CASTRO

**“O DISCURSO DA NOVA ESCOLA:
PROCEDIMENTOS E VALORES”**

Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado em
Educação da Universidade
Federal do Espírito Santo
como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre
em Educação.

Aprovada em 26 de março de 2013.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Moema Lúcia Martins Rebouças
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Cleonara Maria Schwartz
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor César Pereira Cola
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Rosa Iavelberg
Universidade de São Paulo

In memoriam Arlindo de Castro Filho, meu querido pai e amigo de todas as horas.

À minha mãe, Gerusa Contti Castro, pelo apoio de sempre.

A Edson Alexandre Lilge Amaral, marido e companheiro fiel de todos os momentos.

Ao meu primo, Ernesto Conti Neto, pelo auxílio durante meus tempos de estudante.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço de coração à minha querida orientadora *Prof.^a Dr.^a Moema Lúcia Martins Rebouças*, sem a qual esse texto nunca teria existido e não se concretizaria no plano da experiência concreta. Mostro-me grata não só pela orientação teórica e por ter me apresentado e me possibilitado um mergulho inesquecível nesse campo muito profícuo de saber – o da semiótica francesa de origem greimasiana –, e dos estudos da visualidade, mas, sobretudo, pela sua companhia, sempre elegante e animadora. Agradeço especialmente pela sua fineza e educação, tão em baixa nos dias ásperos de nossa realidade social. Que possamos trabalhar e dialogar muitas vezes ainda. *Merci beaucoup!*

Expresso também meus agradecimentos à equipe de professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo pelas aulas e discussões que sempre, de alguma maneira, me fizeram ver a vida, o mundo e a educação com outros olhos. Sou-lhes grata por terem me aberto uma visão ampliada dos fenômenos da sociedade e, sobretudo, do fenômeno educativo. Gostaria de fazer um agradecimento especial a todos os professores da linha de pesquisa *Educação e Linguagens*, sobretudo à minha orientadora (novamente); à *Prof.^a Dr.^a Cláudia Maria Mendes Gontijo* por ter-me dilatado a percepção acerca das questões da linguagem e dos estudos do discurso; à *Prof.^a Cleonara Maria Schwartz* pelas valiosas contribuições quando de minha qualificação, reafirmando a importância do impresso pedagógico na circulação de determinado tipo de ideia e tendência. Ao Prof. Dr. César Pereira Cola, por me fazer atentar ainda mais para a importância dos estudos da imagem, um campo pouco explorado pelos pesquisadores da educação. Obrigada!

Agradeço também aos Professores Doutores *Regina Helena Silva Simões*, *Carlos Eduardo Ferrazo* e *Janete Magalhães Carvalho* da linha de pesquisa Cultura, Currículo e Formação de Educadores pelas indicações de leitura, pela convivência e pelas aulas estimulantes e desafiadoras. Agradeço, por fim, ao professor *Rogério Drago* da linha de pesquisa Diversidade e Práticas Educacionais Inclusivas pelo período de convivência, quando do início do curso.

Não posso deixar de enunciar também minha gratidão para com a equipe da secretaria do PPGE-UFES pela boa vontade com que sempre atendeu minhas interrogações e pedidos. Obrigada pela boa convivência!

Por fim, fica um último agradecimento à revisora deste texto, Prof.^a Dr.^a *Glória Maria de Pádua Moreira* que, com todo o cuidado e paciência, tratou dos originais.

Agradeço a todos, sem essas ajudas o caminho teria sido mais árduo. Muchas Gracias!

“Ficamos ingenuamente espantados quando nos pomos a refletir acerca da situação do homem que, de manhã à noite e da idade pré-natal à morte, é atormentado por significações que o solicitam por toda parte, por mensagens que o atingem a todo momento e sob todas as formas”.

Greimas

RESUMO

Este trabalho examina a construção do discurso pedagógico na revista *Nova Escola*, os procedimentos discursivos utilizados nessa construção, e o quadro de valores no qual esses discursos se inserem. Para tanto, toma como *corpus* principal de análise as edições do quadriênio 1997-1998 e 2011-2012. Com ênfase para a análise dos editoriais, das capas e das publicidades veiculadas por *Nova Escola*, investiga os efeitos de sentido que esses textos produzem a partir de sua construção discursiva. Utiliza a semiótica francesa e o seu modelo de análise da significação proposto por A. J. Greimas, juntamente com a semiótica visual, com as contribuições de J.-M. Floch, para descrição e análise dos textos verbo-visuais. Objetiva, ainda, traçar um panorama do surgimento das revistas e sua similaridade com o gênero jornal; localizar o surgimento das publicações pedagógicas brasileiras; investigar o surgimento e a consolidação da *Editora Abril* como expressiva empresa de comunicação; examinar a criação da *Fundação Victor Civita* e, por fim, investigar o simulacro de professor reiterado e fortalecido pelo discurso de *Nova Escola*. A análise realizada indica o reforço a um simulacro que vê a docência, principalmente a dos anos iniciais de escolaridade, como *vocação e missão*, sobrelevando a dimensão instrumental em detrimento da conceitual. As questões de gênero também são importantes, sobretudo pelo fato do simulacro da mulher-professora ser reiterado continuamente no discurso da mídia em questão. Em termos de procedimentos discursivos, o jogo entre objetividade e subjetividade, reforça tanto o discurso científico, quanto a relação de aproximação que a revista instaura com o seu leitor. Verifica-se, pois, a ausência de qualquer lexema que trate das questões associativas e sindicais tendo em vista a profissão docente. A reiteração do vermelho, no que se refere aos aspectos plásticos, e da feição passional dos textos dão a tônica do discurso verbo-visual de *Nova Escola*, intrinsecamente ligado ao reforço da relação amor-dedicação-educação.

Palavras-chave: Revista Nova Escola; Editora Abril; Fundação Victor Civita; procedimentos discursivos; valores; simulacro de professor.

ABSTRACT

This work examines the construction of the pedagogic discourse in the *Nova Escola* (New School) magazine, the discursive procedures utilized in this construction, and the framework of values in which these discourses insert themselves. Thus this work takes as the principle corpus of analysis the periods 1997-1998 and 2011-2012. Emphasizing the analysis of the magazine's editorials, covers and advertisements, this work investigates the effects of meaning that these texts produce based on its discursive construction. For the description and analysis of the verbal-visual texts, it refers to the French semiotic and its model of analysis of the signification proposed by A. J. Greimas, together with the visual semiotic, with the contributions of J. M. Floch. Its objectives are to design a landscape about the emergence of the magazines and their similarity to the newspaper; to localize the emergence of the Brazilian pedagogic publications; to investigate the emergence and consolidation of the *Editora Abril* as an expressive communication company; to examine the creation of the Victor Civita Foundation and, lastly, to investigate the teacher simulacrum reiterated and strengthened by the discourse of *Nova Escola* (New School). The analysis points to the reinforcement of a simulacrum that sees education, specially the first two years, as vocation and mission, stressing the instrumental dimension at the expense of the conceptual. The gender questions are also important; above all by the fact of the woman-teacher simulacrum be continuously reiterated in the discourse of the refered media. In terms of discursive procedures, the play between objectivity and subjectivity, reinforces the scientific discourse as well as the relation of approximation that the magazine establishes with its readers. Thus, this work verifies the absence of any lexeme that treats the associative and sindical questions related to the teaching profession. The reiteration of the red, in what refers to the visual aspects, and the passionate feature of the texts highlights the verbal-visual discourse of *Nova Escola*, intrinsically connected to the reinforcement of the love-dedication-education relation.

Key words: Nova Escola (New School) Magazine; Editora Abril (April Press); the Victor Civita Foundation; Discursive Procedures; Values; Teacher Simulacrum.

RÉSUMÉ

Ce travail examine la construction du discours pédagogique dans la revue *Nova Escola* (Nouvelle École), examine les procédés discursifs utilisés dans cette construction et le cadre des valeurs dans lequel s'insèrent ces discours. A cette fin, il prend comme *corpus* principal d'analyse les éditions du quatrième 1997-1998 et 2011-2012. Pour l'analyse des éditoriaux, de la publicité et des articles de première page présentés par *Nova Escola*, l'accent est mis sur l'investigation des effets de sens que ces textes produisent à partir de leur construction discursive. Pour la description et l'analyse des textes verbo-visuels, ce travail utilise la sémiotique française et son modèle d'analyse du sens proposé par A.J Greimas ainsi que la sémiotique visuelle et la contribution de J.M.Floch. Le but de ce travail est également de tracer un panorama de l'apparition des revues et sa ressemblance avec le journal; de localiser l'apparition des publications pédagogiques brésiliennes; d'investiguer l'apparition et la consolidation de la maison d'éditions brasil en tant qu'entreprise de communication expressive; d'examiner la création de la Fondation Victor Civita et enfin d'investiguer le modèle de professeur reproduit et renforcé par le discours de la revue *Nova Escola*. L'analyse réalisée indique le renforcement d'un modèle qui voit l'enseignement, surtout dans les premières années de la scolarité, comme une vocation et une mission, mettant l'accent sur la dimension instrumentale au détriment de la dimension conceptuelle. Les questions de genre sont aussi importantes surtout dû au fait que le modèle du professeur femme est continuellement reproduit dans le discours médiatique en question. En termes de procédés discursifs, le jeu entre l'objectivité et la subjectivité réenforce autant le discours scientifique que la relation d'approximation que la revue établit avec son lecteur. En effet, on peut vérifier l'absence de un lexème qui traiterait des questions associatives et syndicales concernant la profession d'enseignant. La répétition du rouge en ce qui concerne les aspects plastiques et l'apparence passionnelle des textes donnent le tonique du discours visuo-verbal de la Nouvelle École, intrinsiquement lié au renforcement de la relation amour-dévouement-éducation.

MOTS CLÉS: Revista Nova Escola (Revue Nouvelle École); Editora Abril (Éditeur Avril); Fondation Victor Civita; procédés discursifs; valeurs; simulacre du professeur.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Missão da <i>Abril</i>	51
Figura 2 – Escritório da <i>Abril</i> , 1950.....	54
Figura 3 – Victor Civita em seu escritório, São Paulo, 1960.....	54
Figura 4 - Victor Civita.....	54
Figura 5 – Marcas da <i>Abril</i>	58
Figura 6 – Revista <i>Gloss</i>	58
Figura 7 – Revista <i>Alfa</i>	59
Figura 8 – Revista <i>Arquitetura & Construção</i>	59
Figura 9 – Revista <i>Claudia</i>	60
Figura 10 – Revista <i>Capricho</i>	60
Figura 11 – Página da <i>Alphabase</i>	62
Figura 12 – Página da <i>Elemidia</i>	63
Figura 13 – Página da <i>Elemidia</i>	63
Figura 14 – Linha do tempo <i>Abril</i>	64
Figura 15 – Linha do tempo <i>Abril</i>	64
Figura 16 – Linha do tempo <i>Abril</i>	64
Figura 17 – Linha do tempo <i>Abril</i>	64
Figura 18 – “Evolução do logotipo” da <i>Abril</i>	65
Figura 19 – 1º logotipo da Editora <i>Abril</i> (1950).....	66
Figura 20 – 2º logotipo da Editora <i>Abril</i> (1968).....	67
Figura 21 – 3º logotipo da Editora <i>Abril</i> (1990).....	68
Figura 22 – 4º logotipo da Editora <i>Abril</i> (1998).....	68
Figura 23 – Página de <i>Nova Escola</i>	84
Figura 24 – Propaganda de <i>Escola</i>	88
Figura 25 – Publicidade da primeira edição do <i>Prêmio Victor Civita</i>	95
Figura 26 – Publicidade da primeira edição do <i>Prêmio Victor Civita</i>	96
Figura 27 – Publicidade da primeira edição do <i>Prêmio Victor Civita</i>	97
Figura 28 – Editorial e Índice NE (nº 103).....	114
Figura 29 – Editorial e Índice NE (nº 108).....	115
Figura 30 – Editorial e Índice NE (nº 117).....	116

Figura 31 – Seção <i>Sala dos Professores</i> (nº 105).....	118
Figura 32 – Seção <i>Era uma Vez</i> (nº 112).....	121
Figura 33 – Seção <i>Mural</i> (nº 115).....	122
Figura 34 – Seção <i>Com Certeza</i> (nº 112).....	123
Figura 35 – Seção <i>Com Certeza</i> (nº 112).....	123
Figura 36 – Seção <i>Depoimento</i> (nº 117).....	125
Figura 37 – Seção <i>Depoimento</i> (nº 117).....	125
Figura 38 – Seção <i>Livros</i> (nº 111).....	128
Figura 39 – Seção <i>Obrigada, Professores</i> (nº 117).....	129
Figura 40 – Suplemento de NE acerca dos PCNs (nº 111).....	130
Figura 41 – Suplemento de NE acerca dos PCNs (nº 111).....	131
Figura 42 – Publicidade <i>Abril</i> (nº 108).....	133
Figura 43 – Frase de destaque da publicidade.....	133
Figura 44 – Texto publicidade <i>Abril</i> (nº 108).....	135
Figura 45 – Publicidade <i>Manequim Faça e Venda</i> (nº 115).....	137
Figura 46 – Publicidade <i>Método Kumon</i> (nº 115).....	138
Figura 47 – Publicidade <i>Agrovídeos</i> (nº 118).....	139
Figura 48 – Publicidade <i>Faber-Castell</i> (nº 112).....	139
Figura 49 – Publicidade <i>Kwell</i> (nº 115).....	140
Figura 50 – Índice <i>Nova Escola</i> (nº 250).....	141
Figura 51 – Índice <i>Nova Escola</i> (nº 258).....	142
Figura 52 – Seção <i>Caixa Postal</i> (nº 253).....	144
Figura 53 – Ficha Catalográfica de <i>Nova Escola</i> (nº 253).....	145
Figura 54 – Fragmento da Seção <i>Caixa Postal</i> (nº 253).....	146
Figura 55 – Seção <i>Online</i> (<i>Nova Escola</i> na web, nº 239).....	148
Figura 56 – Seção <i>Carreira</i> (nº 258).....	149
Figura 57 – Seção <i>Gestão Escolar</i> (nº 254).....	150
Figura 58 – Seção <i>Na Dúvida?</i> (nº 253).....	151
Figura 59 – Seção <i>Heloisa Responde</i> (nº 255).....	152
Figura 60 – Seção <i>E agora, Telma?</i> (nº 255).....	152
Figura 61 – Seção <i>O X da Questão</i> (nº 249).....	154
Figura 62 – Seção <i>O X da Questão</i> (nº 249).....	154
Figura 63 – Seção <i>Nova Escola Discute</i> (nº 255).....	154

Figura 64 – Seção <i>Nova Escola Discute</i> (nº 255).....	154
Figura 65 – Seção <i>Fala, Mestre!</i> (nº 255).....	156
Figura 66 – Publicidade Editora <i>Positivo</i> (nº 241).....	161
Figura 67 – Publicidade <i>Planeta Sustentável</i> (nº 241).....	161
Figura 68 – Publicidade 14ª Edição do PVC (nº 240).....	162
Figura 69 – Publicidade AACD (nº 240).....	163
Figura 70 – Publicidade FTD (nº 254).....	163
Figura 71 – Publicidade MEC (PDE, nº 254).....	164
Figura 72 – Página de NE (nº 101).....	169
Figura 73 – Fragmento do índice de <i>Nova Escola</i> (nº 101).....	170
Figura 74 – Fragmento do índice de <i>Nova Escola</i> (nº 101).....	171
Figura 75 – Página de NE (nº 101).....	173
Figura 76 – Editorial 1 (nº 101).....	177
Figura 77 – Editorial 2 (nº 239).....	179
Figura 78 – Editorial 3 (nº 243).....	182
Figura 79 – Editorial 4 (nº 246).....	184
Figura 80 – Modos de presença da figura docente no enunciado de <i>Nova Escola</i>	197
Figura 81 – Modos de presença da figura docente/discente no enunciado de <i>Nova Escola</i>	198
Figura 82 – Título e <i>slogan</i> NE (1997).....	198
Figura 83– 1º logotipo da FVC (1986-1998).....	199
Figura 84 – Título e <i>slogan</i> de NE (2011-2012).....	200
Figura 85 – Logomarca <i>Abril</i> e <i>Fundação Victor Civita</i> (2011-2012).....	202
Figura 86 – Capa NE (nº 116).....	205
Figura 87 – Capa NE (nº 244).....	209
Figura 88 – Capa NE (nº 246).....	212
Figura 89 – Fragmento da capa NE (nº 246).....	215

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Gêneros discursivos em <i>Nova Escola</i>	44
Quadro 2 – Quadro comparativo entre <i>Escola</i> e <i>Nova Escola</i>	89
Quadro 3 – Dissertações sobre a RNE (1987-2011).....	104
Quadro 4 – Referencial teórico das dissertações analisadas.....	105
Quadro 5 – Teses tendo como objeto a RNE (1999-2010).....	107
Quadro 6 – Fases de <i>Nova Escola</i> (1986-2004).....	109
Quadro 7 – Índice NE, junho 1997.....	117
Quadro 8 – Índice NE, dezembro 1997.....	117
Quadro 9 – Índice NE, novembro 1998.....	117
Quadro 10 – Temáticas da Seção <i>Depoimento</i>	127
Quadro 11 – Configuração das páginas de NE (1997-1998).....	159
Quadro 12 – Configuração das páginas de NE (2011-2012).....	160
Quadro 13 – Esquema do percurso gerativo de sentido.....	175
Quadro 14 – Temáticas de <i>Nova Escola</i>	202
Quadro 15 – Quadro-resumo estilo clássico vs estilo barroco.....	220

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Vendagem de exemplares de <i>Nova Escola</i> (1986-2000).....	79
Gráfico 2 – Gênero dos leitores de <i>Nova Escola</i>	81
Gráfico 3 – Idade dos leitores de <i>Nova Escola</i>	81
Gráfico 4 – Classe social dos leitores de <i>Nova Escola</i>	81
Gráfico 5 – Região dos leitores de <i>Nova Escola</i>	81
Gráfico 6 – Temáticas das dissertações tendo como objeto a RNE (1987-2011).....	105
Gráfico 7 – Referencial teórico das dissertações analisadas (1987-2011).....	106
Gráfico 8 – Configuração das páginas de NE (1997-1998).....	159
Gráfico 9 – Configuração das páginas de NE (2011-2012).....	160

LISTA DE SIGLAS

AACD – Associação de Assistência à Criança Deficiente
ACD – Análise Crítica do Discurso
AIE – Aparelho Ideológico do Estado
AI – Atos Institucionais
AL – Alagoas
BA – Bahia
BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento
BIRD – Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento
BM – Banco Mundial
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior
CECIERJ – Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CEDERJ – Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CNE – Conselho Nacional de Educação
DF – Distrito Federal
EaD – Educação a Distância
EC – Estudos Culturais
EJA – Educação de Jovens e Adultos
ETB – Escolas Técnicas do Brasil
EUA – Estados Unidos da América
FCC – Fundação Carlos Chagas
FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
FHC – Fernando Henrique Cardoso
FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
FVC – Fundação Victor Civita
GEPPEP – Grupo de Estudos Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise
IBOPE – Instituto Brasileiro de Pesquisa
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IVC – Instituto Verificador de Circulação
LDB – Lei de Diretrizes e Bases
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MAM – Museu de Arte Moderna
MEC – Ministério da Educação
MG – Minas Gerais
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização
NE – Nova Escola
NTICs – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
OSESP – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo
PB – Paraíba
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação
PGS – Percorso Gerativo dos sentidos
PNE – Plano Nacional de Educação
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
PR - Paraná
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PVC – Prêmio Victor Civita
RJ – Rio de Janeiro
RNE – Revista Nova Escola
SABESP – Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo
SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica
SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SCIELO – *Scientific Electronic Library Online*
SE – Sergipe
SESI – Serviço Social da Indústria
TRS – Teoria das Representações Sociais
UEL – Universidade de Londrina
UEM – Universidade de Marília
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFG – Universidade Federal de Goiás

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
ULBRA – Universidade Luterana do Brasil
UnB – Universidade de Brasília
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNIFRAN – Universidade de Franca
UNIMAR – Universidade de Marília
UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNIUBE – Universidade de Uberaba
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	21
1 INTRODUÇÃO.....	25
2 A QUESTÃO DAS REVISTAS: HISTÓRIAS E CONCEITOS.....	39
3 CONSTRUINDO UMA MOLDURA ENUNCIATIVA ACERCA DE <i>NOVA ESCOLA</i> : O TRÂNSITO ENTRE DISCURSOS.....	46
3.1 Um império chamado <i>Abril</i>	49
3.2 A <i>Fundação Victor Civita</i>	71
3.3 <i>Escola e Nova Escola</i>	75
4 A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE A REVISTA <i>NOVA ESCOLA</i> ..	100
5 POR DENTRO DE <i>NOVA ESCOLA</i>	113
5.1 Edições de 1997 e 1998.....	113
5.2 Edições de 2011 e 2012.....	140
6 EDITORIAIS E CAPAS: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE <i>NOVA ESCOLA</i>	166
6.1 Notas sobre a linguagem jornalística.....	166
6.2 Analisando os editoriais.....	168
6.2.1 Editorial biênio 1997-1998.....	169
6.2.2 Editoriais biênio 2011-2012.....	179
6.3 Adentrando as capas de <i>Nova Escola</i>	195
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	216
8 REFERÊNCIAS.....	222

APÊNDICES	230
------------------------	-----

APRESENTAÇÃO

O processo de pesquisa e investigação é realmente encantador e desafiador, pois tem o poder de abalar todas as nossas certezas e perspectivas iniciais de estudo. Participamos do processo de seleção para a entrada no curso de Mestrado *stricto sensu* da Universidade Federal do Espírito Santo com a perspectiva de estudar outra temática, outro objeto de estudo, partindo inclusive de outro referencial teórico e metodológico. Num primeiro momento nossa atenção iria recair sobre o discurso oficial do Governo Federal acerca da modalidade de educação a distância¹, tão em voga em nossos dias, com aumentos exponenciais, tanto no número de matrículas, quanto no de instituições que oferecem a modalidade de ensino hoje no território brasileiro²; no entanto, no decorrer do curso, foi mudando nosso interesse.

Após a seleção, as aulas, o convívio com os professores e as diversas leituras e debates propostos e realizados, com especial atenção para as disciplinas específicas da linha de pesquisa Educação e Linguagens (PPGE/UFES)³; surgiu um novo interesse, ou melhor, ressurgiu um outro objeto de estudo, que era também algo que desde tempos passados nos inquietava. Assim, a revista *Nova Escola* (re)aparece em cena como principal objeto de nossa curiosidade.

Nesse ínterim, venho citar aqui a pesquisa de Andreza Roberta Rocha (2007), quando ela, na introdução de sua dissertação intitulada “Relatos de experiência publicados na revista *Nova Escola* (2001-2004): modelo de professora ideal”, ao contar como se deu o início e o desenvolvimento de sua pesquisa, bem como suas angústias de pesquisadora iniciante, dizia assim:

[...] outra indagação perturbou-me: “Nessa ciranda de relato, professora de ensino fundamental, revista, ensino de língua materna e pesquisa, nesse mundo, quem era eu?”

¹ Pretendíamos dar continuidade à nossa pesquisa feita no curso de especialização, cujo título é: “Educação a distância: possibilidade de engendramento de uma nova educação ou repetição de velhos paradigmas?”, onde tencionávamos, através de uma pesquisa de base bibliográfica e documental, fazer um mapeamento da educação a distância no mundo e no Brasil; as reflexões e análises realizadas também tomaram como base aspectos empíricos originados da experiência da autora como tutora dos cursos de licenciatura da Fundação CECIERJ/CEDERJ, do estado do Rio de Janeiro.

² Segundo Giolo (2008, p.1219) tivemos, de 2000 a 2006, um aumento em torno de 1.000 pontos percentuais no número de instituições credenciadas para oferta de EaD no Brasil; e um crescimento, no mesmo período, de 12.000 pontos percentuais no conjunto das matrículas de educação a distância no Brasil.

³ Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (ano de referência: 2011).

A resposta veio da fonte mais garantida que eu poderia encontrar. Veio de mim mesma por ocasião da apresentação de minha pesquisa em um evento no qual realizava uma comunicação oral. Apesar dos esquemas de memorização, do *handout* preparado para o público, de todo *script* estudado para apresentar meu trabalho de modo prático e objetivo, eis que começo minha exposição dizendo, para meu espanto e do público: “Gostaria de dizer que essa pesquisa surgiu de uma encrenca entre mim e a revista *Nova Escola*”.

Tal começo meio *gauche*, que sustentei e desenvolvi, aqueceu os ânimos na sala de exposição antes um pouco sonolenta em função do avançado da hora e do frio paranaense⁴ que reinava naquela tarde. Serviu também como rufar de tamborim para alguém que, tendo me acompanhado em todo esse período, compreendendo frequentemente antes de mim a música que eu ensejava tocar, o parágrafo prestes a ser construído, o conceito a ser assimilado e assim por diante, lançasse-me um escrito nomeando o tipo de situação que tinha dado origem à pesquisa: encrenca. (ROCHA, 2007, p. 5).

De alguma forma nos identificamos com a autora ao dizer que, de certo modo, essa pesquisa nasce também de “[...] uma encrenca entre mim e a revista *Nova Escola*” (ROCHA, 2007, p. 5). As palavras da autora suscitaram-nos lembranças da vivência que tivemos no cotidiano da escola pública de ensino fundamental e, dessas lembranças, um retrato nos acompanhava: a forma acrítica com que utilizávamos variados textos da mídia impressa e virtual, com ênfase especial para os textos de *Nova Escola*, amplamente divulgada nas escolas públicas de nível básico do Brasil.

Todavia, algo mais nos inquietava. A dinâmica aligeirada de nossa vida como um todo e do cotidiano escolar em particular nos impedia, muitas vezes, de aprofundar axiologicamente nossas leituras, nos levando, de certa maneira, a aceitar de forma passiva, sem questionamentos o que nos fosse mostrado, independentemente da mídia com que nos deparávamos (mídia impressa, *Internet*, dentre outras). Além dessa dificuldade primeira, existiam ainda outras que nos impediam de ler (seja o que for) para além do óbvio, ou seja, existia ainda a própria dificuldade em operar leituras de maneira satisfatória, no sentido de adentrar realmente nos sentidos dos textos.

Contudo, a retomada de novas leituras e novos debates sobre a educação de forma geral e a linguagem em particular, nos fizeram apurar o olhar e perceber as potencialidades dos objetos midiáticos para o campo da educação.

⁴ A autora se refere ao seguinte evento *I Encontro de Pesquisa “Leitura e Escrita”*, promovido pelos membros do *Grupo de Estudos Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise (GEPPEP)*, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e do Projeto *Leitura – Paixão/UEL*, que foi sediado na Universidade Estadual de Londrina, no estado do Paraná. A autora não menciona o ano do ocorrido.

Numa segunda etapa, já no projeto de qualificação, intentávamos analisar as reportagens⁵ presentes na revista *Nova Escola* veiculadas durante o ano de 2011, cuja temática se inserisse no campo usualmente denominado de Didática Geral. Sem desprezar, no entanto, algumas reportagens que estivessem mais vinculadas a uma Didática Especial ou Prática de Ensino.⁶ Dentro desse prisma, nossos objetivos transitariam entre identificar e analisar as práticas didático-pedagógicas sugeridas e inscritas nas reportagens de *Nova Escola*,⁷ especificamente aquelas que se referissem ao ensino fundamental; e estabelecer uma interface entre as práticas didático-pedagógicas defendidas e/ou propostas por *Nova Escola* e suas relações com o que se convencionou chamar de tendências pedagógicas da educação brasileira (LIBÂNEO, 1985; GADOTTI, 2004).

Estávamos certos que íamos por um caminho seguro e bem delimitado quando, no exame de qualificação, a partir da fala dos Professores Doutores César Pereira Cola e Cleonara Maria Schwartz nossas certezas desmoronaram mais uma vez. Os questionamentos da professora Cleonara reverberaram fortemente em nós, vejamos:

O problema de estudo está muito amplo. Fala em didática, fala em tendência pedagógica, fala em prática de ensino. É preciso especificar aspectos da Didática que vai abordar. São, por exemplo, métodos e técnicas de ensino veiculados na revista *Nova Escola* (RNE)? Ou será que a sua intenção é se deter nos paradigmas educacionais que a RNE põe em circulação?⁸

E continuou dizendo que

Seu problema para mim são as estratégias enunciativas utilizadas pela RNE para a circulação de tendências e perspectivas pedagógicas inscritas no pensamento pedagógico brasileiro.⁹

Diferentemente da Professora Cleonara Schwartz, o Professor César nos apontou outras perspectivas de pesquisa. Uma poderia se debruçar sobre o conceito de pesquisa em *Nova Escola*; e de que maneira esta é apregoada na *media* citada; ou ainda, uma proposta onde o foco estaria nas capas da revista e onde o aspecto visual tomaria um vulto maior do que vinha tomando quando do exame de qualificação.

⁵ Entende-se aqui tanto a seção denominada reportagem, quanto as matérias de capa.

⁶ Por Prática de Ensino entendemos aqui aquela que se refere ao ensino de cada atividade, área ou disciplina particular, como Matemática, Arte, Língua Portuguesa, etc.

⁷ Entende-se aqui revista *Nova Escola*.

⁸ Documento entregue pela Professora Cleonara Schwartz, quando da nossa qualificação ocorrida em 25 de abril de 2012.

⁹ Transcrição da fala da Professora Cleonara Schwartz; fonte: filmagem feita durante o exame de qualificação. Arquivo pessoal.

Optamos pelas capas como um dos *locus* de pesquisa, sobretudo pelo fato da visualidade estar intrinsecamente contida nesse objeto. É mister afirmar que os estudos da visualidade nos chamaram atenção quando do contato com nossa Orientadora, a Professora Doutora Moema Lúcia Martins Rebouças, fazendo aflorar em nós um desejo de transitar e aprofundar esse tipo de investigação. Entra em cena, pelo menos no nosso caminho, um novo campo de estudos, antes pouco conhecido por nós, a Semiótica que, enquanto ciência da significação, nos faz vislumbrar desafiadoras, potentes e fecundas perspectivas de construção do sentido.

1 INTRODUÇÃO

Após Gutenberg, é toda a cultura do Ocidente que pode ser considerada uma cultura do impresso, pois os produtos dos prelos e da composição tipográfica não são de modo nenhum reservados, como na China ou na Coreia, ao uso das administrações e dos cleros, irrigando, pelo contrário, todas as relações, todas as práticas.

Roger Chartier

Iniciamos com a epígrafe acima de Roger Chartier (2002) que nos dá a dimensão e o alcance do impresso em nossa cultura. Dessa forma, trataremos aqui de um impresso em especial, a imprensa pedagógica ou a imprensa de educação e ensino.

A imprensa pedagógica ou de forma mais ampla a imprensa de educação e ensino¹ tem sido objeto de estudo de importantes estudiosos, entre eles António Nóvoa (2002), Pierre e Penélope Caspard (2002), Denise Barbara Catani (2002), Maria Helena Camara Bastos (2002), dentre outros. Para Nóvoa (2002, p. 11), existem inúmeros aspectos fundamentais quando se trata do estudo dos periódicos e de sua utilidade para o campo educacional. Para o autor,

A análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível *macro* do sistema mas também no plano *micro* da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente. Trata-se, por isso, de um *corpus* essencial para a história da educação, mas também para a criação de uma outra cultura pedagógica.

O autor continua sua explanação assinalando e explicando o porquê de sua pesquisa se dar a partir ou tendo como *entrada* a imprensa de educação e ensino. Aponta assim outros aspectos também relevantes, como o fato de que a imprensa se constitui no melhor meio para captar a multiplicidade do campo educativo, além de mostrar as diversas facetas dos processos educacionais, tanto no que diz respeito às questões internas da escola, como da comunidade que a cerca. Para Nóvoa (2002, p.13), “[...] a imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo”, além de ser um lugar privilegiado de uma espécie de regulação coletiva. Juntam-se a esses aspectos o fato de que a natureza da informação fornecida pela imprensa de educação e ensino se constitui em fonte *sui generis* de pesquisa, já que apresenta uma leitura muito próxima ao acontecimento.

¹ Para António Nóvoa (2002), existe certa diferença entre o que ele chama de “imprensa pedagógica” e “imprensa de educação e ensino”. Esta última denominação alargaria o *corpus* daquilo que se convencionou chamar de “imprensa pedagógica”, ampliando o olhar do pesquisador para outras publicações. Para efeito de objetividade e clareza do discurso, tomaremos nesse texto os termos citados como sinônimos.

Pierre Caspard (2002) e Pénélope Caspard (2002), ao se proporem à construção de repertórios analíticos na França a partir da imprensa de educação e ensino, o que Nóvoa (2002) também o faz, mas em Portugal, catalogam 3.741² periódicos, perfazendo um total de oito volumes de material, com quase cinco mil páginas de pesquisas. Para Pierre Caspard (1981, p. 8, *apud* BASTOS, 2007, p. 167), essa imprensa de educação e ensino

[...] constitui um meio indispensável para o conhecimento do que é o sistema de ensino, o que ele representa, por exemplo, no espaço onde se desenvolve e onde se localizam todos os sistemas, teorias e práticas educacionais, de origem tanto oficial quanto privada. [...] Entre as normas impostas pelo poder central e a prática cotidiana, ao nível de classe, a leitura da imprensa pedagógica permite discernir o que se passa ou não, do centro até a periferia (ou do alto até embaixo), revelando, assim, as reticências ou os boicotes que opõem à instituição escolar as diretrizes que recebe. Inversamente, esta imprensa revela a força de inovação e de proposição que o sistema pode ter encoberto.

Para além do campo historiográfico, pois, essas mídias impressas possibilitam também “[...] avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e as filiações ideológicas, além das práticas educativas e escolares” (BASTOS, 2007, p. 167).

De “observatório privilegiado”, “[...] fontes ou núcleos informativos para a compreensão dos discursos, das relações e das práticas”, “instância privilegiada” (BASTOS, 2007, p. 167), a imprensa de educação e ensino se constitui em objeto fundamental para a compreensão e apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional, possibilitando ao pesquisador a percepção e o resgate do(s) discurso(s) pedagógico(s), das práticas didático-pedagógicas, do cotidiano escolar, das políticas oficiais e suas relações com as práticas concretas dos professores, das inovações e renovações do campo educativo.

Tendo já justificado a importância da investigação acerca da imprensa pedagógica, este estudo, diante da grande quantidade de revistas pedagógicas existentes no Brasil contemporâneo teve que optar pela escolha de apenas um impresso. Assim, escolhemos um veículo de cunho comercial, de vida longa, de ampla divulgação e fácil acesso no contexto nacional, a revista *Nova Escola*, editada pela *Fundação Victor Civita* desde março de 1986 e tida como “a maior revista de educação do país”.³ Nesta pesquisa, examinamos a construção

² Segundo Bastos (2007, p.166) “o repertório produzido pelo *Service d’Histoire de l’Éducation (Institut National de Recherche Pédagogique – INRP, Centre National de Recherche Scientifique – CNRS ET École Normale Supérieure – ENS)*, onde, durante 25 anos, dois responsáveis e uma dezena de colaboradores contribuíram sucessivamente na sua redação”. Os dois responsáveis aos quais a autora se refere são Pierre Caspard e Pénélope Caspard.

³ Fragmento retirado da ficha catalográfica da edição impressa de *Nova Escola*, nº 248, de dezembro de 2011 e constante em todos os exemplares da revista pesquisados.

do discurso pedagógico na revista citada, os procedimentos discursivos utilizados nessa construção, e o quadro de valores no qual esses discursos se inserem. Para tanto, tomamos como *corpus* principal de análise as edições do quadriênio 1997-1998 e 2011-2012. Com ênfase para a análise dos editoriais, das capas e das publicidades veiculadas pela revista, investigamos os efeitos de sentido que esses textos produzem a partir de sua construção discursiva.

Tendo como foco central a construção do discurso pedagógico na revista *Nova Escola*, esta pesquisa desenvolve os seguintes objetivos específicos:

1. Traça um panorama do surgimento das revistas e sua similaridade com o gênero jornal;
2. Localiza o surgimento das publicações pedagógicas brasileiras;
3. Investiga o surgimento e a consolidação da *Editora Abril* como expressiva empresa de comunicação;
4. Examina a criação da *Fundação Victor Civita*;
5. Analisa o simulacro de professor reiterado e fortalecido pelo discurso de *Nova Escola*.

Dois aspectos devem ainda ser destacados, um refere-se ao fato de que a análise do discurso de *Nova Escola*, nos possibilita, em segunda instância, compreender facetas do projeto educacional patrocinado pela *Editora Abril*, com forte subvenção governamental e de outras entidades e organizações privadas, como o *Grupo Gerdau*, projeto esse que vem se mostrando hegemônico no campo educacional brasileiro, já que não tem encontrado muita resistência para se propagar e se fortalecer como “o que de melhor há na educação brasileira”.

O segundo ponto que gostaríamos de destacar se refere à escolha específica do *corpus* dessa pesquisa. O recorte temporal feito visa a abranger diferentes épocas da revista, um biênio da década de 1990 (1997-1998) e um biênio da década de 2010 (2011-2012).⁴ Importante mencionar que o recorte temporal da década de 1990 se justifica na medida em que se constitui em uma época de implementação de novas políticas no campo da educação, tendo como ápice a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96) em 1996. Fundamental expor ainda que se a princípio pretendíamos pesquisar um

⁴ Não pudemos desprezar, no entanto, o primeiro editorial de *Nova Escola* de 1986; e também o primeiro editorial de *Escola* de 1971, documentos que agem como uma espécie de certidão de nascimento das revistas citadas.

período de dez anos de capas e editoriais de NE (1997-2006), esse mesmo período tornou-se inviável, na medida em que no desenvolvimento da pesquisa foram surgindo necessidades de readaptações e de outros caminhos de análise, bem como a necessidade de se priorizar a qualidade das análises realizadas.

Se 1996 constitui um marco temporal importante no campo educacional brasileiro, ele não é um fato isolado e se constitui num evento a mais do que se convencionou chamar de reformas educacionais da década de 1990. Nosso ponto de partida nessa dissertação é o ano de 1997, primeiro ano pós promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBEN 9.394/96, documento auge de inúmeras reformas educativas que vêm ocorrendo no Brasil desde o início da década de 1990. Além da LDBEN citada, podemos mencionar diversas ações do Ministério da Educação que caminham no sentido de implementar mudanças curriculares, e organizacionais na escola, a seguir: lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), criação do Sistema de Avaliação da Educação Básica, SAEB (1990); ocorrem mudanças também na esfera do financiamento com a implementação de novas políticas de financiamento da educação, com a criação do Fundo Nacional de Desenvolvimento do Ensino Fundamental, FUNDEF (1996), substituído mais recentemente pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica, FUNDEB (2007).

Figurando entre os países classificados como E-9⁵ – os nove países com os piores indicadores educacionais do mundo – o Brasil, tendo em vista sua realidade educacional, e os compromissos assumidos internacionalmente, especialmente na Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien, na Tailândia em 1990, elabora o Plano Decenal de Educação para Todos (1993-2003), na tentativa de minimizar seus atrasos educacionais e de se afinar com as orientações elaboradas pelos organismos internacionais, especialmente o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).

Portanto, para além de novas políticas para a educação básica implementadas no Brasil, há pois a tentativa de expandir e divulgar um determinado tipo e programa de formação de professores, já que o fraco desempenho dos alunos brasileiros reforça o discurso, muito propagado pela imprensa brasileira, de culpabilização do professor pelos nossos males educacionais. Nessa direção há o fortalecimento da pedagogia das competências tomada como

⁵ Além do Brasil, figuram nesta listagem os seguintes países: Bangladesh, China, Egito, Índia, Indonésia, México, Nigéria e Paquistão.

base de formação e do processo de avaliação.⁶ É, pois, no que se refere à formação de professores que as mídias assumem posição de destaque, mais uma vez aqui reafirmada.

Já o recorte temporal mais recente, se justifica por ser um marco presente, mais próximo ao acontecimento. Não se trata aqui de contrapor acontecimento à estrutura. Na verdade, concordamos com Fiorin (2008b, p. 114, grifo nosso), quando diz que

[...] a idéia do *percurso gerativo de sentido* parte da constatação de que é preciso explicitar o fato de que *o discurso é da ordem da estrutura e do acontecimento*. Assim, é necessário detectar invariantes, mas também descrever a variabilidade histórica que reveste essas invariantes. O modelo não é genético, mas gerativo, ou seja, busca ser preditivo e explicativo.

Fazemos uso da análise documental como técnica de coleta de dados, já que a revista é entendida aqui como um documento. O tratamento dos dados possui caráter qualitativo e utiliza como importante fonte de dados o site institucional da *Editora Abril*. Cabe reafirmar ainda que o *locus* específico da análise foi os editoriais, as capas e as publicidades veiculadas pela revista no quadriênio 1997-1998 e 2011-2012, além das seções presentes nessas edições.

Não é sem razão que destacamos aqui a importância do estudo dos editoriais para apreensão da identidade não só da revista, mas da própria Editora. Aliás, podemos justificar a escolha dos editoriais com uma citação de Sonia Irene Silva do Carmo (1993, p. 255), quando em seu artigo intitulado *Luz e sombra nos editoriais da Folha de São Paulo*, enuncia:

A escolha de editoriais como corpus da análise não é aleatória: entendemos que o editorial representa, entre as diversas seções do jornal, aquela em que se manifestam, com maior clareza, determinadas posturas ideológicas, e é exatamente ali que podemos identificar os interesses aos quais o jornal [no caso, a revista] se liga mais diretamente.

Tomando o texto como unidade de análise, nosso referencial teórico-metodológico se apoia nos estudos desenvolvidos pela semiótica francesa e o seu modelo de análise da significação proposto por A. J. Greimas. Lembremos Barros (2002, p. 8) quando nos diz que “[...] a semiótica deve ser assim entendida como a teoria que procura explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu *plano do conteúdo*”. Importante lembrar que para examinar o plano do conteúdo de um texto, a semiótica o concebe sob a forma de um *percurso gerativo*. O percurso gerativo do sentido, noção fundamental no universo semiótico francês, pode ser assim resumido:

⁶ Ver Documento intitulado: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica – Resolução CNE/CP de 2002.

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação (BARROS, 2002, p. 9).

Denis Bertrand (2003, p. 426-427) clareia ainda mais o conceito de percurso gerativo; para o autor se trata de uma hipótese metodológica referente à economia geral da teoria semiótica. Nas palavras do autor, encontramos:

[...] disposto [o percurso gerativo do sentido] em diferentes patamares de profundidade, segundo estratos passíveis de se converterem uns nos outros, simula a “geração” da significação a partir de estruturas gerais profundas (estrutura elementar do quadrado semiótico ou precondições dessa estrutura) que, por enriquecimentos progressivos, convertem-se em estruturas semionarrativas (sintaxe modal e actancial), as quais se convertem, por sua vez, em estruturas discursivas (pela tematização e pela figurativização, que instala os atores, o espaço e o tempo).

Devemos, pois, clarear alguns conceitos para que nosso trabalho se torne mais claro e acessível. Para a semiótica francesa o conceito de *texto* se difere do conceito de *discurso*. O *texto*, para essa teoria, pode ser definido como resultado da união do *plano do conteúdo*, compreendido sob a forma de um percurso gerativo, com o *plano da expressão*. Ele deve ser entendido de uma maneira ampla como um objeto de significação e um objeto cultural de comunicação entre sujeitos, como nos diz Barros (2002). Já o *discurso* deve ser entendido como

[...] o plano do conteúdo do texto, que resulta da conversão, pelo sujeito da enunciação, das estruturas sêmio-narrativas em estruturas discursivas. O discurso é, assim, a narrativa “enriquecida” pelas opções do sujeito da enunciação que assinalam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia (BARROS, 2002, p. 85).

Devemos, ainda, diferenciar *narratividade* de *narração*, pois se corre o risco de a despeito de omitirmos essa diferenciação, o leitor se perguntar: mas o texto jornalístico pode ser considerado e analisado tendo em vista um universo narrativo? Assim, faz-se fundamental essa distinção. Apoiamo-nos nesse caso em Fiorin (2008a, p. 27-28, grifo nosso), quando afirma que a *narratividade*,

[...] é componente de todos os textos, enquanto esta [a narração] concerne a uma determinada classe de textos. A *narratividade* é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Isso significa que ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final.

O autor ainda enuncia que a *narratividade*, compreendida como transformação de conteúdo, é, sim, um componente da teoria do discurso, enquanto que a *narração* compõe a classe de discurso em que estados e transformações se encontram relacionados a personagens individualizadas.

No entanto, nosso objeto de estudo é constituído não só pela linguagem verbal, mas, também, pela visual. Dessa maneira, é considerado um texto sincrético, ou seja, aquele que se constitui de mais de uma expressão. Portanto, adentraremos também no campo de uma semiótica visual, com as contribuições de J.-M. Floch (1993, 2004), para descrição e análise dos textos verbo-visuais. Dessa forma, nosso objeto é entendido dentro da perspectiva de uma semiótica sincrética. E assim, de que maneira somos levados a encarar esse tipo de constituição sincrética do plano da expressão? “[...] pelo agir relacional integrador de suas partes em uma só totalidade, uma vez que também é assim que a sua apreensão sensível é processada” (OLIVEIRA, 2009, p. 80). Nosso trabalho gira, pois, em torno do que a teoria semiótica chama de sincretismo da expressão, conceito estudado desde os anos de 1980 e que continua ainda hoje um campo em desenvolvimento.

Faz-se importante ainda mencionar alguns conceitos utilizados durante as análises dos textos de *Nova Escola* e que provêm dos estudos desenvolvidos pela semiótica plástica. Podemos citar aqui os estudos desenvolvidos por Rebouças (2000) quando da escrita de sua tese de doutorado intitulada *O discurso modernista da pintura*. Buscando inspiração em Jean-Marie Floch (1993), a autora menciona que nos textos visuais a indicação é que se inicie a análise pelo plano de expressão da obra e que nesse plano estão contidos três níveis de manifestação, a citar: “[...] o superficial da expressão (ícones), o intermediário (figuras) e o das estruturas profundas (traços não-figurativos, os formantes)” (REBOUÇAS, 2000, p. 9). A pesquisadora explica ainda de que maneira a semiótica operacionaliza a leitura das formas plásticas do plano da expressão partindo das estruturas profundas, acompanhemos seu raciocínio:

[...] as formas e cores que vemos são construídas pelos formantes pictóricos, que são unidades do plano da expressão que correspondem a uma ou mais unidades no plano de conteúdo. Possuem uma natureza composta em três dimensões, nos estudos de A. J. Greimas e J. M. Floch: *dimensão cromática*, que considera a cor, composta de radicais como amarelo, vermelho e outros e ainda pelo emprego das cores como cores puras, complementares, as tonalidades, grau de saturação, etc; a *dimensão eidética*, relativa a forma, sendo que as categorias utilizadas podem ser reto vs

curvo, angular vs arredondado, vertical vs horizontal e, ainda, as formações como simetria vs assimetria, etc, e a *dimensão topológica*, que trata da distribuição das formas no espaço tanto da tela quanto das dimensões anteriores indicando posições como alto vs baixo, central vs periférico e as direções, o formato e enquadramento das cenas (REBOUÇAS, 2000, p. 10, grifo nosso).

Escolhemos esta teoria da significação e metodologia, pois além de se manifestar como exercício extremamente útil para quem quer adentrar e se aprofundar nos estudos do discurso, compartilhamos com Barros (2008, 2009) da ideia de que a análise semiótica não está despida das relações de exterioridade do texto; não está despida de suas relações com a sociedade e a história. Aliás, a teoria semiótica concebe a construção dos sentidos, metodologicamente falando, a partir de dois caminhos, um que toma como foco a análise da organização linguístico-discursiva dos textos, com ênfase para a semântica do discurso; e outro que vê como fundamentais as relações intertextuais e interdiscursivas entre os textos.⁷ Faz-se ainda importante citar que,

Na medida em que a semiótica se desenvolve como ciência capaz de fundamentar a leitura e análise crítica do funcionamento de todo e qualquer processo de linguagem, podemos contar com a sua contribuição em estudos dos meios de comunicação e cultura em que essa linguagem toma corpo. Sendo assim, as diversas formas de linguagem e o contexto sociocultural das mensagens, nas suas implicações políticas, culturais e ideológicas, podem ser integrados e analisados à luz das teorias semióticas (REBOUÇAS, 2006, p. 102-103).

Outro ponto a ressaltar reside no fato de que a semiótica discursiva vê a relação entre leitor/obra de maneira ativa, e não passiva, como muitos críticos da semiótica assim o entendem. Portanto, “na semiótica discursiva a relação estabelecida é entre dois sujeitos – a obra e o que a vê” (REBOUÇAS, 2003, p. 9).

Ainda um outro aspecto a destacar: apesar da constatação de Landowski (2001) sobre a existência de uma semiótica prospectiva que “requer modelos próprios” que, em boa parte, ainda estão para ser construídos, faremos o exercício de análise proposto, transitando pelos caminhos da teoria semiótica do texto, especialmente recorrendo ao percurso gerativo de sentido, entendendo-o como “simulacro metodológico das abstrações que o leitor faz ao ler um texto” (FIORIN, 2008b, p. 18). Transitaremos também pelos caminhos da semiótica

⁷ Em outro texto de D. L. P. Barros, intitulado “Estudos do discurso”, in J. L. Fiorin (Org.), *Introdução à linguística II: princípios de análise*, 2. ed, São Paulo, Contexto, 2003, pp. 187-219, encontramos que o texto como objeto de estudo da semiótica é entendido não só como um texto linguístico (oral ou escrito), mas também como um texto visual, olfativo ou gestual, ou, ainda, quando se usam ou se sincretizam diferentes expressões (como nos quadrinhos, nos filmes ou nas canções populares).

visual, bem como pelos estudos de uma semiótica sincrética, como já dito. Cabe aqui a lembrança de que

[...] o percurso gerativo de sentido deve ser entendido como um modelo hierárquico, em que se correlacionam os níveis de abstração do sentido. Não procede, assim, a crítica de que a singularidade do texto não é contemplada. O que se quer é analisar as regularidades e mostrar, a partir delas, a construção das especificidades, num processo de complexificação crescente (FIORIN, 2008b, p. 18).

No que tange ao uso de modelos de análise, não o vemos como um problema ou uma limitação acadêmica; mas, num outro sentido muito bem especificado por Landowski (2001, p. 24): “[...] a modelização semiótica, [...] não nos diz nada de substancial sobre o mundo, nem sobre nós mesmos; em compensação, ela nos ajuda *a ver*, e por isso mesmo, nos permite *fazer* certas coisas sobre, ou com certas coisas, sem desnaturá-las demasiadamente ao fazê-las”.

Resta-nos afirmar ainda que a escolha das capas obedeceu ao critério da presença de fotografias que retratassem o professor e seus simulacros. A presença de fotos em sua composição se tornou ponto fundamental para a escolha de parte do *corpus* analítico investigado nesse trabalho. Para nós, a fotografia por sua forte função referencial nos indica uma potente forma de ver o mundo e de retratá-lo. Como diz Barthes (1984, p. 50), “[...] O fotógrafo me ensina como se vestem os russos: noto o grosso boné de um garoto, a gravata de outro, o pano da cabeça da velha, o corte de cabelo de um adolescente [...]”.⁸ Sabemos, todavia, que essa possibilidade de representação do mundo é sempre limitada, pois está sempre condicionada ao aparato tecnológico disponível (câmera, etc.) e ao que o fotógrafo elege como prioritário para a consecução da documentação visual, ou seja, o olhar de quem vê a fotografia depende sempre do ângulo do olhar do fotógrafo. Portanto o que vemos não é o mundo em si, “[...] mas determinados conceitos relativos ao mundo [...]” (MACHADO, 2007, p. 46), ou seja, não vemos o mundo em si a partir das fotografias, mas simulacros do mundo. No que se refere à escolha dos editoriais, essa obedeceu a um critério aleatório.

Não podemos, pois, encerrar esta introdução sem uma ponderação acerca da linguagem. Assim, traremos primeiro a seguinte reflexão, feita por Émile Benveniste (1976, *prefácio*) quando discorre acerca das dificuldades dos estudos da linguagem, dizendo “[...] que a

⁸ Barthes (1984) analisa aqui uma foto de William Klein, cuja legenda é intitulada: Primeiro de Maio em Moscou, 1959.

linguagem é, de fato, um objeto difícil e que a análise do dado linguístico se faz por árduos caminhos”.

Linguagem, língua, fala e discurso, eis um campo rico, complexo e de difícil esgotamento. Portanto, nossa intenção aqui não é esmiuçar os conceitos citados, mas situar nosso olhar inicial. Nosso intento nesse momento é tão somente discorrer acerca da importância da linguagem para toda e qualquer apreensão do conhecimento sistematizado, e; de uma maneira mais ampla, de como a linguagem nos constitui enquanto seres humanos, dotados de pensamento, sentimento e expressão. Além disso, não são poucos os estudiosos que afirmam que a realidade precisa da mediação da linguagem para ser apreendida (FIORIN, 2011). Ou melhor, dificilmente existe objeto e pesquisa científica sem linguagem. Nas palavras de FIORIN (2011, p. 21-22):

Para diferentes teorias linguísticas (talvez seja esse um ponto quase consensual nas teorias de linguagem), não temos acesso direto à realidade, pois nossa relação com o real é sempre mediada pela linguagem. Ele apresenta-se para nós sempre semioticamente, ou seja, linguisticamente. Por exemplo, afirma Bakhtin que “não se pode realmente ter a experiência do dado puro”, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo. [...] Na verdade, não se pode distinguir entre a realidade e sua representação, se o real é inacessível a nós fora dos quadros da linguagem.

Aqui afirmamos duplamente a linguagem, e sua importância. De um lado, ela possibilita a análise do dado, enquanto mediadora do processo e, de outro, ela constitui inerentemente a identidade do próprio dado, em especial por nosso objeto de estudo se constituir através e por meio da linguagem visual e verbal.

Podemos citar também Émile Benveniste, quando no início de sua obra *Problemas de linguística geral*, mais especificamente no capítulo dois, discorre acerca do “poder fundador da linguagem”, podendo esta até instituir como real, coisas imaginárias. E continua dizendo que é por esse fato que tantas mitologias, no sentido de tentar explicar a origem das coisas, “[...] propuseram como princípio criador do mundo essa essência imaterial e soberana, a Palavra” (BENVENISTE, 1976, p. 27).

Para Bakhtin (2010, p. 36) a palavra é tida como “[...] fenômeno ideológico por excelência”, ou seja, a palavra enquanto signo ideológico, ou melhor, “[...] a realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo”. Assim, esta se constitui nos constituindo reciprocamente.

Ainda segundo o autor, a palavra⁹ penetra e constitui as relações interindividuais, seja nas relações de colaboração, nas de base nitidamente ideológica, nos encontros ocasionais e programados da vida cotidiana, nas relações de caráter político, nas relações intrapessoais, etc. “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 2010, p. 42). Nesse prisma, consideramos assim como Bakhtin (1997) o texto como “dado primário” e o ponto de partida imprescindível das ciências humanas; “onde não há texto não há objeto de estudo e pensamento”. Acompanhemos o trecho no qual Bakhtin (1997, p. 341) discorre sobre essa temática.

O texto é o dado primário (a realidade) e o ponto de partida de todas as disciplinas nas ciências humanas. [...]. Partindo de um texto, perambulam-se nas mais variadas direções, recolhendo-se fragmentos heterogêneos na natureza, na vida social, no psiquismo, na história, que serão unidos numa relação ora de causalidade, ora de sentido, confundindo-se a constatação e os valores. Em vez de designar o objeto real, é indispensável se proceder a uma nítida delimitação das coisas que se prestam a um estudo científico, o objeto real é o homem social (e público), que fala e se expressa por outros meios. Quando se trata do homem em sua existência (em seu trabalho, em sua luta, etc.), será possível encontrar uma abordagem diferente daquela que consiste em passar pelos textos de signos que ele criou ou cria?

No caso de nosso estudo essa dimensão assume grandiosidade, já que o texto de *Nova Escola* como objeto de estudo é entendido como uma amálgama de signos¹⁰, um “texto de signos”. Entendendo, pois, o texto como dado primário, como ponto de partida para os estudos que se ocupam do homem é que tomamos e afirmamos aqui o nosso objeto de estudo. Importante salientar que compartilhamos da ideia de que o texto se constitui em um todo de significação, “[...] uma trama entre expressão e conteúdo que, com suas características, em relação com as competências de leitura do sujeito, produz efeitos de sentido. Imagens, filmes, instalações são considerados textos” (PILLAR, 2009, p. 3), portanto, ampliamos também o sentido de palavra empregado por Bakhtin, considerando a imagem também como “fenômeno ideológico”.

⁹ Não se trata aqui de contrapor palavra e imagem, já que consideramos os estudos da visualidade fundamentais para a compreensão da sociedade e do ser humano.

¹⁰ A definição de *signo* por nós utilizada nesse trabalho de pesquisa vem, pois, da tradição teórica de Ferdinand de Saussure (s.d.) em seu *Cours de Linguistique Générale*, onde afirma que “o signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica dêsse som, a representação que dêle nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la ‘material’, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato” (SAUSSURE, s.d., p. 80, *sic*). “Chamamos *signo* a combinação do conceito e da imagem acústica [...]” (SAUSSURE, s.d., p. 81). “Propomos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante* [...]” [sic] (SAUSSURE, s.d., p. 81).

Dessa forma assume lugar de destaque uma reflexão sobre a imagem, fundamental para a compreensão de nosso objeto de estudo.

Landowski (2004) no início de seu texto intitulado *Flagrantes delitos e retratos* no diz que o projeto semiótico (ou sociossemiótico, como ele denomina) tem sido reformulado nas últimas décadas, sobretudo pela incorporação da análise das práticas e das imagens, abrindo novas perspectivas de objetos de estudos, e indo além de seu objeto empírico original, ou seja, o discurso *stricto sensu*. E continua mencionando que

De fato, quer se trate de nossas relações com os acontecimentos (tal como os apreendemos mediante a visão que deles nos oferecem a televisão ou a foto de imprensa) ou com as próprias coisas (encenadas pelo cinema ou pela publicidade), de nossas relações interpessoais ou, finalmente, das conosco mesmo (por pouco que as consideremos pelo prisma de uma TV – realidade sempre mais ciosa de penetrar as intimidades e sondar os corações), praticamente todas nossas relações com o real se definem hoje em dia pela intermediação de imagens difundidas e primeiramente recolhidas, fabricadas ou, ao menos, formatadas pelas mídias (LANDOWSKI, 2004, p. 32).

Landowski (2004) nos fala acerca desse “manto de imagens” ou dessa “cobertura visual” que em todos os domínios da vida em sociedade “[...] mediatiza doravante nossa apreensão do mundo”, podendo chegar inclusive a extremos patológicos e atitudes bem radicais, como no caso de pessoas que se submetem a intervenções cirúrgicas¹¹ para adequar seu próprio corpo a um determinado tipo de padrão visual propagado pela mídia de maneira geral, pela publicidade de maneira particular e, também, pelos produtos de consumo de massa. Acerca dessa “espetacularização generalizada” o autor citado ainda nos diz que essa possibilidade do *ver* não tem se tornado uma possibilidade para melhor compreender o mundo, mas tem se tornado a consolidação de uma forma específica de *ver*, um tipo de implantação de uma moldura no olhar, e, o que é mais arriscado, de nos fazer ver o mundo, “supostamente, ‘tal como ele é’ ” (LANDOWSKI, 2004, p. 32).

Então, de que resulta, pois, essa “força da imagem”, pergunta-se Landowski (2004). E aí ele discorre sobre a suposta e aceita, pelo menos no senso comum, relação mimética entre as imagens e os objetos que elas estavam encarregadas de ‘representar’, mesmo após as rupturas

¹¹ Podemos trazer como exemplo inúmeros casos de pessoas que têm se submetido à cirurgias plásticas em busca de uma nova imagem para si, mas destacamos um caso que nos chamou bastante atenção. Na página de *O Globo* do dia 13 de dezembro de 2012 nos chama atenção a seguinte matéria: “Barbies humanas se encontram e planejam viver nos Estados Unidos”, que conta o caso de duas mulheres ucranianas chamadas Valeria Lukyanova e Olga Oleynik que se submeteram a diversos tipos de intervenções cirúrgicas, inclusive faciais para ficarem iguais à boneca Barbie. Fonte: <oglobo.globo.com/blogs/pagenotfound/posts/2012/12/12/barbies-humanas-se-encontram-planejam-viver-nos-eua-478640.asp>. Acesso em: 13 dez. 2012.

provocadas pela revolução modernista. Fala ainda desse imaginário relativamente comum que se faz do “estatuto da imagem”, no qual se afirma a existência de uma “confiança quase cega” naquilo que vemos; crença essa que vem sendo reforçada pela aparição, consolidação e desenvolvimento de novas técnicas de gravação e de reprodução ótica. O autor reforça ainda o caráter de verdade que apresenta a fotografia, “[...] como se, ao se substituir à arte do pintor, o recurso a instrumentos aparentemente neutros permitisse enfim estabelecer uma relação direta, necessária e autêntica – em uma palavra, verdadeira – entre o real e sua imagem” (LANDOWSKI, 2004, p. 33). Nesse texto em especial, Landowski (2004) trata de duas práticas da imagem, ou de dois regimes iconográficos em primeira instância distintos, o publicitário e o político; no nosso caso, numa relação teórica e supostamente, a princípio, mais próxima ao regime iconográfico de imagens políticas, trataremos de imagens que se localizam, em primeiro plano, num regime iconográfico jornalístico/educacional, supostamente mais próximo do real, e da verdade, como defende o próprio discurso jornalístico em voga, hipótese essa que tende a ser abalada quando da análise das capas em questão, estando o discurso imagético de *Nova Escola* transitando entre o publicitário e o jornalístico, como poderemos perceber adiante.

O presente trabalho de pesquisa divide-se em cinco partes: a primeira (Capítulo 2), intitulada “*A questão das revistas: histórias e conceitos*”, trata da dimensão histórica, propriamente situacional do universo das revistas, seu surgimento, origem e desenvolvimento.

A proposta da segunda parte (Capítulo 3) deste trabalho é traçar uma moldura enunciativa para a mídia em questão, contextualizando-a. Dessa maneira, parte de uma pequena incursão acerca dos primórdios e surgimento da *Editora Abril* na década de 1950; a seguir, traça um panorama sobre a *Fundação Victor Civita* (FVC), entidade “sem fins lucrativos” criada em setembro de 1985 por Victor Civita e responsável pela publicação de NE; e num terceiro momento, delinea possíveis relações e pontos de contato e distanciamento entre as publicações *Escola* (1971-1974) e *Nova Escola* (1986-2012), ambas da *Abril*. Esse percurso investigativo faz-se necessário para que possamos apreender em que quadro de valores (ideológicos, políticos) o discurso da *Fundação Victor Civita*, responsável pela edição de *Nova Escola*, se apoia.

Na terceira parte (Capítulo 4) fazemos uma revisão de literatura acerca das pesquisas realizadas sobre a revista *Nova Escola*, tecendo comentários sobre a escassez de estudos que tratam da visualidade da/na revista.

A proposta da quarta parte (Capítulo 5) é realizar uma pequena incursão interna pelas edições de 1997-1998 e 2011-2012, com o propósito de aprofundar nosso conhecimento acerca da construção do discurso pedagógico de NE, ver como a revista se apresenta, perceber quais os temas ela dá visibilidade, apreender quais os procedimentos discursivos utiliza, que valores propaga e que tipo de professor(a) é construído no/pelo seu texto.

Caberá à última parte do trabalho (Capítulo 6) a tarefa de analisar os editoriais e as capas de *Nova Escola*. Devido à grande quantidade de textos apresentados pela publicação, tivemos que operar algumas sistematizações, das quais emergiu uma parte do *corpus* desse trabalho de pesquisa, a citar: quatro editoriais e três capas. Acreditamos, no entanto, que essa amostra é bastante significativa e permite apreender tanto os procedimentos discursivos utilizados e reiterados pelos textos da revista, bem como apreender o quadro de valores nos quais esses discursos se inserem.

2 A QUESTÃO DAS REVISTAS: HISTÓRIAS E CONCEITOS

Falar sobre revistas não é tão simples como à primeira vista pode parecer. A primeira dificuldade com que nos deparamos se dá com o próprio conceito de revista e sua profunda ligação com o gênero jornalístico e mesmo com o suporte usual do jornal. Assim, uma das primeiras curiosidades quando pensamos em dissertar sobre revistas ou sobre uma revista é, pois, entender e compreender o próprio significado do termo revista.

Se para nós, no atual contexto contemporâneo é, de certa forma, simples a definição do termo *revista*, haja vista a definição do dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975) que na sua forma mais habitual e, tendo em vista o ambiente do periodismo ou das publicações impressas, considera o termo revista como derivado do inglês *review* e que podemos definir assim “[a revista é uma] publicação periódica em que se divulgam artigos originais, reportagens, etc., sobre vários temas, ou, ainda, em que se divulgam, condensados, trabalhos sobre assuntos variados já aparecidos em livros e noutras publicações” (FERREIRA, 1975, p. 1234). Ao continuarmos nossa investigação, encontramos definições diversas para o termo revista e algumas outras considerações sobre o assunto. Notemos a próxima definição do termo revista: “[...] publicação periódica mais ou menos especializada, geralmente mensal, que contém ensaios, contos, artigos científicos etc. Apresentando como sinônimos seus correlatos magazines, hebdomadários, anais e boletins” (ROBERT, 1989, *apud* MARTINS, 2001, p. 45).

Para Clara Rocha¹ (1985), citado por Martins (2001, p. 45) “[...] uma revista é uma publicação que, como o nome sugere, passa em revista diversos assuntos o que [...] permite um tipo de leitura fragmentada, não contínua, e por vezes seletiva”. Quando comparada ao livro, Clara Rocha (1985, *apud* MARTINS, 2001), menciona ainda que a revista

[...] é um tipo de publicação que, depois de *re-vista*, se abandona, amarelece esquecida, ou se deita fora. Enquanto objeto material, a revista distingue-se do livro por ser mais efêmera: só os bibliófilos, os estudiosos e certos interessados pelas letras e pelas artes guardam a revista. Essa efemeridade [...] tem a ver com a sua solidez material. Enquanto o livro dura [porque é mais resistente, tem uma capa sólida a protegê-lo], a revista é [pode ser] mais frágil em termos de duração material. [...] é normal que o livro tenha reedições, e já não o é tanto que apareça uma segunda edição duma revista. Ainda outra característica: uma revista é em geral menos

¹ Clara Rocha, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 33, *apud* Martins, 2001.

volumosa do que um livro. E, *last but not least*², uma revista é quase sempre a manifestação duma criação de grupo: ao contrário do livro que, salvo algumas exceções, costuma ser produzido por um só autor [...] [sic] (ROCHA, 1985, *apud* MARTINS, 2001, p. 46).

No entanto, a definição de revista não é tão tranquila quanto parece, vejamos o que afirma Ana Luiza Martins (2001, p. 69) em sua tese de doutorado:

A produção da revista em formato de jornal, trazendo as folhas soltas, *in folio*, foi prática frequente no periodismo, dificultando singularizá-la a partir de sua configuração. Tanto quanto o uso indiscriminado da forma, o emprego ambíguo de sua nomenclatura, oscilando entre revista e jornal, gerou equívocos de concepção, relativizando sua definição, mutável no curso de seu processo histórico. A formulação do que vinha a ser uma revista, na concepção de seus próprios mentores – proprietário, editores, redatores, colaboradores – reforçava as dúvidas de entendimento. Interessados em qualificar a sua publicação, assumia-se uma projeção idealizada da revista, conferindo-lhe superioridade frente ao jornal. Por vezes, um jornaleco era anunciado pelo seu fundador como revista, valorizando o empreendimento.

Pode-se notar o distintivo de qualificação que acompanhou a revista desde suas primeiras edições nas terras brasileiras, fato que ocorria no período que Martins (2001, p. 69) chama de “[...] fase de incipiência original de nosso periodismo”, ocorrida no Brasil da segunda metade do século XIX. A valorização do gênero revista, segundo a autora se deu por três aspectos principais. O primeiro está ligado à emergência de uma imprensa mais competitiva em fins do século XIX e início do século XX, acoplado ao fato de que a divisão de competências e tarefas entre o jornalista e o literato concederam à revista um texto mais elaborado e, ainda, um outro cuidado gráfico e até, eventualmente, uma melhor fatura. Um terceiro fator está ligado à repercussão de revistas culturais europeias no Brasil. Para Martins (2001, p. 69), a presença de textos de literatos conceituados nas páginas dessas revistas, contribuiu para qualificar ainda mais o gênero revista, que “[...] passou a ser opção preferencial do aspirante às letras, em particular no País desprovido de casas editoras”.

Importante notar que essa ambiguidade na relação entre revista e jornal pode ser bem retratada pelas palavras de Lima Barreto (*apud* MARTINS, 2001, p. 72), na *Revista Floreal* de 1907, quando ele declara desse modo:

E de tal forma sentimos que o público [tão habituado anda ele aos processos jornalísticos!] nos era inacessível se não lhe déssemos aqui alguma cousa do jornal, que fomos buscar numa *revista estrangeira* um modelo que participasse das duas cousas. Assim é que, nesta, uma parte será toda consagrada à matéria habitual das *revistas* e a outra, dividida em seções, será como que um *jornal* de quinze em quinze dias, onde serão examinados, tratados, explanados, segundo as nossas forças e

² Tradução: “[...] último mas não menos importante”. Fonte: *Cambridge Dictionary of American English for speakers of portuguese*, 2005, p. 473.

aptidões, os acontecimentos de toda a ordem que se houverem passado em nosso meio.³

Pode-se notar que há certa simbiose entre os dois gêneros, já que uma das categorias básicas das revistas é também o fato de estar dividida em seções, podendo ser semanal, quinzenal, mensal, semestral, bimestral, dentre outras possibilidades. Portanto, podemos perceber que a discussão sobre e a definição do gênero revista não é tão simples, pois envolve os preceitos, cânones, crenças e práticas de diferentes épocas históricas e práticas de escrita.

Podemos ainda dizer que no Brasil do início do século XX a imprensa e suas publicações possuíam certo aspecto fluido, caráter que se dava pelo fato de que essa era uma área em expansão e crescimento, já que se fazia indústria. Desse modo, colocava-se a questão da segmentação de públicos e da diversidade de propósitos dos grupos envolvidos em suas publicações. Existia ainda outro complicador, o fato de que com frequência as revistas surgiam primeiramente em forma de jornal, por seu custo mais baixo. No entanto, logo se tornavam revista periódica, abandonando o formato tabloide, as folhas soltas, reunindo uma capa que além de facilitar o manuseio e de lhe proteger o conteúdo, conferia-lhe a partir da configuração de brochura, a lembrança do livro. Esse aspecto é o que Martins (2001, p. 73) destaca, dizendo que “[...] a tradicional evolução do jornal para a revista, observada nos primórdios de todo o periodismo, reiterava o equívoco”, ou seja, a ambiguidade entre jornal e revista. No entanto, apesar dessa falta de clareza conceitual entre o jornal e a revista é o mesmo Lima Barreto (1907, *apud* MARTINS, 2001, p. 74) que “[...] admitia a configuração definitiva de uma revista”; ou seja, *locus* onde se reuniam assuntos variados, com escrita cuidadosa e a presença de gravuras e desenhos, o que, em tese, não a diferenciava do jornal. As palavras de Lima Barreto (1919, *apud* MARTINS, 2001, p. 74, grifo nosso) proferidas em 1919 sobre a *Revista do Brasil*, nos são, pois, esclarecedoras:

A Revista do Brasil, de São Paulo, é hoje sem dúvida nenhuma *publicação verdadeiramente revista*, que existe no Brasil. [...].

A Revista do Brasil, entretanto, é mais equilibrada e pode e deve ser a mais popular. Têm, os seus números, assuntos para os paladares de todos os leitores. Como muitas de suas congêneres estrangeiras, é fartamente ilustrada, procurando os seus editores reproduzir pela gravura quadros nacionais notáveis e/ou desenhos de antigas usanças e costumes de nosso país. Publicada em São Paulo, ela não se inspirou pelo espírito e colaboração no Estado em que surge.

Nela são tratados assuntos que interessam a todo este vasto país, [...].

³ Lima Barreto escreveu na *Revista Floreal*, Rio de Janeiro, 25 out. 1907, n. 1. Grifo da autora.

Como se pôde notar, a diferenciação entre jornal e revista é campo de difícil aferição e do qual talvez não possamos chegar a conclusões definitivas.

Ainda é Martins (2001), que na pesquisa de seu doutoramento, mais especificamente, no capítulo intitulado “Temáticas em desfile”, nos fala acerca das revistas pedagógicas, cujo subtítulo “[...] Modelando gerações: revistas pedagógicas”, nos dá algumas pistas dos objetivos dessas publicações. Cabe enunciar ainda que no plano editorial, segundo rastreamento de periódicos educacionais e/ou pedagógicos dos primeiros anos republicanos, feito por Martins (2001) em sua pesquisa, vislumbrou-se a publicação de periódicos desse tipo, tanto por iniciativas privadas, quanto estatais, quando não aquelas que, sendo iniciativas privadas, foram subvencionadas pelo Estado, como é o caso hoje de *Nova Escola*. No que diz respeito às iniciativas privadas encontramos ainda uma subdivisão que se estende entre a diferenciação de revistas escolares de grupos docentes, discentes e associativos, produção que tem origem no interior do aparelho educacional; e as publicações de caráter comercial, ou seja, ação da grande imprensa e de grupos editoriais, que apesar de serem iniciativas posteriores, e que na época do início da República atendiam a uma demanda gerada por pessoas sedentas de informação, do mundo das letras e recém ingressadas no mundo da leitura e da escrita (mundo ainda muito elitizado sobretudo num país de fortes desigualdades econômicas, culturais e sociais), acabou fortalecida com a expansão da alfabetização e dos meios técnicos de impressão, bem como das evoluções de técnicas diversas, inclusive àquelas ligadas à fabricação do papel. Cabe aqui uma citação que demonstra que a revista já em sua proposta inicial trazia em si uma proposta “formadora”.

Insista-se que a modalidade periódica, em particular as *revistas*, carregam inerentes, a “proposta formadora”, o que vale dizer que a Educação, finalmente, vem a ser um pressuposto do periodismo. Daí a oportunidade da publicação “revista” no campo educacional e a frequência com que intelectuais, imbuídos desse mister, buscaram aquelas páginas (MARTINS, 2001, p. 305).

A autora continua

A constância de Olavo Bilac e Coelho Neto na imprensa, no sentido de *formar* gerações, atesta esta carga didática do periódico; o mesmo se pode inferir da participação das mulheres na imprensa feminina, compenetradas de seu papel educador na sociedade, encontrando nas revistas o instrumento de veiculação ideal. Independente da temática, era raro o periódico em cujo artigo de apresentação não houvesse a proposta de educação moral, cívica e, por vezes, religiosa (MARTINS, 2001, p. 305).

Apesar da autora citada se dedicar em sua investigação ao estudo da imprensa paulista de 1890 a 1922, suas considerações podem nos ser de grande valia para entender tanto conceitos,

como representações e também aspectos históricos de expansão e consolidação do mercado de revistas no Brasil, como explorado em parte anteriormente.

Santos Filho (2007) não problematiza tanto o conceito de revista, liga-se mais em dar limites temporais ao surgimento do que se convencionou chamar de revista em nosso século. Destacamos, pois, o seguinte trecho:

A primeira revista surge em 1663, na Alemanha. Mas, é em 1731, em Londres, que é lançada *The Gentleman's Magazine*, a primeira revista com as características mais próximas das características das atuais revistas, aquelas que reúnem vários assuntos e os apresentam de forma livre e agradável. Esta foi inspirada nos grandes magazines, as lojas que vendiam um pouco de tudo. Assim, o termo magazine passa a designar revistas. No Brasil, as revistas chegam com a corte portuguesa, no começo do século XIX (SANTOS FILHO, 2007, p. 36).

Mudando um pouco de perspectiva, encontramos no *Cambridge Dictionary of American English* (2005) algo curioso. Apenas o lexema *Magazine* (substantivo/noun) está diretamente ligado à revista; enquanto que o lexema *review* (verbo/verb) encontra-se muito mais ligado a uma ação, que pode transitar entre revisar, resenhar, repassar, analisar, criticar e revisar. Entretanto, encontramos na página do tradutor da *google*⁴ uma ampla gama de significados para o termo *review*. Quando o vocábulo for um nome/substantivo ele pode estar ligado aos seguintes termos: revisão, análise, crítica, exame, revista, estudo e publicação; e quando o vocábulo for um verbo, suas ações implicadas são: revisar, rever, recapitular, passar em revista, examinar de novo, rememorar e inspecionar. Nessa medida, a revista, pretende, sim, ser um *locus* de informação qualificada, já que envolve ações de crítica, análise e revisão, um regresso mais profundo ao que já se deu. Assim, se a palavra *Magazine*, enquanto substantivo nomeia a coisa; a palavra *review* aprofunda o que deve ser essa coisa ou de como ela deve agir e/ou se portar, ampliando, dessa forma, o campo semântico do termo revista.

Santos Filho (2007) continua sua incursão tomando a revista pelo ângulo de sua produção discursiva. Nesse intuito, pergunta-se se realmente existe o gênero textual revista. O autor, dessa forma, faz uma reflexão onde afirma que “[...] é necessário pensar se os gêneros publicados num dado exemplar de revista intercalam-se ou cruzam-se para formar um único gênero, ou se eles afastam-se dessa hibridização” (SANTOS FILHO, 2007, p. 37). E traz como exemplo a edição de número 181 (2005) da revista *Nova Escola* para discutir essa sua indagação; acompanhemos o quadro trazido pelo pesquisador:

⁴ Disponível em: <translate.google.com.br/#en/pt/review>. Acesso em: 27 jan. 2013.

Alguns Gêneros (edição 181)	Conteúdo temático
Capa	Einstein para crianças
Carta ao leitor	Ano das Ciências em Escola
Carta do leitor	Leitura em todas as áreas
Enquete/gráfico	Professores versus estresse
Receita de aula	Plano de aula: carta e e-mail
Reportagem 1	Busca na internet
Reportagem 2	Planejamento escolar
Reportagem 3	Variar textos para formar leitores

QUADRO 1 – GÊNEROS DISCURSIVOS EM *NOVA ESCOLA* (nº 181, 2005)

Fonte: Santos Filho (2007, p. 38).

Santos Filho (2007) termina por diferenciar a perspectiva da produção, da perspectiva da recepção; vamos às palavras do autor:

[...] na perspectiva da produção – seleção, organização e publicação – a revista é um *conjunto de gêneros*, isto é, é “a coleção de tipo de textos que uma pessoa num determinado papel tende a produzir” (BAZERMAN, 2006: 32); é o conjunto de gêneros que a *Nova Escola* produz em seu papel social de formadora de professores. Mas, pelo ângulo da recepção, a revista é apenas parte de um conjunto de gêneros, parte daquele conjunto que sustenta a formação do educador, isto é, é somente parte dos gêneros usados pelos professores em seu papel social de educador, em formação continuada (SANTOS FILHO, 2007, p. 38-39, grifo do autor).⁵

Vale lembrar, por fim, que a revista, ou melhor, o conjunto de gêneros textuais que fazem parte do suporte textual ou do objeto cultural revista, se insere naquilo que Bakhtin (2003, p. 262) denominou de gêneros discursivos secundários (ideológicos). Para o autor são considerados gêneros do discurso determinados *tipos relativamente estáveis* de enunciados. E que existem três elementos inerentemente ligados no todo do enunciado, a citar: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional e estes “[...] são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação.” Bakhtin (2003) aponta ainda para a especial importância da diferenciação entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos). Para o estudioso essa necessária diferenciação não se trata, apenas, de uma diferença funcional. Ele defende que

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 2003, p. 263).

⁵ Santos Filho (2007) cita a obra de Bazerman (2006), intitulada *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Cujas referências completas são: BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Além dos aspectos assinalados acima, vale lembrar ainda que “[...] cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 272). Portanto, um enunciado deve ser sempre entendido na sua relação com outros enunciados, já que ele não subsiste sozinho na cadeia de comunicação que se forma a partir das relações sociais de diversos tipos e instâncias. Um enunciado reverbera outros enunciados dentro de si, e se afina ou não com determinados valores ideológicos. Bakhtin (2003) salienta, ainda, a existência de uma diversidade e heterogeneidade imensas dos gêneros do discurso (orais e escritos) e que ao lugar tradicionalmente passivo do ouvinte, reserva-se um outro, ativamente responsivo. É, pois, nesse movimento mais amplo de compreensão dos gêneros do discurso que traçaremos uma moldura enunciativa para *Nova Escola*.

3 CONSTRUINDO UMA MOLDURA ENUNCIATIVA ACERCA DE *NOVA ESCOLA*: O TRÂNSITO ENTRE DISCURSOS¹

“O jornal é menos livre quanto maior como empresa”.

Nelson Werneck Sodré

A epígrafe citada de início é sugestiva, já que relaciona jornal e liberdade, considerando que quanto mais o veículo em questão estiver ligado às amarras das exigências capitalistas de produção, menor será sua liberdade. E o que podemos dizer das revistas? No nosso entender, seguem o mesmo caminho do jornal. Quanto menos atrelada ao projeto de empresa dentro dos moldes capitalísticos, mais liberdade em termos de ideia e pensamento certamente terá. Quanto mais dependente economicamente de grupos, governos e/ou setores sociais, mais atrelado o meio de comunicação estará aos imperativos dos grupos que o financiam, obviamente. A proposta do capítulo três é, pois, traçar uma moldura enunciativa para a revista *Nova Escola*, contextualizando-a. Para tanto, toma como matéria de investigação a *Editora Abril*, a *Fundação Victor Civita* (FVC), a revista *Escola* (1971-1974) e a revista *Nova Escola* (1986-2012). Procura, ao final dessa seção, estabelecer relações e comparações entre essas duas mídias impressas da *Editora Abril*, editadas em momentos históricos diferenciados, mas detentoras de propostas pedagógicas similares.

A revista *Nova Escola*, embora tenha sido lançada oficialmente em 1986, seu gérmen surge como um projeto da editora *Abril* datado do ano de 1971, quando Victor Civita, fundador do *Grupo Abril* e, na época ainda vivo, lança a revista *Escola*. O lançamento de *Escola* ocorre num momento de profundas tensões na vida política do país, com o Golpe Militar de 1964 e com o acirramento da censura e dos limites à liberdade das pessoas e das organizações de modo geral, impostos pelos sucessivos Atos Institucionais (AI), especialmente o AI – 5 (BRASIL, 1968), de 13 de dezembro de 1968.² Embora esse projeto tenha sido abandonado

¹ Intentávamos denominar o capítulo de outra maneira, “Preâmbulos acerca de *Nova Escola*: transitando entre história e discurso”, mas resolvemos manter só “o trânsito entre discursos”, por acreditar que a história também se constrói em cima de determinado(s) discurso(s); relembremos a citação de Bakhtin (1997), onde o *texto é o dado primário* da área de ciências humanas.

² Nesse período histórico a restrição à liberdade dos indivíduos e organizações era uma tônica, que pode ser facilmente demonstrável, haja visto os artigos 2º, 3º e 4º do Ato Institucional nº 5; segue o texto dos mesmos. “Art 2º - O Presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por Ato Complementar, em estado de sitio ou fora dele, só voltando os mesmos a funcionar quando convocados pelo Presidente da República”. “Art 3º - O Presidente da República, no interesse nacional, poderá decretar a intervenção nos Estados e Municípios, sem as limitações

em 1974, ele possuía muitos pontos em comum com o atual projeto da *Abril/Fundação Victor Civita* – a revista *Nova Escola*, retratados mais adiante. De modo que podemos dizer que há um certo retorno e retomada do antigo projeto dos Civita, só que agora em tom renovado, o que é reafirmado no próprio título da revista, já que esta é uma *Escola* diferente, é uma *Nova Escola*, um projeto “renovado” de formação de professores. Na verdade, algumas das características do projeto *Nova Escola* da *Fundação Victor Civita*, não são recentes e acompanham a vida das revistas pedagógicas desde o seu surgimento no Brasil, no século XIX (MARTINS, 2001).

Podemos trazer como exemplo a *Revista de Ensino* (1902), iniciativa da Associação Beneficente do Professorado Público Paulista, órgão subsidiado pelo governo do Estado de São Paulo. Lançada em 1902, com cerca de 140 páginas e distribuída gratuitamente aos professores da capital paulista tinha como proposta

[...] facilitar a tarefa dos mestres, divulgando os melhores métodos de ensino, além de orientar o governo e legisladores nas leis futuras para instrução pública; recriminava a indiferença do professor primário para com os assuntos de seu interesse, ele que era [...] *elemento modificador, e o mais importante, na evolução social* (MARTINS, 2001, p. 308-309).

Na verdade, a proposta formativa sempre acompanhou as revistas pedagógicas, vistas como divulgadoras dos “melhores métodos” e técnicas de ensino e aprendizagem.

Para que possamos adentrar no universo de *Nova Escola*, faz-se necessário que percorramos uma rota mais ampla, que se inicia com a investigação acerca da *Editora Abril* e se estende pela busca de conhecimento sobre a *Fundação Victor Civita* (FVC) e, também, uma incursão mais pormenorizada a respeito de *Escola* e *Nova Escola* - propostas, surgimento e desenvolvimento. A própria *Abril* nos dá um primeiro dado fundamental, onde revela a dimensão e alcance de seus produtos midiáticos. Observemos esse fragmento de texto, encontrado no *site* da editora citada.

A Editora Abril publica, anualmente, mais de 300 títulos, sendo líder na grande maioria dos segmentos em que opera. Suas publicações venderam 179 milhões de exemplares em 2008 e atingem um universo de 27 milhões de leitores. Sete das dez

previstas na Constituição”. “Art. 4º - No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais”. [sic] Disponível em: <www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=5&tipo_norma=AIT&data=19681213&link=s>. Acesso em: 27 jan. 2013.

revistas mais lidas do país são da Abril, sendo que *Veja* é a terceira maior revista semanal de informação do mundo e a maior fora dos Estados Unidos.³

Portanto, a *Editora Abril* e associadas, constituem uma das principais empresas de comunicação do Brasil com forte influência e apelo midiático e, ainda, um poder enorme de persuasão⁴ de seu público leitor. Pretende-se, dentro do prisma desses questionamentos iniciais, encaminhar a investigação no sentido de perscrutar os seguintes pontos e relações: que relações e comparações podem ser estabelecidas entre *Escola* (mídia impressa veiculada pela *Editora Abril* durante outubro de 1971 a abril de 1974) – período denominado “dos anos de chumbo” da Ditadura Militar – e *Nova Escola* (doravante RNE ou NE), lançada em 1986 – período conhecido como Nova República e de redemocratização – e que no ano de 2012 comemora seu aniversário de 26 anos de existência. Pode-se estabelecer alguma relação entre a reforma de ensino conhecida como a Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971) e a revista *Escola*? Que relações podem ser traçadas e estabelecidas levando em consideração a revista *Nova Escola* e a reforma de ensino da década de 1990 (notadamente entre 1995-2002), especialmente a LDBEN 9.394/96 (BRASIL, 1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997)? Dessas perguntas, ainda surgem outras: que relações podem ser estabelecidas entre a *Editora Abril* e o Regime Militar? Quem foi Victor Civita e que projeto é esse da *Fundação Victor Civita*? Quais os pontos de contato entre o projeto da revista *Escola* e o projeto da revista *Nova Escola* (RNE)?

Assim, partiremos de uma pequena incursão acerca dos primórdios e surgimento da *Editora Abril* na década de 1950; a seguir, traçaremos um panorama sobre a *Fundação Victor Civita* (FVC), entidade “sem fins lucrativos” criada em setembro de 1985 por Victor Civita e responsável pela publicação de NE; num terceiro momento, delinearemos possíveis relações e pontos de contato e distanciamento entre as publicações *Escola* (1971-1974) e *Nova Escola* (1986-2012). Nesse ínterim, utilizaremos como *locus* principal de coleta de dados os *sites* institucionais do *Grupo Abril*, bem como da *Fundação Victor Civita*. E ainda as pesquisas de Mira (1997) e Revah e Toledo (2011) para que nesse percurso investigativo possamos apreender em que quadro de valores (ideológicos, políticos) o discurso da FVC se apoia.

³ Disponível em: <<http://www.njovem.com.br/editora-abril/>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

⁴ Não se trata aqui de estudos sobre a recepção que, acreditamos, não ser passiva e sim ativa; mas, nem por isso imune aos apelos da indústria cultural.

3.1 Um império chamado *Abril*

“A melhor revista da *Abril* são todas. A pior é a que não vende”.⁵

Victor Civita

Segundo informações da própria *Abril*,⁶ o *Grupo Abril* se constitui em um dos “maiores e mais influentes grupos de comunicação e educação da América Latina.” Segundo Mira (1997), o faturamento do Grupo em 1995, era da ordem de 1,5 bilhão de dólares. Os dados mais recentes mostram um crescimento da *Editora Abril*, acompanhamos dois fragmentos jornalísticos retirados da redação de *Comunique-se*: “O ano de 2011 foi produtivo para a *Editora Abril* que, nesta semana, divulgou crescimento de 9,5% no último ano. Os números representam receita líquida de R\$ 2,28 bilhões” (COMUNIQUE-SE, *on line*, 2013).⁷ E ainda: “Entre os principais destaques, a editora menciona o aumento de circulação das revistas *Alfa*, que cresceu 39,9%; *Máxima*, com 13,7%; e *Contigo*, 7,8%. A receita publicitária também atingiu aumento de 4,6% em comparação com 2010” (COMUNIQUE-SE, *on line*, 2013).⁸

Sobre o crescimento das mídias digitais o mesmo artigo ainda traz: “Quando o assunto é mídias digitais, o crescimento marcou 56,9% em 2011 e 23 revistas da *Abril* lançaram versões para *tablets*, entre elas, *Claudia*, *Superinteressante* e *Gloss*” (COMUNIQUE-SE, *on line*, 2013, grifo nosso).⁹

Como se pode notar o *Grupo Abril* está em expansão, com crescimento significativo quando se trata de mídia digital. Em termos de receita, o *Grupo Abril* obteve um aumento de 4,1% em 2011, com o valor de R\$ 3,15 bilhões nesse ano.¹⁰

Voltemos, pois, para o início da história, assim, o “império” *Abril*, nasceu da *Editora Abril* criada por Victor Civita em 1950. Ele é composto de inúmeras empresas, sendo atualmente

⁵ Cf. em “frases que marcaram a trajetória de Victor Civita”. Disponível em: <www.grupoabril.com.br/centenariovc/melhoresfrases>. Acesso em: 7 dez. 2011.

⁶ Disponível em: <www.grupoabril.com.br/institucional/perfil.shtml>. Acesso em: 24 mar. 2012.

⁷ Disponível em: <portal.comunique-se.com.br/index.php/editorias/3-imprensa-a-comunicacao-/68360-editora-abril-anuncia-faturamento-superior-a-r-2-bi-em-2011.html>. Acesso em: 27 jan. 2013.

⁸ *Ibidem*, grifo nosso.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ Dados disponíveis em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed708_abril_investe_em_pequenas_encomendas>. Acesso em: 27 jan. 2013.

dividido em *Abrilpar*, *holding* da família Civita, que além de controlar a *Abril S.A.*¹¹ (Mídia, Gráfica, Logística e Distribuição e serviços), detinha o controle do capital da *Abril Educação S.A.* Na verdade, segundo dados da *Abril*, houve uma reorganização societária da empresa no ano de 2010, já que o segmento *Abril Educação* “[...] passou a atuar separadamente da *Abril S.A.*”. Acompanhemos o texto original, cujo fragmento foi retirado do *site* da *Abril*.

A educação, cada vez mais importante na era do conhecimento, é também uma das áreas de negócio da Abril. Criada em 2007 como um braço do Grupo Abril, a Abril Educação passou a atuar separadamente da Abril S.A. no início de 2010, por meio de uma reorganização societária. Ela reúne as editoras Ática e Scipione, os sistemas de ensino Anglo, Ser, Maxi e GEO, o Siga (focado na preparação para concursos públicos), o Curso e o Colégio pH, o Grupo ETB (Escolas Técnicas do Brasil), a Escola Satélite, a rede de escolas de inglês *Red Balloon* e a *Livemocha*, ensino de idiomas.

A Abril continua em plena transformação e, com o habitual pioneirismo, anunciou a sociedade com o grupo de mídia sul-africano *Naspers*, em maio de 2006, que passou a deter 30% do capital da *Abril SA*, incluindo a compra dos 13,8% que pertenciam aos fundos de investimento administrados pela *Capital International*, desde julho de 2004 (GRUPO ABRIL, *on line*, grifo nosso).¹²

Mas, até o *Grupo* chegar à sua configuração atual, muitos fatos, histórias e percursos ocorreram. Vejamos alguns.

Segundo Mira (1997), devido às constantes e inúmeras discussões entre os irmãos, Roberto e Richard Civita, filhos de Victor Civita, o pai, então, dividiu suas empresas entre os dois filhos.

Roberto ficou com a *Editora Abril* e a gráfica e Richard ficou com a *Abril Cultural*, (empresa criada em 1966 para atuar no ramo de fascículos, coleções, livros e discos vendidos em banca), os hotéis *Quatro Rodas*, a distribuidora (hoje pertencente ao *Grupo Abril*) e outras empresas fora do ramo editorial. Passando a atuar de forma independente, as duas empresas se ligaram em 1989 com a criação da *Abril Jovem*, unificando suas operações somente no setor infanto-juvenil (MIRA, 1997, p.10, grifo nosso, [sic]).

Um outro ponto que não podemos deixar de mencionar é, pois, o fato de que apesar do setor de revistas ser apenas uma parte do *Grupo Abril*, elas se constituem em elementos extremamente importantes, tanto no que se refere ao crescimento inicial do *Grupo*, quanto em relação ao peso que mantêm ainda hoje. Em termos quantitativos, encontramos que até 1993, a divisão de revistas representava 56,8% do faturamento do Grupo. No entanto, diante do aumento das mídias eletrônicas, essa porcentagem tende a diminuir, passando a ter cada vez

¹¹ Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/perfil.shtml>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

¹² Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/historia.shtml>>. Acesso em: 27 jan. 2013.

mais lugar as publicações via *on-line* ou através de dispositivos de mídia eletrônica móvel, como vimos anteriormente (MIRA, 1997).

Exploremos um pouco a “Missão” da *Abril*, vislumbrada a partir da próxima figura.

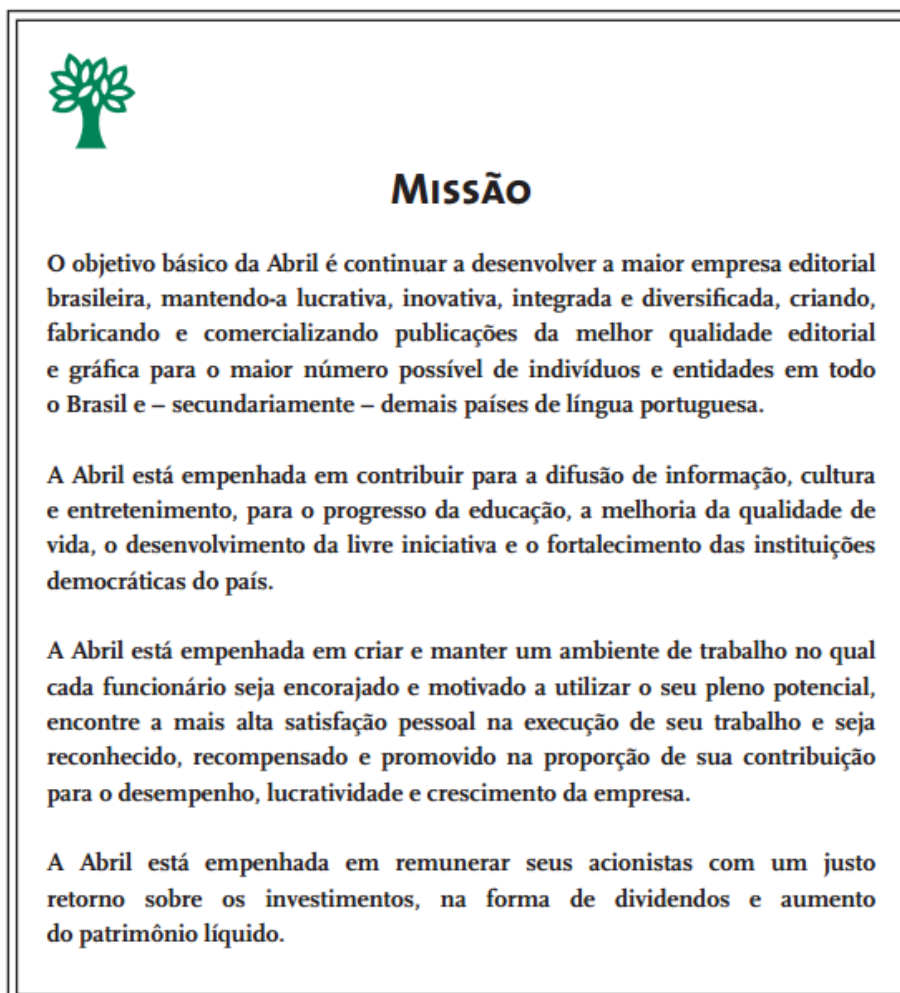


Figura 1 - Missão da *Abril*
 Fonte: *Grupo Abril on-line* (2013).¹³

O texto inscrito na figura acima nos traz algumas pistas da identidade do destinador *Abril*. Podemos dividir o texto em duas partes, sendo o primeiro parágrafo a primeira parte, onde a empresa define seus objetivos e, implicitamente, também se autodefine; ela é sobretudo “[...] a maior empresa editorial brasileira”, ela cria, fabrica e comercializa o que de “[...] melhor qualidade editorial e gráfica” há no mercado e ainda visa atingir o “[...] maior número possível de indivíduos e entidades em todo o Brasil” e em outros países de língua portuguesa. O texto utiliza adjetivos com grau comparativo de superioridade, sendo assim, a empresa (ela) não só se define como grande (“a maior”), mas, como a maior sobre todas as outras, que são

¹³ Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/arquivo/missaov3.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2013.

menores do que ela. Se ela pretende “continuar a desenvolver” algo, é porque ela já é ou já alcançou esse algo e pretende assim dar impulso e fortalecer o que ela já é, a “maior” e “melhor” empresa editorial do Brasil. A *Abril* aparece ainda de uma maneira quase personificada, mesmo com o uso da terceira pessoa do singular no presente do indicativo (“A Abril está [...]”), que denota certo distanciamento e isenção ao discurso, como se ela tivesse vontades e sentimentos humanos, pois ela “está empenhada” em diversas ações, ou seja, ela se dedica a “[...] contribuir para a difusão de informação, cultura e entretenimento [...]”, ela se dedica a “[...] criar e manter um ambiente de trabalho” mais que propício para o trabalho, já que incentiva o desenvolvimento das potencialidades individuais, e se dedica também a “[...] remunerar seus acionistas [...]”. Seu discurso deixa transparecer um caráter caridoso para com o país e os indivíduos. No entanto, não deixa de afirmar como valor fundamental, a lucratividade. Se nos desviássemos para o plano narrativo do percurso gerativo, poderíamos dizer que esse sujeito *Abril* deixa entrever sua busca e sua rota, a busca e a consolidação da lucratividade como *objeto valor*. Podemos dizer, pois, que a lucratividade e a livre iniciativa marcam a identidade da empresa em questão, apesar do caráter aparentemente “caridoso” de seu discurso.

No que tange a Victor Civita, fundador do *Grupo Abril*, encontramos algo curioso, a citar nas próximas linhas. Victor não era brasileiro e sim americano, tendo nascido em Nova York no início do século XX, mais precisamente em 9 de fevereiro de 1907. Seus pais foram para a Itália¹⁴ quando Victor tinha apenas dois anos de idade; ele e seus dois irmãos, Cesar e Arthur, são então criados em Milão que, na época, era considerada o grande centro editorial da Itália. Victor casa-se em 1935, com a romana Sylvana Alcorso, retornando aos Estados Unidos em 1939, quando do início da Segunda Guerra Mundial. Permanece então em terras norte americanas por 10 anos, só depois, vem para o Brasil, obedecendo a um chamado do irmão Cesar Civita que já havia iniciado negócios no ramo de editoras, só que na Argentina. Podemos citar aqui um diálogo acontecido entre Victor e seu irmão Cesar num encontro que tiveram em Milão em 1949, quando estavam a passeio pela cidade italiana. Abaixo transcritas as palavras de Victor para seu irmão: “Mas, disse-me ele, ao lado da Argentina há um país que não está indo bem, que não tem quase nada, mas que tem um grande potencial. Há falta

¹⁴ “Na época da grande imigração italiana para os EUA, seu avô materno, barítono e professor de música, fora convidado a lecionar numa universidade americana. Seu pai, Carlo, apaixonado pela filha do Maestro, Vitória, segue a família e casa-se nos Estados Unidos. O casal volta para a Itália dois anos após o nascimento do futuro editor” (MIRA, 1997, p.42).

de editores capazes, e, se você for lá, conseguirá fazer coisas maravilhosas” (MERCADANTE, 1987, *apud* MIRA, 1997, p. 46).¹⁵

Chegando ao Brasil, Victor Civita resolve se estabelecer em São Paulo, não despretensiosamente. Segundo conta Luiz Fernando Mercadante, citado por Mira (1997), Victor Civita teria enunciado: “[...] a capital paulista ‘tinha o dinheiro, tinha a energia, tinha a publicidade e um clima melhor para o trabalho’”. Não era só o clima ameno da cidade que atraiu Civita, ainda segundo Mira (1997), mas, sobretudo, o fato de ser o maior centro industrial da América do Sul desde 1914 e o maior parque gráfico desde a década de 1940. Encontramos ainda o fato de que a modernização da indústria gráfica só ocorrerá a partir de meados dos anos de 1960, e “[...] os avanços no processo de distribuição serão em parte uma obra da própria Abril” (MIRA, 1997, p. 47).

No *site* da *Abril* encontramos a seguinte narrativa sobre Victor Civita e sua vinda para o Brasil,

Vostro padre è impazzito.¹⁶ Nova York, setembro de 1949. Os meninos acabam de voltar da escola. A mãe os chama e lhes faz a leitura da carta que acaba de receber do pai, ausente de casa já há mais de dois meses. Não esqueça de tal coisa, atenção para aquela outra. Embale o resto e venha. A mãe termina e tem a reação que teriam todas as outras mulheres ao receber correspondência semelhante: “Vostro padre è impazzito”. Sim, papai é divenuto pazzo.¹⁷ Perdeu a razão. Amalucou.

O pai em questão era o italiano, ou, mais propriamente, milanês, nascido em Nova York, Victor Civita; a mãe a romana Sylvana; e os meninos, os dois filhos do casal, Roberto, de 13 anos, e Richard, de 10. “Embale o resto e venha”. Ir para onde? Brasil, esta era a ordem. Mesmo para uma família acostumada a deslocamentos, o salto era de arrepiar. Até agora, as deslocamentos haviam se limitado ao universo mais reconhecível, e seguro, do Hemisfério Norte. Basicamente, ao eixo Itália-Estados Unidos. Agora a ordem era ir lá para longe, uma terra distante da qual lhes faltavam as referências, da qual não conheciam a língua nem os códigos. Não é coisa pouca, para quem quer que seja, tal mudança. É um convite para prender a respiração e saltar no escuro. Ainda mais considerando, como no presente caso, que o chefe de família responsável por tal decisão não era nenhum menino. Já contava 42 anos. Tudo se revela menos surpreendente, no entanto, quando se tem em conta a natureza profunda do personagem. Pois esse senhor Victor Civita, o pazzo da carta, era, conforme se verá ao longo desta história, um especialista em saltos no escuro (ABRIL, *on line*, 2013).¹⁸

¹⁵ Mira (1997) cita aqui a obra de Luiz Fernando Mercadante, intitulada *Victor Civita*, São Paulo, Nova Cultural, 1987.

¹⁶ “Vostro padre è impazzito”, “seu pai ficou louco”.

¹⁷ “[...] papai é ‘divenuto pazzo’”, “papai se tornou doido”.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/perfil.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

Seguem abaixo três fotografias em que Victor Civita aparece.



Figura 2 – Escritório da Abril, 1950¹⁹
Fonte: Abril (*on line*, 2013).



Figura 3 – Victor Civita em seu escritório, São Paulo, 1960²⁰
Fonte: Abril (*on line*, 2013).



Figura 4 – Victor Civita²¹
Fonte: Abril (*on line*, 2013).

¹⁹ Victor Civita é o quarto da esquerda para a direita. Disponível em: < <http://www.abril.com.br/institucional/50anos/ocomeco.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

²⁰ “Em 1960, Victor Civita em seu escritório na rua João Adolfo, no centro de São Paulo: começo da escalada de qualidade”. Disponível em: < <http://www.abril.com.br/institucional/50anos/ocomeco.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

²¹ Disponível em: < <http://www.abril.com.br/institucional/50anos/perfil.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

Para que possamos ter uma ideia mais palpável do império construído pelos Civita, inserimos os logotipos das Marcas da *Abril*,²² logo a seguir,



²² Dados retirados de: <www.grupoabril.com.br/marcas/nossas-marcas.shtml>. Acesso em: 16 nov. 2012.



INTERNET e CELULAR




DIGITAL OUT OF HOME

PUBLICIDADE

ASSINATURAS

DBM



EDUCAÇÃO E CULTURA



TELEVISÃO



LOGÍSTICA E DISTRIBUIÇÃO



DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



OPERAÇÕES GRÁFICAS



EVENTOS





Figura 5 - Marcas da *Abril*
 Fonte: Grupo *Abril* (on line, 2012).²³

Em termos de impressos, a *Abril* atinge diferentes públicos e suas edições/publicações possuem distintas pautas e editoriais. A *Abril* possui uma diversidade imensa de publicações impressas, algumas já em versão digital e a maior parte com *site* próprio. São publicações para diferentes gêneros e interesses, para homens, mulheres, crianças e jovens, de diferentes idades, curiosidades e necessidades. Conheçamos alguns exemplos de publicação e algumas de suas características.



Figura 6 – Revista *Gloss*
 Fonte: Assine *Abril* (on line, 2013).

A revista *Gloss*, possui periodicidade mensal, trata de beleza, moda, atitude, dinheiro e viagem; para aqueles que desejam “[...] aproveitar o melhor da vida com muita intensidade”.²⁴

²³ Disponível em: <www.grupoabril.com.br>. Acesso em: 2012.

²⁴ Disponível em: <<http://www.assineabril.com.br/assinar/revista-gloss/> / origem=sr_pa_botaocapa_revistas>. Acesso em: 29 jan. 2013.



Figura 7 – Revista *Alfa*
 Fonte: Assine Abril (*on line*, 2013).

A revista *Alfa* é dirigida ao público masculino, um masculino denominado de “[...] homem contemporâneo, bem-sucedido e sofisticado”.²⁵ Traz e revela casos, histórias e experiências de “gente de sucesso”. “Alfa fala de tudo o que realmente interessa: mulheres, cultura, relacionamento, saúde, carreira, cuidados pessoais e moda”.²⁶



Figura 8 – Revista *Arquitetura & Construção*
 Fonte: Assine Abril (*on line*, 2013).

A revista *Arquitetura & Construção*, dirigida especialmente a arquitetos, engenheiros e decoradores, propõe projetos de construção, mostra preços e opções de material de construção. Mostra também etapas de obras e o relato de experiência de quem já construiu.

²⁵ Disponível em: <http://www.assine.abril.com.br/assinar/revista-alfa/origem=sr_pa_botaocapa_revistas>. Acesso em: 29 jan. 2013.

²⁶ *Ibidem*.



Figura 9 – Revista *Claudia*
 Fonte: Assine Abril (on line, 2013).

Claudia é uma publicação destinada ao público feminino e possui periodicidade mensal; segundo texto da *Abril*, “CLAUDIA é a mais completa revista feminina, que está ao seu lado em todos os desafios e traz a maior variedade de assuntos relevantes em sua vida: família, amor, carreira, beleza, moda e qualidade de vida”.²⁷

Interessante notar a variação de vocábulos no texto da revista destinada ao público masculino, e a destinada ao público feminino. Se na revista destinada ao público feminino os “assuntos relevantes” na vida das mulheres transitam entre o termo abstrato *amor* e, por consequência, a *família*; na revista destinada “ao homem contemporâneo” o que se destaca são as *mulheres*, a aparência própria, e a necessidade de *relacionamento*.



Figura 10 – Revista *Capricho*
 Fonte: Assine Abril (on line, 2013).

²⁷ Disponível em: <http://www.assine.abril.com.br/assinar/revista-claudia/origem=sr_pa_botaocapa_revistas>. Acesso em: 29 jan. 2013.

A revista *Capricho* é destinada a um público juvenil, com periodicidade quinzenal. Trata de moda, beleza, comportamento e vida de famosos. Conheça o fragmento a seguir onde a *Abril* fala da revista *Capricho*. “A cada quinzena, a moda que você pode usar, os truques de beleza que bombam o seu visual, as dicas para lidar melhor com os garotos, as amigas e a família e mais: conteúdo exclusivo sobre os seus ídolos favoritos” (ASSINE ABRIL, *on line*, 2013).²⁸

Podemos notar que, apesar de ser dirigida a públicos diversos, a preocupação com a beleza, a aparência pessoal e a moda são temas constantes nas publicações da *Abril*. Temas que trazem à tona um modo de ser e pensar valorizado socialmente e que se retroalimenta dos valores que circulam e são reforçados em nossa sociedade como um todo, como a importância da aparência física e a adoção de um determinado tipo de conduta; implícitos a esses temas estão, pois, as atitudes de consumo e de valorização do exterior propagada por essas pautas. E que nessa perspectiva modalizam o sujeito/enunciário para um *querer ser*, um *dever ser*, um *não poder não ser*, e um *dever fazer*.²⁹

Podíamos aqui nos estender sobremaneira, já que a *Editora Abril* publica 52 revistas e, segundo informações de seu *site*, é líder em 22 dos 26 segmentos em que atua, já que se trata de uma empresa de comunicação segmentada. “Suas publicações vendem cerca de 200 milhões de exemplares anualmente, têm 4,2 milhões de assinaturas e são lidas por quase 30 milhões de pessoas” (GRUPO ABRIL, *on line*, 2013).³⁰

Para além das publicações impressas e suas respectivas versões digitais, a *Abril* tem dilatado seu campo de atuação como pudemos entrever na Figura 5, das *marcas da Abril*. Para que nossa noção sobre o assunto possa ter uma amplitude maior, falaremos de algumas dessas marcas, campo de atuação e características gerais. A *MTV Brasil*, TV segmentada, foi lançada em 1990, possui uma “[...] cobertura de 23 milhões de lares em 157 cidades brasileiras no total de 62% dos domicílios do País”; “[...] fala com mais de 19 milhões de jovens por mês”; “[...] 95% do conteúdo produzido localmente”; “[...] MTV é a 5ª emissora com maior prestígio de marca e a número 1 em criatividade no país”; “[...] mais de 1 milhão de internautas cadastrados” (GRUPO ABRIL, *on line*, 2013).³¹

²⁸ Disponível em: <http://www.assine.abril.com.br/assinar/revista-capricho/origem=sr_pa_botaocapa_revistas>. Acesso em: 29 jan. 2013.

²⁹ Sobre a questão das modalidades e da manifestação linguística das modalidades, aprofundaremos mais adiante.

³⁰ Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/perfil.shtml>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

³¹ Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/editora-abril.shtml>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

A *Abril Mídia Digital*, área de desenvolvimento e apoio às plataformas digitais da *Abril*, possui hoje aproximadamente 70 aplicativos para *smartphones*, e 30 versões de revistas para *tablets*; gerencia ainda mais de 70 *sites* e 90 *blogs*, desde portais de notícias a *sites* de *e-commerce*. Desenvolve um portal feminino de grande expressão, *M de Mulher*, “[...] o maior portal feminino do Brasil” (GRUPO ABRIL, *on line*, 2013). Além de um portal *Capricho*, “[...] o maior portal *teen* do mundo” (GRUPO ABRIL, *on line*, 2013), e, ainda o aplicativo *Comer & Beber*, sendo “[...] líder na categoria *Travel* na *AppStore*” (GRUPO ABRIL, *on line*, 2013).³²

A marca *Alphabase* trabalha com *marketing* interativo; vislumbremos sua página na *internet*.



Figura 11– Página da *Alphabase*
Fonte: *Alphabase* (*on line*, 2013).³³

E a *Elemidia* é uma operadora de mídia digital *out-of-home*. Segundo dados da *Abril*, foi fundada em 2003, com o intuito primeiro de “[...] transformar os elevadores em um novo veículo de mídia de massa” (GRUPO ABRIL, *on line*, 2013).³⁴ No entanto, por meio de canais específicos atinge hoje não só elevadores de edifícios corporativos, mas ambientes diversos, como *shopping centers*, hotéis, bares, lojas de conveniência, universidades, hospitais, academias e supermercados.

³² Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/editora-abril.shtml>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

³³ Disponível em: <<http://www.alphabase.com.br>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

³⁴ Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/editora-abril.shtml>>. Acesso em: 29 jan. 2013.



Figura 12 – Página da *Elemedia*
Fonte: Elemedia (on line, 2013).



Figura 13 – Página da *Elemedia*
Fonte: Elemedia (on line, 2013).³⁵

Em sua linha de tempo,³⁶ presente em seu sítio, a *Abril* destaca alguns fatos e publicações de sua história, vejamos alguns exemplos.

³⁵ Disponível em: < www.elemedia.com.br/midiakitonline/>. Acesso em: 29 jan. 2013.

³⁶ Disponível em: <<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/linha01.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.



Figura 14 – Linha do tempo *Abril*
 Fonte: Abril (*on line*, 2013).



Figura 15 – Linha do tempo *Abril*
 Fonte: Abril (*on line*, 2013).

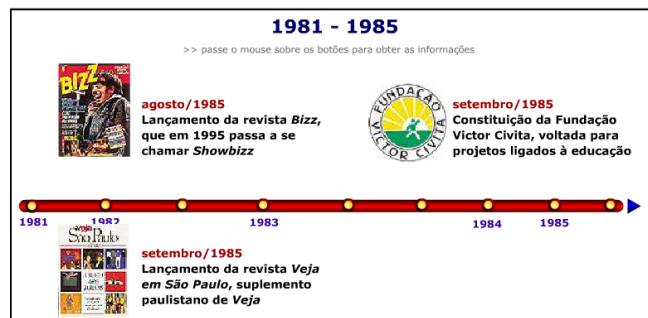


Figura 16 – Linha do tempo *Abril*
 Fonte: Abril (*on line*, 2013).



Figura 17 – Linha do tempo *Abril*
 Fonte: Abril (*on line*, 2013).

Em relação ao logotipo da *Abril*, podemos observar a partir da Figura 18, os diversos estilos que fizeram parte de sua história.



Figura 18 – “Evolução do logotipo” da *Abril*
 Fonte: Grupo Abril (*on line*, 2013).

Interessante observar que o símbolo da árvore sempre fez e continua fazendo parte do nome *Abril*, desde a sua criação em 1950. Foi vista pela primeira vez, conforme informação da *Abril*³⁷ na capa pioneira do quadrinho *O Pato Donald* em 1950. A *árvore* no *Dicionário de Símbolos* de Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 84), nos remete a diversos significados, mas iremos destacar aqui somente alguns; vejamos,

Este é um dos temas simbólicos mais ricos e mais difundidos, cuja simples bibliografia daria para formar um livro. Mircea Eliade distingue sete interpretações principais, embora não as considere exaustivas. Entretanto, articulam-se todas elas em torno da mesma ideia do *Cosmo Vivo*, em perpétua regeneração. [...] símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, ela evoca todo o simbolismo da verticalidade [...]. Pelo fato de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu, a árvore é universalmente considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu. Por isso, tem o sentido de centro, e tanto é assim que a *Árvore do Mundo* é um sinônimo do *Eixo do Mundo* [...].

Nessa direção, a escolha da árvore como símbolo principal da Editora não é ingênua e carrega consigo os aspectos inerentes e constantes da verticalidade, da vida, da evolução constante. Em termos semióticos, essa logomarca considerada como um todo possui em seu plano de expressão uma tipologia que se estrutura na vertical, como eixo entre o que está acima e o que está abaixo, numa relação céu e terra, reforçando, de certa maneira, seu caráter simbólico. Na verdade, a *Abril* é a própria árvore, vejamos o trecho que se segue retirado do editorial da revista *Nova Escola* de abril de 1997, o contexto dessa fala se dá quando da apresentação da

³⁷ Cf. <www.grupoabril.com.br/institucional/historia2.shtml>. Acesso em 29 jan. 2013.

nova diretora executiva da *Fundação Victor Civita*, Guiomar Namó de Mello, sendo o texto do editorial assinado por Roberto Civita (NOVA ESCOLA, 1997, p. 03), vejamos:

Tenho a enorme satisfação de apresentar a nova Diretora Executiva da Fundação Victor Civita, Guiomar Namó de Mello. [...] Guiomar tem como desafio ampliar as atividades da Fundação Victor Civita, o ramo da *árvore Abril* dedicado a apoiar e valorizar o ensino básico no Brasil. A Fundação, criada há mais de onze anos por meu pai, Victor Civita, tem, através da revista NOVA ESCOLA, se empenhado em aumentar o nível de conhecimento do professor de primeiro grau, ajudá-lo na melhoria do desempenho em sala de aula e apoiá-lo na missão fundamental de formar os cidadãos do futuro.

Esse editorial é revelador em vários aspectos. Destacamos nesse momento a afirmação que um dos herdeiros de Victor Civita, fundador do *Grupo Abril*, faz ao enunciar a Editora *Abril* como uma árvore. E aqui vale lembrar os possíveis significados da árvore colocados acima quando nos remetemos ao *Dicionário dos Símbolos*. “Símbolo da vida, em perpétua evolução” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009), eis um dos possíveis conteúdos semânticos da árvore, que constituem também uma das filosofias e ideais empresariais da *Abril*. Em termos cromáticos, podemos destacar aquilo que é dito por Kandinsky (*apud* PEDROSA, 1989, p. 111-112) sobre o verde, tornada a cor símbolo da editora, observemos a seguir:

O verde absoluto é a cor mais calma que existe. Não é o centro de nenhum movimento. Não se acompanha nem de alegria, nem de tristeza, nem de paixão. Não solicita nada, não lança nenhum apelo. Esta imobilidade é uma qualidade preciosa, e sua ação é benfazeja sobre os homens e sobre as almas que aspiram ao repouso. A passividade é o caráter dominante do verde absoluto, mas esta passividade se perfuma de unção, de contentamento de si mesmo.

Apesar de sabermos que o texto não-verbal pode ser considerado, em princípio, como um texto descritivo, pois, segundo Fiorin & Savioli (2003), esse texto muitas vezes representa “[...] uma realidade singular e concreta, num ponto estático do tempo” (FIORIN; SAVIOLI, 2003, p. 372), não podemos deixar de captar uma transformação de estado nesses logotipos, se os enxergarmos como parte de uma narrativa da própria Editora.



Figura 19 – 1º logotipo da Editora Abril (1950)
Fonte: GRUPO ABRIL (*on line*, 2013).

O primeiro logotipo da *Abril*, de 1950 trabalha com o contraste figura/fundo, destacando-se a árvore branca, luminosa, sobre um fundo azul saturado, com um matiz que sofreu abaixamento.³⁸ A cor fria do fundo, pode transmitir um efeito de sentido de profundidade e distanciamento; criando um contraste com o branco, da árvore e da faixa horizontal na metade inferior da figura onde encontra-se escrito, em caixa alta as palavras EDITORA ABRIL. Encontramos, pois, nesse texto sincrético (já que mescla o imagético com o verbal), as seguintes oposições: /verticalidade/ *versus* /horizontalidade/; já que a verticalidade das linhas da árvore e seus galhos sobrepõem-se à tira horizontal, forma que se encontra aberta, diferindo das formas fechadas do desenho da árvore. Portanto, tem-se outra oposição, /forma fechada/ *versus* /forma aberta/. Além, daquela que nos causa maior impacto imediato, a oposição /claridade/ e /obscuridade/. Essa primeira árvore da *Abril* é a que mais difere das outras que se seguem. Podemos dizer que a partir de 1968, ano de lançamento da revista *Veja*, há certa estabilização da marca da *Abril*, havendo posteriormente ajustes gráficos e cromáticos.

Segundo o *site* da *Abril*,³⁹ a árvore de 1968 é “[...] estilizada e com contornos mais definidos”, surgindo, pois, “uma nova árvore”,



Figura 20 – 2º logotipo da *Editora Abril* (1968)
 Fonte: GRUPO ABRIL (*on line*, 2013).

A árvore de 1968 é bem diferente de sua antecessora, tanto no aspecto eidético, quanto no cromático. O tronco torna-se menor e mais espesso, os galhos, se tornam a figurativização de 11 folhas brancas, delimitadas por uma moldura verde. De matiz claro, o verde torna-se ativo. Importante lembrar que o verde “[...] clareado com o amarelo, torna-se mais ativo e penetra pela variada gama de verde-limão até confundir-se com os amarelo-limão” (PEDROSA, 1989, p. 112). O contraste com o fundo, de certa maneira, desaparece apesar do branco estar contido no interior das folhas da árvore. Esse clareamento do verde produz certo efeito de

³⁸ O abaixamento, consiste, segundo Marcondes (1998), na redução da intensidade de um tom pela mistura de uma cor escura.

³⁹ Cf. <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/historia2.shtml>>. Acesso em: 27 jan 2013.

aproximação com o leitor/destinatário. Em 1990, segundo a própria Abril,⁴⁰ há um “[...] ajuste fino: as folhas formam um todo mais harmônico”, vejamos,



Figura 21 – 3º logotipo da *Editora Abril* (1990)
Fonte: GRUPO ABRIL (*on line*, 2013).

Pode-se notar certo afinamento nas linhas do desenho da árvore. Em termos cromáticos há pouquíssimas alterações em relação ao logotipo de 1968. Em 1998 (Figura 22), a árvore *Abril* sofre alterações eidéticas e cromáticas mais acentuadas. Pelo texto da *Editora*,⁴¹ “[...] agora a árvore tem doze folhas (uma a mais do que as duas versões anteriores), que são mais homogêneas entre si”; observemos a figura abaixo,



Figura 22 – 4º logotipo da *Editora Abril* (1998)
Fonte: GRUPO ABRIL (*on line*, 2013).

As folhas adquirem um formato mais individualizado e mais homogêneo entre si, continuam com um vazado branco e um contorno verde. Esse verde, no entanto, é mais escuro, proveniente da mistura com o azul, o que diminui o seu calor e aproximação com o enunciário, por haver um abaixamento da tonalidade. Não podemos esquecer que “[...] todas as cores que se misturam com o azul esfriam-se, por ser ele a mais fria das cores” (PEDROSA, 1989, p. 113). O espaço da figura continua bem delimitado, e predominam as formas curvilíneas em detrimento das retas. O princípio da frontalidade está presente em todos os logotipos como um fator que se destaca. Em termos estéticos, esta composição liga-se ao que Floch (1993) intitula de “*la visión clásica*”, em oposição a uma visão barroca ou estilo pictórico.⁴²

⁴⁰ Cf. <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/historia2.shtml>>. Acesso em: 27 jan 2013.

⁴¹ Cf. <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/historia2.shtml>>. Acesso em: 27 jan 2013.

⁴² Aprofundaremos essa diferenciação posteriormente.

Outro dado importante é o fato das publicações *Disney* serem o que Mira (1997), chama de “moeda número 1” do Civita pai, ou melhor, os direitos de reprodução dos quadrinhos *Disney*, possibilitaram a expansão das empresas *Abril*, sendo que em 1949, já se constituíam no maior fenômeno de comercialização do mundo. A América do Norte, consubstanciada pela parceria com a *Disney*, não só ajudou a implementar o estilo da *Abril*, mas o próprio modo de ver os negócios e a vida empresarial e laboral de Civita. Nesse sentido, Civita inaugura um estilo diferente do proposto por Assis Chateaubriand (Chatô), homem que fundou no início do século XX, mais precisamente em 1928, aquela que seria, na época, a maior revista de circulação brasileira, *O Cruzeiro*, cuja circulação foi interrompida apenas em 1975. Assim, se antes de entrarem em cena as organizações *Globo* e o *Grupo Abril*, as publicações eram, de certa forma, dominadas pelas propostas de Chatô, o mesmo não ocorre a partir do que vai se chamar de processo de “modernização” do Brasil. Em 1966, na tentativa de evitar o declínio de suas empresas de comunicação Assis Chateaubriand arquiteta o que podemos chamar de campanha jornalística, ilustrada pelo fragmento a seguir:

Nesta, [Assis Chateaubriand] acusa a Editora Abril de tomar parte num plano de invasão arquitetado por grupos americanos para dominar a imprensa e demais meios de comunicação no Brasil. Outra parte do plano envolvia “os rapazes de O Globo” e os americanos em questão eram os do Grupo *Time-Life* (MIRA, 1997, p. 36).

Nas palavras do próprio Chatô, encontramos ainda que:

Os rapazes de “O Globo” são acusados de uma grave malversação. Juntaram-se a um grupo estrangeiro, ao qual deram participação nos seus negócios de televisão... Já receberam em dólares por conta do cavalo de Tróia “*Time-Life*”, aqui montado, 3 milhões de dólares... *Time-Life* tem globinhos de olhos azuis, aqui. Desvia para um *gângster*, seu sócio, toda ou quase toda a publicidade científica, oferecida pelos anunciantes norte-americanos no Brasil. O linotipista seu agente dispõe, desse modo, de verbas publicitárias para imprimir revistas de 20.000 exemplares e distribuí-las gratuitamente. Está se vendo que a nossa luta não é com “O Globo” nem com Civitas. Um e outro são testas de ferro... Pretendem os colegas fazer acreditar que os 3 milhões do “*Time-Life*” são um empréstimo. Mas quem já ouviu dizer que “*Time-Life*” são banco? O negócio que têm são rádios, televisões e revistas. É nisto que estão operando, servindo-se, aqui, de intermediários, cujos serviços alugaram. Estes intermediários têm um compromisso com os patrões, lá fora. Já desembarcaram e estão tentando ocupar esta costa da África. Mas, se o desembarque foi fácil, a ocupação vai ser um pouco mais difícil (CHATEAUBRIAND, 1966, *apud* MIRA, 1997, p. 29-30).

A julgar pela fala de Chatô, as relações que se estabeleceram aqui no Brasil entre capitais estrangeiros e mídia, escondem nuances de difícil aferição, mas, que não se podem e nem se devem negligenciar. Que a influência da ideologia jornalística norte-americana no Brasil, fez-se presente intensamente a partir da 2ª guerra, substituindo os modelos europeus não é

novidade, o que não é muito claro é, quais e que tipos de influências efetivamente se estabeleceram entre os grupos estrangeiros e a imprensa dita brasileira em meados do século XX. No entanto, essa relação existiu e não se deu de maneira muito tranquila, apesar de posteriormente a influência americana, no que se refere aos objetos culturais midiáticos ter se firmado definitivamente em território brasileiro.

Reforçando o dito por Mira (1997), encontramos também em Sodré (1999) em seu livro intitulado *História da Imprensa no Brasil* diversas evidências e indícios dessas relações entre grupos estrangeiros, notadamente americanos, e veículos de comunicação montados em terras brasileiras. Pode-se afirmar a existência de ligações entre *O Globo* e o consórcio norte-americano *Time-Life*, que, aliás, motivou a campanha levada à cabo pelo deputado João Calmon, em 1966, contra a infiltração de grupos estrangeiros na imprensa, no rádio e na televisão das terras *brasilis*. Nas palavras de Sodré (1999, p. 440),

O caso das ligações de *O Globo* com o consórcio norte-americano *Time-Life*, que motivou a campanha comandada pelo deputado João Calmon vinha coroar situação que se iniciara, entretanto, muito antes, nos fins de 1965, quando começaram a transpirar as compras de jornais, emissoras de rádio, oficinas de impressão, estações de televisão, por grupos estrangeiros. Em S. Paulo, antigo criador de aves e ovos, Otávio Frias de Oliveira, tornava-se, por singular passe de mágica, proprietário da empresa jornalística *Folha de S. Paulo*, que mantinha três diários dos mais importantes da capital paulista. As operações em torno das emissoras de televisão e de rádio – redes inteiras passando, da noite para o dia, às mãos de testas-de-ferro de grupos econômicos estrangeiros, já não eram mantidas em segredo. Mas a penetração não se limitava à imprensa periódica, ao rádio e à televisão: estendia-se, também, a oficinas gráficas e a empresas editoras de livros, algumas compradas, outras fartamente subsidiadas, terceiras objeto de sedutoras ofertas e, ao mesmo tempo, de veladas ameaças de irresistível concorrência. Tratava-se, evidentemente, de grave ameaça à cultura brasileira, numa fase em que vinha ela atravessando séria crise, por força das condições esterilizadoras criadas pela ditadura (SODRÉ, 1999, p. 440).

Portanto, pelo que se pôde observar dos textos citados; houve, sim, o aporte de imensas quantias estrangeiras investidas nas empresas de comunicação “brasileiras”. Esse aspecto soma-se ao fato da existência de certo controle que as agências de publicidade da época exerciam sobre os meios de comunicação então existentes em nosso país, fato citado também por Sodré (1999). O deputado João Calmon em algumas de suas falas, “[...] apontava também como estrangeira a Editora Abril, que mantinha numerosas revistas, afirmando ser associada à *Time-Life* [...]” (CALMON, *apud* SODRÉ, 1999, p. 441).

Em contraposição, encontramos, no entanto, o discurso de Civita negando qualquer participação de recursos estrangeiros em suas empresas. Em 13 de abril de 1967, a empresa de Civita publica, a partir de uma espécie de carta aos leitores inscrita na revista *Realidade*, as

seguintes palavras: “[...] as verificações exaustivas daquelas autoridades confirmaram definitivamente que a Abril não tem e nunca teve qualquer participação de capitais estrangeiros” (REALIDADE, 1967). De qualquer maneira, fica-se-nos o impasse: de que forma e com qual extensão recursos financeiros vindos do estrangeiro corroboraram para a consolidação e expansão de nossa imprensa? Diante da impossibilidade de respostas diretas e conclusões definitivas devemos, nesse momento, examinar a *Fundação Victor Civita*, responsável pela publicação da revista *Nova Escola*.

3.2 A Fundação Victor Civita

Criada em setembro de 1985 pelo *Grupo Abril*,⁴³ a *Fundação Victor Civita* é considerada uma das cinco maiores fundações privadas na área da Educação no Brasil. Possui como “missão” explícita: melhorar o ensino básico do nosso país. Missão que utiliza como instrumento de ação suas publicações e projetos, notadamente *Nova Escola* (1986), *Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10* (1998), *Site Nova Escola online* (1998), *Guia do Professor Veja na Sala de aula* (1998), *Nova Escola Gestão Escolar* (2009), dentre outras iniciativas. Segundo consta, em sua ficha técnica, que pode ser encontrada em todas as edições da RNE, a *Fundação Victor Civita* (FVC), não possui fins lucrativos e tem “[...] como objetivo contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica, produzindo publicações, sites, material pedagógico, pesquisas e projetos que auxiliem na capacitação dos professores, gestores e demais responsáveis pelo processo educacional” (FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA, *on line*, 2011).⁴⁴

Com a morte de Victor Civita em 1990, seu filho Roberto Civita assume a direção da Fundação, mantendo os objetivos iniciais traçados pelo seu fundador; ou seja, “de lutar por um País onde não faltassem escolas, bons professores, incentivo ao trabalho docente e materiais de apoio às boas práticas pedagógicas” (CIVITA, R., *apud* RIPA, 2010).

⁴³ Dados retirados de: <<http://www.fvc.org.br/nossa-historia.shtml>>. Acesso em: 3 jul. 2011.

⁴⁴ Dados retirados de: <<http://www.fvc.org.br/nossa-historia.shtml>>. Acesso em: 3 jul. 2011.

Um outro trecho, encontrado no *site da Abril*,⁴⁵ nos parece revelador,

Em 1985, Victor Civita criou a Fundação Victor Civita com a missão de contribuir para a melhoria da Educação no Brasil. A FVC atua na qualificação e valorização de professores e gestores escolares e na investigação sobre a realidade educacional brasileira, fornecendo subsídios para a definição de políticas públicas. Suas principais iniciativas são as duas maiores revistas de educação do país – NOVA ESCOLA e GESTÃO ESCOLAR -, o site novaescola.org.br, o Prêmio Victor Civita Educador Nota 10 e estudos e pesquisas educacionais (GRUPO ABRIL, *on line*, 2012).

Em análise semiótica de rápidas pinceladas, tendo em vista o trecho acima, podemos estabelecer as seguintes relações: O texto fala da criação da *Fundação Victor Civita* por Victor Civita; especifica seus campos de atuação (“[...] atua na qualificação e valorização de professores e gestores escolares”) e dá exemplos concretos de que realmente realiza o que se propõe, já que possui várias iniciativas práticas para efetuar a transformação de estado da educação brasileira, de uma relação disfórica para uma eufórica, já que se propõe a “[...] contribuir para a melhoria da Educação no Brasil”. Ou seja, no nível narrativo o vocábulo *melhoria* se mantém ligado a um *fazer*, a uma operação de transição de um estado pior para um estado ou condição melhores, essa transformação requer ações para que a *Editora* entre em conjunção com a educação e assim possa “melhorá-la”. Dessa forma, se “[...] no segundo patamar do percurso gerativo, o das estruturas narrativas, é preciso reconhecer sujeitos humanos que realizam as mudanças descritas como operações lógicas, no nível fundamental” (BARROS, 1988, p. 18), podemos dizer que o sujeito Victor Civita encontra-se modalizado por um *querer*, um *saber*, um *poder* e um *fazer*; onde a modalidade virtualizante do *querer*, é atualizada por um *saber* (já que os sujeitos, Victor e a Fundação, formam, qualificam e valorizam professores e gestores) e um *poder fazer*, percebido pelos exemplos concretos de ações no plano pragmático (a edição das “[...] duas maiores revistas de educação do país”, o “[...] site novaescola.org.br”, a realização do “[...] Prêmio Victor Civita Educador Nota 10”, etc.). Além desses aspectos, sua qualificação lhe dá o *poder* de fornecer “[...] subsídios para a definição de políticas públicas”.⁴⁶ Ou seja, os sujeitos Victor Civita e a FVC, sobremodalizam⁴⁷ a competência dos sujeitos destinatários (professores, gestores e por implicação os governos) para a ação.

⁴⁵ Disponível em: <www.grupoabril.com.br/institucional/perfil.shtml>. Acesso em: 16 nov. 2012.

⁴⁶ Dados retirados de: <<http://www.fvc.org.br/nossa-historia.shtml>>. Acesso em: 3 jul. 2011.

⁴⁷ Segundo Calbucci, “[...] modalizar seria fazer com que um predicado regesse outro. Em princípio, o predicado regente ou modal seria constituído por uma das quatro modalidades fundamentais (Greimas, 1983, p. 77): /querer/, /dever/, /poder/ e /saber/. Já o predicado regido ou descritivo seria constituído pela modalidade do /fazer/. É por meio desse raciocínio que surgem as modalidades deonticas do /dever-fazer/ e do /poder-fazer/, a

O texto é escrito em terceira pessoa do singular (“Victor Civita criou”, “a FVC atua”, “suas principais iniciativas”), o que lhe dá certo caráter impessoal e de tom informativo, descritivo. A *criação* da Fundação por Victor Civita nos remete a conteúdos semânticos que imprimem ao sujeito Victor Civita, um caráter ativo, um caráter empreendedor, já que o verbo *criar* está ligado a “[...] dar existência a, tirar do nada”, “[...] dar origem a, gerar, formar”; “[...] dar princípio a, produzir, inventar, imaginar [...]” (FERREIRA, 1975, p. 400), ou seja, lhe imprime um caráter inovador, que é reforçado isotopicamente, no final do trecho quando aparece “[...] suas principais *iniciativas* são as duas maiores revistas de educação do país”, sendo que o termo *iniciativa* também traz consigo um caráter de inovação, de início, de novidade. Dessa forma, o termo feminino substantivado originado do vocábulo *iniciativo*, remete à “[...] ação daquele que é o primeiro a propor e/ou empreender uma coisa”, “[...] ação, empreendimento”, “[...] qualidade daquele que sabe agir, que está disposto a empreender, ousar” (FERREIRA, 1975, p. 767). Usa-se o pretérito perfeito do indicativo (“Victor Civita *criou*”) e o presente do indicativo (“A FVC *atua*” “suas principais *iniciativas são*”), provocando um efeito de sentido de duratividade, já que o momento de referência pretérito é o ano de 1985, no qual consolidou-se a ação de Victor de criar, de empreender, de formar a FVC; uma ação que se estende, promovendo um efeito de duratividade, a partir das iniciativas presentificadas dessa mesma fundação.

O que não fica muito claro, pois, é o tipo de educação que ela propõe/impõe para os professores brasileiros. O que é de se estranhar, indo talvez para um plano extralinguístico, é: por que uma Fundação que está preocupada em melhorar a qualidade da educação brasileira, tem parceria com o *Grupo Gerdau*, empresa do ramo da siderurgia? Ou melhor, quais os interesses que uma empresa de siderurgia tem em relação à escola? Estaríamos vendo, implicitamente, um “formar para o mercado”? Ou ainda, em que dimensão as propostas da Fundação se orientam para o que se chama hoje de neotecnicismo na educação? Caminharemos com as análises posteriores no sentido de tentar vislumbrar qual o projeto de educação da FVC/*Abril* para o nosso país.

A FVC, no entanto, possui outros parceiros, como se pode observar a seguir: Alfabetização Solidária, Bovespa, Cereja, Cosac Naify, Editora Ática, Editora Scipione, EDP Energias, Fundação Bradesco, Fundação Cargill, Fundação Educar Dpaschoal, Fundação Telefônica,

volitiva do /querer-fazer/ e a epistêmica do /saber-fazer/. Essas modalidades chegaram a ser chamadas de sobremodalizações. Esse conceito, criado por Greimas, poderia ser definido como a combinação de duas modalidades: uma modalidade regente e outra regida” (CALBUCCI, 2009, p. 71).

Instituto EcoFuturo, Instituto Ressoar, Instituto Sangari, Instituto Unilever, Intel, Itaotec, Jornal da Tarde, MAM (SP), Microsoft, OSESP, Rádio Bandeirantes, SESI, Softway, TV Cultura e Verdeescola.⁴⁸

Encontramos, também em Ripa (2010), que a FVC, em 2007, obteve um orçamento que alcançou 30 milhões de reais. Considerando-se as doações (da ordem de aproximadamente 6 milhões de reais) e as receitas operacionais, que se referem também à venda de publicidade em *Nova Escola* e *Nova Escola on-line*, a venda de exemplares avulsos e para assinantes e os patrocínios para projetos. Importante ressaltar que só em 2010 o governo federal repassou à Fundação o valor de R\$ 2.502.496,50, donde, segundo o portal da transparência do Governo Federal, R\$ 2.483.032,64 foram gastos com material de distribuição gratuita.⁴⁹ Além da publicação de *Nova Escola* a FVC possui outros projetos, como: a revista *Gestão Escolar*, o site de *Nova Escola*, o *Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10* e a *Semana da Educação*, bem como área específica de Estudos e Pesquisas Educacionais, como mencionado no início dessa subseção.⁵⁰

Portanto, diante de tudo o que foi discutido e relatado, algumas indagações se nos afiguram: por que uma empresa de comunicação do porte da *Abril* estaria interessada na melhoria da qualidade da educação brasileira? M. G. Gibbert (2008), em sua dissertação de Mestrado, nos dá uma pista quando discorre acerca das organizações que têm se consolidado como o “Terceiro Setor”:⁵¹

Com relação a não-lucratividade, isso se refere aos saldos contábeis, mas nada impede de destinarem o lucro por meio do pagamento de altos salários aos funcionários, gerentes e diretores. Outras têm *fim lucrativo indireto*, como é o caso das *fundações empresariais*, que obtêm isenção de impostos e utilizam-se da veiculação das suas ações sociais para lapidar a imagem corporativa, atrair novos clientes e aumentar as suas vendas (GIBBERT, 2008, p. 10, grifo nosso).

Portanto, esse tom filantrópico possui, de certa forma, alguma razão comercial de ser, já que quando falamos em *Fundação Victor Civita*, estamos tratando de fundações de cunho comercial, que obtêm contrapartidas econômicas para sua filantropia.

⁴⁸ Fonte: <<http://www.fvc.org.br/parceiros.shtml>>. Acesso em: 9 fev. 2012.

⁴⁹ Dados retirados do *site* portal da transparência do Governo Federal, disponível em: <www.transparencia.gov.br>. Acesso em: 12 out. 2012.

⁵⁰ Fonte: <<http://www.fvc.org.br/parceiros.shtml>>. Acesso em: 9 fev. 2012.

⁵¹ A autora está tratando das características das organizações que constituem o “Terceiro Setor”, conceito que apesar de ser corrente na literatura atual, está longe de ser homogêneo e unânime.

3.3 *Escola e Nova Escola*

Quem são e como se constituem as revistas *Escola* e *Nova Escola*? Que pontos de contato e distanciamento podemos estabelecer entre as mídias impressas *Escola* e *Nova Escola*, ambas do *Grupo Abril*? Iniciaremos esta seção falando um pouco das características básicas de cada mídia (aprofundaremos mais sobre a revista *Nova Escola*, nosso objeto principal de pesquisa), para, a seguir, estabelecermos relações entre suas propostas e características, a fim de encontrarmos um panorama amplo de entendimento e compreensão do projeto editorial da *Abril*, no que se refere ao campo educacional.

A revista *Escola*, da *Editora Abril*, tem vida curta, apenas 27 números, sendo lançada em outubro de 1971, extingue-se em abril de 1974. É lançada a título experimental com o nº 0 (zero), sendo reeditada somente alguns meses depois, em março de 1972 (REVAH; TOLEDO, 2011). Segue sendo editada mensalmente até o nº 26. Segundo Revah e Toledo (2011), a revista apresenta-se, em sua primeira edição, como um instrumento a serviço da reforma de ensino implementada pela Lei 5.692 (BRASIL, 1971) de 11 de agosto de 1971, que fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus e legisla sobre diversos aspectos, como currículos, disciplinas, ensino supletivo, professores e especialistas, financiamento, dentre outros. *Escola* se põe, explicitamente, a serviço da reforma, instituída pela Lei de nº 5.692/71 (BRASIL 1971), como afirma, em carta dirigida ao professor, o próprio Victor Civita, a seguir transcrita: “A revista ESCOLA chega junto com a reforma de ensino e desde já, entusiasticamente, se coloca a serviço dela. Como diz um dos nossos colaboradores, neste número, trata-se de algo mais que uma reforma: é uma nova concepção da escola e do ensino” (CIVITA, *apud* REVAH; TOLEDO, 2011, p. 147). Explicitamente, pois, *Escola* se põe a serviço da reforma de ensino de 1971, a serviço de uma proposta de educação vinda dos organismos governamentais, que nessa época, cabe lembrar, obedeciam aos ditames da censura e do controle de informações.

Daniel Revah e Maria Rita de Almeida Toledo (2011) estão interessados em compreender o motivo que fez com que a publicação *Escola* (*Escola para professores*), tenha se constituído em um “ponto de apagamento” na memória que a *Editora Abril* constrói dela mesma. Enquanto Civita destaca a atuação da revista *Realidade* (1966) e da *Veja* (1968) como periódicos que “[...] enfrentaram e sobreviveram ao jugo da censura militar, que proibia uma

série de assuntos e reportagens” (CIVITA, *apud* REVAH; TOLEDO, 2011, p. 141), procura omitir a publicação de *Escola*, já que sua datação coincide com os “anos de chumbo” da ditadura militar no Brasil. Acompanhemos a reflexão dos autores citados no significativo trecho que se segue:

Na memória que a editora Abril produz sobre a sua própria trajetória durante o regime militar sequer é mencionada a revista ESCOLA, que foi o primeiro periódico educacional da editora, antecedendo à bem sucedida revista *Nova Escola*, lançada em 1986. A que se deve esse apagamento? Como dimensionar essa omissão num relato que pode ser encontrado num sítio cujo endereço – <http://revistaescola.abril.com.br/fvc/> - traz justamente o nome da revista, precedendo o nome da própria editora e da Fundação? Um fato do discurso no mínimo curioso (REVAH; TOLEDO, 2011, p. 144).

Importante lembrar ainda outro fato envolvendo a *Abril*. No relato encontrado no *site* da Editora, quando do lançamento da “[...] edição especial comemorativa dos 50 anos da editora Abril” (GRUPO ABRIL, *on line*, 2011),⁵² encontramos o seguinte trecho:

A maioria das experiências da Abril nesse território, antes da Fundação Victor Civita, foi desenvolvida a partir de 1969, na Divisão de Educação. Boa parte do material didático usado pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização, o Mobral, que chegou a alfabetizar 3,2 milhões de alunos em dois anos, foi produzido na editora (ABRIL, *on line*, 2011).⁵³

Além do material do Mobral editado pela empresa, a *Abril* desenvolveu outros trabalhos em consonância com o governo ditatorial brasileiro. Devemos citar, pois, o Programa Alfa (década de 1970), desenvolvido por Ana Maria Poppovic, em convênio da Fundação Carlos Chagas com o governo da época; porém, segundo nos contam Revah & Toledo (2011, p. 143), “[...] a editora Abril envolveu-se no programa logo nos primeiros anos de sua execução, financiando inclusive a pesquisa de Poppovic com o fito de ter o direito de produzir o material que serviria de base para a execução da política⁵⁴ em todo o Brasil”.

Portanto, a relação entre a *Abril* e o governo ditatorial da época foi a de estabelecimento de parcerias em diversos projetos da área educacional.

⁵² Cf. em: <www.grupoabril.com.br/centenariovc/>. Acesso em: 7 dez 2011.

⁵³ Cf. em: <<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/educacao.html>>. Acesso em: 7 dez. 2011.

⁵⁴ O Programa Alfa tinha como objetivo “[...] pesquisar as razões pelas quais se davam os altos índices de repetência das crianças das classes populares na primeira série. Com os resultados da pesquisa, pretendia-se a produção de material didático eficaz para o combate da repetência e da defasagem entre idade e série das crianças do recém organizado primeiro grau. Essa política de recuperação das defasagens de ensino ficou conhecida como ‘educação compensatória’ e foi estabelecida como uma das metas dos governos militares” (REVAH; TOLEDO, 2011, p. 143). Revah & Toledo (2011) mencionam como fonte de coleta de dados o trabalho de dissertação de Vânia A. M. Bernardes, intitulado *História e memória da alfabetização: análise dos processos de elaboração do Programa Alfa*, realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-SP, no ano de 1999.

Voltando à publicação *Escola*, é importante apontar a proximidade temporal entre o início da gestação da reforma implementada pela Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971) e da publicação da revista *Escola*. Revah & Toledo (2011) afirmam que a *Editora Abril* colocava-se em sintonia com as mudanças propostas na esfera governamental, com a implementação e divulgação da reforma legislativa citada. O início dos trabalhos para a publicação da revista *Escola* deu-se dois anos antes de seu lançamento efetivo, já no final de 1969; sendo que o grupo de trabalho que estabeleceu as diretrizes da reforma implementada pela Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971) começou a funcionar em maio de 1970.

Se *Escola* se põe a serviço da reforma da educação implementada em 1971; *Nova Escola*, segundo estudo de Silva e Feitosa (2008), se põe a serviço da Reforma Educacional Brasileira implementada pelo Governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), durante os anos de 1995-2002. Corroborando com o afirmado anteriormente, temos as seguintes citações: “Assim, a RNE se aliou ao governo no esforço de consolidar uma nova cultura docente no país, condição indispensável para o sucesso na implantação das mudanças educacionais pretendidas” (SILVA; FEITOSA, 2008, p. 184).

Ou, ainda:

No entanto, a mais óbvia demonstração do alinhamento da RNE com a implantação da Reforma Educacional foi a veiculação, a partir de 1998, de um suplemento intitulado “PCN Fáceis de Entender” para explicar aos Professores, de forma objetiva e incluindo sugestões práticas, os Parâmetros Curriculares Nacionais, então recém lançados pelo Ministério da Educação (SILVA; FEITOSA, 2008, p. 184).

Não faz parte de nossos principais intentos investigar as relações entre os governos instituídos de cada época histórica brasileira e a *Editora Abril*, apesar da necessária menção a esses aspectos. Assim, debruçaremos-nos a seguir sobre a mídia impressa *Nova Escola*.

A revista *Nova Escola* constitui-se, pois, em objeto privilegiado de pesquisa na área de confluência Comunicação e Educação; inúmeros são, pois, os aspectos que fortalecem a sua importância. Primeiramente, o fato de seu alto grau de penetração nas escolas brasileiras de ensino básico no Brasil, chegando hoje a atingir, segundo informações do *site* da *Fundação Victor Civita* e do *Instituto Verificador de Circulação*⁵⁵ (IVC) de junho de 2011, um total de

⁵⁵ Segundo o Instituto Verificador (IVC) de novembro de 2011, encontramos os seguintes dados quantitativos de NE: Tiragem de 725.238; assinaturas: 337.612; avulsas: 33.540; circulação líquida: 371.152. No que se refere ao total de leitores, encontramos o nº 1.552.240 (fonte: Projeção Brasil de Leitores consolidado 2011). Informações adicionais sobre a revista: capa, couchê brilho 115g; formato final, 202/266mm; lombada, canoa;

leitores da ordem de 1.552.240. Segundo Klein (2008), esse número indiretamente possibilita “[...] causar impacto sobre os conhecimentos dos/as docentes para atingir 50 milhões de alunos” (KLEIN, 2008, p. 105). Portanto, estudar a RNE é, de certa maneira, compreender um pouco do que se pensa sobre a educação brasileira, e que tipos de práticas pedagógicas vêm sendo elevadas aos patamares das “melhores práticas” educativas, bem como compreender o(s) modelo(s) de professor considerado ideal para a execução do que se convencionou chamar de qualidade na educação.

Nova Escola é, pois, uma publicação da editora *Abril*, e hoje conta com 10 edições anuais (as publicações são mensais, com exceção dos meses de janeiro e julho); possuía como tiragem inicial, 384 mil exemplares; sofrendo, como se pode perceber, uma tremenda expansão durante seus 26 anos de existência. É hoje a 2ª maior revista do país, ficando atrás apenas da revista *Veja* (também do *Grupo Abril*) em número de edições vendidas (GRUPO ABRIL, *online*, 2011).⁵⁶

Encontramos dados bem discordantes acerca do número de exemplares de *Nova Escola*; assim, cabe aqui assinalar esse fato e trazer dados diferenciados. Acompanhemos abaixo um gráfico da vendagem de exemplares da revista *Nova Escola* (1986-2000), retirado de Zabalar (2009, p. 53),

periodicidade, mensal; preço de capa: R\$ 4,20. Dados retirados de: < <http://www.publiabril.com.br/marcas/novaescola/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: 26 nov. 2012.

⁵⁶ Cf. em: <www.grupoabril.com.br/centenariovc/>. Acesso em 7 dez. 2011.

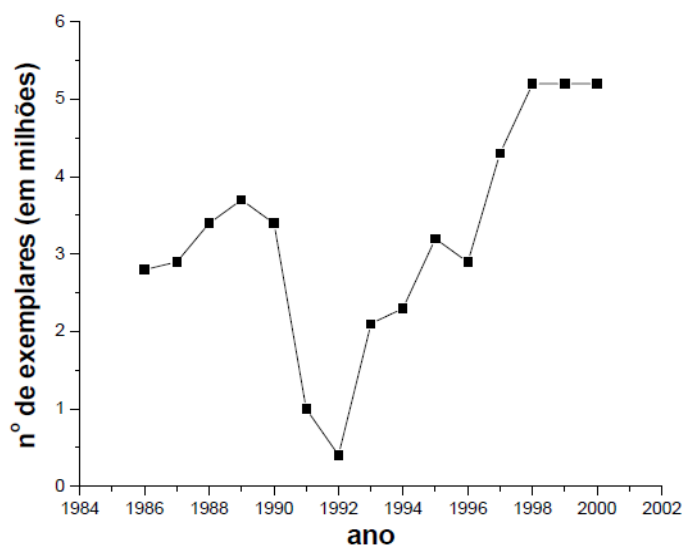


GRÁFICO 1 – VENDAGEM DE EXEMPLARES DE NOVA ESCOLA (1986-2000)
 Fonte: Zabalar (2009, p. 53).⁵⁷

Os dados do gráfico acima mostram um aumento de 2,8 exemplares (em milhões) em 1986, para 5,2 exemplares em 2000. Um dado curioso é a grande queda da vendagem e circulação da revista no ano de 1992. Ainda segundo Faria (2002, *apud* ZABALAR, 2009), essa queda aconteceu durante o governo Fernando Collor, devido à retirada do subsídio governamental para a publicação, o que mais uma vez atesta o importante papel dessa subvenção estatal. Não é sem razão, pois, que Zabalar (2009, p. 54) faz a seguinte afirmação, retratada também no início do texto:

De fato, alguns estudos, entre eles os realizados por Silva & Feitosa (2008), apontam que a revista *Nova Escola* tem sido, desde o início de sua circulação, uma espécie de porta-voz dos governos federais e de suas políticas educacionais, especialmente na ocasião da reforma educacional brasileira implementada durante o governo Fernando Henrique Cardoso. Não raramente, *Nova Escola* divulga trabalhos do MEC, além de entrevistas com políticos, principalmente ministros da educação. De acordo com tais pesquisas, o papel da revista é de veicular e promover a legitimação da ideologia dominante, por meio da adesão da classe docente.⁵⁸

⁵⁷ Débora Macedo Zabalar (2009) usou dados retirados do trabalho de Faria (2002), cuja referência completa é: FARIA, G. *Nova Escola: um projeto político-pedagógico em andamento (1986-2000)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002 (acreditamos que a ideia do gráfico é interessante para a visualização do crescimento de *Nova Escola*, mas devido à dissonância, em termo quantitativos, dos outros dados apresentados, acreditamos que haja um engano da autora no que se refere ao número exato de exemplares, embora tenhamos encontrado em outras pesquisas uma diminuição significativa de exemplares de *Nova Escola* entre 1991-1992).

⁵⁸ A autora cita aqui o trabalho de Silva & Feitosa (2008), cuja referência completa encontra-se na seção *Referências*.

Rocha (2004) diz que em 1989, a *Fundação Victor Civita* encomendou uma pesquisa à *Fundação Carlos Chagas* (FCC). A pesquisa,⁵⁹ patrocinada pela FVC, possuía como principais objetivos a caracterização do perfil do professor-leitor da revista, o que pensa esse mesmo professor acerca da revista *Nova Escola*, e qual a imagem de professor-leitor veiculada nas reportagens e seções da mesma. De acordo com essa pesquisa (ROCHA, 2004), o leitor de *Nova Escola* é predominantemente do sexo feminino, sendo o maior percentual etário localizado dentre os 20 e 29 anos. Entre os professores-leitores, a maior parte exerce a docência como profissão. Dos professores-leitores que obtinham a revista em bancas ou por assinaturas, 42,9% eram professores de escolas urbanas particulares; dos que tinham acesso à revista através do convênio com o MEC, a maior parte deles, 42%, trabalhava em escolas públicas rurais. No que se refere à classe sócio-econômica, o maior percentual dos leitores do MEC situava-se nas classes C e D;⁶⁰ os leitores banca/assinatura situavam-se nas classes B e C, ou seja, possuíam melhor poder aquisitivo. No que tange ao nível de instrução, a pesquisa da FCC (ROCHA, 2004), verificou que os leitores via MEC espalhavam-se por distintos níveis de ensino, sendo a maior parte (47,3%) com nível médio completo; os leitores banca/assinatura transitavam entre o nível médio completo e o superior completo.

Dametto (2010), traz uma outra pesquisa realizada pela MARPLAN, de onde retira gráficos que poderão ilustrar os números acima retratados. Assim o primeiro gráfico traz o perfil de leitores de *Nova Escola*, vejamos também os posteriores:

⁵⁹ Segundo dados de Rocha (2004), os dados foram colhidos através de questionário para os leitores, que acompanhou a edição de dezembro de 1988.

⁶⁰ A definição do conceito de classe social é complexo e se constitui em campo de intensos debates na área das Ciências Sociais. Entendemos, nesse contexto, a classe C, como classe média ou classe emergente. No entanto, para fins de clareza do discurso, podemos tomar como ponto de partida para a compreensão dos conceitos das classes sociais citadas, a definição de classe média a seguir exposta: “[...] é razoável pensarmos que se trate de um grupo que varia em torno de um ponto que divide a população brasileira em duas, o que tecnicamente chamamos mediana da distribuição (50% estão acima do ponto, e 50%, abaixo desse ponto). Se estivermos falando da renda, estaremos falando do ponto em que 50% das pessoas terão uma renda menor e 50% terão uma renda maior. No Brasil, a renda corresponde ao ponto do meio é de R\$ 440,00 familiar per capita. Isso significa que 50% dos brasileiros possuem renda familiar per capita inferior a R\$ 440,00 e 50% possuem renda superior a R\$ 440,00 familiar per capita.” [sic] Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/Perguntas-e-Respostas-sobre-a-Defini%C3%A7%C3%A3o-da-Classe-M%C3%A9dia.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2013.

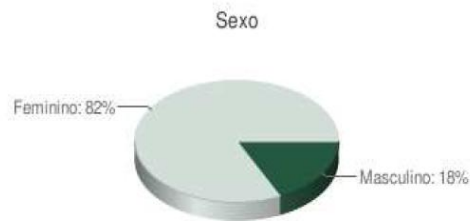


GRÁFICO 2 – GÊNERO DOS LEITORES DE *NOVA ESCOLA*
 Fonte: Marplan (2009, *apud* DAMETTO, 2010, p. 76).

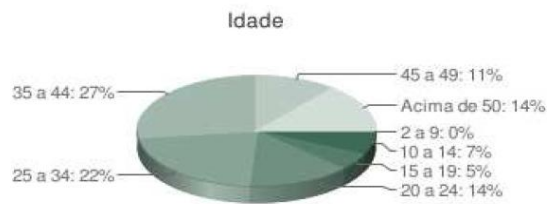


GRÁFICO 3 – IDADE DOS LEITORES DE *NOVA ESCOLA*
 Fonte: Marplan (2009, *apud* DAMETTO, 2010, p. 77).



GRÁFICO 4 – CLASSE SOCIAL DOS LEITORES DE *NOVA ESCOLA*
 Fonte: Marplan (2009, *apud* DAMETTO, 2010, p. 77).

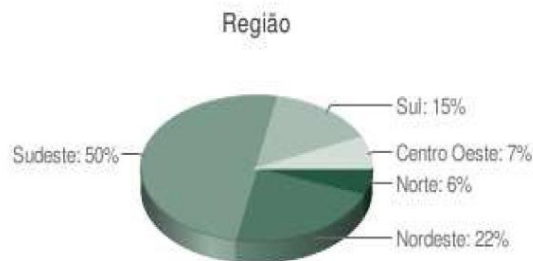


GRÁFICO 5 – REGIÃO DOS LEITORES DE *NOVA ESCOLA*
 Fonte: Marplan (2009, *apud* DAMETTO, 2010, p. 77).

Os dados revelam que a maior parte dos leitores de *Nova Escola* é do sexo feminino, com idade situando-se predominantemente entre 25 e 44 anos (o que nos leva a concluir que a idade foi se ampliando com o passar dos anos, já que a pesquisa da FCC era de 1989), a maior parte dos leitores situa-se entre as classes econômicas B e C, e está localizada em sua maioria na região Sudeste do país, seguido da região Nordeste.

Zabalar (2009) traz ainda dados do *site* de *Nova Escola*, colhidos em 2007.⁶¹ Segundo a autora, esses dados encontravam-se no relatório anual da *Fundação Victor Civita* também de 2007 e traz os seguintes números, colhidos e construídos pelo IBOPE, embora permaneçam ocultas as especificidades sobre a forma como a pesquisa foi realizada, o ano de sua realização, dentre outros aspectos importantes. Assim o IBOPE aponta sobre o quesito - relação dos professores com a revista, os seguintes dados: 96% dos professores que responderam ao questionário conhecem *Nova Escola*, 65% leem a revista regularmente, 89% consideram-na útil para atividades em classe, 88% avaliam que ela acrescenta informações novas e 87% acreditam que ela ajuda no cotidiano escolar.

Além da boa receptividade em relação à publicação, a revista *Nova Escola* conta com um outro aliado, já que possui preço extremamente acessível, custando cerca de R\$ 4,20 (exemplar avulso) e uma assinatura anual em torno de R\$ 42,00. A *Abril* apresenta em seu *site* www.assineabril.com.br diversas propostas para a aquisição de *Nova Escola*, acompanhamos: “Assine por 1 ano, 2 parcelas de R\$ 21,00”; Assine por 2 anos, 6 parcelas de R\$14,00”; “Assine por 3 anos, 8 parcelas de R\$15,75”; “Assine por 4 anos, 10 parcelas de R\$16,80” (ASSINE ABRIL, *on line*, 2012).⁶² Chama-nos a atenção o texto que acompanha a oferta das assinaturas, na mesma página, vejamos: “*Nova Escola* auxilia o educador na complexa tarefa de ensinar. Aborda temas atuais, apresenta soluções inovadoras e as mais modernas práticas de sala de aula” (ASSINE ABRIL, *on line*, 2012).⁶³ Como se pode notar, *Nova Escola* se afirma como um veículo de inovações, soluções para a educação brasileira e para o professor(a).

Outro dado importante, citado por Charnizon e Paulino (2011), se encontra no fato de que é escrita por jornalistas e não por pedagogos. A RNE desde seu lançamento já possuiu 5 diretores de redação. Gabriel Pillar Grossi foi o jornalista que permaneceu mais tempo no

⁶¹ www.novaescola.org.br

⁶² Disponível em: <<http://www.assineabril.com.br/portal/assinar/revista-nova-escola?ua=true&codCampanha=C777>>. Acesso em: 16 dez. 2012.

⁶³ *Ibidem*.

cargo, com aproximadamente 12 anos de liderança; seguido da primeira diretora de redação Ana Maria Sanchez que permaneceu no cargo por aproximadamente 9 anos. Atualmente a direção de redação é de responsabilidade da jornalista Maggi Krause. Assim, “É uma revista feita por jornalistas – ainda que conte com a participação de profissionais da educação – para ser lida por professores” (SILVEIRA, 2006, p. 13). Ana Lâgoa (1998b, *apud* SILVEIRA, 2006), jornalista que atuou como editora da RNE, afirma que essa nova forma de tratar a educação, ou seja, pelos olhos do jornalismo, ficou conhecida como *Jornalismo Educativo*, numa tentativa, segundo Frade (1999b, *apud* SILVEIRA, 2006) de se evitar o “pedagogês” dos textos eminentemente educativos. A nova fórmula buscada se afinava muito mais com as características dos textos jornalísticos e publicitários do que, propriamente, aquela pertinente aos textos da área da educação. Em outras palavras, buscava-se simplificar e adequar a linguagem da educação para que os professores pudessem ter prazer em ver e facilidade em encontrar as informações procuradas. Falamos, pois, de um discurso jornalístico, ou uma análise de discurso jornalístico e não é demais trazer a seguinte reflexão:

A análise do discurso jornalístico⁶⁴ se faz importante e necessária já que este, enquanto prática social, funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: *capta*, *transforma* e *divulga* acontecimentos, opiniões e ideias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo em que *organiza* um futuro – as possíveis consequências desses fatos do presente – e, assim, *legítima*, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos do presente, no futuro (MARIANI, 1993, p. 32-33).

Ou seja, fixa-lhe um tipo de ângulo no olhar, e a autora continua:

[...] No nosso entender, o discurso jornalístico toma parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro. E mais ainda: uma vez que ao selecionar está engendrando e fixando sentido para estes acontecimentos, a imprensa acaba por constituir no discurso um modo (possível) de recordação do passado (MARIANI, 1993, p. 32-33).

Pode-se dizer ainda que analisar o discurso jornalístico também é pensá-lo do ponto de vista do “[...] funcionamento imaginário de uma época” (MARIANI, 1993, p. 33).

Na sua versão *on-line*, disponibilizada a partir de 1998 e que, em agosto do ano de 2011, sofreu recente atualização e reformulação, podemos encontrar mais de 1.800 planos de aula, cerca de 400 vídeos e centenas de reportagens sobre diversos assuntos, todos relacionados à

⁶⁴ A autora entende aqui discurso jornalístico como o conjunto de textos que fazem parte do gênero jornalístico; diferentemente da teoria semiótica que vê o discurso também como um dos níveis de sentido de um texto.

educação⁶⁵, além de ideias e sugestões, fóruns monitorados e seção de notícias atualizadas semanalmente. Nos endereços *revistaescola.abril.com.br* ou *novaescola.org.br*, são disponibilizadas inúmeras seções, ampliando e muito, o conteúdo impresso da revista. A seguir a página de *Nova Escola*.

The screenshot shows the Nova Escola website interface. At the top, there's a navigation bar with categories like 'Educação Infantil', 'Fundamental 1', 'Fundamental 2', 'Planos de aula', 'Gestão Escolar', 'Políticas públicas', and 'Edições impressas'. A search bar is present with the text 'Pesquisa Personalizada'. Below the navigation, a large banner advertises a 3rd e-book for R\$ 36,00. A central grid highlights 'Planejamento 2013' with dates 13-27. To the left, there are sections for 'Games', 'Coordenadoras em ação', and 'Concurso cultural'. To the right, there's a video channel section and a 50-day contest promotion. The bottom of the page features 'Gestão Escolar' and 'Conteúdo especial' sections, along with a 'ÚLTIMOS DIAS!' banner.

⁶⁵ Informação disponível em: <planetasustentavel.abril.com.br/noticias/revista-nova-escola-apresenta-novo-site-637750.shtml>. Acesso em: 25 out. 2011.

trabalho do professor. Saiba mais.

No rádio



Às terças, 16h20, ouça os boletins de rádio da editora Paola Gentile

Downloads



Baixar as fichas e crie um jogo da memória sobre os animais com a turma

Agenda

30 Janeiro O Egito sob o olhar de Napoleão e mais exposições. Confira.

Nas bancas!

CONFIRA AQUI TODO O CONTEÚDO EXTRA

Matemática 1º ao 5º ano • Produção de texto • Leitura • Música • Geometria • EJA • Inclusão • Bullying • Alfabetização • Meio ambiente • Pensamento infantil

Educação e diversão



Você na capa! Escolha sua melhor foto e monte uma capa especial



Calvin Toda semana uma nova tirinha. Divirta-se!



Jogos 11 opções para aplicar com suas turmas em sala

E MAIS! • Contos • Testes • Jogos e brincadeiras na Educação Infantil

Outros destaques

Educação Infantil

- Hora de fazer Arte Diversifique ambientes e materiais na Creche
Culinária na creche Proposta uma oficina de pães para as crianças

Ensino Médio

- Música Ensine aos alunos o ritmo do baão de Luiz Gonzaga
Sociologia Discuta a corrupção na política e no cotidiano

Fundamental 1

- Ciências De onde vem o sal? Mostre a origem do composto à turma
Educação Física Você é bom de bola? Teste com o nosso jogo da memória
Geografia Estude com os alunos os diferentes tipos de moradias

Fundamental 2

- Educação Física Veja três atividades para ensinar o vôlei com estratégia

Páginas mais lidas

- Especial: Jogos e brincadeiras
O que é Bullying?
Matemática do 1º ao 5º ano
Especial: Era uma vez
Especial: Jogos educativos

Publicidade Anúncio

ÚLTIMOS DIAS! Assine Nova Escola e ganhe 50 dias para começar a pagar + o Especial Novos Pensadores. Includes a form for Name, Nasc., E-mail, CEP and a 'eu quero' button.

Participe de nossas comunidades

- Facebook, Twitter, Orkut

Receba nossas novidades

- Por email, No seu site ou blog

NOVA ESCOLA no Facebook

Downloads



Baixar as fichas e crie um jogo da memória sobre os animais com a turma

Agenda

30 Janeiro O Egito sob o olhar de Napoleão e mais exposições. Confira.

Nas bancas!

CONFIRA AQUI TODO O CONTEÚDO EXTRA

escola Índice da edição do mês ASSINE!

escola Índice da edição do mês ASSINE!

E MAIS! • Contos • Testes • Jogos e brincadeiras na Educação Infantil

Outros destaques

Educação Infantil

- Hora de fazer Arte Diversifique ambientes e materiais na Creche
Culinária na creche Proposta uma oficina de pães para as crianças

Ensino Médio

- Música Ensine aos alunos o ritmo do baão de Luiz Gonzaga
Sociologia Discuta a corrupção na política e no cotidiano

Políticas públicas

- Educação Rural Analise a disparidade das escolas do campo e da cidade

Fundamental 1

- Ciências De onde vem o sal? Mostre a origem do composto à turma
Educação Física Você é bom de bola? Teste com o nosso jogo da memória
Geografia Estude com os alunos os diferentes tipos de moradias

Fundamental 2

- Educação Física Veja três atividades para ensinar o vôlei com estratégia
Língua Portuguesa Analise características de um personagem com a turma
Ciências O que é um Acidente Vascular Cerebral? Explique à turma

Você faz NOVA ESCOLA

- JOGOS NA EDUCAÇÃO Você usa jogos com os seus alunos em sala de aula? Conte para a gente! Sua experiência pode aparecer na revista
Fale conosco Dúvidas, críticas ou sugestões sobre as revistas e o site? Escreva para a gente!

ÚLTIMOS DIAS! Assine Nova Escola e ganhe 50 dias para começar a pagar + o Especial Novos Pensadores. Includes a form for Name, Nasc., E-mail, CEP and a 'eu quero' button.

Participe de nossas comunidades

- Facebook, Twitter, Orkut

Receba nossas novidades

- Por email, No seu site ou blog

NOVA ESCOLA no Facebook

172.271 pessoas curtiram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Sem surpresas no primeiro dia de aula 309 pessoas recommended isto.

Adaptação: o fim de cinco mitos 277 pessoas recommended isto.

Vídeos | NOVA ESCOLA 506 pessoas recommended isto.

escola Índice da edição do mês ASSINE!

Prêmio Victor Civita

Confira os trabalhos campeões!

Estudos e Pesquisas

ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS Livro detalha os estudos mais recentes

Biblioteca Virtual

Mais de 550 sugestões para você e seus alunos

Você faz NOVA ESCOLA

- JOGOS NA EDUCAÇÃO Você usa jogos com os seus alunos em sala de aula? Conte para a gente! Sua experiência pode aparecer na revista
Fale conosco Dúvidas, críticas ou sugestões sobre as revistas e o site? Escreva para a gente!

Previsão do tempo: 50 dias para começar a pagar! Assine NOVA ESCOLA e ganhe o especial Novos Pensadores. Brinde válido para assinaturas de 2, 3 e 4 anos. Clique aqui e confira.

NOVA ESCOLA Digital | ibe Ver + Includes a list of digital products with prices: R\$ 4,99, R\$ 9,90, R\$ 6,90, R\$ 6,90, R\$ 26,00.

Sem surpresas no primeiro dia de aula 309 pessoas recommended isto.

Adaptação: o fim de cinco mitos 277 pessoas recommended isto.

Vídeos | NOVA ESCOLA 506 pessoas recommended isto.

Plug-in social do Facebook

NOVA ESCOLA Edições impressas Ver + Includes a list of printed editions with prices: R\$ 9,90, R\$ 6,90, R\$ 4,99.

AssineAbril.com Includes a list of subscription options: Assine Nova Escola por 2 ou 3 anos e ganhe brinde especial, Assine Gestão Escolar a partir de 2x R\$19,50, Assine Recreio a partir de 6x R\$ 82,00.

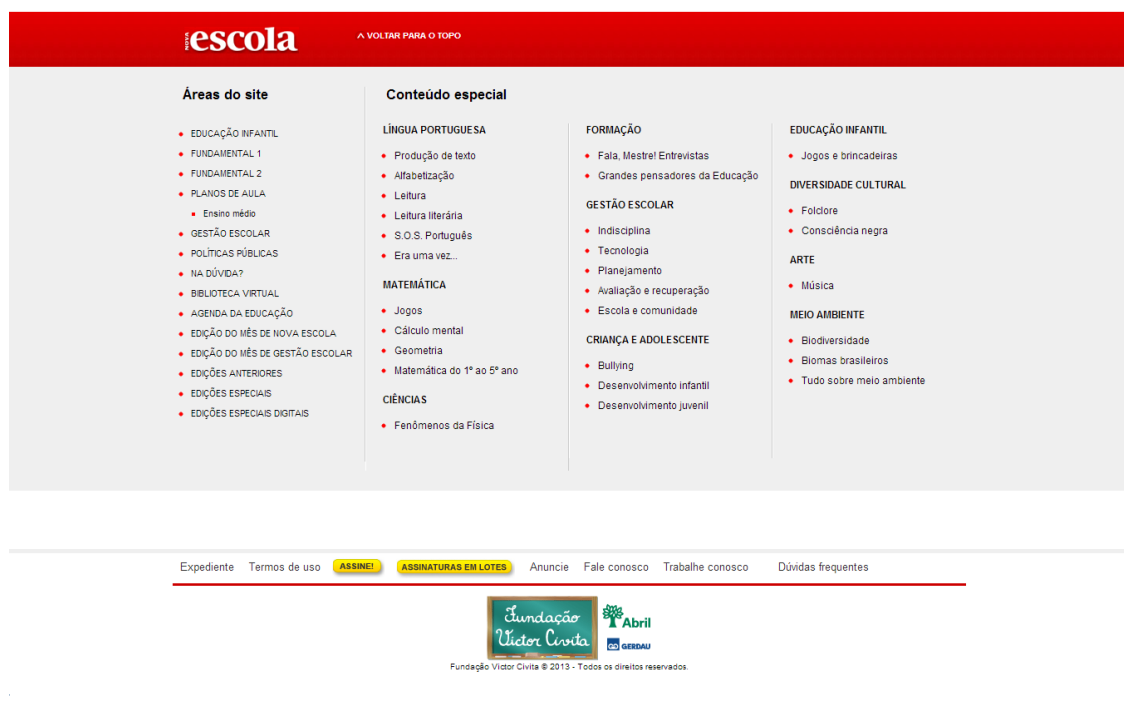


Figura 23 – Página de *Nova Escola*
 Fonte: Revista Nova Escola (*on line*, 2013).⁶⁶

Detalhando o mostrado na Figura 23, encontramos, na parte superior horizontal, com fundo vermelho e letras brancas, os grandes blocos ou as grandes temáticas abordadas pela mídia em questão, a citar: Educação Infantil, Fundamental 1, Fundamental 2, Planos de aula, Gestão Escolar, Políticas públicas e Edições impressas; todas possuindo subseções. A página é dividida em três colunas verticalizadas, sendo a do meio, mais larga. Nessas seções podem ser encontrados diversos temas e assuntos, como informações sobre concursos e eventos na área da educação; projetos, cursos e materiais de formação continuada; espaço para interações com professores e gestores, dentre outros; além do acesso às edições impressas. Segundo Ramos (NOVA ESCOLA, *on line*, 2011), o *site* é dedicado exclusivamente ao professor (a), registrando em 2005, 1,8 milhão de *pageviews* e 83 mil *unique visitors* mensais. Em Zabalar (2009) encontramos dados diferentes, a autora cita que a revista *Nova Escola*, em sua versão *on-line*, recebe cerca de 3,0 milhões de visitantes por mês e menciona como fonte o próprio *site* da mesma.

Ramos (NOVA ESCOLA, *on line*, 2011), também afirma que a RNE no intuito de garantir sua fatia no mercado editorial segue uma “fórmula” aplicada também a outras revistas, especialmente aquelas destinadas ao público feminino; nessa “fórmula” pode-se encontrar

⁶⁶ Disponível em: <revistaescola.abril.com.br>. Acesso em: 30 jan. 2013.

uma grande variedade de ilustrações (fotos, gráficos, vinhetas, mapas, etc.), além de outros pontos de contato, que aproximam a RNE de outras publicações de cunho comercial.

Interessante notar que se a revista *Escola* é lançada na época da ditadura militar, aliás, no que se convencionou chamar de “anos de chumbo” da mesma, com o acirramento da censura e das perseguições políticas; a revista *Nova Escola* é lançada em pleno período de redemocratização dos órgãos e da sociedade brasileira, mais precisamente no que se convencionou chamar de Nova República. Mas, diante de momentos um tanto díspares da História nacional, por que as revistas possuem tantos pontos de contato?

A título de um pequeno estudo comparativo, poderíamos fazer algumas relações entre as revistas: as duas se colocaram a serviço de alguma reforma estatal, *Escola* a serviço da reforma promovida pela implantação da Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971) e *Nova Escola* à Reforma Educacional implementada durante o Governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), como afirma Silva e Feitosa (2008) em artigo intitulado *Revista Nova Escola: legitimação de políticas educacionais e representação docente*.

Seguem alguns fragmentos da *Carta de Apresentação* escrita por Victor Civita na primeira edição da revista *Escola* (1971-1974). O primeiro fragmento refere-se ao público alvo ao qual a revista se destina prioritariamente, acompanhemos,

Por que o ensino de 1º grau? Porque é nesse setor que se localizam os maiores problemas do ensino; porque é nesse setor que uma publicação pedagógica pode ser útil ao maior número daqueles que têm a responsabilidade de ensinar e, finalmente, porque reside na implantação e no aperfeiçoamento do ensino de 1º grau a esperança do êxito do gigantesco esforço desenvolvido pelo governo federal e pelos Estados no sentido de dar ao país o ensino adequado às suas necessidades presentes e futuras [sic] (ESCOLA, 1971, *apud* REVAH; TOLEDO, 2011, p. 147).

Este outro fragmento refere-se ao estilo de escrita adotado pela publicação,

Acreditamos que pela primeira vez, no Brasil, seja feita uma revista pedagógica com os recursos do jornalismo ou, em outras palavras, com a forma jornalística a serviço do conteúdo pedagógico. É o meio de torná-la não só mais atraente, como de aproveitar os recursos da comunicação num setor que se tem caracterizado pelo mais insistente arcaísmo (ESCOLA, 1971, *apud* REVAH; TOLEDO, 2011, p. 147).

Destacamos, ainda, um outro fragmento revelador, uma propaganda⁶⁷ da própria revista,

⁶⁷ Os autores dos quais retiramos esse fragmento não escanearam a propaganda toda, já que ela ocupava página dupla; portanto onde se lê: “Professora, desculpe se ESCOLA [...]”; lê-se: “Professora, desculpe se ESCOLA chegou um pouquinho atrasada”.



Figura 24 – Propaganda de *Escola*
 Fonte: *Escola* (1971, apud REVAH; TOLEDO, 2011).

Cujo texto que a acompanha é:

Professora, desculpe se ESCOLA chegou um pouquinho atrasada.
 Há muito tempo que o professor brasileiro precisava de uma revista como Escola.
 Mas, como todos os grandes empreendimentos, este não foi fácil.

Exigiu tempo, talento e gente capaz.

Foram necessários dois anos para que o projeto Escola chegasse ao zero que você tem na mão.

E agora você sabe que Escola é isto: uma ponte permanente de comunicação entre todos os professores brasileiros.

Especialmente aqueles que lecionam no 1º grau.
 Você ficará sabendo o que os outros professores estão fazendo, suas experiências bem sucedidas, novas técnicas de ensino, tudo o que é importante dentro de uma escola [...].

Afinal, Escola é sua e deve ser como você quer (ESCOLA, 1971, apud REVAH; TOLEDO, 2011, p. 149).

Exporemos neste momento outros fragmentos da *Carta de Apresentação*, só que agora da revista *Nova Escola*, também escrita por Victor Civita, e publicada em sua primeira edição no ano de 1986.

Prezada professora,
 É com alegria e uma certa dose de orgulho que lhe entregamos o número 1 da NOVA ESCOLA – resultado de um velho sonho e de um longo trabalho de uma equipe de experimentados jornalistas e profissionais da Educação.

Esperamos que a revista – que não é nem deseja ser uma publicação pedagógica – cumpra os objetivos que inspiraram sua criação: fornecer à professora informações necessárias a um melhor desempenho do seu trabalho; valorizá-la; resgatar seu prestígio e liderança junto à comunidade; integrá-la ao processo de mudança que ora se verifica no país; e proporcionar uma troca de experiências e conhecimentos entre todas as professoras brasileiras de 1º Grau.

[...] Desejamos que esta nossa revista se transforme num elemento de leitura agradável e instrutiva para o professor de primeiro grau, para o estudante de Pedagogia, de Letras, do Normal e para todos aqueles que, de uma forma ou de outra estão envolvidos com o processo de educação no país” (NOVA ESCOLA, 1986, *apud* SILVEIRA, 2006, p. 14).

Ou ainda um outro trecho também do editorial da revista, agora intitulado Carta ao leitor, escrito por Roberto Civita em 1997.

A fundação, criada há mais de onze anos por meu pai, Victor Civita, tem, através da revista NOVA ESCOLA, se empenhado em aumentar o nível de conhecimento do professor de primeiro grau, ajudá-lo na melhoria do desempenho em sala de aula e apoiá-lo na missão fundamental de formar os cidadãos do futuro (NOVA ESCOLA, 1997, p. 3).

De forma a sintetizar melhor as informações e dados explícitos das publicações elencadas, propomos o quadro⁶⁸ que ora segue. Importante expor e assinalar que a maior parte das informações presentes no mesmo foram retiradas dos primeiros editoriais, tanto de *Escola para professores* (1971), quanto de *Nova Escola, a revista de quem educa* (1986).

CARACTERÍSTICAS	ESCOLA	NOVA ESCOLA
Proposta, Objetivos explícitos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ É uma revista pedagógica ▪ “[...] chega junto com a reforma de ensino [Lei 5.692/71] e desde já, entusiasticamente, se coloca a serviço dela” ▪ “ponte permanente de comunicação entre todos os professores brasileiros” ▪ Divulgar experiências educativas e novas técnicas de ensino 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ “não é nem deseja ser uma publicação pedagógica” ▪ “Fornecer à professora informações necessárias a um melhor desempenho do seu trabalho” ▪ “Valorizá-la” [a professora]; ▪ “Resgatar seu prestígio e liderança junto à comunidade” ▪ “Integrá-la [a professora] ao processo de mudança que ora se verifica no país” ▪ “Proporcionar uma troca de experiências e conhecimentos entre todas as professoras brasileiras de 1º grau”

⁶⁸ Os dados e informações de *Escola*, foram retirados de Revah & Toledo (2011), infelizmente já transformados em dados terciários. Cabe o registro da dificuldade de acesso às publicações da revista *Escola* (1971-1974) tanto de forma *on-line*, quanto nas Bibliotecas Central e Setorial Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (2013).

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ “[...] aumentar o nível de conhecimento do professor de primeiro grau” ▪ “[...] apoiá-lo [o professor de primeiro grau] na missão fundamental de formar os cidadãos do futuro”⁶⁹
Padrão gráfico	Segue padrão de revistas comerciais (suporte, características físicas e gráficas)	Segue padrão de revistas comerciais (suporte, características físicas e gráficas)
Seções	Utiliza seções fixas (de três a seis) “Cartas” “Livros” “O professor e a lei” “Fichário do professor”	Também utiliza seções fixas ⁷⁰ “Depoimento” “Reportagem de Capa” “Matemática” “Leitura” “Astronomia” “Era uma vez” “Ciências” “Educação Ambiental” “Pedagogia” “Com Certeza” “Mural” “Livros” “Obrigado, Professora”
Público Alvo	“ponte permanente de comunicação entre <i>todos os professores brasileiros</i> . Especialmente aqueles que lecionam no 1º grau”	“Desejamos que esta nossa revista se transforme num elemento de leitura agradável e instrutiva para o professor de primeiro grau, para o estudante de Pedagogia, de Letras, do Normal e para todos aqueles que, de uma forma ou de outra estão envolvidos com o processo de educação no país”
Parceiros	Não mencionado	Governo Federal, Gerdau, dentre outros
Alguns anunciantes	IBM, Alpargatas, Melhoramentos, Shell	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sistemas de Ensino (Positivo, Sei, Ético,⁷¹ Agora,⁷² dentre outros); ▪ Editoras (SM, Moderna, Scipione, Ática, Saraiva, etc.); ▪ Governo Federal (MEC); ▪ BIC, Malwee, etc.; ▪ Livros Didáticos (Marcha Criança, coleções da Ática e

⁶⁹ Informações retiradas de *Nova Escola*, nº 1, 1986, p. 5 (apud SILVEIRA, 2006); e de *Nova Escola*, nº 101, 1997, p. 3.

⁷⁰ A revista *Nova Escola* passou por muitas transformações gráficas e editoriais no decorrer dos anos, aspecto que iremos aprofundar no próximo capítulo. O exemplo das seções contidas no quadro refere-se ao ano de 1998, cuja referência é: *Nova Escola*, São Paulo, ano XIII, n. 115, p. 3, set. 1998.

⁷¹ “O sistema de ensino da Editora Saraiva”.

⁷² “O sistema de ensino da Editora Saraiva para escolas da rede pública”.

		da Scipione, etc.); <ul style="list-style-type: none"> ▪ Programas de Pós-Graduação; ▪ Dentre outros.
Proposta de leitura	Proposta de uma leitura “atraente”	Proposta de uma leitura “agradável e instrutiva”
Tipo de texto	“uma <i>revista pedagógica</i> com os recursos do jornalismo; ou, “com a forma jornalística a serviço do conteúdo pedagógico” Uso da “linguagem jornalística”	<ul style="list-style-type: none"> ▪ “[...] não é nem deseja ser uma publicação pedagógica” Uso da “linguagem jornalística”
A questão comercial	Fracasso comercial	Sucesso comercial, apesar de não ter fins lucrativos explícitos
Relação com as reformas institucionais	Divulgação, <i>explicação</i> e adesão à reforma promovida pela Lei 5.692/71	Divulgação, <i>explicação</i> e adesão à reforma promovida pela Lei 9.394/96
Período Histórico	Ditadura Militar (1964-1985) “anos de chumbo”	Nova República (1985)
Memória da Abril	Um ponto de apagamento	Um ponto de destaque
Relação com o leitor	Aproximação, cumplicidade	Aproximação, cumplicidade
Financiamento	Não explicitado	Governo Federal, Grupo Gerdau, dentre outros parceiros

QUADRO 2 - QUADRO COMPARATIVO ENTRE *ESCOLA* E *NOVA ESCOLA*

Fonte: Revah & Toledo (2011); *Nova Escola* (1986), *Nova Escola* (1997).⁷³

Em nosso entender, estabelecem-se mais pontos de aproximação do que de distanciamento entre as revistas. Essa característica pode ser confirmada a partir de diversos aspectos, a começar pelo fato de que ambas aderem às reformas educativas governamentais de seus respectivos períodos históricos; usam os recursos da linguagem jornalística para formatarem e estilizarem seus textos; ambas intentam ampliar, favorecer e facilitar a troca de experiências entre os professores brasileiros, e divulgar as experiências pedagógicas bem sucedidas ocorridas em território nacional; seguem um padrão gráfico das revistas comerciais da época; destinam-se aos “[...] professores brasileiros, especialmente o de 1º grau”; uma e outra contêm uma proposta de leitura prazerosa; alimentam uma relação de cumplicidade com o/a leitor/ra; e, ainda, reforçam através de seu discurso o lugar de destaque da mulher na educação de crianças.

Apesar das semelhanças aparentes, dois pontos no entanto nos intrigam,

⁷³ *Nova Escola*, São Paulo, ano I, n. 1, p. 5, 1986 (SILVEIRA, F. R., 2006, p. 14); *Nova Escola*, São Paulo, ano XII, n. 101, p. 3, abril 1997.

1. Como essas duas publicações, portadoras de tantos pontos de contato, puderam ser produzidas em momentos tão distintos da história política brasileira?
2. Se elas possuem tantos pontos em comum, como guardam uma diferença essencial: a primeira publicação, *Escola* (1971-1974), afirma ser uma *revista pedagógica* e a segunda, *Nova Escola* (1986-2013) “[...] *não é nem deseja ser uma publicação pedagógica*”.

Aliás faz-se mister lembrar que Victor Civita no editorial de *Escola* (1971) quando da afirmação de que, no que se refere à *Escola*, esta é “[...] uma revista pedagógica”, complementa sua fala dizendo que para torná-la mais atraente é preciso utilizar uma linguagem jornalística e não propriamente pedagógica; ou visto de outro modo, a linguagem, ou o jargão pedagógico não é agradável, é preciso utilizar uma linguagem mais acessível, facilitada. Além disso, é só a partir daí que esta mesma revista poderá ser atraente aos olhos do professor. Reiterando, pois, sua crítica à forma de linguagem utilizada nos textos pedagógicos termina por afirmar que o “setor” pedagógico encontra-se “[...] caracterizado pelo mais insistente arcaísmo”. Ou seja, o setor da educação, o setor das publicações propriamente pedagógicas, ou ainda o discurso pedagógico tem se distinguido por seu traço antiquado, obsoleto.

Um outro aspecto que gostaríamos de destacar é o fato de que *Nova Escola* amplia os desejos e intuítos preliminares de *Escola*. Amplia seus objetivos explícitos, o número de seções e o público alvo. Na verdade, a ambição de *Nova Escola* se encontra ampliada, pois pretende não só ser uma “[...] ponte de comunicação permanente entre todos os professores brasileiros”, mas aspira a mais. Intenta, além de fornecer informações para a melhoria do trabalho do professor/a (o que *Escola* também pretendia), *valorizar* esse mesmo trabalho perante a sociedade, “[...] *resgatar seu prestígio e liderança* junto à comunidade” e *integrar* essa professora “[...] ao processo de mudança que ora se verifica no país” (NOVA ESCOLA, *apud* SILVEIRA, 2006, p. 14), além, é claro, de tencionar “[...] *aumentar* o nível de conhecimento do professor de primeiro grau” (NOVA ESCOLA, 1997, p. 3).

Numa rápida análise podemos estabelecer algumas relações. O lexema *valorizar* liga-se à ação de “[...] dar valor ou valores a; aumentar o valor ou o préstimo de”; “[...] aumentar de valor” (FERREIRA, 1975, 1439); ou seja, a revista irá valorizar a professora, irá aumentar o seu valor. Portanto, por uma oposição semântica básica podemos deferir que, se esta

professora precisa ser valorizada, é, pois, que ela precisa ter o “[...] seu valor aumentado”, e a revista NE se propõe a tal.

Resgatar o prestígio e liderança da professora de 1º grau também faz parte de seus intentos. Algo revelador, já que o vocábulo *resgatar*, encontra-se nesse contexto ligado ao significado de retomar, recuperar; ou, ainda, “[...] obter à custa de sacrifício” (FERREIRA, 1975, p. 1223). O que reitera a situação de depreciação em que se encontra a professora do primeiro grau no Brasil. No texto esse tema ainda é isotopicamente reforçado com o fato de que ela deseja ainda “[...] *aumentar* o nível de conhecimento do professor de primeiro grau”. Novamente nos vem o questionamento: se se precisa aumentar o nível de conhecimento do professor de primeiro grau é porque o seu estágio atual de conhecimento não se encontra em níveis satisfatórios. Além disso, propõe incorporar, reunir a professora ao “[...] processo de mudança que ora se verifica no país”. Esse processo de mudança ao qual o editorial se refere é o fim do período militar e início da abertura democrática. Importante lembrar que foi em 15 de janeiro de 1985, após vinte e um anos de governos militares, que Tancredo Neves, apesar de ter sido eleito por votação indireta, se torna o primeiro presidente civil, pondo fim ao regime militar instaurado em 1964 (FREITAS NETO; TASINAFO, 2006).

A título de uma finalização da seção, gostaríamos de edificar ainda duas colocações feitas por Silva e Feitosa (2008, p. 184). Os autores perguntam: “[...] em que medida os recursos peculiares do jornalismo aplicados ao setor educacional são capazes de atender a esta demanda de forma satisfatória?” Esse fator nos remeteria ao fato de que os periódicos em questão se propõem a simplificar a linguagem pedagógica, linguagem presente nas formações discursivas dos textos universitários; mas, diante da proposta de simplificação da linguagem, agilidade na leitura e facilidade na extração de informações, não se estaria minimizando a importância dos estudos teóricos no campo educativo? Não se pretende aqui contrapor prática e teoria, até porque não acreditamos em tal disjunção. Mas a proposta de uma “teoria passada a limpo”,⁷⁴ acessível e agradável, não levaria os professores-leitores a uma certa acomodação em termos intelectuais?

Outro questionamento que também foi colocado pelos autores citados, a seguir expresso:

[...] como o fato da visão empresarial e midiática que governa o empreendimento pode influir na consecução de suas metas? Ou, seria mais adequado relacionar seus objetivos [da RNE] a mecanismos de regulação coletiva do que a ideais de

⁷⁴ Seção constantemente presente nas edições do ano de 2011 da revista *Nova Escola*.

aprimoramento das condições de exercício do magistério no ensino fundamental? (SILVA; FEITOSA, 2008, p. 184-185).

São indagações difíceis de serem respondidas, no entanto, dentro do próprio texto pode-se encontrar os indícios de uma forte regulação e homogeneização, como proposta para o trabalho docente no ensino fundamental. Isso pode ser verificado, no caso da revista *Nova Escola*, pela homogeneização do **Projeto Didático** como principal recurso pedagógico do professor, constatado visualmente na revista, a partir do destaque que se dá “a maior premiação” do professor no Brasil – *Prêmio Victor Civita – Educador nota 10*, cujo objetivo é elencar os melhores projetos didáticos existentes nas escolas públicas do Brasil. É de se destacar a forma como a revista retrata esse prêmio, como podemos perceber na matéria veiculada na edição nº 247 de NE de novembro de 2011 (NOVA ESCOLA, 2011, p. 82),

Sem dúvida, esse [sic] é a maior premiação de Educação da América Latina. Não existe forma melhor para valorizar esse profissional tão essencial à sociedade”, constatou Denise Vaillant, professora da Universidade Ort Uruguaí e presidente do Observatório Internacional da Profissão Docente, uma das convidadas.

Duas questões se nos colocam a partir dessa afirmação. Se um prêmio é a melhor forma de valorização do trabalho docente, existem, impressos no discurso da revista, os valores propagados pelo liberalismo e neoliberalismo, ou seja, a premiação do individual; se se consegue fazer bons trabalhos, isso se deve ao esforço pessoal de cada indivíduo; ou dito de outro modo, a responsabilidade pelo êxito e fracasso das ações é de esfera unicamente individual, o que de certa forma isenta as estruturas políticas e econômicas de responsabilidade sobre o fracasso e/ou sucesso do indivíduo. Observemos as próprias páginas da revista, quando anuncia o *1º Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10*, em 1998.



1º PRÊMIO VICTOR CIVITA
Professor Nota 10

Uma Homenagem a Quem Constrói
O Futuro do Brasil, Aluno por Aluno

A Fundação Victor Civita convida todo o país a dizer obrigado aos profissionais da sala de aula que, a despeito de todas as dificuldades, transmitem às nossas crianças a magia do saber e o prazer de aprender.

A partir deste ano, o **Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10** irá selecionar anualmente professores responsáveis por experiências eficazes e inovadoras em diferentes áreas do Ensino Fundamental, em todo o país.

Em 1998, a primeira edição do prêmio vai destacar os criadores das 14 melhores experiências publicadas pela revista NOVA ESCOLA de 1995 a 1998, escolhidas por um júri de especialistas. No dia 15 de outubro, "Dia do Professor", os ganhadores receberão cada um R\$ 10 mil. É o reconhecimento da nação brasileira.

NOVA ESCOLA há 13 anos faz parte da vida de mais de 500 mil professores brasileiros, participando com eles da fascinante tarefa de construir o futuro do Brasil a partir da sala de aula, aluno por aluno.

Entrega Dia 15 de Outubro de 1998

Maiores informações sobre o regulamento do Prêmio na edição de outubro da Revista NOVA ESCOLA ou no site www.novoescola.com.br

Fundação Victor Civita

apoiada pela **1º Abril**

Ministério da Educação e do Desporto

UNICEF

ELABORAÇÃO

Figura 25 – Publicidade da primeira edição do *Prêmio Victor Civita*
Fonte: Nova Escola (1998).⁷⁵

⁷⁵ Cf. em *Nova Escola*, nº 115, setembro de 1998, p. 8-9.

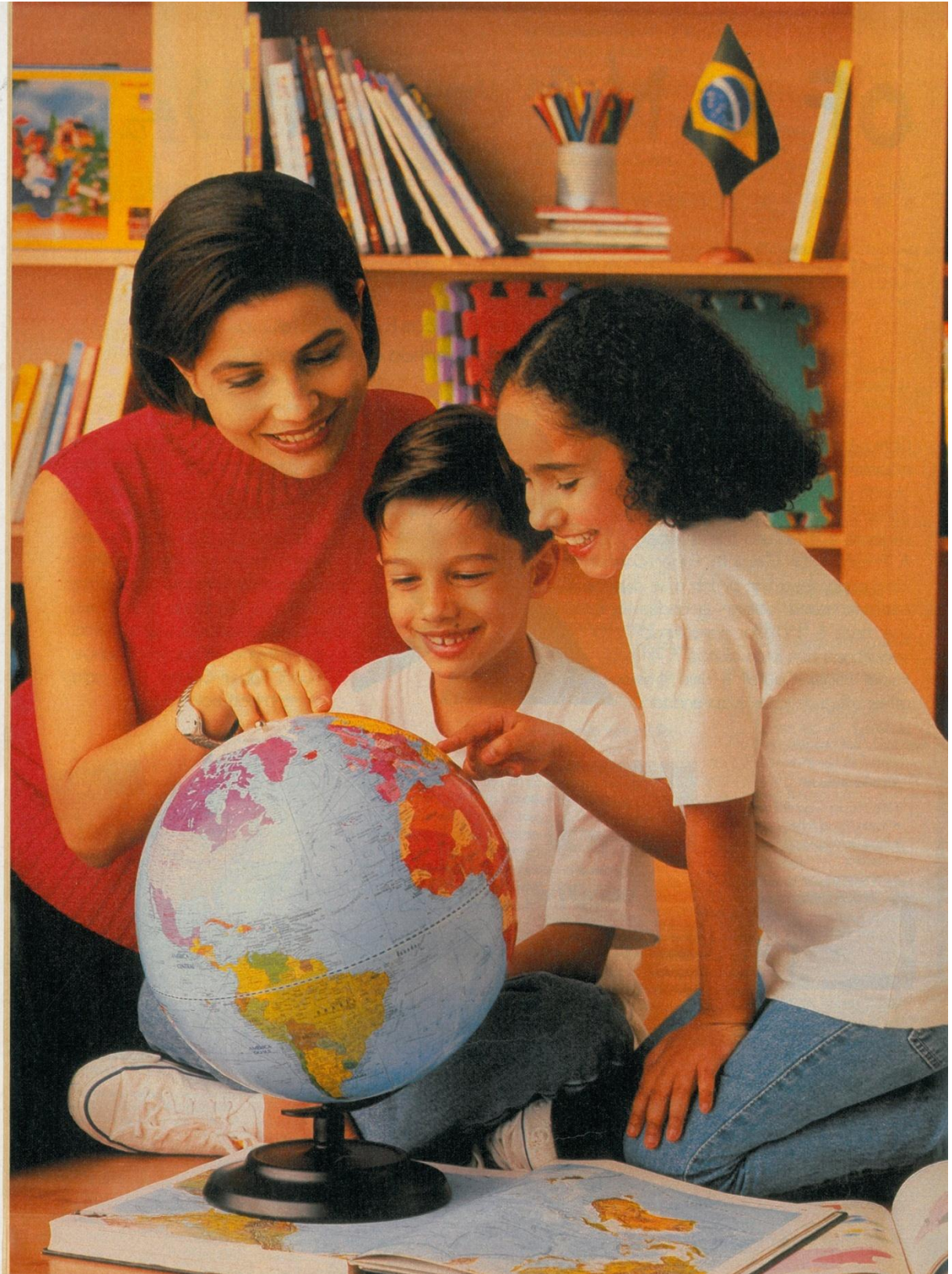



Figura 26 – Publicidade da primeira edição do *Prêmio Victor Civita*
Fonte: Nova Escola (1998).

1º PRÊMIO VICTOR CIVITA Professor Nota 10




Uma Homenagem a Quem Constrói O Futuro do Brasil, Aluno por Aluno

A Fundação Victor Civita convida todo o país a dizer obrigado aos profissionais da sala de aula que, a despeito de todas as dificuldades, transmitem às nossas crianças a magia do saber e o prazer de aprender.

A partir deste ano, o **Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10** irá selecionar anualmente professores responsáveis por experiências eficazes e inovadoras em diferentes áreas do Ensino Fundamental, em todo o país.


Em 1998, a primeira edição do prêmio vai destacar os criadores das 14 melhores experiências publicadas pela revista NOVA ESCOLA de 1995 a 1998, escolhidas por um júri de especialistas. No dia 15 de outubro, "Dia do Professor", os ganhadores receberão cada um R\$ 10 mil. E o reconhecimento da nação brasileira.


NOVA ESCOLA há 13 anos faz parte da vida de mais de 500 mil professores brasileiros, participando com eles da fascinante tarefa de construir o futuro do Brasil a partir da sala de aula, aluno por aluno.



Entrega Dia 15 de Outubro de 1998

Maiores informações sobre o regulamento do Prêmio na edição de outubro da Revista NOVA ESCOLA ou no site www.novaescola.com.br



apoiada pela  Abril





Ministério da Educação e do Desporto    

Figura 27 – Publicidade da primeira edição do *Prêmio Victor Civita*
Fonte: Nova Escola (1998).

A entrada nesta publicidade é realizada pela fotografia da esquerda que toma toda a página da revista. Nesta foto, o observador é instaurado numa posição frontal aos actantes do enunciado. Vislumbramos nesta fotografia uma professora e dois supostos alunos, um menino e uma menina, ambos de camisetas brancas e calças jeans. A relação cromática fundamental se dá entre o azul, o vermelho e o branco, havendo um jogo de contrastes claro/escuro na composição da foto. O centro de interesse da fotografia são as pessoas que nela estão e seus estados de alma. Os valores em pauta são essencialmente de alegria, satisfação e bem-estar, especialmente relacionados à uma situação de aprendizagem; ou seja, o prazer e alegria de aprender e conhecer; o sentido, pois, é construído em torno destes sentimentos. A fotografia é espacializada num ambiente de ensino, pouco tradicional, onde os atores encontram-se não numa mesa, mas posicionados no chão do espaço visível, tendo como fundo uma estante, onde vislumbram-se livros, lápis, peças coloridas e, significativamente, um pequena bandeira do Brasil, ancorando o discurso num determinado local, seja o ambiente de ensino-aprendizagem, seja o Brasil. É também a América Latina e nela o Brasil que são visíveis no globo manipulado pelos três actantes do enunciado, ou seja topologicamente é esta figuratividade que é reiterada para o enunciatário.

No texto verbal que se segue à fotografia, encontramos o título e a chamada da publicidade, “1º PRÊMIO VICTOR CIVITA, Professor Nota 10”, sendo a primeira frase em caixa alta verde e a segunda em minúsculas pretas. O desenho de uma régua abaixo do texto verbal “Professor Nota 10” reforça a visualidade do número, do aspecto quantitativo, e da perspectiva de uma valoração numérica do trabalho do professor brasileiro. A frase que acompanha o título, cujas palavras são: “Uma Homenagem a Quem Constrói O Futuro do Brasil, Aluno por Aluno”, tanto em termos de expressão (já que utiliza a letra maiúscula em quase todas as palavras da frase), quanto de conteúdo (pois, faz-se uma homenagem àquele que constrói o futuro de um país) cria um efeito de sentido de grandiosidade, relativo tanto ao ato de criar o prêmio para valorizar o trabalho do professor, quanto do próprio trabalho do professor em sala de aula, já que aluno por aluno, ele [o professor] constrói o futuro do Brasil. O professor brasileiro assume diferentes notações no texto verbal, como podemos observar a seguir, “o professor”, “professores”, “[...] a Quem Constrói o Futuro do Brasil”, “[...] aos profissionais da sala de aula”, “[...] os criadores das 14 melhores experiências”, “os ganhadores”, “professores brasileiros”, todas expressões e palavras no masculino, o que se contrapõe ao aspecto visual do anúncio, já que se destaca a mulher professora (tanto na

fotografia principal, quanto na imagem contida na Figura 27, onde numa capa de *Nova Escola*, aparecem duas professoras alfabetizadoras de mãos dadas).

Outro ponto de destaque, a afirmação do discurso científico como a verdade, como aquilo que é irrefutável, demonstrável, e verdadeiro. Fator esse muito presente nos textos de *Nova Escola*; ou seja, deve-se pensar assim porque o “especialista” de tal instituição de pesquisa disse, afirmou, asseverou. Deve-se realizar tais e tais práticas porque foram verificadas a partir de pesquisa, geralmente, com foco quantitativo. O que entra em jogo aqui é a valorização da ciência moderna como forma de conhecimento do mundo. Não se observou nas leituras feitas uma ida ao mítico, ao filosófico ou ao artístico como respostas para os problemas colocados pela prática cotidiana dos professores e pelo atual estado da educação brasileira. Acompanhemos a reiteração dessas afirmações no trecho retirado da figura acima: “Em 1998, a primeira edição do prêmio vai destacar os criadores das 14 melhores experiências publicadas pela revista NOVA ESCOLA de 1995 a 1998, escolhidas por um júri de especialistas”. Esses especialistas são geralmente professores universitários,⁷⁶ que sancionam positivamente um determinado modo de se fazer educação.

Por fim, não podemos deixar de fazer uma pequena alusão aos escritos de Louis Althusser (1985), apesar das inúmeras críticas que se possam fazer aos seus estudos e propostas. Não podemos deixar de mencionar, pelo menos em parte, o papel de Aparelho ideológico do Estado (AIE) que as mídias se propuseram, pois tanto em *Escola* como em *Nova Escola*, mais nitidamente em determinados momentos da história de ambas, as mídias impressas citadas operaram como tal, e assumindo tal postura explicitamente através de alguns de seus editoriais, atrelaram-se nitidamente aos discursos hegemônicos promovidos pelas instâncias governamentais.

⁷⁶ Nas páginas das revistas pesquisadas encontramos diversos nomes, citamos apenas alguns a seguir: Sueli Furlan, selecionadora do Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10, e docente do Departamento de Geografia da USP (NE, n. 252, maio 2012, p. 58); Jacqueline Peixoto Barbosa, docente da PUC-SP (NE, n. 254, agosto 2012, p. 49); Roxane Rojo, docente da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (NE, n. 254, agosto 2012, p. 49); dentre inúmeros outros; geralmente esses sancionadores são da região Sudeste do país.

4 A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE A REVISTA *NOVA ESCOLA*

Pretendemos neste capítulo trazer à tona um pouco das investigações já realizadas acerca de *Nova Escola*. De início, após várias buscas, especialmente no Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior), encontramos 29 dissertações de Mestrado e 10 teses de Doutorado; deparamo-nos, também, com alguns artigos sobre a revista, sobretudo no *site* SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*); mas, diante da necessidade de aprofundamento em algumas pesquisas, escolhemos nos debruçar prioritariamente sobre as dissertações e teses.¹

Abaixo constam as dissertações sobre a *Revista Nova Escola*, sistematizadas no quadro² que se segue:

Autor ano	Título	Instituição	Área do conhecimento	Problema e/ou temática	Locus e recorte	Referencial Teórico
Vieira (1995)	Construtivismo: a prática de uma metáfora – forma/conteúdo do construtivismo em <i>Nova Escola</i>	UFMG	Educação	Analisar as formas de manifestação e expressão do discurso da RNE acerca do Construtivismo	O recorte toma como ponto de partida a 1ª publicação da RNE, em março de 1986, até a 1ª publicação de 1995	Não mencionado
Lagôa (1998)	A representação da professora na revista <i>Nova Escola</i>	UFRJ	Educação Filosofia da Educação	Investigar as representações que os jornalistas fazem das professoras da escola de 1º grau	Duas séries de histórias em quadrinhos publicadas na RNE entre os anos de 1986 e 1996	Serge Moscovici e Laurence Bardin
Faria (2002)	<i>Nova Escola</i> : Um projeto político-pedagógico em andamento (1986-2000)	UFG	Educação Cultura e processos educacionais	Discutir a relação entre o construtivismo e a política educacional expressa nas páginas da RNE	Não mencionado	Não mencionado
Gomes (2003)	O Negro na Revista <i>Nova Escola</i>	UFF	Educação Políticas Nacionais de Educação e suas repercussões nas políticas e práticas educativas locais	Verificar a visibilidade negra e as orientações sobre a questão racial	Edições da revista a partir de 1986 (ano oficial de seu surgimento) até 1999	Não mencionado
Costa (2003)	Entre a política e a poética do texto cultural: a produção das diferenças na revista <i>Nova Escola</i>	UFRGS	Educação Currículo (Cultura, Currículo e Sociedade)	Problematizar o multiculturalismo e a retórica da diversidade cultural a partir dos textos da RNE	Não mencionado	Estudos Culturais e Pós-Coloniais
Stumpf	As representações	UFRGS	Educação	Discute as	Edições dos	Perspectiva pós-

¹ Optamos por inserir os quadros no próprio texto da dissertação para facilitação de consulta; o ano de referência das buscas foi 2011, a organização dos autores seguiu um critério cronológico.

² O quadro proposto se desenvolve a partir do *resumo* das dissertações pesquisadas e qualquer incompletude das informações se deve à sua omissão por parte do autor.

(2003)	de sexualidade no currículo da Nova Escola e a construção do sujeito heterossexual		Currículo	representações de sexualidade veiculadas pela revista	anos de 1997 a 2001	estruturalista; Estudos Culturais e alguns escritos de Foucault
Rocha (2004)	Cartas em revista: estratégias editoriais de difusão e legitimação da Nova Escola	UERJ	Educação História da Educação	Quem são essas professoras que escrevem as cartas? Quais são as motivações para a escrita? Sobre o que elas escrevem? Qual o contexto de produção dessas cartas?	150 cartas de professoras de educação infantil publicadas na RNE de 1988 a 1996	Não mencionado
Silva (2005)	A identidade docente e o discurso da mídia	UnB	Linguística Discurso e Interação em contextos institucionais	Investigar o discurso da mídia impressa brasileira sobre a identidade docente	Textos retirados da RNE; entrevistas com jornalistas e professores	Análise Crítica do Discurso ACD Fairclough; dentre outros como Althusser; Bauman; Giddens; Hall e Silva
Silveira (2006)	Um estudo das capas da revista Nova Escola: 1986-2004	Unicamp	Educação	Estudo comparativo entre as diversas capas que a RNE apresentou durante sua existência	Capas da RNE de 1986 à 2004	Não mencionado
Oliveira (2006)	Os saberes pedagógicos e o modelo de docência veiculados pela revista Nova Escola (1998-2002)	USP	Educação	Como os professores são focados pelo discurso presente na RNE	1998 - 2002	Denice Bárbara Catani; Nóvoa; Roger Chartier
Martinez (2006)	Implicações do lúdico na educação escolar: uma análise da revista Nova Escola (1996-2004)	PUC-SP	Educação História, Política e Sociedade	Implicações do lúdico na educação escolar; averiguar os princípios defendidos pela RNE quando de propostas metodológicas de ensino baseadas em ações lúdicas e descrever de que forma essas ações são propostas	Não mencionado	1ª geração da Escola de Frankfurt – Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin
Pimentel (2006)	A encenação da compreensão nos PCN fáceis de entender: uma análise enunciativa	UERJ	Letras Linguística, Letras e Artes (Práticas de linguagem e discursividade)	Investigar o perfil de professor de LP contido nos PCN fáceis de entender; pretende-se explicitar as características discursivas de construção desse perfil de professor	PCN fáceis de entender ano 2000	Foucault Authier Revuz Fuchs Maingueneau Bakhtin
Carvalho (2006)	Uma leitura sobre avaliação na revista Nova Escola nos anos 1996 a 2004	USP	Educação	Trata do tema da avaliação da aprendizagem vista a partir dos textos veiculados na RNE	Textos diversos sobre avaliação da aprendizagem publicados em Nova Escola de 1996 a 2004	Não mencionado
Sanches (2007)	Entre clones, transgênicos e células-tronco: a revista Nova Escola	ULBRA	Educação Currículo e Pedagogias	Representações da Genética e da Biotecnologia nas reportagens e	Reportagens e planos de aula da RNE publicados	Vários (apesar da autora defini-lo como o campo do

	ensinando genética e biotecnologia para professores		Culturais	planos de aula da RNE	entre os anos de 1999 e 2005	Estudos Culturais): Hall; Foucault; Veiga-Neto; Bauman; Giroux; Steinberg e Kincheloe
Rocha (2007)	Relatos de experiência publicados na revista Nova Escola (2001-2004): modelo de professora ideal	USP	Educação Linguagem e Educação	Analisar os relatos de experiência de ensino de língua materna publicados por NE; apreender os traços que compõem o imaginário de professora ideal presente nesses textos	48 exemplares da RNE, publicados no período de 2001 a 2004	Psicanálise Lacaniana; semântica argumentativa (Teoria Polifônica da Enunciação – Ducrot) e análise do discurso Authier Revuz
Filho (2007)	A dialogia entre a revista Nova Escola e o professor-leitor: implicações para o trabalho docente	UFMT	Letras Linguística, Letras e Artes Paradigmas de ensino de línguas	Indicar e compreender a dialogia entre a RNE e o professor-leitor e as possíveis implicações desta para as ações docentes, especialmente os de LP	Não mencionado	Círculo Bakhtiniano
Melo (2007)	Práticas de leituras de estudantes-professoras: repercussão da leitura da revista Nova Escola em suas práticas pedagógicas	UNIUBE	Educação	Investigar as práticas de leituras do professor da educação básica em formação associadas com suas práticas de sala de aula e com a leitura da RNE	Não mencionado	Não mencionado
Charnizon (2008)	A modelagem de leitores e de leituras no discurso midiático da Revista Nova Escola	UFMG	Educação (Educação e Linguagem)	Investigar a imagem de leitor suposta na revista <i>Nova Escola</i> e como ela institui um modelo de leitor	Dois exemplares da revista do ano de 2006 (projeto gráfico e editoriais)	Análise Crítica do Discurso – ACD Fairclough
Anjos (2008)	A educação infantil representada: uma análise da Revista Nova Escola (2005-2007)	USP	Educação Linguagem e Educação	Refletir a respeito das representações concernentes à Educação Infantil; analisar os modos pelos quais as diversas teorias relativas à Educação Infantil são representadas	Edições RNE de janeiro de 2005 a agosto de 2007	Não mencionado
Cancian (2008)	O discurso de uma revista especializada em educação: um olhar sobre a construção metafórica do professor	PUC-SP	Linguística Aplicada e estudos da Linguagem (Linguagem e trabalho)	Compreender como a revista NE conceitualiza o professor	10 anos de publicações (não especifica os anos no resumo)	Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson); Linguística de <i>Corpus</i>
Evangelista (2008)	A educação matemática na revista Nova Escola	UEM	Educação para a Ciência e o ensino de Matemática História, Epistemologia e Ética da Ciência	Investigar que visão de Educação Matemática permeia os textos da RNE e que tipo de argumentação é neles utilizada	Textos relativos ao ensino-aprendizagem de Matemática – período de 2004 a 2006	Bakhtin (gênero discursivo); Zanchetta Junior; Ponte e Breton texto jornalístico, imprensa e comunicação
Gibbert	Reforma do Estado	UNIOESTE	Desenvolvimento	Apreender os	Textos da RNE	Não mencionado

(2008)	no Brasil e o Processo de terceirização dos serviços sociais: um estudo na revista Nova Escola		Regional e Agronegócio (Planejamento urbano e regional)	elementos que alimentam e reforçam a difusão de uma forma de pensar o campo dos direitos	veiculados entre fevereiro de 1998 e dezembro de 2007	
Zabalar (2009)	A leitura na revista Nova Escola: dialogismo e produção de sentido	UNIFRAN	Linguística Discurso: sentido, comunicação e representação	A leitura no discurso da RNE	Seis edições da RNE, publicados entre 1998 e 2008	Círculo de Bakhtin
Hees (2009)	Os caminhos da produção bibliográfica em gestão democrática: um estudo sobre a revista Nova Escola	UNIMEP	Educação Política e Gestão da Educação	Gestão Democrática (pesquisa de natureza exploratória; qualitativa e quantitativa)	Artigos publicados sobre Gestão Democrática na RNE de janeiro de 1988 até junho de 2009	Não mencionado
Silva (2009)	A mídia a serviço da Educação: a revista Nova Escola	UNIMAR	Comunicação Mídia e Cultura	Pesquisa histórica que objetiva discutir como as mudanças na Educação são institucionalizadas pela RNE; RNE como texto jornalístico	Período de 1998 a 2008	José Marques de Melo e Luiz Beltrão
Dias (2010)	Indústria cultural e Educação Física: o corpo na revista Nova Escola	UFSCar	Educação História, Filosofia e Sociologia da Educação	Investigar que tipo de concepção corporal está presente nas páginas da RNE	Não mencionado	Adorno e Horkheimer
Dametto (2010)	O papel da revista Nova Escola na rede discursiva que se desenvolve em torno do agir docente: um jogo de discursos e representações	UFMS	Letras Linguística Aplicada	Investigar o papel da RNE na rede discursiva que se desenvolve em torno do agir docente	Uma reportagem da RNE de outubro de 2009 (que traz como tema a indisciplina na escola)	Interacionismo Sociodiscursivo (Jean-Paul Bronckart); Teoria das Representações Sociais (Serge Moscovici)
Marques (2010)	Da revista Nova Escola ao cotidiano: um estudo de representações sociais sobre o ofício docente	UFMT	Educação – Cultura, Memória e Teorias em Educação	Qual é a principal fonte que você (o professor) utiliza para obter informações sobre sua profissão? Apreender e analisar as representações sociais do professor, tanto no cotidiano quanto no mostrado na RNE	Não mencionado	São utilizados vários autores; Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e a Teoria do Núcleo Central de Jean Claude Abrieu. Sobre ofício docente: Tardif e Lessard; Arroyo; Gatti; Libâneo; Morgado e Gadotti. Sobre ideologia, segmentação e meio de comunicação: Konder; Geertz; Filho, Guareschi; Abiahy; Camargo.
Matos (2010)	Cenografia e ethos em publicidades dos sistemas de ensino na revista Nova Escola	PUC-SP	Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (Linguagem e Trabalho)	Que <i>ethos</i> e cenografia é possível depreender dos sujeitos enunciativos Sistemas de	Corpus de referência constituído por 29 publicidades de 11 Sistemas de Ensino	Dominique Maingueneau (Gênese dos Discursos / Semântica Global); Ruth Amossy

				Ensino a partir de suas campanhas publicitárias veiculadas na RNE?	veiculadas na RNE, no período compreendido entre abril/2008 e abril/2009	(noção de <i>ethos</i>)
--	--	--	--	--	--	--------------------------

QUADRO 3 – DISSERTAÇÕES SOBRE A RNE (1987-2011)

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes (2011).

A partir da sistematização dos dados referentes às pesquisas de Mestrado tendo como objeto a revista *Nova Escola*, verificamos que a maior parte se situa no campo/área da educação (das 29 pesquisas, 20 localizam-se no campo da Educação, 7 no campo da Linguística, 1 no campo da Comunicação e 1 no campo dos Estudos de Desenvolvimento Regional). Outro dado importante é que a maior parte das pesquisas toma como assunto principal o professor (especialmente através dos estudos das suas representações apresentadas pelos textos da revista). Das 29 pesquisas analisadas, 12 incidiram sobre a temática *professor* (agir docente, representações sociais do professor, relação RNE/docente da educação básica, dentre outras); as outras apresentaram uma temática bastante diversificada, como podemos observar a seguir: 2 pesquisas trataram especificamente do *construtivismo* (e sua relação com a educação escolar), 2 da *educação infantil*,³ 1 da *avaliação* da aprendizagem, 1 da questão do *lúdico* na educação, 4 de temáticas que podem ser inseridas dentro do campo da *cultura e diversidade* (1 do negro, 1 das representações da sexualidade na revista, 1 da questão das diferenças, 1 sobre a representação do corpo); 2 pesquisas podem ser situadas no campo da *política e gestão* educacionais; 1 tratando das *capas* do periódico; 2 tratando da *linguagem* jornalística e publicidade. Abaixo o gráfico ilustra melhor essa situação.

³ Se fizermos a contagem, verificar-se-á um número a mais no total de dissertações analisadas, no entanto, não se trata de um erro ou descuido, já que uma mesma dissertação tratou de duas das temáticas citadas, ou seja, da docência na educação infantil. Trata-se, pois, da pesquisa de Bárbara Trindade Rocha, intitulada *Cartas em revista: estratégias editoriais de difusão e legitimação da Nova Escola*, Programa de Pós-Graduação da Uerj, 2004, tendo como orientadora a Prof. Dr^a Ana Crystina Venancio Mignot.

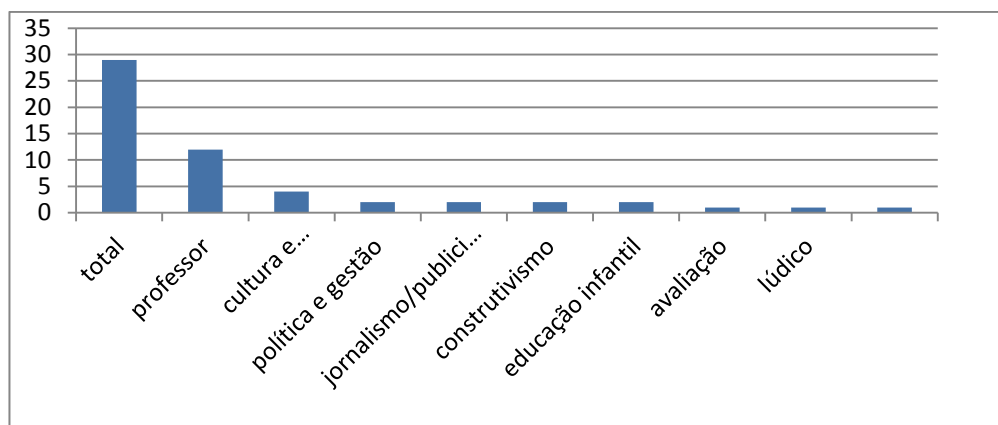


GRÁFICO 6 – TEMÁTICAS DAS DISSERTAÇÕES TENDO COMO OBJETO A RNE (1987-2011)

No que tange ao referencial teórico utilizado para análise dos dados também há bastante pulverização, havendo uma diversidade imensa de referenciais. Encontramos desde estudos que citam o campo dos Estudos Culturais (EC) como referencial teórico principal, até referenciais que utilizam a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici e da Escola de Frankfurt (Max Horkheimer, Adorno, Marcuse e Benjamin) até os que optam por uma abordagem concernente aos princípios do Círculo de Bakhtin, dos Estudos Pós-Estruturalistas e Pós-Coloniais, até escritos de Foucault e de Lacan. Também encontramos abordagens que utilizam a Teoria Polifônica da Enunciação (Ducrot), Análise Crítica do Discurso (Fairclough/ACD), Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson), dentre outras ascendências teórico-metodológicas. Se colocados numa tabela, os referenciais podem ser visualizados dessa forma,⁴

Não mencionado	10
Outros	5
Círculo de Bakhtin	4
Estudos Culturais	4
TRS	3
Escritos de Foucault	3
ACD	2
Escola de Frankfurt	2
Estudos Pós-Coloniais	1
Total:	34

QUADRO 4 - REFERENCIAL TEÓRICO DAS DISSERTAÇÕES ANALISADAS

⁴ Poder-se-á observar que o número de referenciais é maior que o número de pesquisas; isso ocorre pelo fato de que uma pesquisa pode ou não usar mais de um referencial, o que causa divergência no número final.

Ou a partir do gráfico a seguir:

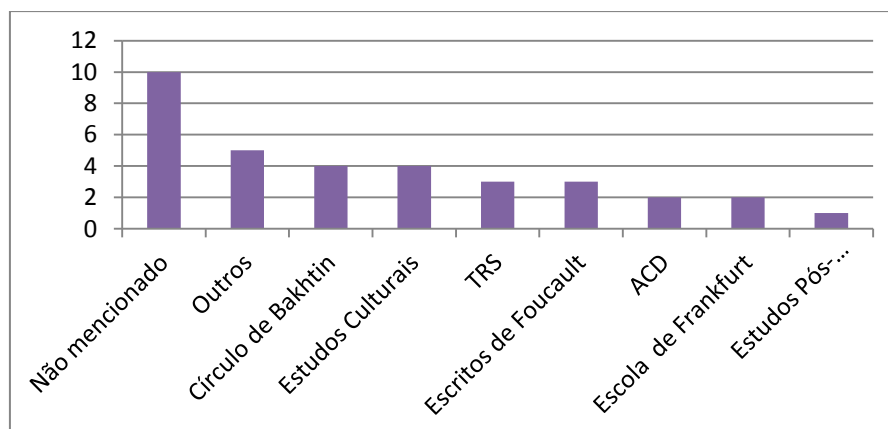


GRÁFICO 7 – REFERENCIAL TEÓRICO DAS DISSERTAÇÕES ANALISADAS (1987-2011)

A seguir temos o quadro⁵ das teses realizadas tendo como objeto de estudo a revista *Nova Escola*. Para fins de sistematização e facilitação de consulta confeccionamos o quadro a seguir, no mesmo modelo do quadro onde se expõem as dissertações.

Autor	Título da Tese	Instituição	Área	Problema e/ou temática desenvolvida	Recorte	Referencial Teórico
PEDROSO (1999)	A revista Nova Escola: política educacional na “Nova República”	UNICAMP	Educação Políticas Públicas e Educação	Analisar concepções e posicionamentos da RNE quanto à democracia e à democratização da educação	Período político denominado “Nova República” (1986-1989)	Vagamente mencionado
MORRONE (2003)	Revista Nova Escola: Discurso, representações pedagógicas no ensino de História (1986-1995)	PUC-SP	Educação História, Política e Sociedade	Identificar as representações e concepções teórico-metodológicas que caracterizam os discursos relacionados à História nas matérias e ou reportagens publicadas na RNE; Averiguar se as propostas de revisão no ensino de História encetadas pelos órgãos governamentais foram veiculadas nas páginas da revista	Não mencionado	Não mencionado
REVAH (2004)	Construtivismo: uma palavra no circuito do desejo	USP	Educação	Trata-se de pesquisa histórica sobre o discurso pedagógico construtivista; Analisar e discutir como esse novo discurso se configurou e de que modo tornou-se hegemônico	O período pesquisado envolveu período imediatamente anterior ao lançamento da RNE (1986) até a segunda metade da	Lacan (significante-mestre, rede discursiva, sujeito, ponto de ressonância)

⁵ O quadro proposto se desenvolve a partir do *resumo* das teses e qualquer incompletude das informações se deve à sua omissão por parte do autor.

					década de 1990	
OLIVEIRA (2006)	Políticas educacionais e discursos sobre a matemática escolar: um estudo a partir da revista <i>Nova Escola</i>	UNISINOS	Educação (Educação e Políticas Públicas) Educação, História e Políticas	Análise dos modos de pensar e ensinar Matemática propostos pela RNE	1997 à 2005	Michel Foucault
RODRIGUES (2007)	A (in)disciplina em revista: um estudo sobre indústria cultural	UFSCar	Educação Fundamentos da Educação	Investiga a atuação dos produtos da indústria cultural como mecanismo disciplinar contemporâneo	Não mencionado	Adorno e Horkheimer
KLEIN (2008)	O discurso sobre as novas tecnologias e a subjetivação docente: a docência na rede	UFPR	Educação Cultura, Escola e Ensino	Mostrar como se ensina modos de ser docente e de se exercer a docência a partir de textos veiculados por NE cujo tema central baseia-se na subtemática das novas tecnologias	Artigos, propagandas e notícias veiculadas pela RNE (cujo tema fosse as novas tecnologias)	Perspectiva foucaultiana (arqueologia e genealogia)
MATOS (2008)	A forma-ação do discurso da/na revista <i>Nova Escola</i>	UEL	Estudos da Linguagem Teoria e análise linguística Estudos do Texto/ Discurso	Entender os discursos midiáticos que se dizem pedagógicos e/ou científicos	30 edições da RNE dos anos de 2003, 2004 e 2005	Análise do discurso, metodologia qualitativo Interpretativa
RAMOS (2009)	O ensino de história na revista <i>Nova Escola</i> (1986-2002): cultura midiática, currículo e ação docente	UFPR	Educação História e Historiografia da Educação	Analisar como a RNE elabora seu próprio modelo curricular e como os professores de história apropriam-se desse currículo	1986-2002	Não mencionado
MOURA (2010)	Práticas discursivas de regulamentação e liberdade no processo de desenvolvimento profissional: a constituição de subjetividades de professores na revista <i>Nova Escola</i>	UFRN	Linguística Letras e Artes Estudos da Linguagem	Examinar estratégias linguísticas utilizadas na produção das subjetividades do professor	2000 à 2005	Linguística Aplicada; Estudos Culturais; escritos de Foucault; perspectiva interpretativista discursiva
RIPA (2010)	“A revista de quem educa”: a fabricação de modelos ideais do ser professor	UFSCar	Educação Fundamentos da Educação	Como a revista <i>Nova Escola</i> operou na fabricação de modelos ideais de “ser professor”?	1986 à 2006	Teoria Crítica

QUADRO 5 – TESES TENDO COMO OBJETO A RNE (1999-2010)

Fonte: Banco de Teses e Dissertações CAPES (2011).

Assim como ocorreu nas dissertações de Mestrado, a maioria das pesquisas se situou no campo da Educação, com oito pesquisas nesse campo e apenas duas na área da Linguística propriamente dita. Os temas principais por onde transitaram as teses deu-se de forma pulverizada, caminhando em torno do exame das estratégias discursivas dos textos de *Nova Escola*, a representação do professor ou dos modelos ideais de “ser professor”, ensino de Matemática, ensino de História, concepções de *Nova Escola* acerca dos conceitos de democracia e democratização, construtivismo e novas tecnologias de informação e

comunicação (NTICs). Os referenciais utilizados demonstraram-se também diversos, seguindo trilhas que utilizaram desde os Estudos Culturais, Escola de Frankfurt, escritos de Roger Chartier, obra de Foucault, dentre outros.

Um ponto que nos suscitou interesse e certa perplexidade foi o fato de que pouquíssimas foram as pesquisas que se debruçaram sobre a imagem ou sobre a interlocução entre sistema verbal e visual, ou melhor, que entenderam o texto como um todo de sentido para além unicamente do verbal. Nessa perspectiva só encontramos um trabalho de pesquisa que tratou do plano da expressão da revista, ou seja, de aspectos que tratam da plasticidade da/na revista como foco principal; pesquisa essa intitulada “Um estudo das capas da revista *Nova Escola*: 1986-2004”, de Silveira (2006). Ao adotar as capas de *Nova Escola* como *locus* de pesquisa, a autora afirma estar ciente da parcialidade do ponto de vista por ela adotado, já que ao delimitar seu *corpus* excluiu do estudo uma análise do conteúdo das outras seções que compõem a revista, como os editoriais, artigos, reportagens, entrevistas, etc. No entanto, declara que é a partir das capas que “[...] temos condições de acompanhar as mudanças pelas quais a revista vem passando ao longo dos seus anos de existência, não apenas no que se refere ao seu projeto gráfico, mas também quanto ao seu projeto editorial” (SILVEIRA, 2006, p. 119). Dessa maneira, ao estudar o “discurso visual” da revista num período de 18 anos, 1986 a 2004, estabelece três fases distintas da trajetória de *Nova Escola*. Para Silveira (2006), a primeira fase se inicia com a primeira publicação em março de 1986 e alonga-se até à edição de outubro de 1994; nessa fase, as capas possuem um padrão estético semelhante, apresentando poucas mudanças. A segunda fase se inicia no final de 1994, ganhando força no início de 1995, se prolongando até o final de 2002. Para essa autora é nesse período que *Nova Escola* apresenta diversas alterações gráficas, “[...] adotando uma ‘personalidade visual’ mais moderna, compatível com as demais publicações encontradas nas bancas de revista: diagramação diversificada e grande variedade de imagens” (SILVEIRA, 2006, p. 120). A terceira fase tem início em 2003. Nesta, continua a ser utilizada uma grande variedade de imagens (fotos, ilustrações e desenhos); no entanto, é o título da revista que ganha destaque, sendo pois apresentado sobre uma faixa horizontal que vai de um lado ao outro da página, como ainda o é nos dias de hoje. Segue abaixo um quadro para melhor percepção das fases pelas quais a revista passou, conforme nos disse Silveira (2006):

Fases de <i>Nova Escola</i>	Período	Características das capas
1ª fase	Março de 1986 à outubro de 1994	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O título da revista é escrito na maior parte dos casos nas cores verde e amarela ▪ A imagem estampada faz referência à chamada principal, e é apresentada em formato quadrangular e colocada dentro de uma moldura ▪ Em termos de composição, a fotografia é preponderante em relação a outras linguagens visuais
2ª fase	Término de 1994 até final de 2002	<ul style="list-style-type: none"> ▪ “personalidade visual mais moderna” ▪ Diagramação diversificada ▪ Grande variedade de imagens, que ocupam toda a extensão da capa
3ª fase	Início de 2003	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Diagramação diversificada ▪ Grande variedade de imagens, que ocupam toda a extensão da capa ▪ O título da revista ganha destaque, sendo apresentado sobre uma faixa horizontal que perpassa toda a página de capa

QUADRO 6 – FASES DE *NOVA ESCOLA* (1986- 2004)

Fonte: Silveira (2006).

Ainda segundo Silveira (2006), as mudanças operadas em *Nova Escola* se dão muito mais no nível gráfico-visual, do que propriamente nas temáticas abordadas. Ao organizar as capas em categorias, tendo em vista suas chamadas, a autora conclui que no período estudado “[...] não há mudanças significativas nas escolhas dos temas focados pela *Nova Escola*, ainda que a maneira de mostrar determinados assuntos tenha passado por transformações [...]” (SILVEIRA, 2006, p. 120).

Todavia, outros trabalhos também se detiveram no aspecto visual da revista, embora esse não fosse seu tópico central. Desse modo a pesquisa de Ana Charnizon (2008) ganha destaque ao realizar uma análise dos aspectos visuais da RNE. A autora, com base em diferentes perspectivas teóricas, das quais cita Williams (1995), Wysocki (2004), Barzotto (1998, 2003) e Frade (2000),⁶ procura responder, no que se refere ao aspecto visual da revista *Nova Escola*, aos seguintes questionamentos: “[...] de que forma o projeto gráfico pode configurar um

⁶ Os estudos aos quais Charnizon (2008) se refere são: WILLIAMS, Robin. *Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual*. São Paulo: Callis, 1995. WYSOCKI, Anne France. *The multiple media of texts: How onscreen an paper texts incorporate words, images, and other media*. In: BAZERMAN, C.; PRIOR, Paul. *What writing does and how it does it: an introduction to analyzing texts and textual practices*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2004. BARZOTTO, Valdir Heitor. *Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso – um estudo sobre a revista Realidade (1966-1976)*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. BARZOTTO, V. H. Olhares oblíquos sobre sentidos não muito dissimulados. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Orgs.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Clara Luz, 2003. p. 145-154. FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. *Imprensa pedagógica: um estudo de três revistas mineiras destinadas a professores*. 2000. 284 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

determinado tipo de leitura e de leitor nos diferentes textos da revista *Nova Escola*? Como a apresentação visual dos textos contribui para a construção de sentidos? E quais são esses elementos visuais e suas funções nos textos?” (CHARNIZON, 2008, p. 49). O percurso da autora, na tentativa de responder a essas questões, se inicia com uma análise do índice da revista *Nova Escola* de nº 196 de 2006. Em seguida, se debruça sobre outros elementos fixos na revista; além de examinar a diagramação das seções como um todo. A autora citada se limita à análise de apenas dois exemplares das edições de NE (nº 196 e nº 198), ambos de 2006, e procura analisar o projeto gráfico e editorial como um todo de sentido. A pesquisadora salienta a presença de elementos visuais que se repetem no suporte das duas edições analisadas, como os “retângulos identificadores”, “os boxes”, “Quer saber mais?”, “Exclusivo *On Line*”, “Quem é quem”, dentre outros. E afirma que “[...] essa repetição (um conceito básico do *design*) dá aparência de coesão e consistência, unifica e fortalece o material, agrupando partes que estariam separadas” (CHARNIZON, 2008, p. 54). Nesse momento, termina dizendo que “[...] sua recorrência faz com que o leitor crie um tipo de intimidade com a revista, pois ele vai, com o tempo, incorporando e criando expectativas sobre a sua organização” (CHARNIZON, 2008, p. 58). No entanto, em suas considerações finais chega à conclusão de que o projeto gráfico da revista incita o leitor a realizar um determinado tipo de leitura, aquela do tipo panorâmico que, para além de ser uma marca de *Nova Escola* é, pois, uma tendência mundial da mídia de massa; ou seja, oferecer um tipo de leitura rápida, que a autora chama de leitura em “pílulas”. Assim, os elementos visuais nas páginas das edições pesquisadas, tais como o emprego de *boxes*, de linhas e traçados coloridos, a presença de intertítulos, título e *lead* com destaques cromáticos e eidéticos, propiciam, na prática do ato de leitura, os elementos de sua facilitação e rapidez.

Contudo, Charnizon (2008, p. 170), ao final de sua pesquisa, faz afirmações severas em relação ao projeto educacional da revista como um todo, como podemos observar na citação que se segue, que embora longa se faz reveladora:

Na análise das seções e reportagens, identificamos 117 ocorrências de enunciados que favorecem a modelagem do leitor por valores e crenças neoliberais. [...] O discurso neoliberal em sintonia com a lógica empresarial-mercadorológica reestrutura e “comodifica”⁷ os modos de funcionamento da escola: os processos pedagógicos

⁷ O termo “comodificação” se refere a um tipo de tendência discursiva defendida por Norman Fairclough, em sua obra *Discurso e Mudança Social*, editada no Brasil pela Universidade de Brasília, 2001. Fairclough (2001, p. 255, *apud* CHARNIZON, 2008, p. 121), define o termo “comodificação” da seguinte maneira: “[...] o processo pelo qual os domínios e as instituições sociais, cujo propósito não seja produzir mercadorias no sentido econômico restrito de artigos para venda, vêm não obstante a ser organizados e definidos em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias”.

são rigidamente controlados pelo uso do tempo racional, objetivo e produtivo; os processos e problemas pedagógicos são reduzidos a questões de gestão e podem, desse modo, ser facilmente resolvidos pela organização do tempo; o conhecimento passa a ser visto como atividade produtiva que deve apresentar um produto final com um determinado padrão de qualidade. [...] A reformulação dos objetivos e valores pedagógicos provoca também a reestruturação das funções dos sujeitos implicados no processo educativo. O professor, em vez de problematizar e tentar compreender a lógica de aprendizagem dos alunos, passa a administrar a aprendizagem, buscando controlar os erros dos sujeitos. Diretores e coordenadores transformam-se em “gestores” que devem garantir o bom andamento da empresa (escola) por meio de procedimentos gerenciais que visam à qualidade da Educação.

Bárbara Trindade Rocha (2004) também destaca a importância do aspecto visual da revista, sobretudo suas capas. Vamos à fala de Rocha (2004, p. 20):

Ao examinar as capas, títulos e disposições tipográficas dos romances de M. Delly, publicados no Brasil, na coleção *Biblioteca das moças*, pela Companhia Editora Nacional (SP) entre 1935 e 1963, Cunha (1999) comenta sobre a atração ou repulsa exercida pelo objeto livro a partir de sua apresentação externa, de sua materialidade, evidenciando que determinados dispositivos funcionavam para uma educação das sensibilidades das jovens leitoras, criando um imaginário romântico, e pensa que, em um país onde não se cultiva o hábito da leitura como no Brasil, a apresentação externa do livro se reveste de maior significado, funcionando como um verdadeiro chamariz para o público que se deseja atingir. Portanto, as capas contribuem para plasmar visões de mundo, modelar condutas e subjetividades, alimentar o imaginário do leitor.⁸

Portanto, podemos perceber o caráter que a capa e sua dimensão plástico-figurativa assumem perante o objeto revista como um todo. Aspecto reiterado por vários autores e já mencionado nas linhas preliminares desse estudo.

Diante desse percurso de investigação faz-se interessante notar a inexistência de pesquisas que utilizam como referencial teórico-metodológico a Teoria Semiótica, na sua vertente francesa, representada principalmente por Greimas (1966, 1975, 2011) e os estudos da sociosemiótica landowskiana, bem como a ausência de pesquisas que investigam o texto a partir dos estudos do sincretismo da expressão. Acreditamos desse modo que a pesquisa que propomos poderá preencher uma lacuna ainda presente, só percebida a partir desse levantamento bibliográfico. Na verdade, olhar a educação e o ensino pelo prisma da semiótica constitui-se em área pouco explorada pelos estudiosos brasileiros do campo da educação. Muitos estudos e pesquisas vêm sendo realizados tendo como referencial teórico-metodológico a semiótica discursiva de origem greimasiana, mas estes têm se dado quase em sua totalidade na área de Comunicação Social e Artes Visuais. Nosso estudo dessa maneira, se

⁸ Barbara Trindade Rocha (2004) faz alusão aqui à obra de Maria Teresa Santos Cunha, intitulada *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

por um lado possui um quê de inovador, também comporta em si um terreno movediço, possuidor de sobrelevados desafios. Assim, a importância dessa pesquisa se justifica em dois aspectos, um no que se refere à teoria que irá subsidiar a análise dos dados colhidos e outro no que se refere à escassez de estudos que levam em consideração a textualidade visual de *Nova Escola* e sua relação com o verbal. Devemos lembrar ainda que é grande a carência de pesquisas que tomam a capa e os editoriais da revista *Nova Escola* como fonte principal de dados e como objetos principais de percepção e análise.

5 POR DENTRO DE NOVA ESCOLA

Tendo já delimitado o recorte temporal dessa pesquisa, a lembrar, os biênios de 1997-1998, e 2011-2012, faz-se necessário que conheçamos um pouco da própria revista por ela mesma. A proposta deste capítulo é dar a conhecer *Nova Escola* por dentro, como a revista se apresenta, sua organização interna, o que significa adentrarmos em suas seções, suas temáticas, suas principais editoriais e os tipos de publicidade que veicula. Inicialmente destacamos o fato de que os dois recortes temporais escolhidos trazem consigo revistas bem diferentes, principalmente no que se refere a seus aspectos gráficos, o que lhes imprimem diferentes tipos de visibilidade. Para facilitar a sistematização e a visualização das edições e de suas diferentes estruturas e organização faremos, primeiramente, um estudo das edições de 1997-1998 para, em seguida, voltarmos nossa atenção para as edições de 2011-2012.

5.1 Edições de 1997 e 1998

Nas edições de 1997 e 1998 o sumário e o editorial aparecem logo após a capa, geralmente na página três da publicação. O editorial da revista *Nova Escola* dessa época intitula-se “*Carta ao Leitor*” e o sumário, chama-se “*Índice*”. As Figuras 28, 29 e 30, dos índices da revista (edições nº 103 e nº 108 de 1997; edição nº 117 de 1998), poderão nos ajudar na ótica de sua forma/expressão e de seu conteúdo. Vejamos os exemplos mencionados,

Carta ao leitor

ERRAR É HUMANO – E DETESTÁVEL

Desde que a editora especial Mônica Manir entrou para a equipe da revista, em fevereiro, permanece pequeno o número de erros encontrados na revista – um dos menores, por sinal, entre as publicações do Grupo Abril. Mônica tem muito a ver com isso. Além de um punhado de outras atribuições, que vão da reportagem à edição das seções, cabe a ela o controle final de qualidade de tudo que publicamos. E vem dando conta do recado com a mesma firmeza e eficiência de sua antecessora, Heloisa Fernandes, chamada a trabalhar na revista CLAUDIA.



Mônica Manir: de olho nos erros

A rigor, não haveria justificativa para essa função numa equipe como a de NOVA ESCOLA, em que cada profissional deve assegurar a qualidade total do próprio trabalho. Dois sovados ditados populares explicam essa contradição: “na prática, a teoria é outra” e “errar é humano”. Da nossa parte,

resta não sucumbir à inevitabilidade do erro. É da natureza humana cometer falhas, mas isso não nos consola nem dá pretexto à acomodação. Aqui, detestamos o erro. Lutamos contra ele dia a dia, página a página, linha a linha. Nossa utopia constante é entregar ao leitor uma revista sem um único ponto fora do lugar. Felizmente, interceptamos em tempo a maioria de nossos erros. Da minha parte, confesso, sinto um prazer quase sádico em esmagá-los como pulgas.

João Vitor Strauss

ESCOLA

FALE CONOSCO

Para conversar com os jornalistas, disque **0800-112055** (ligação gratuita)

Se preferir, envie um fax para **(011) 284-3733**

Na Internet, nosso endereço é **fv@embratel.net.br**

Mande cartas para **Redação de Nova Escola** R. Haddock Lobo, 403-D, São Paulo, SP, CEP 01414-903

NOVA ESCOLA-JUNHO 1997

Índice

Sala dos Professores

4 Educadora diz por que não quer ser chamada de “tia”

Brincando

7 A piscadela mortal no jogo do detetive

Memória

8 Morre Paulo Freire, um educador brasileiro

Reportagem de Capa

10 Brincando com material didático em Ciências

Alfabetização

22 Fazer dados de madeira ajuda a ensinar a ler

Multidisciplinaridade

27 Música faz rendimento escolar crescer em Natal

Era uma Vez

30 O sapo que fingiu ter medo de água

Matemática

33 Prós e contras do uso das calculadoras



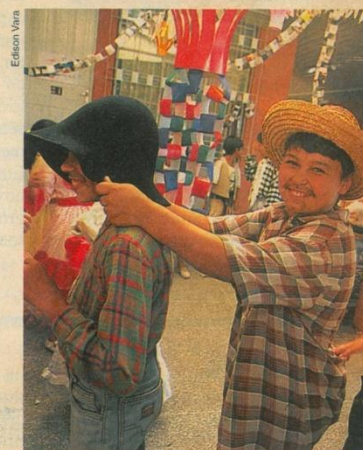
Calculadoras: uso com cautela

HEMEROTECA

Biblioteca Central - UFES

Festas Juninas

38 Explore esse tema sem cair na mesmice



Caminho da roça: aula de cultura

Mural

42 Partituras de Villa-Lobos para crianças

Gestão Escolar

44 São Paulo começa a desengessar o ensino

Parcerias

50 Empresários melhoram escolas públicas

Com Certeza

53 O que está por trás das pichações

Livros

56 Entrevista com especialista em leitura

Obrigado, Professora

58 A mestra que fez Marco Nanini coroar uma santa

Capa: foto de Thomas Kremer

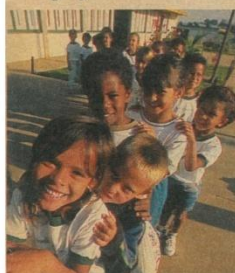
Figura 28 – Editorial e Índice NE (nº 103)
Fonte: NE, nº 103, jun./jul. 1997, p. 3.

Carta ao leitor

BELEZA PURA E MISTIÇAGEM

Cinco fatores foram fundamentais na formação da identidade nacional brasileira. A criação de um Estado centralizador a partir do modelo português. A escravidão negra, base da economia colonial e do Império. A onda imigratória de camponeses europeus e asiáticos, entre meados e fins do século passado. As leis que garantiram aos povos indígenas territórios e direitos.

E o reconhecimento público do valor da negritude, graças ao Movimento Negro e aos tropicalistas



Filas mistas: evitam preconceitos de gênero

nos anos 60. Quando um presidente brasileiro teria ousado dizer que tem ascendentes na senzala? Sabemos hoje que a mestiçagem de raças e culturas produz vigor e variedade. Mas, até os anos 20 deste século, a mescla racial ainda era tida como um sinal de decadência. Devemos a Gilberto Freyre o orgulho de sermos uma "raça morena".

A Rondon, à antropofagia modernista e a Darcy Ribeiro, o "orgulho caboclo". E, aos tropicalistas, a legitimação da beleza do negro e de sua cultura. A matéria de capa deste mês de NOVA ESCOLA foi feita para que você possa trabalhar com seus alunos o tema da nossa identidade. Fazê-los reconhecer e valorizar as diferenças e combater os preconceitos! "Mestiço é que é bom", dizia Darcy Ribeiro.

Para fevereiro de 1998, reservamos uma novidade: uma edição especial, dedicada ao planejamento do ano, com sugestões de trabalhos multidisciplinares. Daremos ainda um belo pôster para usar em sala de aula. Escreva-nos dando sua opinião. Ela é preciosa.

Elizabeth De Fiore

ESCOLA

FALE CONOSCO

Para conversar com os jornalistas, disque **0800-112055** (ligação gratuita)

Na Internet, nosso endereço é **fvc@embratel.net.br**

Se preferir, envie um fax para **(011) 3037-4322**

Mande cartas para **Redação de Nova Escola**

Av. das Nações Unidas, 7221, 20º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05477-000

NOVA ESCOLA-DEZEMBRO 1997

Índice

Sala dos Professores

4 Criança sempre aprende o que lhe interessa

Reportagem de Capa

10 Você pode ajudar a quebrar preconceitos

Alfabetização

20 Um passeio pela cidade ensina a ler e a escrever



Registros de viagem: alunos seguem roteiro feito por personagem literário

Matemática

25 Use plantas de imóveis para ensinar Geometria

Concurso Leia Brasil

28 Viaje a Paris gastando apenas sua criatividade

Era uma Vez

30 Um rei que era jovem demais para governar

Sucata

33 Faça um cão dálmata de uma caixa de papelão

HEMEROTECA
Biblioteca Central - UFES

Inseto é atraído por uma carnívora: lição de ecologia, evolução e botânica



Giovanni Pereira

Ciências

34 Plantas carnívoras rendem boas aulas de Ciências

Multidisciplinaridade

38 O aniversário de Belo Horizonte é tema gerador

Pedagogia

41 Uma escola em que os alunos também ensinam

Política Educacional

44 Classes de aceleração combatem a repetência

Mural

50 São Paulo proíbe fumar em sala de aula

Recreação

52 Jogos de rua mostram o valor das tradições

Com Certeza

54 Como organizar uma feira de Matemática?

Livros

56 Autor diz que leitores de Lobato são mais criativos

Obrigado, Professor

58 Decorar poesias era o castigo de Mario Prata

Capa: Foto de Vladimir Fernandes, produção de Márcia Pecci, modelos da Agência Arte Bambini, cabelo e maquiagem de Carla Corrêa

Figura 29 – Editorial e Índice NE (nº 108)
Fonte: NE, nº 108, dez. 1997, p. 3.

Carta ao leitor

2º PRÊMIO VICTOR CIVITA – PROFESSOR NOTA 10

Mal acabaram os festejos de entrega do 1º Prêmio, e já estamos embarcando no 2º, cujo período de inscrição será no próximo ano: de 1ª a 30 de junho de 1999. Assim, você poderá ir planejando, desde já, as excelentes atividades pedagógicas com as quais irá concorrer. Nesta edição, publicamos o *Regulamento* e os *Critérios*, que devem nortear seus trabalhos, sob a forma de **pôster** (dobrado e encartado na revista), e o *Roteiro* e a *Ficha de Identificação*, como as **4 páginas centrais** de NOVA ESCOLA, para você destacar. Pendure o pôster na sala dos professores, para que seus colegas o vejam e se animem a participar. Discuta com eles, incentive-os. Todos têm a ganhar com isso: as crianças, que irão aproveitar melhor as estimulantes propostas de sala de aula; você, professor, que poderá usar toda a competência e criatividade para melhorar a aprendizagem da classe; os pais, que verão recompensado o esforço de educar os filhos para que tenham um futuro melhor; e nós, da NOVA ESCOLA e da Fundação Victor Civita, por estarmos propiciando este salto de qualidade no ensino do país. Boa inspiração e boa sorte! Das matérias desta edição, faço um especial destaque para “Alianças que realizam sonhos”. Ela traz sugestões e soluções que podem resolver alguns problemas de sua escola, em parceria com empresas ou instituições de sua comunidade.

Elizabeth De Fiore



Parcerias incentivam atividades extraclasse

Índice

Depoimento
5 Professora negra sofre com o preconceito

Reportagem de Capa
10 Empresa e escola de mãos dadas

Português
19 Eles aprendem a fazer poesia brincando

Matemática
22 Casa feita para aplicar conceitos teóricos

Sucata
26 Construa um teodolito quase de graça

Era uma vez
28 Quem tem medo de passar ridículo?

Educação Infantil
32 Estudo do corpo feito com bonecos



Alvanilde Marchionelli

Boneca com cabeça, tronco e membros: sinal de maturidade

Brincando
35 Adivinhe em quem eu estou pensando?

Ciências
36 Aprenda a fazer um foguete movido a ar



Eduardo Queiroga

Nesse brinquedo, o mesmo princípio de jatos e foguetes espaciais

Geografia
41 Cidade e campo vividos na própria pele



Alan Fregia

Vida de vaqueiro, farrã de alunos

Laboratório
44 Experiências químicas para principiantes

Com Certeza
48 Receita para usar o RPG em sala de aula

Mural
50 Um jogo transforma alunos em escritores

Livros
52 O rei das histórias de suspense para jovens

Obrigada, Professores
54 Gratidão da cineasta Tizuka a três mestres

ESCOLA

Para conversar com os jornalistas, disque **0800-112055** (ligação gratuita)

Nosso novo e-mail é **novaescola@email.abril.com.br**

O endereço de nossa página na Internet é **http://www.novaescola.com.br**

Se preferir, envie um fax para **(011) 3037-4322**

Mande cartas para **Redação de Nova Escola**

Av. das Nações Unidas, 7221, 20º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902

NOVA ESCOLA-NOVEMBRO 1998

Figura 30 – Editorial e Índice NE (nº 117)
Fonte: NE, nº 117, nov. 1998, p. 3.

As Figuras 28, 29 e 30 demonstram a disposição gráfica da primeira página da revista. Vemos de imediato, dois espaços bem definidos, onde a verticalidade possui um importante caráter. Sempre ao lado direito e ocupando o espaço do alto à baixo da página, encontramos o

“Índice”, com algumas seções fixas e outras variáveis conforme a edição. Do lado esquerdo da página, ocupando quase toda a sua verticalidade lateral, como uma espécie de coluna, encontramos a “*Carta ao Leitor*”, editorial da revista. Abaixo do editorial, também sempre presente no mesmo lugar, lado inferior esquerdo da página, achamos as informações e contatos de *Nova Escola* via e-mail, via fax, via telefone e endereço postal. Um fator deve ser já destacado, o fato do “Índice” da revista não seguir um padrão único para todos os meses, havendo sempre algumas variações, sejam elas de ordem gráfica, mais ligadas às diferenças no formante cromático; sejam elas pela presença e/ou ausência de diferentes seções, que remetem a diferentes temáticas e propostas. Nas edições mostradas (Figuras 28, 29 e 30), os índices se organizaram da seguinte maneira:¹

Junho 1997
Sala dos Professores
Brincando
Memória
Reportagem de Capa
Alfabetização
Multidisciplinaridade
Era uma Vez
Matemática
Festas Juninas
Mural
Gestão Escolar
Parcerias
Com Certeza
Livros
Obrigado, Professora

QUADRO 7 - ÍNDICE NE, JUN. 1997

Dezembro 1997
Sala dos Professores
Reportagem de Capa
Alfabetização
Matemática
Concurso Leia Brasil
Era uma Vez
Sucata
Ciências
Multidisciplinaridade
Pedagogia
Política Educacional
Mural
Recreação
Com Certeza
Livros
Obrigado, Professor

QUADRO 8 - ÍNDICE NE, DEZ. 1997

Novembro 1998
Depoimento
Reportagem de Capa
Português
Matemática
Sucata
Era uma Vez
Educação Infantil
Brincando
Ciências
Geografia
Laboratório
Com Certeza
Mural
Livros
Obrigada, Professores

QUADRO 9 - ÍNDICE NE, NOV. 1998

O “Índice” de NE, como podemos observar nos quadros 7, 8 e 9 expostos acima, traz algumas seções fixas, como “*Sala dos Professores*”,² “*Reportagem de Capa*”, “*Era uma vez*”, “*Mural*”, “*Livros*”, “*Obrigado, Professora*”. Outras seções aparecem com certa frequência, no entanto, não estão em todas as edições das revistas de 1997 e 1998, como a seção “*Matemática*” e “*Alfabetização*”. As orientações didáticas e de conteúdos das disciplinas

¹ Para verificação completa dos índices de 1997 e 1998 e suas diferenças, ver apêndice A e B.

curriculares se encontram diluídas no todo da edição e ainda não possuem um lugar específico, como nas edições de 2011 e 2012, como veremos posteriormente.

“Sala dos Professores” funciona como a seção de cartas de uma revista, onde o leitor comenta, parabeniza, dialoga com *Nova Escola* acerca de suas matérias e reportagens. Vejamos a figura abaixo,



Figura 31 – Seção *Sala dos Professores* (nº 105)
Fonte: NE, nº 105, set. 1997, p. 4 e 5.

Como podemos depreender do exemplo acima, os assuntos e temas tratados são diversos e pulverizados; o tom passional é uma característica constante nas falas dos interlocutores. Vejamos alguns exemplos:

[sobre a edição especial de *Nova Escola* de nº 109]

Apaixonei-me pela capa e amei o conteúdo da revista. Jessilene Ferreira, Pariparanga, BA (NE, nº 111, abr. 1998, p. 4).

² A seção “Sala dos Professores” apesar de não estar contida em todos os “Índices” de NE, está presente em todas as edições do biênio 1997-1998, para detalhes ver Apêndice A e B.

[sic] Amamos ao receber a revista NOVA ESCOLA de fevereiro. Todas as dicas sugeridas certamente nortearão o trabalho pedagógico nas escolas, com temas de interesse dos alunos que se referem à realidade do cotidiano. Iracy de Oliveira Veloso, Montes Claros, MG (NE, nº 111, abr. 1998, p. 4).

[sobre reportagem na área de Ciências]

Fiquei encantada com a reportagem sobre plantas carnívoras publicada na edição 108. Gostaria de parabenizá-los pelo belíssimo trabalho realizado, pois é de grande importância para todos. Girleide Cavalcante da Silva, Junqueiro, AL (NE, nº 111, abr. 1998, p. 4).

[sobre a seção Depoimento]

Ao ler o depoimento do professor Hélio, imagino como é sofrida sua vida. Mas também sei que é gratificante esse trabalho e que, após o iniciarmos, abandoná-lo fica quase impossível. Creio, assim como o professor, que Deus o segura nessa tarefa, que nada mais é do que uma obra missionária. Ivani Zamberlan, Maringá, PR (NE, nº 106, out. 1997, p. 4).

[sobre a reportagem “Ouviram ou não ouviram do Ipiranga?” (edição 104)]

Sou professora de História e tinha muita vontade de passar a meus alunos o amor pela pátria, tão esquecido. Por isso, aproveitei todas as idéias publicadas na reportagem “Ouviram ou não ouviram do Ipiranga?”, adaptando-as à nossa realidade. Meus alunos demonstraram tanto interesse pelas atividades propostas que vou trabalhar esse tema até o fim do ano, pois não somos brasileiros apenas na Copa do Mundo e na Semana da Pátria, e sim todos os dias. Vilma Oliveira de Moraes, João Pessoa, PB (NE, nº 106, out. 1997, p. 4).

Nos fragmentos elencados há a prevalência da primeira pessoa, especialmente da primeira pessoa do singular, onde o *eu* se coloca como uma potente força expressiva. As ações de “amar”, “apaixonar-se”, “encantar-se” regem a relação que se estabelece entre o leitor e NE. O tema da docência aparece ligado a um “trabalho gratificante” e a uma “obra missionária”, isotopicamente reiterado por outros trechos da publicação; e a noção de que o professor(a) pode “passar” valores e sentimentos ao aluno (como o “amor pela pátria”) é também destacada pelos trechos citados.

A seção “*Reportagem de Capa*”, como o próprio nome já diz, veicula a reportagem destacada na capa de cada número. A pauta dessas reportagens segue um estoque variado dentre os quais podemos citar a teoria das inteligências múltiplas, novidades legislativas do MEC, testes de rendimento escolar, materiais e recursos didáticos, diversidade cultural, conteúdos de ensino, propostas de atividades escolares, eleição, parceria empresa-escola, planejamento escolar, currículo escolar, leitura, ensino de Língua Portuguesa, ensino de Matemática, ensino de História, ensino de Geografia, ensino de Ciências e ensino de Artes.

“*Era uma Vez*” é o lugar em que *Nova Escola* divulga um texto narrativo ilustrado e dá dicas de “[...] como utilizar o texto em sala de aula”. Dentre as histórias encontradas podemos

mencionar, “O segredo do casco da tartaruga”, conto de João A. Carrascoza, ilustrado por Renato Alarcão;³ “A tapeçaria de Aracne”, lenda grega recontada por Ana Maria Machado e ilustrada por Ivan Zigg;⁴ “Pégaso e Andrômeda, a princesa acorrentada”, lenda grega recontada por Walmir Cardoso e ilustrada por Ivan Zigg;⁵ “Quem tem medo de ridículo?”, conto escrito na forma de poema com 20 estrofes, cada qual contendo quatro versos cada, de Ruth Rocha, ilustrado por Alarcão;⁶ “A lenda de Órion”, lenda grega recontada por Walmir Cardoso, ilustrada por Kipper;⁷ “Sapo com medo d’água”, conto popular recontado por Ricardo Azevedo e ilustrado por Ivan Zigg,⁸ dentre outras. Pudemos observar nessa pequena amostra, a recorrência de histórias de origem grega, bem como a repetição do gênero discursivo conto e lenda. Na parte em que NE se propõe a dar sugestões da utilização desses textos em salas de aula, encontramos um pequeno trecho em que se define conto e onde podem ser encontradas as pistas de sua utilização pela revista. “Os contos são narrativas curtas, ágeis, com começo, meio e fim, personagens simples e linguagem clara. Não lhes faltam ingredientes, portanto, para prender a atenção das crianças” (NE, nº 103, jun. 1997, p. 32). Aqui se revela o motivo da presença dessas histórias, são histórias para o professor contar para os seus alunos, para usar em sala de aula e onde aparece o passo a passo para a sua utilização e “aplicação” no cotidiano de ensino. Um dos objetivos da seção é tornar mais prático e rápido o trabalho do professor, pois além do texto ser curto e de fácil apreensão, vem acompanhado da “receita” de como utilizá-lo na prática de sala de aula. Vejamos um exemplo da seção na Figura abaixo,

³ NE, nº 111, abril 1998, p. 30-31.

⁴ NE, nº 112, maio 1998, p. 30-31.

⁵ NE, nº 115, setembro 1998, p. 30-31.

⁶ NE, nº 117, novembro 1998, p. 28-29-30.

⁷ NE, nº 118, dez. 1998, p. 30-31.

⁸ NE, nº 103, jun. 1997, p. 30-31.



Figura 32 – Seção *Era uma Vez* (nº 112)
Fonte: NE, nº 112, maio 1998, p. 30 e 31.

Encontramos ainda a seção fixa intitulada “*Mural*” (Figura 33), bem eclética, reúne uma imensa diversidade de informações, desde a divulgação de eventos, concursos, encontros, projetos, conferências, feiras, fóruns, seminários; à divulgação de dados quantitativos sobre diversos assuntos (reciclagem, matrículas, número de alunos atendidos por determinado projeto, etc.). Essa seção possui dois elementos fixos, a presença de uma “*photographia*”, que como o vocábulo nos sugere, representa os idos tempos de alguma instituição de ensino⁹, e, ainda, a presença de uma frase enunciada por algum pensador, escritor ou estudioso.¹⁰

⁹ Encontramos nessa parte da revista sempre a seguinte frase: “Mande fotos antigas de escolas para publicação”.

¹⁰ Encontramos diversos pensadores/escritores nas edições de 1997 e 1998, alguns deles foram: Paulo Freire (nº 106), Maria Montessori (nº 108), Cláudio de Moura Castro (nº 111), Pitágoras (nº 112), Fanny Abramovitch (nº 115), Albert Einstein (nº 117), Ziraldo (nº 105), dentre outros.

Mural

Internet

Uma janela para a natureza

Textos e ilustrações sobre a Amazônia e outros de nossos ecossistemas podem ser obtidos na página da WWF Brasil, ramificação da organização não-governamental *World Wildlife Fund for Nature*, criada em 1961 na Suíça e atualmente com 4,7 milhões de associados. O endereço: <http://www.wwf.org.br> oferece ainda informações sobre flora e fauna ameaçadas de extinção, com fotos e descrições do micro-leão-dourado, por exemplo. Há também links com instituições de pesquisa e entidades, que permitem detalhamento dos assuntos pesquisados.

FAUNA E FLORA

MICO-LEÃO DOURADO



Um pequeno filhote de mico-leão-dourado da Mata Atlântica, um dos mais raros do mundo. É possível vê-lo em uma tela de computador. Este mico-leão-dourado, um dos primatas mais ameaçados do mundo, foi fotografado em um zoológico de São Paulo. Ele é um dos poucos micos-leões-dourados que ainda vive em seu habitat natural. Este mico-leão-dourado é um dos mais raros do mundo. Ele é um dos poucos micos-leões-dourados que ainda vive em seu habitat natural. Este mico-leão-dourado é um dos mais raros do mundo. Ele é um dos poucos micos-leões-dourados que ainda vive em seu habitat natural.

Serviço

Para facilitar sua vida, professor!

Já imaginou um programa de computador que ajude você a planejar suas aulas, criar projetos pedagógicos e controlar horários? É assim o *Smart*, que oferece ainda uma relação dos principais softwares educativos disponíveis no mercado, detalhadamente analisados por pedagogos. De 1º de setembro a 15 de outubro de 98. Dia do Professor, os leitores da NOVA ESCOLA podem carregar o produto a partir do site da Highness Tecnologia Educacional, que é <http://www.highness.com.br>. Para conhecer o programa ao vivo, é só passar no estande da Highness na *Edição 98*, feira que ocorre no Parque Anhembi de São Paulo, de 22 a 24 deste mês de setembro.

Photographia



A bonança antes da tempestade

Em setembro de 1963, a leitora Edilene Ribeiro Barreto, a segunda da primeira fila à direita, tocava seu tarô na fanfara da *Escola Normal de Igarassu*, Pernambuco, que se preparava para abrir o desfile do Dia da Independência. Durante a luta contra os holandeses, em 1632, a vila de Igarassu, no litoral, sofreu pesado saque e cerco dos invasores, orientados pelo brasileiro Cabalar. Este se passou de lado por preferir o domínio holandês ao jugo português. Foi entorpecido.

MANDE FOTOS ANTIGAS DE ESCOLAS PARA PUBLICAÇÃO

NOVA ESCOLA, Av. das Nações Unidas, 7201, São Paulo, SP, CEP 05425-002

CD-ROM

Tudo sobre o Sistema Solar

Sol e seus nove planetas não terão mais segredos para seus alunos depois que eles navegarem pelo Sistema Solar com a ajuda deste CD-ROM. Ele traz informações sobre cientistas como Galileu Galilei e Isaac Newton, animações perfetissimas, experiências interativas para simular a gravidade fora da Terra e muitas outras atividades divertidas e educativas. O CD, que roda tanto em PC como em Macintosh, custa 49 reais e pode ser comprado em livrarias, magazines e lojas de informática, ou pelo telefone: (011) 3675-3766.

Os nove planetas do Sistema Solar e seus satélites naturais: viagem educativa e, principalmente, muito divertida



“Ler não deve ser um hábito. Deve ser um vício, incitado na criança desde bem cedo.”

Fanny Abramovich, educadora e escritora paulista

Leitura

Este guia é um verdadeiro achado



Um bom guia para você montar a biblioteca da escola ou recomendar um título para a leitura de seus alunos

Indispensável para professores e bibliotecas de todo o país, a *Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil*, vol. 6, contém a resenha de 385 livros produzidos no Brasil no ano de 95. Enquanto prepara as próximas edições anuais, a Biblioteca Monteiro Lobato também lançou um pequeno guia com 53 títulos publicados em 97 e 98. As duas obras são distribuídas gratuitamente para todo o Brasil, bastando enviar carta com solicitação para a rua General Jardim, 485, CEP 01233-011, São Paulo, SP.

Números

500 mil alunos foram atendidos pelos caminhões do *Leia Brasil*, programa de leitura da Petrópolis que em 1998 chegou a 515 escolas, de 78 municípios de vários Estados brasileiros.

6,8 por cento foi o crescimento das matrículas do ensino fundamental entre 1994 e 1997. No ensino médio, o aumento de matrículas foi de 28,2%. Os dados são do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), órgão do Ministério da Educação que faz o censo escolar.

Nota ambiental

Pantanal ao seu alcance

300 páginas de informações detalhadas sobre a flora e a fauna do Pantanal Mato-grossense. As principais espécies de plantas e animais aparecem descritas com minúcia e são ilustradas por desenhos precisos. E o manual *Conheça o Pantanal*, escrito por Níca Wiedel de Magalhães, diretora da Fundação Parque Ecológico de São Carlos, SP, que pode ser comprado pelo tel. (011) 814-3437 ao preço de 23 reais (20 reais para professores).

Agenda

Encontros

- Educação Infantil: 12 de setembro. Local: Colégio Progresso, Guarulhos, SP. Informações: (011) 6440-1800
- 4º Encontro Sul-Brasileiro Sobre Bilingüística: 16 a 18 de setembro. Local: Santa Maria, RS. Informações: Telefax (055) 222-6330
- Simpósio Segurança Alimentar e Saúde: 21 e 23 de setembro. Local: Centro de Convenções Rebouças. Informações: (011) 551-1881
- Cursos
 - Brincadeira e Costa Síria: 10 a 30 de setembro. Local: Universidade do Rio de Janeiro. Informações: (021) 587-7707
 - Matemática e Linguagem: 12 de setembro. Local: Prisma, São Paulo, SP. Informações: (011) 247-4122, ramal 163
 - Informática - Projetos de Sala de Aula: 12 de setembro. Local: Prisma, São Paulo, SP. Informações: (011) 247-4122, ramal 163
 - Limite: Um Caminho Para a Autonomia: 19 de setembro. Local: ATL, Rio de Janeiro, RJ. Informações: (021) 284-7777

Figura 33 – Seção Mural (nº 115)
 Fonte: NE, nº 115, set. 1998, p. 54 e 55.

“Com Certeza”, “o tira-dúvidas do professor” (Figura 34 e 35), é a parte onde NE responde a uma série de dúvidas de seus leitores. A revista, em sua diagramação, destaca em vermelho o tema ou área do conhecimento ao qual a pergunta emitida pelo leitor se refere. Dentre os temas/áreas do conhecimento, encontramos: Matemática, Saúde, Psicologia, Geografia, Educação Artística, Informática, Comportamento, Leitura, Ciências, Direitos, Física, Educação Sexual, Escrita, História, Gestão, Didática, Religião, Português, dentre outros. Abaixo desse primeiro item, encontramos uma frase explicativa do assunto ou atitude que se deve tomar em relação ao tema abordado, uma espécie de subtítulo criado pelo destinador, observemos abaixo,

Podemos entrever a seguir algumas perguntas veiculadas nas edições pesquisadas. Na área da “*Matemática*”, cujo subtítulo intitula-se “números, um código social”, encontramos: “[...] existe uma forma correta para escrever os algarismos?”, pergunta feita por Ailton Guillarducci de Ribeirão Pires, São Paulo (edição nº 105, p. 54); “Evento para quebrar a cuca” (subtítulo), “Como organizar uma feira de Matemática para terceira e quarta série?”, questiona Valéria Maria Lima da Silva, de Natal, RN (edição nº 108, p. 54); ou ainda, “[...] quebra-cabeça só de quadrados” (subtítulo), “[...] o que são pentaminós e como posso usá-los com uma turma de 3ª série?”, pergunta Eni Otácia de Lima Silva de Belo Horizonte, MG (edição nº 112, p. 53). “Uma soma na multiplicação” (subtítulo), “[...] na multiplicação de dois números com dois ou mais algarismos cada, por que deslocamos uma casa para a esquerda ao somarmos as parcelas?”, pergunta José T. dos Santos, de Porto Velho, Rondônia (edição nº 106, p. 53). Na área de “*Saúde*”, encontramos, “[...] um assunto para transmitir” (subtítulo), [sic] “[...] como falar de Aids com alunos de quinta a oitava série, que têm idades variando entre 11 e 22 anos? Podem indicar-me alguns livros para servir de orientação?”, interroga a leitora/enunciatária Omette de Oliveira Silva de Tocantins (edição nº 105, p. 55). Na área de “*Educação Sexual*”, vislumbrou-se, “[...] discrição é o melhor caminho” (Fig. 34, p. 52), “[...] como falar sobre violência sexual com os alunos quando um deles é vítima? De que maneira tratar essa criança que relata abuso sexual sofrido na própria casa?”, indaga Joelma Arantes Vaes, de Juiz de Fora, Minas Gerais. Na área de “*Geografia*”, encontramos: “Dividir, para melhor governar” (subtítulo), “Qual o critério para a regionalização do Brasil e por que o Estado de Tocantins foi colocado na região Norte e não na Centro-Oeste?”, sem identificação de pessoa, consta para identificação do leitor apenas seu endereço eletrônico, *julius@goi.sol.com.br* (edição nº 111, p. 51). Na área da “*Pedagogia*”, deparamo-nos com o subtítulo “[...] um por todos e todos por um”, “[...] o que é pedagogia de projetos?”, interrogam Maria Neusa Moreira, de Feira de Santana, Bahia; Inês Maria Lemos, de Goiânia, Goiás; e, Maria de F. P. Sacarmocin, de Colorado do Oeste, Rondônia (edição nº 112, p. 51). Na maior parte dos casos, a resposta é dada por algum especialista da área em questão, geralmente um professor das universidades públicas brasileiras.

“*Depoimento*”, seção fixa no índice das edições de 1998, mas já presente nas edições de 1997, porém sem constância, traz depoimentos e histórias de professores e professoras. Visualizemos a seção a seguir:

Depoimento

A feia cor do preconceito

A mágoa de uma professora que, apenas por ser negra, é discriminada por alguns pais de alunos

Sou professora do Ensino Fundamental e adoro minha profissão, que exerço há dez anos. Sou formada em Magistério e gostaria de cursar uma faculdade. Infelizmente, porém, ainda não tenho condições financeiras para tanto. Mas sou esforçada e batalhadora: sempre que possível, procuro me inscrever em cursos de aperfeiçoamento.

No momento, estou dando aulas para a 1ª série numa escola da Zona Sul de São Paulo. No início do ano letivo minha classe era muito heterogênea, sendo formada tanto por crianças que já conheciam as letras como por outras que nem sabiam ainda segurar um lápis. No entanto, graças ao trabalho realizado por mim até agora, a maioria está praticamente alfabetizada, o que muito me orgulha.

Nunca tive problemas de indisciplina em minha classe. Sei controlar minhas crianças, que gostam de mim e me ouvem.

Quase todos os pais estão satisfeitos com meu trabalho e elogiam meu jeito humano de lidar com seus filhos. Existem alguns, contudo, que não reconhecem meu desempenho e não me aceitam de jeito nenhum. Pela atitude de repulsa de certas crianças, sinto que elas foram instruídas pelos pais para não se despedirem de mim com um beijo, como é o costume. O motivo de tudo isso? Acho que é a cor negra de minha pele.

Procuro deixar esse tipo de coisas de lado e viver a minha vida com dignidade. A verdade, porém, é que sofro demais com essa discriminação injusta que me faz fenececer aos poucos.

Há dias em que penso seriamente em abandonar tudo e mudar de profissão. Mas já tive outras ocupações e em nenhuma delas me senti tão realizada como me sinto lecionando. Lá no fundo do meu coração o sentimento é de que sou a pessoa certa no lugar certo.

Mesmo assim, dói saber dessa rejeição e dói ainda mais saber que não sei o que fazer. Como devo lidar com o preconceito na escola, tanto o dos pais, como o dos alunos e o de outros professores? Como fazer para não perder a auto-estima? Por favor, me ajudem!

*Elizabeth Faria de Andrade
São Paulo, SP*

5

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Convite para o Festival da Primavera: talento precoce

Nós do Colégio Colibri Master, com classes de 1ª e 2ª séries, aproveitamos a chegada da Estação das Flores e o talento de nossos pequeninos alunos do Maternal para produzir os convites para nosso Festival da Primavera, no qual os estudantes e seus convidados se divertiram à beça! O 3º período do Maternal elaborou um desenho diferente para cada convite, que assim se tornou exclusivo!

*Márcia C. O. de Andrade
Belo Horizonte, MG*

ERRAMOS

O pôster Unidades e Decimais, encontrado na edição 114 de *NOVA ESCOLA* traz uma incorreção. As frações decimais são frações especiais cujo denominador é uma potência de 10 (100, 101, 102, 103...) e não um múltiplo de 10, como foi publicado. Existem casos em que frações com denominadores múltiplos de 10 podem ser transformadas em frações decimais. Por exemplo: $\frac{520}{100}$ (que multiplicada por

55 resulta na fração decimal equivalente a 15100). Mas em um caso como o da fração $\frac{2250}{100}$, por exemplo, não é possível fazer essa transformação.

O trabalho da professora Vanda dos Santos Pupo foi divulgado na reportagem "Cartas - Anos de ensino por correspondência" (edição 102) e não no artigo "Curso de leitura por correspondência" (edição 113), como saiu na seção de cartas da edição 115.

Desenvolvendo o projeto *Monteiro Lobato*, que teve como destaque o concurso "Poesia Nossa de Cada Dia", nosso Colégio Estadual Regina Pacis deu continuação a mais uma de suas atividades pedagógicas ligadas ao *Pro-Leitura*, em convênio com a Fundação Vitea/UFC/SE-DUC/CREDE 13.

*Maria Lúcia Moraes, Antonieta Pereira da Silva, Antonia Dárcia S. Martins e Gilmar Pereira de Sousa
Cratois, CE*

LEITURA

ES PROFESSORES DA DE

Projeto Monteiro Lobato: alegria e descontração para festejar o prazer de ler



Figura 36 – Seção *Depoimento* (nº 117)
Fonte: NE, nº 117, nov. 1998, p. 5.

Depoimento

A feia cor do preconceito

A mágoa de uma professora que, apenas por ser negra, é discriminada por alguns pais de alunos

Sou professora do Ensino Fundamental e adoro minha profissão, que exerço há dez anos. Sou formada em Magistério e gostaria de cursar uma faculdade. Infelizmente, porém, ainda não tenho condições financeiras para tanto. Mas sou esforçada e batalhadora: sempre que possível, procuro me inscrever em cursos de aperfeiçoamento.

No momento, estou dando aulas para a 1ª série numa escola da Zona Sul de São Paulo. No início do ano letivo minha classe era muito heterogênea, sendo formada tanto por crianças que já conheciam as letras como por outras que nem sabiam ainda segurar um lápis. No entanto, graças ao trabalho realizado por mim até agora, a maioria está praticamente alfabetizada, o que muito me orgulha.

Nunca tive problemas de indisciplina em minha classe. Sei controlar minhas crianças, que gostam de mim e me ouvem.

Quase todos os pais estão satisfeitos com meu trabalho e elogiam meu jeito humano de lidar com seus filhos. Existem alguns, contudo, que não reconhecem meu desempenho e não me aceitam de jeito nenhum. Pela atitude de repulsa de certas crianças, sinto que elas foram instruídas pelos pais para não se despedirem de mim com um beijo, como é o costume. O motivo de tudo isso? Acho que é a cor negra de minha pele.

Procuro deixar esse tipo de coisas de lado e viver a minha vida com dignidade. A verdade, porém, é que sofro demais com essa discriminação injusta que me faz fenececer aos poucos.

Há dias em que penso seriamente em abandonar tudo e mudar de profissão. Mas já tive outras ocupações e em nenhuma delas me senti tão realizada como me sinto lecionando. Lá no fundo do meu coração o sentimento é de que sou a pessoa certa no lugar certo.

Mesmo assim, dói saber dessa rejeição e dói ainda mais saber que não sei o que fazer. Como devo lidar com o preconceito na escola, tanto o dos pais, como o dos alunos e o de outros professores? Como fazer para não perder a auto-estima? Por favor, me ajudem!

*Elizabeth Faria de Andrade
São Paulo, SP*

5

Figura 37 – Seção *Depoimento* (nº 117)
Fonte: NE, nº 117, nov. 1998, p. 5.

Sempre constantes à página 5 das edições pesquisadas (1997-1998), trazem uma diversidade imensa de temas, como podemos depreender dos títulos e subtítulos vistos e expostos a seguir: “Salve a curiosidade da extinção, professora comprova antiga tese de que o aluno sempre aprende o que lhe interessa”;¹¹ “Projeto de ensino sem distância, sucesso e gratidão de ex-alunos levam professora a confirmar valor pedagógico do afeto”;¹² “A liberdade pela educação, presidiário pede ajuda para mudar o perfil do sistema carcerário brasileiro”;¹³ “Os estudos em primeiro lugar, professor homossexual resiste ao preconceito e às humilhações para seguir vocação de ensinar”;¹⁴ “Índio quer educação, não apito, bióloga pede mais atenção das autoridades para a educação de nossos índios”;¹⁵ “A feia cor do preconceito, a mágoa de uma professora que, apenas por ser negra, é discriminada por alguns pais de alunos”.¹⁶ A dimensão passional em relação à educação, em relação à carreira docente é enfatizada em todos os depoimentos lidos. A temática da docência como “vocação” e “missão” é também constante nos depoimentos e relato dos interlocutores.

Gostaríamos de nos deter um pouco nessa seção, já que é terreno fértil de disseminação de ideias e valores. Nessa seção a revista dá a voz ao seu leitor. Quem se manifesta é o enunciatário e os textos são escritos predominantemente em primeira pessoa. Há um *eu* projetado no interior do enunciado, e é esse narrador que nos conta suas histórias de docência. Os textos são fortemente figurativos, havendo uma recorrência das figuras elencadas a seguir: professor/professora, aluno, escola, crianças, sala de aula, livros didáticos, dentre outros. Os temas tratados e enfatizados nesses depoimentos foram: o entusiasmo pelo poder transformador da educação, o prazer de lecionar, o amor pela profissão docente, o aprendizado nasce da curiosidade, a importância do vínculo afetivo entre aluno e professor, o sentimento de gratidão que um professor “dedicado” desperta no aluno, nada se alcança sem esforço e dedicação, dentre outros. Importante notar também que se dá voz, mesmo que indiretamente como em alguns casos, aos grupos que sofrem algum tipo de preconceito por parte da sociedade como um todo e são geralmente grupos ainda marginalizados. Temos, assim, a professora negra (como no caso do depoimento intitulado *A feia cor do preconceito*), os grupos indígenas (*Índio quer educação, não apito*), o indivíduo-professor homossexual (*Os estudos em primeiro lugar*) e o estudante-professor presidiário (*A liberdade pela educação*).

¹¹ Depoimento de Ana Maria Duarte Lona, Ubaitaba, BA. Edição nº 108, dezembro de 1997, p. 5.

¹² Depoimento de Verlane Carvalho Pinto, Teófilo Otoni, MG. Edição nº 106, outubro de 1997, p. 5.

¹³ Depoimento de Adalberto Batista dos Santos, Guarulhos, SP. Edição nº 112, maio de 1998, p. 5.

¹⁴ Depoimento de Marcos Antônio Nascimento, Serra, ES. Edição nº 111, abril de 1998, p. 5.

¹⁵ Depoimento de Geílsa Santos, Salvador, BA. Edição nº 115, setembro de 1998, p. 5.

¹⁶ Depoimento de Elizabeth Faria de Andrade, São Paulo, SP. Edição nº 117, novembro de 1998, p. 5.

Acompanhemos alguns trechos retirados dos textos citados que darão uma ideia dos temas elencados acima:

Temas	Fragmentos
A importância do vínculo afetivo entre aluno e professor	Apesar de muitas vezes duvidar de minha eficiência e me sentir incapaz de acompanhar todas as inovações pedagógicas, hoje percebo que o importante é o vínculo afetivo com o aluno. Se todo professor se preocupasse em alimentar esse contato pessoal, com certeza as escolas teriam mais histórias de sucesso para contar (NE, nº 106, 1997, p. 5).
O aprendizado nasce da curiosidade/do prazer	[...] Por isso, anotei essa experiência, que só veio reafirmar o que nós, educadores, sabemos de longa data: o aluno aprende o que lhe interessa (NE, nº 108, 1997, p. 5).
Orgulho de ser professor/realização na profissão docente	Graças a Deus, coloquei meus estudos em primeiro lugar. Atualmente, apesar de tantas dificuldades para chegar até aqui, orgulho-me de ser professor (NE, nº 111, 1998, p. 5). Há dias em que penso seriamente em abandonar tudo e mudar de profissão. Mas já tive outras ocupações e em nenhuma delas me senti tão realizada como me sinto lecionando. Lá no fundo do meu coração o sentimento é de que sou a pessoa certa no lugar certo (NE, nº 117, 1998, p. 5).
A fé de que a educação é transformadora	Tenho certeza de que meu trabalho não será em vão. Nesse tempo que passei preso, aprendi muitas coisas. A principal, sem dúvida, é que só a educação pode mudar o perfil do sistema carcerário em nosso país (NE, nº 112, 1998, p. 5).

QUADRO 10 – Temáticas da Seção *Depoimento*
Fonte: NE, edições 1997 e 1998.

A seção fixa “*Livros*” (Figura 38), como bem ilustra o seu título, traz sugestões de livros para leitura. Essa seção é subdividida em três subtítulos: “Atualização”, “Juvenil” e “Infantil”, como podemos vislumbrar abaixo,

seria uma enorme ingratidão” (NE, nº 106, p. 58). Abaixo o exemplo de um dos textos dessa seção,

Obrigada, Professores
Lembranças do tempo de escola

“Eles deixaram marcas que guardo até hoje”

POR TIZUKA YAMASAKI

Durante minha vida escolar, pelo menos três professores deixaram marcas profundas e recordações que guardo até hoje. O primeiro foi Carmine Biagio Tundise, meu professor de Português no Colégio Major Juvenal Alvim, de Atibaia, interior de São Paulo. Tinha muito carisma, um riso franco e, embora fosse exigente, bravo até certo ponto, mantinha um diálogo aberto com a turma de garotos aí pelos 10 anos de idade.

Foi o primeiro professor moderno que vi na vida. Lembro que, uma vez, ele discutiu política em sala com uma amiga minha, tratando-a da mesma forma que tratava os adultos. Fiquei espantada! Era alguém com uma grandeza que não é comum numa cidade provinciana. Quando estourou uma greve de professores na cidade, ele tomou a frente do movimento, era um dos líderes. Para mim, ver alguém reivindicando direitos, falando de cidadania, era uma grande novidade!

Tempos depois, veio o artista plástico Luiz Paulo Baravelli, professor de Artes onde me preparei

para o vestibular de Arquitetura. Certa vez, me bateu um bloqueio na hora de desenho livre. Não conseguia fazer nada. Ele me mandou pegar um papel enorme e quadricular a folha inteira com um tira-linhas. Achei que o professor estava maluco, mas assim mesmo executei a tarefa, que era chatíssima e exigia a mais absoluta concentração. Quando acabei, entendi a mensagem dele: se eu me concentrasse no que estava fazendo, podia me libertar de inseguranças e minhas mãos fariam o que eu quisesse. Ele me fez entender que eu pensava com as mãos.

O terceiro e último professor de minhas lembranças, importantíssimo, foi o ator Cecil Thiré, que me deu aulas

na Oficina Básica de Cinema do curso de Arquitetura da Universidade de Brasília.

Nosso primeiro exercício foi fazer um filminho de um minuto. De uma facada só, a turma tinha que discutir o tema, escrever o roteiro, produzir e filmar. Adorei aquela experiência. Foi Cecil quem me fez perceber que Cinema pode ser uma profissão muito divertida. Era um homem tão apaixonado pelo que ensinava, que acabou passando esse sentimento para toda a turma. Foi por causa dele, sem dúvida, que optei pela carreira de cineasta.

“Ver alguém falando de cidadania era uma grande novidade para mim”

Tizuka: dona do recorde de bilheteria dos anos 90, é autora de Gaijin, filme sobre a saga dos imigrantes japoneses no Brasil

Carmine: “Além de boa cineasta, ela é boa arquiteta: foi a 1ª ex-aluna a quem pedi serviços profissionais”

Baravelli: o bom-senso do hoje famoso artista plástico ajudou Tizuka a confiar mais em si mesma

Nem só de representar vive o ator Cecil Thiré: focou por cinema, acabou passando sua paixão para a aluna

54

NOVA ESCOLA-NOVEMBRO 1998

Figura 39 – Seção *Obrigada, Professores* (nº 117)

Fonte: NE, nº 117, nov. 1998, p. 54.

Um ponto que não devemos omitir é o fato de que nas edições de 1998 (com exceção do exemplar de nº 109 de fevereiro de 1998) encontramos um suplemento da revista, localizado no miolo da publicação, que trata dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997). Eles se intitulam *“Parâmetros Curriculares Nacionais, Fáceis de entender”*, um documento produzido pela *Fundação Victor Civita* em parceria com o Ministério da Educação e do Desporto e do Programa Brasil em Ação. Observemos a Figura 40, abaixo,



Figura 40 – Suplemento de NE acerca dos PCN (nº 111)
Fonte: NE, nº 111, abril 1998, suplemento.

Cada edição traz um caderno relativo a uma área do conhecimento, Língua Portuguesa, Matemática, Educação Física, Artes, História, Geografia, Ciências Naturais. O primeiro fascículo, além de trazer questões ligadas à área de Língua Portuguesa, como, o que se ensinar durante o ensino fundamental nessa área e, especificamente nas quatro primeiras séries do ensino fundamental¹⁷, ou de como o professor deve agir para desenvolver o hábito da leitura entre os seus alunos, traz também tópicos onde trata dos próprios *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN (BRASIL, 1997). Nesse tópico pretende explicar “o que são” os PCN, e o que deve ser ensinado a partir de sua perspectiva. Além dessa conceituação, o restante do texto se propõe a responder às seguintes questões:

- Por que novos parâmetros curriculares?
 - Os PCN são obrigatórios?
 - A que séries se destinam os PCN?
 - De que áreas tratam os PCN?
 - Por que são sugeridos os Temas Transversais?
 - Haverá aulas específicas sobre os Temas Transversais?
- (NE, nº 111, abril de 1998, p. 2 suplemento).

¹⁷ Apesar de sabermos da ampliação do ensino fundamental para nove anos e da mudança de nomenclatura para *ano escolar*, adotaremos a nomenclatura utilizada pela revista *Nova Escola*, de acordo com o momento histórico ao qual estamos nos remetendo.

Dois trechos do suplemento nos provocaram, o primeiro pode ser considerado o *lead* do título do suplemento e está a seguir transcrito: “Como pôr em prática o que o MEC propõe para o currículo do ensino fundamental” (NE, nº 111, abril de 1998, p. 1 suplemento), tópico esse que já destaca a dimensão instrumental do conteúdo do fascículo e, ainda, um segundo trecho, negrito na segunda página do fascículo (Fig. 41), que diz,

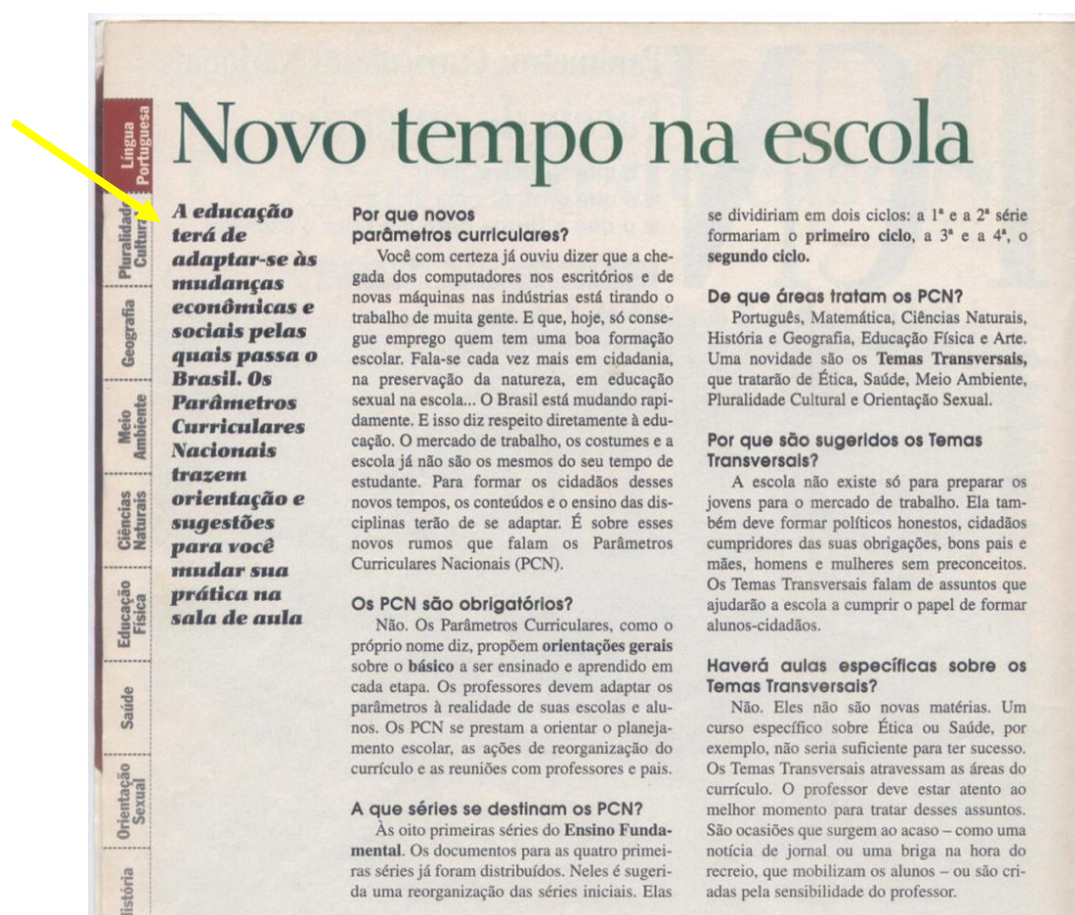


Figura 41 – Suplemento de NE acerca dos PCN (nº 111)
Fonte: NE, nº 111, abril 1998, suplemento.

“A educação terá de adaptar-se às mudanças econômicas e sociais pelas quais passa o Brasil. Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem orientação e sugestões para você mudar sua prática na sala de aula” (NE, nº 111, abril de 1998, p. 2 suplemento). Ao observarmos esse trecho podemos perceber que a tônica é dada ao processo de acomodação que a educação escolar terá que passar para poder adaptar-se (e esse é um verbo muito presente nos discursos de *Nova Escola*) seja às exigências do mercado, seja às exigências sociais, seja mesmo às exigências das políticas públicas, no caso, consubstanciadas na publicação dos PCN

(BRASIL, 1997), apesar do caráter não-obrigatório do documento, como o texto do destinador inclusive afirma. Vê-se uma relação bem próxima entre os órgãos governamentais responsáveis pela Educação Nacional e a *Fundação Victor Civita*, relação que pode ser verificada pela longa parceria que desenvolvem, desde a revista *Escola*, editada pela *Abril* na década de 1970, até os dias atuais.

Por fim, cabe ainda um acréscimo nos dados colhidos e analisados. As revistas referentes aos anos de 1997 e 1998 possuem em média 60 páginas, das quais, aproximadamente, 12 são destinadas a algum tipo de publicidade. Ou seja, nessa época cerca de 20% das páginas da revista eram destinadas à propaganda de algum produto, evento ou ação específica, seja de entidade privada, seja do governo (principalmente Federal, havendo também propagandas do Governo de São Paulo), seja da parceria realizada por entidades privadas em conjunção com o Governo e, também, das próprias empresas, projetos e publicações da *Abril*.

Durante os anos de 1997 e 1998, nessa medida, encontramos dentre os produtos/projetos divulgados pela *Editora Abril* como publicidade em *Nova Escola* diversas revistas, projetos, concursos, etc. – inclusive algumas revistas destinadas à consecução de artesanatos, como a *Manequim Ponto Cruz*, *Manequim faça e Venda*; dentre outras, como *Super Interessante*, *Veja*, *Casa Cláudia*, *Super Legal*, *Guia Quatro Rodas*. O Programa *Veja na Sala de Aula*, a *DIRECTV*, a *TVA*, e o *Concurso Leia Brasil*¹⁸ – também iniciativas do *Grupo Abril* presentes nas publicidades das páginas das edições de *Nova Escola*, 1997-1998. Abaixo duas publicidades significativas, a primeira divulga a revista *Veja* e a própria *Editora Abril*, e a segunda a revista *Manequim Faça e Venda*.

¹⁸ Um concurso promovido pelo Programa *Leia Brasil* e a *Fundação Victor Civita*, em parceria com a Unesco, a Petrobras, o Ministério da Cultura, a Fundação Biblioteca Nacional, a Fundação Nacional de Arte e o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (*Nova Escola*, nº 108, de dezembro de 1997, p. 28).

Quando o zelador telefonou dizendo que o presidente Fernando Henrique Cardoso estava subindo, Ricardo e sua família correram para a porta.

Mas, segundo as determinações do cerimonial dos Azevedo, foi o dono da casa quem teve o privilégio de pagar a edição de VEJA com FHC na capa.

E que privilégio: VEJA é disputada por todos. Com seus artigos, suas denúncias e suas análises, defende a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros, e já é tão importante para o domingo quanto a pizza e o futebol.

VEJA faz parte da Abril. E, se não dá para pensar no domingo sem pensar em VEJA, não dá para pensar em nenhum dia da semana sem pensar na Abril. Porque a Abril faz parte da vida de quase todo mundo.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - TVA, DIRECTV, MTV, HBO Brasil, ESPN Brasil; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, visita, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na vida dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,1 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5 milhões de fitas de vídeo, 10 milhões de listas telefônicas, milhares de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mas de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

“O Presidente Aparece Aqui em Casa Quase Todo Domingo”

Ricardo L. Azevedo, Administrador de Empresas, e família, leitores de VEJA

Abril
Faz Parte da Sua Vida

veja EXAME O GLOBO PLAYBOY SUPERFÔRMULA manequim CLAUDIA
H/M/PC O GLOBO DIGITAL VIP CAPRÍCIO SMOKEZZ I L I
HBO GALAXY Aventura contigir ESCOLA SUPER DANOSCOVO A/D EURO
CARAS Viajei BOA FORMA CASA carícia M Saúde SMOKEZ ARIL AnaMaria NOVA

Figura 42 – Publicidade *Abril* (nº 108)
Fonte: NE, nº 108, dez. 1997, p. 8 e 9.

A publicidade da *Abril* (revista *Veja*) na Figura 42 ocupa duas páginas contíguas. Na página da esquerda vemos uma fotografia ocupando todo o espaço da folha e na da direita, mesclam-se diferentes tipos de linguagem, tanto a imagética quanto a verbal, dessa maneira, o texto para a semiótica francesa é sincrético por pressuposto. A fotografia da esquerda nos mobiliza de imediato, o que vemos? A frase em destaque na próxima página nos dá uma pista,

“O Presidente Aparece Aqui em Casa Quase Todo Domingo”

Ricardo L. Azevedo,
Administrador de Empresas,
e família, leitores de VEJA

Figura 43 – Frase de destaque da publicidade
Fonte: NE, nº 108, dez. 1997, p. 9.

Se nos ativermos no nível discursivo do percurso gerativo de sentido, poderemos depreender que a instalação de pessoa, espaço e tempo no texto em questão poderá nos ajudar. A frase “O Presidente Aparece Aqui em Casa Quase Todo Domingo” pode ser assim compreendida, o espaço é a casa de alguém, no caso, da família de Ricardo Azevedo, administrador de empresas. Todos fazem parte de uma mesma família e todos são leitores de *Veja*, inclusive a

criança menor (?!). É uma família modelo, com pai, mãe, dois filhos (uma menina e um menino), um cachorro branco e dois avós. Inferimos que Ricardo é o homem que se localiza no centro da cena, sentado ao sofá, tendo ao seu lado esquerdo a figura do Presidente da República da época, Fernando Henrique Cardoso (FHC), que é destacado cromaticamente pela linha azul que lhe contorna todo o corpo; e ao seu lado direito, uma senhora figurativizando as avós de uma determinada classe social, senhora essa que parece ser sua mãe, devido à proximidade com que estão alocados na cena. A composição utiliza da simetria e do equilíbrio como técnicas de comunicação visual,¹⁹ tendo como centro visual perceptivo da área a imagem do “Ricardo”. Se nosso olhar primeiro se dirige para o “Ricardo”, logo se desloca para a figura do presidente FHC, que se destaca das restantes devido à sua aura azulada. A figura do presidente possui certo caráter ambíguo, pois se a tonalidade azulada lhe dá certo distanciamento, a sua topologia na página reforça um efeito de sentido de proximidade para com os outros atores da cena. O trecho “Aqui em Casa”, cujo advérbio de lugar “aqui”, ancora o discurso num determinado espaço, ou seja, a casa daquele que fala, confere à fala um tom íntimo, pessoal. A ancoragem de tempo se faz no trecho “Quase Todo Domingo”, dia em que as pessoas não trabalham e podem usufruir de momentos no seu lar, juntamente com a sua família; obviamente essas são deferências do senso comum, de um determinado padrão comportamental, ou melhor, de um *habitus*²⁰ específico e ao qual o texto exposto faz menção. A utilização de letras maiúsculas em todas as palavras da frase cria um efeito de sentido de solenidade, o que reforça a importância da fala e de seu conteúdo.

Acompanhemos o texto verbal inserido abaixo,

¹⁹ Para aprofundamento das técnicas de comunicação visual ver Donis A. Dondis, *Sintaxe da linguagem visual*, p. 139-160. Ver referência completa, na seção *Referências*.

²⁰ Nesse momento fazemos menção ao conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu. Para o sociólogo e professor do *Collège de France*, “[...] o *habitus* integra o conjunto dos efeitos das determinações impostas pelas condições materiais de existência (cuja eficácia se encontra cada vez mais subordinada ao efeito da ação de formação e de informação previamente suportada à medida que se avança no tempo). Ele é a *classe incorporada* – incluindo propriedades biológicas socialmente modeladas, tais como o sexo ou a idade – e, em todos os casos de deslocamento intergeracional ou intrageracional, distingue-se (em seus efeitos) da *classe objetivada* em determinado momento (sob a forma de propriedades, diplomas, etc.), no sentido em que ele perpetua um estado diferente das condições materiais de existência, aquelas de que ele é produto e, neste caso, diferem mais ou menos das condições de sua atualização” (BOURDIEU, 2008, p. 410).

Quando o zelador interfonou dizendo que o presidente Fernando Henrique Cardoso estava subindo, Ricardo e sua família correram para a porta.

Mas, seguindo as determinações do cerimonial dos Azevedo, foi o dono da casa quem teve o privilégio de pegar a edição de VEJA com FHC na capa.

E que privilégio: VEJA é disputada por todos. Com seus artigos, suas denúncias e suas análises, defende a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros, e já é tão importante para o domingo quanto a pizza e o futebol.

VEJA faz parte da Abril. E, se não dá para pensar no domingo sem pensar em VEJA, não dá para pensar em nenhum dia da semana sem pensar na Abril. Porque a Abril faz parte da vida de quase todo mundo.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - TVA, DIRECTV, MTV, HBO Brasil, ESPN Brasil; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na vida dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,1 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5 milhões de fitas de vídeo, 10 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!



Figura 44 – Texto publicidade *Abril* (nº 108)
 Fonte: NE, nº 108, dez. 1997, p. 9.

Em rápidas pinceladas, podemos dizer que o texto se divide basicamente em três partes. A primeira parte se refere ao espaço da casa de “Ricardo e sua família”; a segunda parte é aquela referente à *Veja*, ou onde se fala de *Veja*; e a terceira parte entra em cena a *Editora Abril*. O texto é escrito em terceira pessoa e predomina o presente do indicativo. O enunciador opta por um tom impessoal na maior parte do texto, já que instala no discurso vários *eles*. Os actantes do enunciado, transitam entre o *ele* – zelador, o *ele* – presidente FHC, o *ele* – Ricardo, o *eles* – família de Ricardo, o *ela* – revista *Veja*, o *ela* – *Editora Abril*, o *eles* – brasileiros e o *elas* – pessoas que trabalham na *Abril*. Vale lembrar que “[...] nas diferentes línguas, sempre é ela [a terceira pessoa] que é empregada quando não se designa a pessoa, notadamente na chamada

expressão impessoal, em que um processo é relatado enquanto puro fenômeno cuja produção não está ligada a qualquer agente ou causa” (FIORIN, 2010, p. 59). Na publicidade (Figura 44), os números expressos nas frases “são quase 200 títulos”, “[...] com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano”, “programação de TV que chega a 1,1 milhão de assinantes”, “[...] com 5 milhões de fitas de vídeo, 10 milhões de listas telefônicas”, “[...] mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril”, assumem uma importante dimensão, reforçando isotopicamente o fato de que a “*Abril, Faz Parte da Sua Vida*” e de todo aquele que “lê revistas”, “[...] de quem assiste TV”, “[...] de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura”, ou seja, o efeito de sentido de grandiosidade é sempre mantido e reiterado.

A partir do 7º parágrafo, com a instalação do pronome de tratamento *você*, opera-se uma transformação na impessoalidade reiterada pelo uso intenso da 3ª pessoa – ele/ela. Dessa forma, o enunciador institui nesse momento uma relação de intimidade com seu enunciatário, a qual predomina no restante dos parágrafos. O jogo entre impessoalidade e pessoalidade faz parte das estratégias enunciativas do enunciador, para o convencimento de seu enunciatário acerca do caráter veridictório de seu discurso. Se no nível narrativo, a “[...] sintaxe narrativa deve ser pensada como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo” (BARROS, 2002, p. 16), quem realiza a ação de “transformar o mundo” é, sem dúvidas, a *Editora Abril*. Esse sujeito é que transforma a “vida dos brasileiros”, é quem “[...] diverte, ensina, ajuda, entretém, informa, faz pensar”; é quem quer tornar a vida do brasileiro “[...] melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida”. Se entendermos a narrativa como mudança de estados, podemos dizer que a primeira mudança de estado se dá quando Ricardo e sua família correm para a porta para entrar em contato com *Veja* (“Ricardo e sua família correram para a porta”), pois a ação de “correr para a porta” e ter contato com *Veja* opera uma transformação que faz o sujeito - *família de Ricardo* - entrar em conjunção com o objeto, no caso a revista *Veja*. Se é por meio do objeto que o sujeito tem acesso aos valores, podemos dizer que ao entrar em conjunção com *Veja*, o sujeito entra também em conjunção com os valores investidos nesse objeto²¹, ou seja, mais *cultura*, mais *entretenimento*, mais *informação* e mais *educação*. A revista *Veja* e os produtos da *Abril* são,

²¹ Para Fiorin (2008a, p. 36-37), “[...] a semântica do nível narrativo ocupa-se dos valores inscritos nos objetos. Numa narrativa, aparecem dois tipos de objetos: objetos modais e objetos de valor. Os primeiros são o querer, o dever, o saber e o poder fazer, são aqueles elementos cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal. Os segundos são os objetos com que se entra em conjunção ou disjunção na performance principal”.

pois, a manifestação concreta do objeto-valor/conhecimento, informação, riqueza, diversão e justiça, reiterados no discurso mencionado.



Figura 45 – Publicidade *Manequim Faça e Venda* (nº 115)
Fonte: NE, nº 115, set. 1998, p. 48 e 49.

A publicidade acima nos revela a imagem desse enunciatário pressuposto, a da professora leitora da revista que precisa realizar trabalhos extras para complementar sua renda. Daquela professora que precisa “ganhar dinheiro em casa”, com outros trabalhos que não a docência. Na verdade, a docência é reiteradamente vista como missão, como trabalho dignificante (embora de pouca remuneração), uma vocação a ser realizada.

Além do *Grupo Abril*, diversos outros anunciantes aparecem. Encontramos a divulgação de eventos, cursos, programas, vestuário, materiais didáticos, e até remédio para piolho. Vejamos alguns nomes: o Ministério da Educação (TV Escola, Censo Educacional, Programa Brasil em Ação, Programa Nacional do Livro Didático, dentre outras iniciativas do Governo Federal), *Interconnection* Vídeos Educativos, *Cult – Revista Brasileira de Literatura*, *Educador’98 – V Congresso Internacional de Educação*, *Sistema Positivo* (materiais didáticos, informática,

etc.), Elizabeth Têxtil (uniformes escolares com *Soft Shield*),²² Universidade de Brasília (curso a distância), Agrovídeo, Fundação Banco do Brasil, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Banco Real, Malwee, Faber-Castell, Laboratório Stafford-Miller, Conselho Brasileiro de Oftalmologia, Futurekids – empresa de informática educacional, Nilko – “armários multi-uso para escolas”, COC – Sistema de Ensino, Editora Saraiva, LPH – Tecnologia Educacional, Paulinas, Editora do Brasil, dentre outros exemplos. Como podemos ver, o número de anunciantes é bem extenso e seus produtos de divulgação também, indo desde o vestuário infantil (seja ele uniforme escolar, seja roupa do dia a dia), passando por armários escolares, materiais didáticos diversos (incluindo aí os livros), à tecnologia educacional. Abaixo inserimos alguns anúncios para termos de enriquecimento perceptivo de nosso objeto,

MÉTODO KUMON

Se você busca o seu sucesso e de seus alunos, seu lugar é aqui.

Eu quero convidá-la a ser uma orientadora do Método Kumon. Há alguns anos, eu aceitei este mesmo convite, e foi a melhor decisão da minha vida.

Método Kumon - Um método de ensino diferente e inovador.
 "Camecei a me interessar pelo Método Kumon há 2 anos, por meio de uma colega. Percebi que era uma proposta de educação inovadora e diferente de tudo o que vi por aí, com resultados visíveis em pouco tempo e que me daria muito mais satisfação como professora. Além disso, a possibilidade de conciliar a unidade do Kumon com as minhas aulas na escola e as chances de aumentar a renda mensal atraíram-me bastante."

Método Kumon - Aqui, a criança é o centro da educação.
 "Hoje, como orientadora do Kumon, tenho aprendido muito com os alunos. Quando a criança tem condições e oportunidades, ela aprende muito mais; isso foi a minha grande lição. Estimular o potencial e a autoconfiança do aluno, ajudá-lo a melhorar ainda mais e vê-lo progredindo a cada dia é tudo aquilo que eu sempre sonhei como professora."

Método Kumon - A realização do sonho de ter o seu próprio negócio e de fazer o que gosta.
 "O Kumon me proporciona, ainda, cursos frequentes de reciclagem, apoio constante e um material didático, programado e seqüenciado, que define todo o sucesso do método. Como orientadora do Kumon, faço o que gosto, e ainda sou dona do meu próprio negócio. Posso afirmar que hoje sou uma professora realizada com o meu trabalho. Ligue e peça mais informações sobre o nosso Método. Tenho certeza de que você pode ter o mesmo sucesso que eu tive."

Método individualizado, criado no Japão há mais de 40 anos, com 3 milhões de alunos em 40 países. Há mais de 20 anos no Brasil, com 1.980 unidades e mais de 65.000 alunos em todo o Brasil.

Você também pode ser uma orientadora do Método. Abra uma unidade Kumon!

Veja quais são os requisitos:

- mulheres com idade acima de 25 anos;
- local para atender os alunos (pode ser em sua casa ou em outro lugar de sua escolha);
- conhecimentos básicos de Matemática;
- disponibilidade de, no mínimo, 2 dias por semana.

Venha assistir a uma palestra gratuita de apresentação do Método.

KUMON INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
 Matemática - Português - Japonês
 Matriz: Rua Benedito Cavalari, 268 - CEP: 05090-002 - Itaquera - São Paulo - SP - Tel. (011) 862-1387 - Fax: (011) 865-9089
 Filiais: São Paulo (011) 865-1069 - Belo de Janeiro (021) 262-3203 - Belo Horizonte (031) 241-1753 - Curitiba (041) 322-4212
 Porto Alegre (051) 339-5777 - Brasília (061) 238-2266 - Londrina (043) 323-1919 - Ribeirão Preto (016) 636-4161 - Salvador (071) 323-2421
 Campo Grande (051) 329-5381 - Presidente Prudente (016) 223-6202 - Campinas (019) 243-4814 - Fortaleza (085) 224-8177 - Natal (033) 249-9071

Figura 46 – Publicidade *Método Kumon* (nº 115)
 Fonte: NE, nº 115, set. 1998, p. 26.

²² *Soft Shield*, segundo a propaganda vista, é uma substância que é incorporada ao tecido do uniforme das crianças, assim, “[...] *Soft Shield* forma uma barreira em torno das fibras, criando uma forte repelência a sujeiras e líquidos. Assim, as roupas ficam mais difíceis de sujar e mais fáceis de limpar. E, com menor necessidade de lavagens, o uniforme fica com uma vida útil muito maior. Além disso, *Soft Shield* não é tóxico e não causa nenhum problema de alergia” (*Nova Escola*, nº 108, de dezembro de 1997, p. 19).



Figura 49 – Publicidade *Kwell* (remédio de piolho, nº 115)
Fonte: NE, nº 115, set. 1998, p. 27.

No que se refere às edições de 1997-1998, um último fator nos mobilizou por fim, é o fato de que a publicidade ocupa de forma equilibrada tanto a página da direita, quanto da esquerda, enchendo quase sempre a página inteira, de alto à baixo, quando não duas páginas inteiras.

Para que tenhamos a possibilidade de efetivamente conhecer *Nova Escola por dentro* faz-se necessário que adentremos agora as edições de 2011 e 2012, estabelecendo assim possíveis permanências e transformações sofridas pelo destinador NE ao longo destes anos.

5.2 Edições de 2011 e 2012

As edições de 2011 e 2012 trazem outro tipo de configuração. Observemos a seguir. A parte gráfica da revista é toda reformulada, inclusive suas seções e subdivisões internas. *Nova Escola* não é mais “*A revista do ensino de primeiro grau*” (1997), e nem “*A revista do ensino*

fundamental” (1998), é agora “*A revista de quem educa*” (2011 e 2012), inclusive seu título passa a ser fixo, não havendo nenhuma alteração de uma edição para outra, nem mesmo cromática. Como a proposta desse capítulo é analisar *Nova Escola* “por dentro”, retornaremos no próximo capítulo à análise do *slogan* da revista e suas transformações, bem como às capas da mesma. Nosso ponto de investigação nesse momento concentrar-se-á na parte interna das edições de 2011 e 2012.

O “Índice” de *Nova Escola* constitui-se num quesito importante de observação, já que é através dele que podemos penetrar a estrutura da revista, além da possibilidade de observarmos a quais temas e assuntos a revista dá maior visibilidade. A partir desse item notamos suas seções, as reportagens de destaque, bem como as áreas disciplinares e conteúdos sugeridos ao professor brasileiro. Importante frisar que durante os anos de 2011 e 2012 houve um aumento de atividades dirigidas ao segundo segmento do ensino fundamental.

Ao folhearmos as edições de 2011 e 2012 observamos que o “Índice” da revista vem após duas, quatro ou seis páginas de publicidade, dependendo da edição. E está dividido em 4 seções principais: “*Capa*”, “*Seções*”, “*Sala de Aula*” e “*Reportagens*”. Observemos a seguir,

Índice MARÇO 2012			
Capa			
40	AVALIAÇÃO Vencendo os erros Use os equívocos a favor da aprendizagem		
<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 50%; vertical-align: top;"> Sala de aula <ul style="list-style-type: none"> 48 EDUCAÇÃO INFANTIL Creche As primeiras palavras, muito além do gugu-dadá 51 CIÊNCIAS 2º e 3º anos É hora de aprender a classificar os animais 54 LÍNGUA PORTUGUESA 1º ao 3º ano Os contatos iniciais com o amigo dicionário 58 MATEMÁTICA 4º e 5º anos Aprender divisão é mais que dividir 61 GEOGRAFIA 6º e 7º anos O que a turma precisa saber sobre as nuvens 64 LÍNGUA ESTRANGEIRA 6º e 7º anos Cinco ideias para iniciar a leitura 68 HISTÓRIA 1º ao 3º ano Crianças indígenas de ontem e hoje </td> <td style="width: 50%; vertical-align: top;"> Seções <ul style="list-style-type: none"> 10 CARO EDUCADOR 12 CAIXA POSTAL 14 ONLINE 16 CARREIRA 18 GESTÃO 20 NA DÚVIDA? 22 HELOISA RESPONDE 24 E AGORA, TELMA? 26 O X DA QUESTÃO Formação de professores 30 FALA, MESTRE! Jorge Manzi 36 RETRATO 38 EM DIA 86 ESTANTE 90 PENSE NISSO </td> </tr> </table>		Sala de aula <ul style="list-style-type: none"> 48 EDUCAÇÃO INFANTIL Creche As primeiras palavras, muito além do gugu-dadá 51 CIÊNCIAS 2º e 3º anos É hora de aprender a classificar os animais 54 LÍNGUA PORTUGUESA 1º ao 3º ano Os contatos iniciais com o amigo dicionário 58 MATEMÁTICA 4º e 5º anos Aprender divisão é mais que dividir 61 GEOGRAFIA 6º e 7º anos O que a turma precisa saber sobre as nuvens 64 LÍNGUA ESTRANGEIRA 6º e 7º anos Cinco ideias para iniciar a leitura 68 HISTÓRIA 1º ao 3º ano Crianças indígenas de ontem e hoje 	Seções <ul style="list-style-type: none"> 10 CARO EDUCADOR 12 CAIXA POSTAL 14 ONLINE 16 CARREIRA 18 GESTÃO 20 NA DÚVIDA? 22 HELOISA RESPONDE 24 E AGORA, TELMA? 26 O X DA QUESTÃO Formação de professores 30 FALA, MESTRE! Jorge Manzi 36 RETRATO 38 EM DIA 86 ESTANTE 90 PENSE NISSO
Sala de aula <ul style="list-style-type: none"> 48 EDUCAÇÃO INFANTIL Creche As primeiras palavras, muito além do gugu-dadá 51 CIÊNCIAS 2º e 3º anos É hora de aprender a classificar os animais 54 LÍNGUA PORTUGUESA 1º ao 3º ano Os contatos iniciais com o amigo dicionário 58 MATEMÁTICA 4º e 5º anos Aprender divisão é mais que dividir 61 GEOGRAFIA 6º e 7º anos O que a turma precisa saber sobre as nuvens 64 LÍNGUA ESTRANGEIRA 6º e 7º anos Cinco ideias para iniciar a leitura 68 HISTÓRIA 1º ao 3º ano Crianças indígenas de ontem e hoje 	Seções <ul style="list-style-type: none"> 10 CARO EDUCADOR 12 CAIXA POSTAL 14 ONLINE 16 CARREIRA 18 GESTÃO 20 NA DÚVIDA? 22 HELOISA RESPONDE 24 E AGORA, TELMA? 26 O X DA QUESTÃO Formação de professores 30 FALA, MESTRE! Jorge Manzi 36 RETRATO 38 EM DIA 86 ESTANTE 90 PENSE NISSO 		
Reportagens			
72	POLÍTICAS PÚBLICAS Ilhas de excelência Como funcionam os colégios de aplicação		
76	TECNOLOGIA Um toque de futuro Feita em Londres apresenta novidades high-tech para a sala de aula		
78	ESCOLA E FAMÍLIA A quem recorrer? Saiba quem pode ajudar em situações de risco		
82	PRÁTICA PEDAGÓGICA Basta de analfabetismo Professores do 6º ao 9º ano contam como resolveram a questão		
<small>8 MARÇO 2012 www.novaescola.org.br</small>			

Figura 50 – Índice *Nova Escola* (nº 250)
Fonte: NE, nº 250, março 2012, p. 8.

Índice DEZEMBRO 2012



Capa
32 **EDUCAÇÃO INFANTIL**
Elas sabem muito. Aproveite
As crianças nessa fase já pensam sobre números e textos

Seções

8	CARO EDUCADOR
10	CAIXA POSTAL
14	ONLINE
16	GESTÃO ESCOLAR
18	CARREIRA
20	NA DÚVIDA?
22	E AGORA, TELMA?
23	HELOISA RESPONDE
24	NOVA ESCOLA DISCUTE Reajuste do piso salarial
26	FALA, MESTRE! Mônica Molina
29	RETRATO
30	EM DIA
79	ESTANTE
82	PENSE NISSO Luis Carlos de Menezes

Sala de aula

42	EDUCAÇÃO FÍSICA 4º e 5º anos Paião nacional, o futebol precisa ter espaço na escola
46	LÍNGUA PORTUGUESA 5º ano Vou te contar um caso
49	CIÊNCIAS 8º e 9º anos Por que o nosso corpo para de funcionar?
52	GEOGRAFIA 7º ao 9º ano Retratos da América recém-descoberta
55	MATEMÁTICA 7º ao 9º ano Aprendizagem na medida certa
58	ARTE 8º e 9º anos Uma exposição de releituras produzidas pela turma
61	HISTÓRIA 1º ao 3º ano Os tempos que a infância e toda criança têm

Reportagens

65	BRINCADEIRAS REGIONAIS A reinvenção do brincar catarinense As crianças se divertem com calu na rede e peixe, elástico, taco e boi de mamão
69	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS Incluir gente grande Como garantir o ensino a mais de 47 mil alunos com deficiência
72	GESTÃO PARTICIPATIVA Assembleias dão voz a alunos e docentes Conheça a vencedora da categoria Gestor do Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10
76	PESQUISA Em cartaz, a indisciplina Para lidar com ela, é preciso conhecê-la

6 DEZEMBRO 2012 www.novaescola.org.br

Figura 51 – Índice Nova Escola (nº 258)

Fonte: NE, nº 258, dez. 2012, p. 6.

Ao examinarmos as páginas em questão (Figuras 50 e 51), detectamos que, a despeito da permanência dos blocos principais da revista (“Capa”, “Seções”, “Sala de Aula” e “Reportagens”), a localização espacial na página sofre variação como podemos observar na exposição acima. No “Índice” de março de 2012 o bloco “Seções” localiza-se à direita e no “Índice” de dezembro de 2012 a mesma divisão localiza-se à esquerda, contudo a estrutura da revista permanece praticamente a mesma, com algumas poucas alterações como veremos adiante. A nomenclatura dos quatro blocos principais permanece inalterada durante as edições de 2011 e 2012. As mudanças são significativas quando comparamos as edições de 1997-1998 com as edições de 2011 e 2012; e essas alterações se dão em vários quesitos, como na questão gráfico-plástica, nos títulos, no conteúdo das seções, etc. As publicações de 2011 e 2012 optam pela delimitação específica dos espaços da revista, já que separam e fragmentam mais o seu conteúdo, o que não ocorria nas edições de 1997 e 1998, como pôde ser observado. No entanto, há também permanências, já que os temas das reportagens de capa continuam pulverizados, aliás, ainda mais, com o surgimento de outros temas na pauta, como a sustentabilidade e a neurociência. Há também, no que se refere às diferenças entre as edições de 1997 e 1998, uma ampliação desse público leitor, já que muitas das atividades da seção

“*Sala de aula*” são dirigidas aos professores do segundo segmento do ensino fundamental (6º ao 9º anos), inclusive com a inserção de atividades para “Língua Estrangeira”.

No que se refere à comparação das edições de 2011 com as de 2012, podemos dizer que há algumas alterações no conteúdo das mesmas. Uma das principais se refere à extinção da seção “*O X da Questão*” e o surgimento da seção “*Nova Escola discute*” em abril de 2012, o que pode ter ligação com a mudança na direção de redação da revista, com a entrada em dezembro de 2011 da jornalista Maggi Krause e a saída de Gabriel Pillar Grossi.²³ No entanto, essa alteração se deu muito mais na nomenclatura da seção do que propriamente de seu conteúdo (o que iremos observar adiante). Podemos observar também alterações na seção intitulada “*Reportagens*”, com a entrada de novos títulos e temáticas, como “*Brincadeiras Regionais*” e “*Planejamento*”.

Faremos daqui por diante uma pequena incursão interna pelas edições de 2011 e 2012, com o propósito de aprofundar nosso conhecimento acerca da construção do discurso pedagógico de NE, ver como a revista se apresenta, perceber quais os temas ela dá visibilidade, apreender quais os procedimentos discursivos que utiliza, que valores propaga e que tipo de professor(a) é construído no/pelo seu texto.

A seção “*Caixa Postal*” é um espaço destinado à interlocução com os leitores de *Nova Escola*, onde é dada a palavra a esse leitor e onde este tece comentários acerca dos conteúdos veiculados pelas edições anteriores da revista, tem relação com a seção “*Sala dos Professores*” das edições de 1997 e 1998. Vejamos um exemplo,

²³ Informação presente no editorial de dezembro de 2011 de *Nova Escola*, que anuncia a entrada da nova diretora de redação Maggi Krause e a saída de Gabriel Grossi depois de “[...] 12 anos de intenso convívio (de outubro de 1999 a novembro de 2003 e de janeiro de 2006 até novembro deste ano) [2011]” (NE, nº 248, dez. 2011, p. 7).

Caixa postal

Editado por ELISA MEIRELLES elisa.meirelles@fvc.org.br



“Sou professora de Ciências e vou extrair o máximo do que a revista pode me proporcionar. Assim, vou ajudar a conscientizar meus alunos sobre sustentabilidade.”

f MARIA CRISTINA LEVY, Porto Velho, RO

SUSTENTABILIDADE
Os educadores precisam atuar como inovadores e dinamizadores da sustentabilidade (Novo Faz, a Planeta Sustentável, maio). Sou coordenadora pedagógica de uma escola em Tatuí, um pequeno município com 11 mil habitantes. Aqui foram criadas políticas públicas voltadas ao tema e uma lei complementar de Educação ambiental, propondo ações que envolvem os alunos e a comunidade.

CLEIDE VILARINHO TAKASAI, Tatuí, SP

Não há como dissociar o meio ambiente da nossa prática educativa e cotidiana. Parábola pela iniciativa!

LUÍZA EKORA CARNEIRO, Itaboraí, BA

NOVA ESCOLA DISCUTE
É assustador saber que somos um país que há tão pouco (Livros 100, 100 Distintos do Mito do Aluno, maio). Como educadores, precisamos retomar essa discussão nas

escolas e nos demais espaços em que atuamos. É por meio da leitura que adquirimos conhecimentos e desenvolvemos muitas habilidades de reflexão e debate. Diante da realidade atual e dos resultados da pesquisa do Instituto Pivô-Livro apresentada na revista, vejo que há uma grande necessidade de abraçarmos a causa e desenvolvermos com mais empenho a leitura entre os alunos.

FRANCISCO MARTINS SILVA, Urucui, PI

PENSE NISSO
Luiz Carlos de Memeses, gestor de suas palavras incentivadoras na edição de maio de NOVA ESCOLA (Melhor para Não Abandonar o Corrimão). Senti-me bem e disposto a continuar mais alguns anos nessa batalha. Você tem razão quando diz que os olhares e os sorrisos nos fazem avançar na luta por um país mais educado.

VALMIR ARAÚJO DOS SANTOS, Rio de Janeiro, RJ

NOVA FASE
Quando li a reportagem Transição Delicada (maio), me identifiquei com as conclusões apresentadas: Sou professora de Educação Infantil e, em meu estágio nas séries iniciais, estudei a passagem das crianças da pré-escola para o Ensino Fundamental. Constatéi que, na prática, não há um processo de transição, mas de interrupção. Espero que a revista ajude a conscientizar professores de que precisamos falar a mesma língua.

CRÁZIELA MENDES DA SILVA, Curitiba de São José, SC

ACORDO ORTOGRÁFICO
A reportagem discute várias as recentes mudanças ortográficas (Último Choro, maio). Ao ler, me veio a seguinte pergunta: Quando nos separarmos com uma palavra desconhecida que levara esse acerto, como sabemos pronunciá-la?

GUSTAVO ALMEIDA, DE ALMEIDA, Belém, PA

As mais comentadas no Twitter

- #1 #DaEducação Hoje é o dia da Educação e são vocês que fazem a Educação do Brasil. Parabéns!
- #2 #Reportagem Última chamada: novo acordo ortográfico passa a valer em 2013.
- #3 #Reportagem Preparamos uma seleção com 10 bibliotecas virtuais para habitar gratuitamente o céu da literatura.

CORREÇÕES
O nome da creche de São Paulo que teve seu trabalho retratado na reportagem Movimento - Por que Ela É Não Importante (maio) é CEI Nossa Senhora Aparecida, e não CEI Nossa Senhora da Graça.

A figura geométrica com quatro faces triangulares e uma quadrada é uma pirâmide de base quadrada, e não um prisma (Governar: Três Atitudes que Não Podem Faltar, maio). Um prisma é um poliedro formado por pelo menos duas bases paralelas e congruentes ligadas por arestas.

PARA ASSINAR
www.novaescola.com
São Paulo (11) 5047-3210
São Paulo (11) 5047-3212
80 segundos e sexta, das 8h às 22h, e sábado, das 9h às 18h

PUBLICIDADE
(11) 5057-3250
www.pubbli.com.br/novaescola

PACOTES DE ASSINATURAS
(11) 5057-4411
gerenciamento@novaescola.org.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.novaescola.com
São Paulo (11) 5047-3112
São Paulo (11) 5047-3112
Segunda a sexta, das 8h às 22 horas



Abri

Fundador: VICTOR CIVITA (1881-1968)

Presidente: Roberto Civita
Diretora Executiva: Angeli Casimiro
Conselheiros: Roberto Civita, Cleonice Espinosa Civita, Vitor Civita, Roberto Casimiro, Cláudio Alves Barbosa, Paulo José Simões, Carlos de Moraes Civita, Jorge Civita, Edmarcio, José Augusto Pires Motta, Ignácio Casimiro e Roberto Casimiro

escola

Revista de Educação: Hugo Assis
Redatora-Chefe: Cláudia Rodrigues
Diretora de Arte: Cláudia Rodrigues
Colaboradores: Maria Tereza e Elza Stronach
Tribuna: José Lúcio Trindade e Elza Stronach
Informações: Maria Tereza e Elza Stronach
Redação: Rua São Francisco, 100 - Vila Mariana - São Paulo - SP - CEP: 05417-000
Telefone: (11) 5047-3210
Fax: (11) 5047-3212
E-mail: escola@novaescola.com
Site: www.novaescola.com


Revista de Publicidade: Tarcis Hatanaka
Executiva de Negócios: Francisca Luciane de Souza
de Marketing e Publicidade: Cláudia Rodrigues
de Atendimento ao Cliente: Cláudia Rodrigues
de Anúncios: Cláudia Rodrigues
de Circulação: Cláudia Rodrigues
de Distribuição: Cláudia Rodrigues
de Expediente: Cláudia Rodrigues
de Impressão: Cláudia Rodrigues
de Transporte: Cláudia Rodrigues
de Venda: Cláudia Rodrigues
de Correio: Cláudia Rodrigues
de Expediente: Cláudia Rodrigues
de Impressão: Cláudia Rodrigues
de Transporte: Cláudia Rodrigues
de Venda: Cláudia Rodrigues
de Correio: Cláudia Rodrigues

O que você precisa saber sobre a revista NOVA ESCOLA e a Fundação Victor Civita

NOVA ESCOLA é a melhor revista de Educação do Brasil, criada em 1961 e já com mais de 50 anos de história. É vendida a preço de custo - não há lucro e, portanto, é independente de qualquer empresa ou instituição. Desde sua criação, NOVA ESCOLA tem sido uma referência para os educadores brasileiros e que se ajudasse na tarefa de educar. Antes de NOVA ESCOLA, havia lançado duas publicações sobre o tema: as revistas ESCOLA (que esteve na bancada de 1972 a 1974) e PROFESSORA QUERIDA, que circulou em 1983.

Figura 52 – Seção Caixa Postal (nº 253)
Fonte: NE, nº 253, jun./jul. 2012, p. 18 e 19.

“Caixa Postal” ocupa entre uma e três páginas da revista, dependendo da edição. Geralmente vem acompanhada da ficha catalográfica da revista (ver Fig. 52, p. 19, lateral direita), onde constam os nomes dos responsáveis pela FVC (fundador, presidente, diretoria executiva, etc.) e da equipe responsável pela publicação (diretora de redação, redatora-chefe, diretora de arte, etc.), como podemos observar a seguir:


Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente: Roberto Civita
Diretora Executiva: Angela Dannemann
Conselheiros: Roberto Civita, Giancarlo Francesco Civita, Victor Civita, Roberta Anamaria Civita, Fábio Barbosa, Maria Alice Setubal, Claudio de Moura Castro, Jorge Gerdau Johannpeter, José Augusto Pinto Moreira, Manoel Amorim e Marcos Magalhães

nova escola



Diretora de Redação: Maggi Krause
Redatora-chefe: Denise Pellegrini
Diretora de Arte: Manuela Novais
Coordenadora Pedagógica: Regina Scarpa
Editoras: Ana Lígia Scacchetti e Beatriz Vichessi
Editoras-assistentes: Bruna Nicolielo e Elisa Meirelles
Repórteres: Beatriz Santomauro, Elisângela Fernandes e Fernanda Salla
Estagários: Márcia Scapaticio, Mariana Queen e Wellington Soares
Editora de Arte: Julia Browne
Designers: Alice Vasconcellos e Victor Malta
Colaborou nesta edição: Paulo Kaiser (revisão)
NOVA ESCOLA ONLINE
Editor: Rodrigo Ratier
Editores-assistentes: Anderson Moço e Paula Nadal (projetos especiais)
Repórteres: Camila Camilo e Daniele Pechi
Editor de Arte: Vilmar Oliveira
Webmaster: Felipe Costa

Gerente de Publicidade: Sandra Moskovich
Executiva de Negócios: Fernanda Sant'Anna Rocha
Gerente de Marketing e Publicações: Elizabeth Sachetti
Gerente de Assinaturas: Rosana Berbel
Gerente de Circulação Avulsas: Marco Marcondes Pascholes
Gerente de Assinaturas: Cynthia Vasconcellos
Analista de marketing: Aaron Racanicchi
Analista de Planejamento e Controle Operacional: Kátia Gimenes
Processos Gráficos: Vitor Nogueira

NOVA ESCOLA 253 (ISSN 0103-0116), ano XXVII, é uma publicação mensal da Fundação Victor Civita (não circula em janeiro e julho). **Assinatura:** sua satisfação é a sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento sem nenhum ônus. Mediante sua solicitação, terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Distribuidora Nacional de Publicações (Dinap S.A.), São Paulo. NOVA ESCOLA não admite publicidade relacional.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900,
Freguesia do Ó, São Paulo, SP

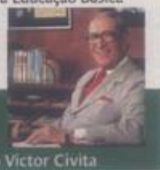
FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900,
Freguesia do Ó, São Paulo, SP
fvc@fvc.org.br, fvc.org.br


O que você precisa saber sobre a revista NOVA ESCOLA e a Fundação Victor Civita

NOVA ESCOLA, a maior revista de Educação do Brasil, circula em todo o país desde março de 1986 e é uma publicação da Fundação Victor Civita. É vendida a preço de custo – você só paga o papel, a impressão e a distribuição porque a Fundação Victor Civita, entidade sem fins lucrativos criada em setembro de 1985, tem como objetivo contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica no Brasil, produzindo conteúdo que auxilie na capacitação e valorização de professores e gestores e influencie políticas públicas.

VICTOR CIVITA
(1907-1990)
Fundador do Grupo Abril e idealizador da Fundação Victor Civita



novaescola.org.br JUNHO/JULHO 2012 **19**

Figura 53 – Ficha Catalográfica de NE (nº 253)
 Fonte: NE, nº 253, jun./jul. 2012, p. 19.

Aparecem, também, nessa seção, as formas de contato do leitor com a *Nova Escola*, bem como os contatos para aqueles que desejam assinar a revista, ou veicular algum tipo de publicidade em suas páginas. Com o título “Fale com a redação da NOVA ESCOLA”, possui lugar fixo na seção, sempre na parte inferior (base) da primeira página. Atentando-nos para as diferenças entre as edições de 1997/1998 e as de 2011/2012, podemos perceber a ampliação expressiva das formas de contato com a revista. Se na década de 1990 os contatos eram realizados via telefone, correio e site da *Fundação Victor Civita*, esses canais se ampliaram para além desses meios; assim *Nova Escola*, pode ser encontrada no site novaescola.org.br, via *facebook* (abr.io/facebook-nova-escola), via *e-mail* (novaescola@atleitor.com.br), via *twitter* (@nova_escola) e via *orkut* (abr.io/orkut-nova-escola). *Nova Escola* amplia seus canais de comunicação, se fazendo intensamente presente na vida das chamadas redes sociais. Gostaríamos, por fim, de destacar um pequeno fragmento da seção que faz menção à antiga publicação *Escola*, explorada no capítulo três dessa dissertação.



Figura 54 – Fragmento da Seção *Caixa Postal* (nº 253)
 Fonte: NE, nº 253, jun./jul. 2012, p. 19.

O fragmento coloca em destaque o depoimento da professora cearense Terezinha de Jesus Casimiro. Neste há desde o subtítulo, “*Nova Escola e Eu*”, a instituição de um *eu* que fala, reforçado pela colocação da fala da professora em discurso direto e entre aspas. Importante ressaltar que “[...] o discurso direto, em geral, cria um efeito de sentido de realidade, pois dá a impressão de que o narrador está apenas repetindo o que disse o interlocutor” (FIORIN, 2010, p. 74). O tempo linguístico, predominantemente no pretérito (“comecei”, “sabia”, “seria”), faz menção a um momento de referência já ocorrido, ou seja, a publicação de *Escola* (revista da Editora *Abril* da década de 1970), onde a ancoragem temporal pretérita é reforçada pela expressão “naquela época”. Ocorre aqui um efeito de sentido curioso, vejamos, de acordo com Cunha e Cintra (2008, p. 345), a utilização da expressão “naquela época”, ou seja, “naquele tempo” cria um efeito de sentido de “[...] um afastamento no tempo de modo vago, ou uma época remota”; no entanto, o que parece ser um passado longínquo se estende num *continuum* com a utilização do futuro do pretérito (“ela seria”), já que como afirma Fiorin, “[...] o futuro do pretérito exprime uma relação de posterioridade do momento do acontecimento em relação a um momento de referência pretérito” (FIORIN, 2010, p. 159). O visual do recorte (Figura 54) mostra a senhora professora empunhando o exemplar nº 1 da revista *Escola*. O centro perceptivo primeiro do olhar recai sobre a revista *Escola*, detentora de uma luminosidade ligeiramente maior e foco das atenções da própria personagem retratada. A figura da professora-mulher é novamente reforçada por NE em seu discurso.

“*Online*” (Fig. 55), cujo título vem acompanhado do seguinte subtítulo “*Nova Escola na web*” traz geralmente os conteúdos presentes no *site* oficial de NE. Dessa maneira, divulga através das páginas de *Nova Escola* aquilo que pode ser encontrado via *site*. Assim, deparamo-nos na seção “*Online*” com informações complementares sobre a revista *Nova Escola*, divulgação das ações da revista/fundação, enquetes realizadas e resultados auferidos, divulgação e notícias sobre o portal *novaescola.org.br*, novidades e conteúdos didáticos disponíveis, propagação de vídeos, *blogs*, jogos, planos de aula, roteiros didáticos, dentre outros. Abaixo um exemplo da seção,

Online
NOVA ESCOLA na web

25 anos, no site

MERGULHE NA ESPIRAL DE NOVA ESCOLA
Para apresentar aos internautas a história de sucesso de NOVA ESCOLA, preparamos no site uma linha do tempo animada em forma de espiral, que mostra todas as capas, desde a número 1. Ao navegar pelas 239 edições já publicadas, você terá acesso aos principais fatos da Educação nestes 25 anos e ao depoimento em áudio ou vídeo de leitores que acompanham os passos da revista. Em alguns textos, há links para reportagens e conteúdos exclusivos no site. Acesse www.ne.org.br/linha-do-tempo.

FAÇA SUA CAPA COMEMORATIVA
Lembre-se da formatura? Você na capa? Neste mês, você pode criar uma capa em homenagem ao aniversário de 25 anos da revista e compartilhá-la com os colegas nas redes sociais. Acesse www.aberjivece-na-capa.

GRAVE A SUA MENSAGEM EM VÍDEO
Se você quer fazer parte das comemorações pelo aniversário da revista, grave em vídeo seu depoimento em homenagem a ela e mande para nós o link do YouTube. Vamos publicar a sua declaração no site. Acesse www.aberjivece-na-capa.

AS IDEIAS E A PALAVRA DOS MESTRES
Desde que começaram a ser produzidas, as reportagens de NOVA ESCOLA sobre os grandes pensadores da Educação fizeram bastante sucesso no site. Hoje, você encontra o acervo de todos os textos, organizados por ordem alfabética, em um só clique. Acesse www.ne.org.br/pensadores. Com o mesmo objetivo de reunir em uma única página o que há de melhor para a reflexão sobre a prática em sala de aula, as teorias e pesquisas mais recentes e os desafios da gestão escolar reunimos num mesmo endereço todas as entrevistas concedidas por especialistas para a seção *Fala, Mestre!* Acesse www.ne.org.br/entrevista-fala-mestre.

ENFIM, OS PROFESSORES?
A presidente Dilma Rousseff, em seu discurso de posse, afirmou que uma das prioridades de governo será a valorização do Magistério e que, a partir de agora, os professores serão tratados como autoridades da Educação. Perguntamos aos leitores do site se acreditam que essa promessa vai se concretizar. O resultado mostrou o seguinte (ver o gráfico abaixo). Convidamos alguns especialistas para discutir o tema. Acesse www.aberjivece-na-capa.

O que você acha das promessas da presidente em relação aos professores?

São apenas promessas. Isso, como sempre, não vai dar em nada.

Ela não cumprirá o que prometeu, mas as boas intenções já são um começo.

Vai demostrar graças para que os docentes sejam tratados como autoridades.

Ela vai dar passos importantes para a Educação e vai valorizar a classe.

NOVA ESCOLA NA REDE
Busca do mês
Para encontrar todo o conteúdo de NOVA ESCOLA sobre avaliação diagnóstica, digite no Google

Google avaliação diagnóstica "nova escola"

Twitter: Junte-se aos 18 mil seguidores de NOVA ESCOLA. Acesse twitter.com/NOVA_ESCOLA.

Orkut: Seja amigo de NOVA ESCOLA e participe da comunidade oficial da revista.

Widget: Para publicar destaques de NOVA ESCOLA no seu site, copie o código em www.ne.org.br/widget.

Facebook: Curta NOVA ESCOLA na rede social que mais cresce no mundo. www.facebook.com/novaescola.

ACesso RÁPIDO
Aqui tem tudo sobre:
JOGOS E BRINCADEIRAS
PLANEJAMENTO
www.ne.org.br/planejamento

www.ne.org.br

Homes de NOVA ESCOLA

O FILHO ADOLESCENTE
O site de NOVA ESCOLA completou 13 anos no ar. Em fevereiro de 1998, a página ganhou a internet e, em pouco tempo, virou um sinônimo de informação de qualidade sobre Educação na rede. À direita, você acompanha algumas etapas dessa trajetória de sucesso. Atualmente, o portal é visitado por 700 mil internautas a cada mês, que geram 1,2 milhão de visitas e acessam 3,7 milhões de páginas.

1998
ABRIL
Hospedado no UOL, o primeiro site público mensalmente (há reportagens da revista, fórum e uma seção de troca de informações entre os leitores).

1999
NOVEMBRO
Em menos de dois anos, o site muda pela segunda vez. A grande novidade é a estreia da seção de planos de aula, com 12 sugestões de atividades. Hoje, são 17 mil.

2001
FEVEREIRO
Com design mais moderno, o site avança na produção de conteúdo próprio. A seção *Se Ligo Professor* faz sucesso com reportagens mais curtas sobre Educação e fóruns e sugestões de aulas.

2007
JUNHO
Nesta reedição, o leitor ganha mais espaço de participação, podendo comentar as reportagens, participar de concursos e fóruns e sugerir pautas.

2009
ABRIL
A última grande reformulação altera mais do que o design das páginas. O conteúdo do site é completamente reorganizado e classificado por temas e disciplinas.

Figura 55 – Seção *Online* (*Nova Escola na web*, nº 239)
Fonte: NE, nº 239, jan./fev. 2011, p. 20 e 21.

“Carreira” (Figura 56) possui conteúdo eclético e, na maioria das vezes, toma como ponto de partida depoimentos e perguntas enviadas pelos leitores. Assim, trata de inúmeras temáticas relativas à formação e à carreira docente, além da divulgação de cursos e concursos. A formação inicial e continuada, bolsas de estudo, cotas sociais, aposentadoria, programas de formação, gestão escolar, cursos de especialização são algumas de suas pautas. Geralmente, traz em destaque (como se pode observar na Figura 56), um valor quantitativo relativo à profissão docente; dentre os números divulgados pela revista encontramos que “[...] 57% dos professores fizeram curso superior em uma instituição privada” (NE, nº 258, dez. 2012, p. 18); ou “[...] 8.397 é o número de professores de origem indígena no Brasil. O dado corresponde a 1% do total de docentes” (NE, nº 254, agosto 2012, p. 18); “[...] 768.188 é o número de professores que lecionam em cinco turmas ou mais. O dado corresponde a 38% do total” (NE, nº 252, maio 2012, p. 20), dentre outros. Na Figura 56 a seguir, podemos observar a forma como a seção se organiza e o destaque dado para o número.

Carreira Com apuração de ANNA RACHEL FERREIRA e MARÍLIA DE LUCCA
Editado por ELISA MEIRELLES elisa.meirelles@fvc.org.br

ESPECIALIZAÇÃO
Ética e cidadania

"Leciono no 5º ano do Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Ao longo da minha carreira, tive turmas com muitos problemas de comportamento e percebi que os métodos de intervenção usados não traziam resultado. Busquei formação e, nessa especialização, encontrei uma nova proposta de trabalho. Passei a respeitar ainda mais as individualidades e especificidades dos estudantes, revisei o projeto político-pedagógico (PPP) e mudei minha prática. As aulas sobre convivência

democrática aprimoraram meu trabalho quanto à construção de relações interpessoais menos autoritárias na escola. A indisciplina diminuiu significativamente e os alunos ampliaram a capacidade de expressar angústias por meio do diálogo."

ROGÉRIO GONÇALVES, professor da rede municipal de São Paulo

CURTOS SOCIAIS
Reserva de vagas nas federais valerá em 2013

Aprovada este ano, a Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, vem para garantir o acesso a universidades e institutos federais a quem cursou o Ensino Médio na rede pública. Há uma reserva baseada na reserva de 50% das vagas a esses alunos, sendo parte delas destinada a estudantes de famílias de baixa renda, pretos, pardos e indígenas, de acordo com a proporção deles na população dos estados. As porcentagens são determinadas com base no Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As informações sobre raça são declaratórias. A Lei já está em vigor e deve ser aplicada nos processos seletivos para os cursos que comecem em 2013. Há, no entanto, a possibilidade de implementação progressivamente, assegurando no mínimo 12,5% das vagas a esses estudantes em 2013, 25% em 2014, 37,5% em 2015 e 50% até 2016.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ÉTICA, VALORES E CIDADANIA NA ESCOLA
Quem oferece: Escola do Programa Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp) em parceria com a Universidade de São Paulo (USP).
Duração: 16 meses.
Custo: Gratuito.
Informações: univesp.emsino@superior.sp.gov.br, tel. (11) 3218-9925, evcd@usp.br

57%
DOS PROFESSORES FIZERAM CURSO SUPERIOR EM UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA, DADO EQUIVALE A 89.943 DOCENTES.

MAIS em novoescola.org.br/legenda
■ Relação completa de cursos e concursos.
■ Informações sobre eventos de Educação e premiações para professores e gestores.

18 DEZEMBRO 2012 novoescola.org.br

Figura 56 – Seção *Carreira* (nº 258)
Fonte: NE, nº 258, dez. 2012, p. 18.

Encontrada sob o nome “*Gestão*” ou “*Gestão Escolar*” (Figura 57) essa seção tem lugar cativo nas “*Seções*” da revista a partir da edição nº 244 de agosto de 2011. Na verdade, essa seção é deslocada do bloco “*Reportagens*” e inserida no bloco “*Seções*”, a partir da edição anteriormente citada. No entanto, ao ser deslocada perde o caráter de reportagem e assume o mesmo caráter das seções anteriores, ou seja, é fragmentada em diversos itens e interesses, possuindo uma abordagem ampla e genérica dos assuntos; trata assim de várias pautas, como alimentação, adaptação de espaços no ambiente escolar, conselho tutelar, clima organizacional, capacitação complementar, centros de formação, ensino integral, projetos institucionais, dentre outros.



Figura 57 – Seção *Gestão Escolar* (nº 254)
Fonte: NE, nº 254, agos. 2012, p. 18.

“*Na dúvida?*” (Figura 58) veicula, como o nome diz, dúvidas de leitores referentes a conteúdos e áreas específicas. A resposta a essas dúvidas é dada por consultores, geralmente professores universitários, ou através de pesquisas realizadas pela equipe de NE. Os questionamentos localizam-se em alguma área disciplinar, como podemos observar a seguir: “O centro da Terra é mais quente que o Sol?”²⁴ (Ciências); “Todos os sólidos geométricos têm vértices?”²⁵ (Matemática); “Qual o critério de divisão dos fusos horários?”²⁶ (Geografia); “Qual a origem do nosso idioma?”²⁷ (Língua Portuguesa). Essa coluna pretende, pois, sanar dúvidas conceituais ligadas a áreas específicas do saber e, nesse sentido, instruir o professor para a resposta considerada correta pela revista, sempre referendada por algum especialista ou fonte credível. Possui a mesma proposta da seção “*Com Certeza*, o tira-dúvidas do professor”, das edições de 1997 e 1998, porém com aspecto gráfico-plástico renovado. A seção ganhou ao longo dos anos um grande enriquecimento visual como podemos observar a partir da Figura 58.

²⁴ Pergunta de Susane Vasconcelos, Sobradinho, DF; veiculada na edição de NE, nº 244, agos. 2011, p. 26.

²⁵ Pergunta de Fernanda Manguiera, Rio de Janeiro, RJ; veiculada na edição de NE, nº 257, nov. 2012, p. 19.

²⁶ Pergunta de Carlos Frederico Bahia, de Belém, Pará; veiculada na edição de NE, nº 256, out. 2012, p. 22.

²⁷ Pergunta de Cláudio Mourão, Vitória da Conquista, BA; veiculada na edição de NE, nº 255, set. 2012, p. 24.

Na dúvida? Edição por ELISA MEIRELLES elisa.meirelles@ne.com.br

CIÊNCIAS
Quem foi Albert Einstein e o que ele descobriu?
GABRIEL SCALICI, Curitiba, SP

Albert Einstein (1879-1955) foi um dos pais da ciência moderna, além de um entusiasta dos direitos humanos. De família judaica, nasceu na Alemanha, mas deixou o país aos 17 anos por não concordar com a linha militarista do governo. Viveu e estudou na Suíça, voltou à Alemanha e se mudou para os Estados Unidos quando Adolf Hitler (1889-1945) chegou ao poder, em 1933. Ao longo da vida, defendeu a utilização da ciência para fins pacíficos e o controle mundial sobre o uso da energia atômica. Conheça as principais descobertas dele.

EFETO FOTOELÉTRICO
Einstein constatou que a luz não era uma onda contínua, como se pensava, mas pequenos conjuntos de fótons que estimulam certos metais a liberar elétrons, gerando energia. O princípio foi usado como base para as tecnologias modernas.

FÍSICA NUCLEAR
A fórmula mais famosa da Física é fruto de uma das teorias da ciência, em que ele propõe uma relação entre massa e energia. O princípio pode ser usado tanto para gerar energia quanto para criar bombas atômicas.

RELATIVIDADE RESTRITA
O cientista constatou que as medições do tempo e da distância dependem do movimento relativo dos observadores. Na época, a teoria não teve aplicação prática, mas hoje é fundamental para satélites, GPS e outras tecnologias.

RELATIVIDADE GERAL
A descoberta ocupou o lugar da Teoria da Gravidade de Isaac Newton (1643-1727), vigente durante 250 anos. Na teoria de Einstein, a força da gravidade é interpretada como um efeito da curvatura do espaço-tempo.

GANHE 1 LIVRO
Os autores das perguntas selecionadas recebem um presente especial. www.ne.com.br

HISTÓRIA
Como as pessoas devem se portar ao ouvir o Hino Nacional?
CRISTINA SANTINI DA ROCHA RIBEIRO, Teófilo, SP

O comportamento que temos de ter ao ouvir o Hino Nacional está previsto na Lei nº 5.700, aprovada em 1971 e em vigor até hoje. Essa legislação propõe que o ouvintes em pé e em silêncio, com a cabeça descoberta. Qualquer outra forma de saudação durante a execução – como acompanhar com palmas ou assovios – é proibida. Não há nada na lei, no entanto, que impeça as pessoas de aplaudir depois que o hino termina.

Consultoria SECRETARIA GERAL DO EXERCITO.

S.O.S. PORTUGUÊS
Falar "a gente" é correto ou só é certo usar "nós"?
NATÁLIA FORTUNATO, Paratiópolis, MG

As duas formas estão corretas e dependem do contexto em que são empregadas. A gramática tradicional considera apenas a existência dos pronomes pessoais eu, tu, ele, nós, vós e eles – ou seja, que não inclui formas como você e gente. Por isso, quando fazemos o uso da norma culta, o correto é usar eu, você, ele, ela, nós, vós e eles. E o caso, por exemplo, da redação de leis. O pronome também é recomendado para situações formais e acadêmicas – como em seminários acadêmicos. Já na comunicação informal, "a gente" é perfeitamente aceitável. Leia, abaixo, as regras de concordância para usar corretamente essa forma verbal.

Verbo fica sempre no singular
Falar **a gente** **concorda**.

Adjetivos ficam no feminino caso se refira a mulheres e no masculino se incluir pelo menos um homem

Consultoria HELIO FAGUNDES, professor do Instituto de Física Teórica da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de São Paulo, e CLAUDIO FURTADO, docente do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP).

GEOGRAFIA
Por que se diz que o Brasil possui fontes inesgotáveis de energia?
CECILIA ANDRADE DE SOUZA, Paratiópolis, PI

O tamanho do território brasileiro, as muitas fontes minerais existentes no país, a diversidade da fauna e da flora, a rica rede hidrográfica e, recentemente, a descoberta do pré-sal ajudam a manter a ideia de que somos uma nação de riquezas infindáveis. É preciso, no entanto, tomar cuidado com tal afirmação pois todo recurso natural é finito. Nosso país ainda possui um leque importante em diversas fontes, mas, se elas não forem exploradas com parcimônia, estarão comprometidas em algumas décadas. Leia, abaixo, como as características do país contribuem para a geração de energia.

Consultoria LEVON BOLIQUAN, professor de Meteorologia do Instituto de Geografia e autor de livros didáticos.

CARACTERÍSTICAS	FONTES DE ENERGIA
TERRITÓRIO O Brasil é o quinto maior país do mundo em área descontinua, ocupando 6% do território da América do Sul.	BIOBIOMASSA A extensão territorial permite o cultivo de cana-de-açúcar e outras, que podem ser usadas na geração de energia.
CLIMA Por estar próximo à linha do Equador, o Brasil possui clima predominantemente tropical e quente, com alta incidência de radiação solar.	SOLAR Dias longos e sol o ano todo permitem o uso de painéis solares, energia eólica, entre outros recursos.
VENTOS Algumas regiões, em especial o Nordeste, contam com ventos abundantes e grandes áreas desocupadas.	EÓLICA É possível aproveitar essas características e a grande extensão territorial do país para a geração de energia.
HIDRROGRAFIA Além do Amazonas, maior rio do mundo, o Brasil conta com 12 grandes bacias hidrográficas espalhadas pelo país.	HIDRRELÉTRICA A existência de muitos rios, a maioria de planalto e encachoeirada, permitem gerar a geração de energia.
RESERVAS PETROLÍFERAS Apenas entre os três primeiros campos do pré-sal os recursos do Brasil chegam a 33 bilhões de barris.	PETROLIO Com essas grandes reservas, o país tem potencial para explorar a extração de petróleo e de gás natural.

Com reportagem de GABRIELA PORTILHO
www.ne.com.br JUNHO/JULHO 2012 45

Figura 58 – Seção *Na dúvida?* (nº 253)
Fonte: NE, nº 253, jun./jul 2012, p. 44 e 45.

“*Heloisa Responde*” (Figura 59) trata de questões ligadas à sala de aula; também segue, na maioria das vezes, a fórmula de perguntas emitidas pelo leitor de NE (via revista impressa, ou via *site*). Quem responde a esses questionamentos é Heloisa Ramos, “[...] formadora de professores” e pessoa responsável por responder as “[...] dúvidas sobre sala de aula”. Além da resposta em si da especialista, geralmente aparece uma pequena janela cujo título “*Heloisa indica*” traz sugestões de leituras para aprofundamento de um determinado tema/dúvida. Além da pauta sugerida pelos leitores, Heloisa, sob o título, “*Assim não dá*” traz à tona questões ligadas ao universo da sala de aula, sugerindo atitudes e comportamentos por parte dos professores, também apoiada teoricamente em obras e pesquisas. Vejamos abaixo como a seção se organiza.



Figura 59 – Seção *Heloisa responde* (nº 255)
Fonte: NE, nº 255, set. 2012, p. 30.



Figura 60 – Seção *E agora, Telma?* (nº 255)
Fonte: NE, nº 255, set. 2012, p. 28.

A seção “*E agora, Telma?*” (Figura 60) se introduz a partir de uma interrogação, que nos remete a uma linguagem coloquial, feita entre amigas. Linguagem coloquial que nos aproxima do enunciador, que nesse caso tem um rosto, a de Telma Vinha, professora de Psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas, que “[...] responde a dúvidas sobre comportamento”. A fotografia que nos mostra quem é “Telma” segue o padrão tradicional retrato e traz uma mulher madura e feliz. A seção segue o mesmo padrão da anterior “*Heloisa responde*”, ou seja, via pergunta do leitor e resposta da especialista. No entanto, as seções se diferenciam, pois segundo texto da própria revista, na primeira, Telma “[...] responde a dúvidas sobre comportamento” e na segunda, Heloisa “responde a dúvidas sobre sala de aula”, como dito anteriormente. Todavia, apesar das seções separarem os assuntos *comportamento de sala de aula*, esses às vezes se misturam, já que falar de sala de aula, implica, por vezes, fazer menção ao comportamento tanto do professor, quanto do aluno. Apesar dessa dificuldade conceitual de diferenciar completamente o tema da sala de aula ou da prática de sala de aula, das questões comportamentais, as seções trazem sugestões bem fundamentadas e apoiadas em amplo leque teórico e empírico, o que pode ajudar na solução de questões de sala de aula e da escola, seja no setor da convivência, seja no setor de questões mais ligadas ao didático-pedagógico.

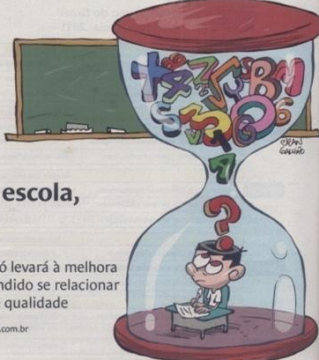
“*E agora, Telma?*” traz uma ampla diversidade de assuntos, esses vêm destacados em vermelho, trazendo logo abaixo uma pergunta enviada por um leitor. Os temas tratados por essa seção transitam por questões que envolvem a relação família-escola, relação pais e filhos, relações de gênero, relações de autoridade (com o conflito entre disciplina e liberdade). Dentre os temas abordados encontramos: violência, entretenimento, intolerância, comportamento, tecnologia, vestuário, sexualidade (tema recorrente em algumas edições). Das questões formuladas pelos leitores destacaram-se aquelas relativas à “Indisciplina”, por apresentar o maior número de recorrências nas edições pesquisadas. Vejamos algumas questões, “Como lidar com uma classe numerosa e difícil, com alunos desrespeitosos?”;²⁸ “É aconselhável pedir que o aluno saia da sala quando ele está atrapalhando?”.²⁹ A pergunta destacada geralmente transita no espaço de uma dúvida daquele professor(a) que precisa lidar com os alunos e não sabe como fazê-lo ou de qual seria o caminho “correto” a ser tomado diante das dificuldades de convivência. Quem responde às dúvidas em segunda instância é o discurso científico do qual as especialistas são as portadoras.

A seção que até março de 2012 chamava-se “*O X da Questão*” (Figuras 61 e 62) passa, em abril de 2012, a se intitular “*Nova Escola Discute*”, vejamos um exemplo:

²⁸ Ulisses de Souza, Praia Grande, São Paulo. NE, nº 251, abril 2012, p. 26.

²⁹ Fábio da Silva Ribeiro, Simão Dias, SE. NE, nº 253, jun./jul 2012, p. 28.

O X da questão



Mais tempo na escola, mas para quê?

Aumento de carga horária só levará à melhora do ensino se o período estendido se relacionar a um projeto pedagógico de qualidade

ANA LIGIA SCACCHETTI ana.scacchetti@abril.com.br

3,47
É A MÉDIA DE HORAS DIÁRIAS QUE ESTUDANTES DE 4 A 17 ANOS FICAM NA ESCOLA NO BRASIL.

22 JANEIRO/FEVEREIRO 2012 novaescola.org.br

Figura 61 – Seção *O X da questão* (nº 249)
Fonte: NE, nº 249, jan./fev. 2012, p. 22.

Nova Escola discute

O que falta para combater as faltas

Reorganizar o trabalho e a carreira docente é uma das medidas para combater o alto índice de absenteísmo, que prejudica milhares de alunos

ELISÂNGELA FERNANDES elisangela.fernandes@fvc.org.br

32,8%
DOS DIRETORES BRASILEIROS AFIRMAM TER PROBLEMAS COM O ALTO ÍNDICE DE FALTAS DE PROFESSORES.

32 SETEMBRO 2012 novaescola.org.br

Figura 63 – Seção *Nova Escola discute* (nº 255)
Fonte: NE, nº 255, set. 2012, p. 32.

Nova Escola discute

Tempo bem gasto

Práticas essenciais para escolas com horário estendido

- Não desperdiçar os minutos a mais.
- Elaborar um plano de trabalho bem detalhado.
- Priorizar as ações com foco em objetivos de aprendizagem claros.
- Individualizar o ensino com base nas necessidades de cada estudante.
- Usar o tempo para construir uma cultura de expectativas altas e com prestação de contas feitas por todos os setores da escola.
- Oferecer uma educação variada e completa.
- Preparar os estudantes para o Ensino Médio e para uma carreira.
- Avaliar, analisar e responder a dados sobre o desempenho dos alunos.
- Combater as aulas vagas e as faltas de professores e alunos.

23 JANEIRO/FEVEREIRO 2012 novaescola.org.br

Figura 62 – Seção *O X da questão* (nº 249)
Fonte: NE, nº 249, jan./fev. 2012, p. 23.

Nova Escola discute

O tamanho do problema

Percentual de alunos que estudam em escolas onde o absenteísmo docente não atrapalha a aprendizagem

País	Porcentagem
Liechtenstein	100%
Coreia do Sul	99%
Portugal	98%
Japão	97%
Peru	85%
Média dos países	83%
Colômbia	79%
Rússia	78%
Brasil	70%
Chile	69%

34 SETEMBRO 2012 novaescola.org.br

Figura 64 – Seção *Nova Escola discute* (nº 255)
Fonte: NE, nº 255, set. 2012, p. 34.

As seções destacadas acima seguem o mesmo padrão em todas as edições, ou seja, trazem o título da seção em vermelho, localizado na parte superior esquerda da folha, local onde nosso olho logo é alocado ao depararmos com a página em questão. A manchete de destaque traz geralmente o tema que vai ser tratado por *Nova Escola*. “*O X da Questão*” nos remete a um clichê que indica o item que se precisa resolver para solucionar um problema. Dentre os problemas apontados por NE que precisam ser discutidos encontramos: educação e crescimento (trata de temas ligados ao desenvolvimento social e econômico de um país e sua relação com a educação), piso salarial, Plano Nacional de Educação (PNE), Educação de Jovens e Adultos (EJA), Língua Estrangeira, horário de trabalho pedagógico coletivo, avaliações externas, planos de carreira, concursos públicos, carga horária, formação de professores, inclusão, bibliotecas, tecnologia, currículo nacional, absenteísmo docente, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), construção de creches, e reajuste do piso salarial. Os assuntos são diversos e trazem para a pauta de discussão o que tem sido objeto de diversas políticas públicas para a educação, sejam elas desenvolvidas em nível municipal, seja estadual, seja federal (ou a ausência delas, como no caso dos planos de carreira, tratado na edição de novembro de 2011). A mudança de nome da seção, com a instituição de um novo título “*Nova Escola Discute*” instaura como sujeito do dizer e, assume isso explicitamente, o próprio destinador *Nova Escola*. É a voz de *Nova Escola* por ela mesma a que aparece nessa seção, no entanto, não é um “Nós discutimos” que aparece, é um “Ela discute”, o que cria um efeito de objetividade, já que instaura a 3ª pessoa no discurso. No entanto, esse *ela* instaurado vem seguido do verbo *discutir* no presente do indicativo, o que estabelece uma atualidade ao fato mencionado pela revista. Esse discurso que gera efeitos de veridicção é sempre acompanhado de números e gráficos, o que aumenta ainda mais esse efeito de verdade do discurso de NE. É *verdade* porque é fundamentado em pesquisas, números e dados.

“*Fala, Mestre!*” (Figura 65) ocupa geralmente três páginas da revista e traz uma entrevista com alguém proeminente no campo dos estudos educacionais. Das vinte entrevistas pesquisadas (2011-2012), quinze trouxeram a voz de um estudioso estrangeiro, transitando entre pesquisadores europeus, latino-americanos e asiático (apenas um em vinte). O título “*Fala, Mestre!*”, com a utilização do imperativo afirmativo é, nesse caso, muito mais um convite à fala do que propriamente uma ordem. Vejamos o que falam Cunha e Cintra (2008, p. 491) sobre o emprego do imperativo, “[...] quando empregamos o imperativo, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da

ordem.” E é o que faz logo abaixo o “*Mestre*” escolhido para falar, já que em discurso direto (entre aspas) a seção se inicia com uma foto do entrevistado e logo abaixo uma fala que lhe é atribuída. Novamente a ciência assume papel de destaque, já que geralmente a entrevista traz também o relato de alguma experiência bem sucedida no campo da educação. E quem fala tem novamente o suporte, ou tem o estatuto de verdade do que diz garantido, já que está normalmente amparado por instituições sérias de pesquisa. Nesse caso, quem fala é “Diretor do Instituto Nacional de Educação de Cingapura” (Lee Sing Kong);³⁰ é um “especialista francês” (Alain Bergala);³¹ é um educador, professor e cientista português (António Nóvoa);³² é “professor da Universidade de Harvard” (Fernando Reimers).³³ Observemos um exemplo a seguir.



Figura 65 – Seção *Fala, mestre!* (nº 255)
Fonte: NE, nº 255, set. 2012, p. 35 e 36.

A seção “*Retrato*” é uma espécie de crônica cotidiana. Parecendo a narração de uma história, geralmente instala um narrador impessoal, que narra geralmente em terceira pessoa. A história é intercalada por fragmentos de discurso direto, como se as personagens retratadas tomassem voz. Acompanhando alguns de seus trechos iniciais, poderemos compreender melhor a

³⁰ NE, nº 249, jan./fev. 2012.

³¹ NE, nº 255, set. 2012.

³² NE, nº 256, out. 2012.

³³ NE, nº 243, Jun./Jul. 2011.

característica do texto, que mistura processos de narração e descrição. “São 8 da manhã. A névoa se dissipa, revelando os campos de arroz em meio à floresta tropical. O havaiano Stanley Porteus, 8 anos, anda pela trilha que o levará à escola [...] (NE, nº 248, dez. 2011, p. 32). Ou, “Lápis, caderno, calculadora e computador. Foi com esses recursos que a professora Karin Gimenez encarou uma lista de sete problemas” (NE, nº 242, mai. 2011, p. 44). Ou ainda,

O barracão dentro de um canteiro de obras na cidade de Chennai, no sul da Índia, é abafado, tem paredes de metal e pouco lembra uma sala de aula. Mas abriga uma unidade das chamadas escolas de transição, instituições que acolhem jovens indianos – a maioria vítima do trabalho infantil – que nunca receberam Educação formal (NE, nº 240, mar. 2011, p. 34).

Além dos efeitos de verdade instalados pelo discurso direto, esse sujeito mostrado no texto e que adquire voz é modalizado por um *poder*, um *poder-fazer*. Esse sujeito retratado é capaz de, a despeito de todas as dificuldades encontradas para educar, ultrapassar todos os obstáculos e alcançar seu fim: proporcionar uma experiência educativa ao Outro. Ou seja, esse sujeito retratado sempre entra em conjunção com seu objeto de desejo. Vejamos alguns trechos para que possamos compreender melhor essa conjunção com um objeto-valor, bem como a superação de um obstáculo. “É difícil mensurar o impacto das unidades de transição, pois não há dados estatísticos confiáveis. Mas o sorriso estampado no rosto de crianças como Ragu não deixa dúvidas: elas se enchem de esperança por um futuro melhor” (NE, nº 240, mar. 2011, p. 34). Ou, “Os jovens reunidos na Suécia naquele dia deixaram o evento cheios de ideais. Uma geração de protagonistas, que deseja viver em um mundo melhor, formou-se ali, nas discussões do prêmio” (NE, nº 239, jan./fev 2011, p. 36). Ou ainda, “ ‘O trabalho tem garantido a continuidade dos estudos e bons resultados. A gente incentiva todos a serem participativos. Há crianças que saem daqui e passam a perguntar mais nas aulas regulares’, comemora Carolina” (NE, nº 248, dez. 2011, p. 42).

O relato contado, mesmo que por vezes traga histórias pouco felizes, sempre, tanto figurativamente, quanto tematicamente, reitera uma mensagem de otimismo; de como, independentemente das condições do meio, o ato educativo é gratificante, e dignificante por si só.

Se a instalação da terceira pessoa é uma constante, no que se refere a espacialização, estas são diversas, Paraná, Colômbia, São Paulo, Acre, Ceará, etc., instalam sempre o espaço do *lá*. O

tempo oscila entre o presente do indicativo e o pretérito perfeito. Todos os procedimentos discursivos concorrem para fortalecer o caráter veridictório do discurso de *Nova Escola*.

Em termos de oposição semântica de base, podemos encontrar o par *superar vs sucumbir*. O ator do enunciado geralmente encontra-se em conjunção com a vitória e a superação de algum obstáculo ou problema que o impede de obter um melhor desempenho escolar, ou mesmo acesso à escola. Podemos perceber esse *fazer* do sujeito a partir dos subtítulos da seção: “Crianças recebem tutoria para manter ritmo de aprendizado durante período de internação em hospital do Paraná” (NE, nº 253, jun./jul 2012, p. 42). “Na Colômbia, programa nacional incentiva a leitura em todas as idades e ainda combate a violência” (NE, nº 258, dez. 2012, p. 29). “Numa escola pública do litoral de São Paulo, um sistema eletrônico registra a frequência dos alunos pela leitura da impressão digital” (NE, nº 243, jun./jul 2011, p. 42). “Nas comunidades rurais de difícil acesso e sem vagas na rede pública, educadores do Acre levam a pré-escola para a casa das crianças” (NE, nº 244, agos. 2011, p. 56).

Vê-se a partir dos enunciados que os sujeitos aí instalados superam obstáculos; as crianças internadas, mesmo numa situação delicada de saúde, recebem orientação e apoio escolar. Na Colômbia, um programa nacional incentiva a leitura; um sistema eletrônico registra frequências, possibilitando um maior acompanhamento dos alunos faltosos; e nas comunidades rurais do Acre, a escola vai até o aluno. A revista ao relatar iniciativas que deram certo, ou que deram frutos positivos cria um valor positivo e reforça a ideia de que a educação por si só já é transformadora, independentemente, muitas vezes, de um contexto social adverso.

A seção “*Em dia*”, como o título sugere é de teor acentuadamente informativo, trás dados e ações que vêm sendo realizadas no campo da educação, seja pelo Governo Federal, seja por meio de ações da iniciativa privada. A seção “*Estante*”, subdividida em “formação”, “outras leituras”, “juvenis” e “infantis” traz comentários e sugestões de livros e leituras. E, por fim, “*Pense Nisso*”, seção assinada pelo físico e educador da Universidade de São Paulo (USP), Luis Carlos de Menezes, traz à discussão diferentes assuntos, numa espécie de artigo de opinião.

Por fim, cabe ainda enunciar que diferentemente das edições de 1997 e 1998 que possuíam, em média, 60 páginas por edição, as revistas de 2011 e 2012 sofrem uma ampliação

significativa no número de suas páginas, passando a uma média de 107,³⁴ ou seja, um acréscimo de aproximadamente 47 páginas. Apesar dessa evidente ampliação no número de páginas da revista, o que aparentemente nos leva a inferir que também houve um aumento de seu conteúdo pedagógico, esse aspecto não é de fato verdadeiro. Em 1997 e 1998 a revista possuía 80% de conteúdo pedagógico em suas páginas, ou, 20% (em média) de páginas destinadas à publicidade; nos anos 2011 e 2012 ela sofre uma redução desse conteúdo pedagógico e um aumento de seu conteúdo publicitário. Acompanhem os quadros e seus respectivos gráficos desenhados a seguir:

		Nº de páginas	Porcentagem
1997/1998	Total de páginas (em média)	60	100%
	Páginas ocupadas por publicidade (em média)	12	20%

QUADRO 11 – CONFIGURAÇÃO DAS PÁGINAS DE NE (1997-1998)
Fonte: Edições de NE (1997-1998).

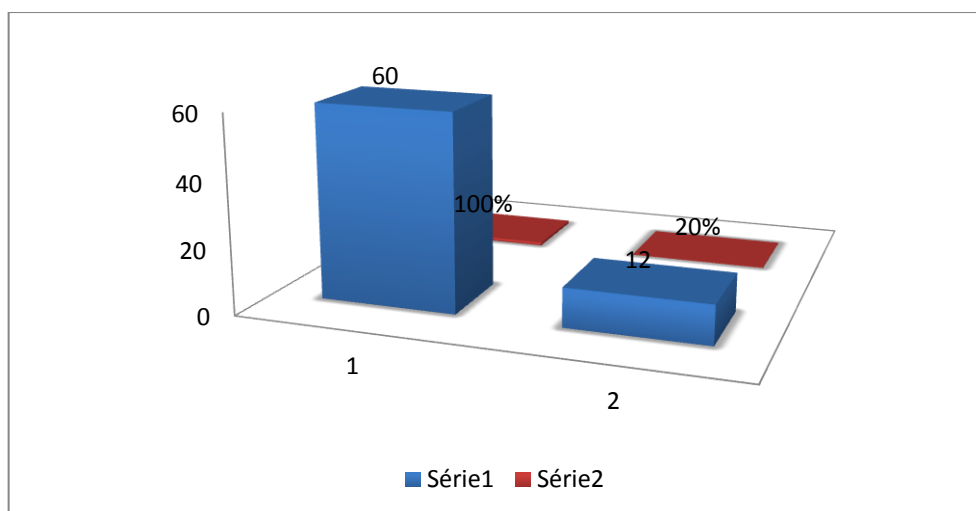


GRÁFICO 8 - CONFIGURAÇÃO DAS PÁGINAS DE NE (1997-1998)

O quadro 11 mostra o total de páginas da revista *Nova Escola* durante os anos de 1997 e 1998 e desse total qual a porcentagem destinada à publicidade. O gráfico 8 demonstra visualmente esses dados, sendo a *série 1* (em azul) a correspondente ao número médio de páginas da

³⁴ Ver Apêndices C e D, Índices de 2011 e 2012.

publicação e a *série 2* (em vermelho) correspondente ao número médio de suas publicidades. Vejamos agora os dados referentes aos anos de 2011 e 2012.

		Nº de páginas	Porcentagem
2011/2012	Total de páginas (em média)	107	100%
	Páginas ocupadas por publicidade (em média)	40	37%

QUADRO 12 – CONFIGURAÇÃO DAS PÁGINAS DE NE (2011-2012)
Fonte: Edições de NE (2011-2012).

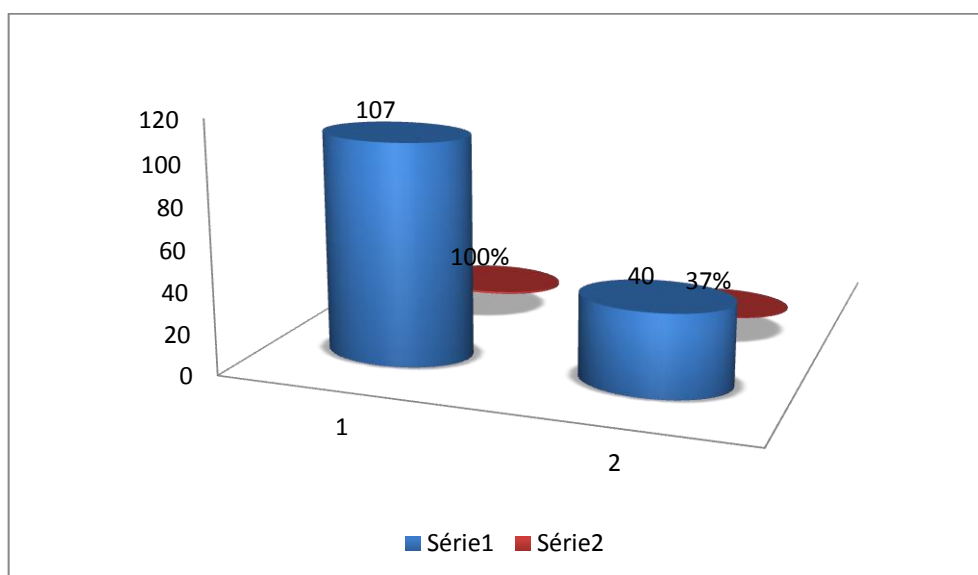


GRÁFICO 9 - CONFIGURAÇÃO DAS PÁGINAS DE NE (2011-2012)

Podemos observar que apesar da ampliação do número de páginas da revista houve uma diminuição de seu conteúdo pedagógico. Se nos anos de 1997 e 1998, 80% de seu conteúdo era pedagógico, nos anos de 2011 e 2012, apenas 63% de seu conteúdo o é. Ou de outra forma, numa média de 107 páginas de revista, como podemos observar no quadro 12, 40 dessas páginas são destinadas à publicidade, ou seja, 37% do total; nessa medida, podemos observar um acréscimo de 17% no conteúdo publicitário da publicação, em detrimento de seu conteúdo pedagógico. No gráfico ilustrativo (Gráfico 9) podemos visualizar esse aumento de seu conteúdo publicitário. Verificamos, pois, dessa forma um aumento quantitativo de seu conteúdo publicitário e, ainda, da grande visibilidade que a revista lhe dá, já que de maneira geral, as páginas de publicidade ou ocupam duas páginas integrais, ou ocupam a página da

direita (ou seja, aquela ao qual o nosso olhar primeiramente se dirige ao passar suas páginas). Seus anunciantes são vários, sobressaindo-se as propagandas da própria *Editora Abril* e de seus projetos, do Governo Federal (a maioria vinculados ao Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE),³⁵ de livros didáticos e sistemas de ensino. Vejamos algumas dessas publicidades,

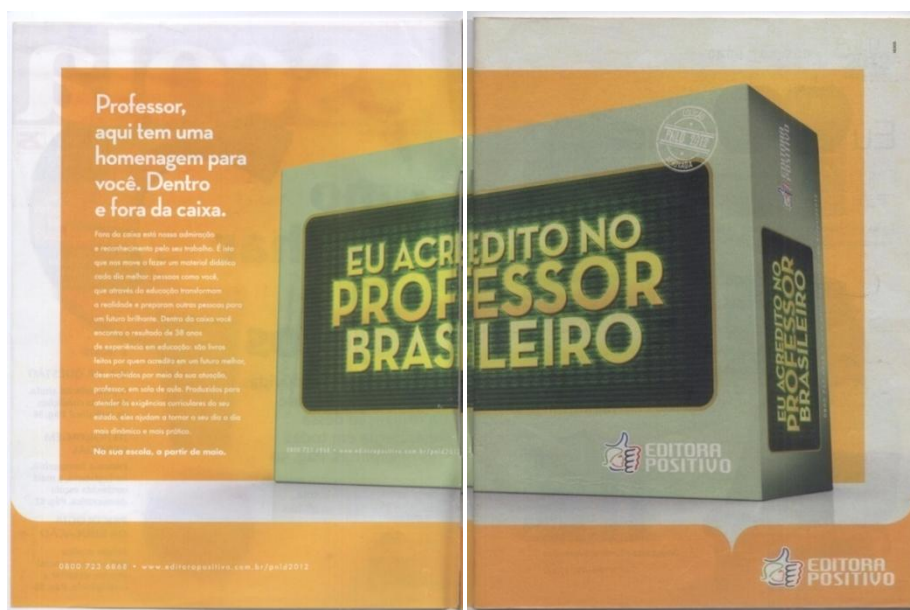


Figura 66 – Publicidade *Editora Positivo* (nº 241)
Fonte: NE, nº 241, abril 2011, p. 2 e 3.



Figura 67 – Publicidade *Planeta Sustentável* (nº 241)³⁶
Fonte: NE, nº 241, abril 2011, p. 49.

³⁵ O Plano de Desenvolvimento da Educação, PDE, foi lançado em 24 de abril 2007 pelo Ministério da Educação, gestão de Fernando Haddad, como parte da política educacional do Governo Lula da Silva.

³⁶ O projeto *Planeta Sustentável* é uma iniciativa da *Editora Abril* em parceria com diversas empresas, a citar: CPFL Energia, Bunge, SABESP, Petrobras, Grupo Camargo Corrêa e CAIXA. Objetiva “[...] debater, informar e produzir conhecimento sobre Sustentabilidade de maneira sistemática para os mais diversos públicos”. E possui como missão “[...] disseminar informação e referências sobre sustentabilidade”. Fonte: <[www.http://planetasustentavel.abril.com.br/movimento/](http://planetasustentavel.abril.com.br/movimento/)>. Acesso em: 1 mar. 2013.

Vem aí a 14ª Edição do Prêmio Victor Civita - Educador Nota 10

**Atenção:
Professores,
Coordenadores Pedagógicos,
Diretores e
Orientadores Educacionais**

Preparam seu projeto!

Veja como é fácil se inscrever:

- 1º Faça o registro do seu projeto
- 2º Guarde as produções de seus alunos
- 3º Acesse o site e veja maiores informações

www.premiovc.org.br

Período de Inscrições:
10 de junho a 10 de julho de 2011

Patrocinador: Fundação Victor Civita

Patrocinador: POSITIVO

Patrocinador: ea editora ática

Patrocinador: editora scipione

Patrocinador: Editora Saraiva www.editorasaraiva.com.br

Figura 68 – Publicidade 14ª edição do PVC (nº 240)
Fonte: NE, nº 240, março 2011, p. 82 e 83.

ENTRE NESSA VOCÊ TAMBÉM.
TRANSFORME MOEDAS E NOTAS DE QUALQUER VALOR EM ESPERANÇA E MULTIPLIQUE SORRISOS.

A **CORRENTE DO BEM** é um projeto da AACD voltado a instituições de ensino públicas e particulares, com o objetivo de conscientizar estudantes, familiares, professores e funcionários para a causa da deficiência física no Brasil.

Receba os cofrinhos da instituição em sua escola e promova entre seus alunos o respeito às diferenças, o envolvimento em ações sociais e a solidariedade.

Para participar, ligue (11) 5576 0533 ou envie um e-mail para correntedobem@aacd.org.br

Corrente do Bem AACD

A fonte utilizada no texto faz parte de um movimento contra o preconceito. As Unique Types são inspiradas nas crianças da AACD e funcionam como qualquer outra. Participe: www.unique.org.br

AACD
ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À CRIANÇA DEFICIENTE

Figura 69– Publicidade AACD (nº 240)
 Fonte: NE, nº 240, março 2011, p. 23.

FTD Sistema de Ensino: um passo à frente na Educação.

O FTD Sistema de Ensino surge com você nesta parceria tanto a um ensino de qualidade. Por esse caminho, a sua escola tem a garantia de um material didático já avaliado pelo MEC, além de um pacote de produtos e serviços inovador e demandado. Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, com o FTD Sistema de Ensino, o melhor Brasil e o sucesso dos alunos!

SUCESSO

- Assessoria Pedagógica
- Assessoria Comercial
- Parceiro - www.ftdsistemadenino.com.br
- Conteúdo elaborado para o Fundamental I e II e Ensino Médio
- Serviço de Suporte para o Fundamental I e II
- Serviço on-line - Acompanhamento do Ensino Fundamental I e II todos os dias das 8h às 18h
- Redação para o Ensino Médio - colégio em 7 estados em vários países lusófonos
- UPD - software com diversas opções: 14.000 de Matemática/Português, 13.000 de Física/Química/Biologia/Geografia, 12.000 de Inglês, 8.000 de Espanhol
- Ass. Terceirizado - material didático para impressão, cópia e entrega de material
- Centro Educacional e Cabeleleiros

Central de Atendimento
0800 729 5232
atendimento@ftdsistemadenino.com.br

www.ftdsistemadenino.com.br

No Atendimento, na Assessoria Pedagógica ou no Site, você está sempre no Centro das nossas Atenções.

A Editora FTD não deixa você sem o mínimo sem atenção. Com uma estrutura que vai da Central de Atendimento, passando pela Assessoria Pedagógica, pelo site e pelo Atendimento Comercial, seja qual for a sua necessidade, tenha certeza de uma coisa: a prioridade será sempre você!

Ligue 0800 772 0300

FTD

Central de Atendimento - onde ter mais ajuda em voz!
 Atendimento personalizado e Central de Atendimento FTD onde você pode ligar, falar com um especialista, fazer perguntas, receber dicas para melhorar seu ensino, entre outras coisas. Atendimento de segunda a sexta das 8h às 18h, sábado das 9h às 13h e domingo das 10h às 14h. Ligue 0800 772 0300 ou envie um e-mail para central@ftd.com.br. Não se esqueça de informar o nome da escola e o endereço.

Assessoria Pedagógica
 Proposta de ensino que garante o sucesso do aluno. O FTD possui uma equipe especializada para ajudar a escola em todas as etapas do ensino. Não se preocupe com a qualidade do conteúdo pedagógico, nós garantimos que o conteúdo do FTD seja o melhor para o seu aluno. Atendimento de segunda a sexta das 8h às 18h.

Site
 No site você encontrará conteúdos para ajudar a escola em todas as etapas do ensino. Não se preocupe com a qualidade do conteúdo pedagógico, nós garantimos que o conteúdo do FTD seja o melhor para o seu aluno. Atendimento de segunda a sexta das 8h às 18h.

Atendimento Comercial
 A FTD está sempre pronta para garantir que você tenha o melhor atendimento possível. Não se preocupe com a qualidade do conteúdo pedagógico, nós garantimos que o conteúdo do FTD seja o melhor para o seu aluno. Atendimento de segunda a sexta das 8h às 18h.

Assessoria
www.ftd.com.br

FTD não tem medo de crescer. Estamos sempre evoluindo e melhorando nossos produtos. O que você mais precisa é de uma escola que cresça com você.

Figura 70 – Publicidade FTD (nº 254)
 Fonte: NE, nº 254, agosto 2012, p. 7, 8 e 9.

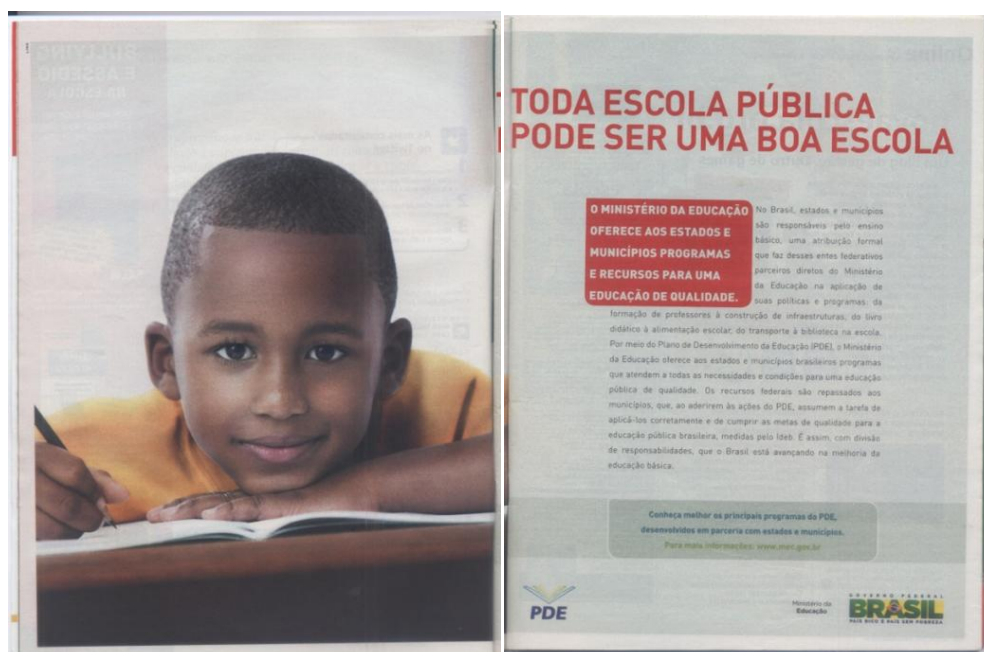


Figura 71– Publicidade MEC (PDE, nº 254)
 Fonte: NE, nº 254, agosto 2012, p. 14 e 15.

As associações beneficentes, os conselhos de classe, empresas de vestuário infantil e de calçados para mulheres também são detentores de algumas de suas publicidades. Assim como as edições de 1997 e 1998, o tom passional dos anúncios, e a presença de um dizer por parte do destinador, que no nível narrativo do percurso gerativo de sentido; caracterizar-se-ia ora por uma manipulação por sedução ora por tentação, dão a tônica dos textos publicitários. A *sedução* se manifesta quando “[...] o manipulador leva a fazer manifestando um juízo positivo sobre a competência do manipulado” (FIORIN, 2008a, p. 30), e a *tentação* “[...] quando o manipulador propõe ao manipulado uma recompensa, ou seja, um objeto de valor positivo, com a finalidade de levá-lo a fazer alguma coisa [...]” (FIORIN, 2008a, p. 30). Tanto uma quanto outra, podem ser observadas na publicidade da *Editora Positivo* (Figura 66), onde lê-se “Eu acredito no professor brasileiro”, “Professor, aqui tem uma homenagem para você”, e na continuação do texto onde o destinador *Editora Positivo* reforça isotopicamente essa crença dizendo “É isto que nos move a fazer um material didático cada dia melhor: pessoas como você, que através da educação transformam a realidade e preparam outras pessoas para um futuro brilhante”. O Projeto “Planeta Sustentável” ocupa muitas páginas das publicações de 2011 e 2012, trazendo e colocando no centro do debate o tema da sustentabilidade e sua relação com a educação, aliás, afirma na Figura 67, que “Educação é Sustentabilidade”. Ocupando um espaço bem significativo encontramos também as publicidades do MEC, aliás pudemos observar a presença de inúmeros anúncios do Ministério presentes, muitas vezes, em uma mesma publicação. Os sistemas de ensino e materiais didáticos ocupam juntamente com

os projetos da *Abril*, e os anúncios do MEC, a maior parte das páginas de publicidade. No centro das divulgações encontra-se o mote do “ensino de qualidade” e da importância da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem. Normalmente, as propagandas veiculadas pelos sistemas de ensino oferecem inúmeros serviços aos profissionais da escola, entre assessoria pedagógica, assessoria comercial, portal *on-line* com conteúdos, banco de questões, simulados, etc. Se durante os anos de 1997 e 1998 a existência de publicidades de sistemas de ensino já se fazia presente, durante os anos de 2011 e 2012 essa presença faz-se cada vez mais viva, dando o tom do que tem sido veiculado como o que de melhor há no campo educativo.

6 EDITORIAIS E CAPAS: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE *NOVA ESCOLA*

6.1 Notas sobre a linguagem jornalística

O objetivo desse capítulo é compreender o sentido dos discursos veiculados por *Nova Escola*, em seus editoriais e capas do quadriênio elencado para esta pesquisa. Tendo em vista a impossibilidade de analisarmos todos os editoriais e capas do que seriam ao todo 39 exemplares da revista (o que dariam pelo menos 39 editoriais e 39 capas), a seleção dos editoriais e capas analisados adiante segue um critério de escolha aleatório no caso dos editoriais, e por amostragem no caso das capas.

Não podemos, no entanto, iniciar as análises propriamente ditas sem nos determos um pouco nas características do texto jornalístico, já que o universo das capas e, principalmente, dos editoriais, nos remete irremediavelmente ao que se convencionou chamar de gênero jornalístico, independentemente das discussões conceituais acerca do termo gênero. Vejamos o que diz o *Manual de Estilo Editora Abril* (ABRIL, 1990, p. 11) logo em seu início, “[...] clareza na linguagem, precisão nas informações – e bom gosto. Um texto não precisa de muito mais do que isso para ser lido com prazer” (ABRIL, 1990, p. 11). Ou, quando procura responder aos motivos que levam a escrita de um *Manual de Estilo*, vejamos, “[...] em todos os casos, nosso objetivo tem sido sempre o mesmo: transmitir notícias corretas, informação confiável, conhecimento, entretenimento e reflexões da maneira mais precisa, mais agradável e mais clara possível” (ABRIL, 1990, p. 9).¹

Clareza, precisão, confiabilidade, transmissão de notícias, são marcas importantes do estilo *Abril* de escrita; cunhado em forte tom de racionalidade, objetividade e veracidade. Nos trechos destacados anteriormente a *Abril* dá o tom de sua marca. “Clareza na linguagem”, um dizer límpido, claro, inteligível; “precisão nas informações”, nos remete à necessidade de uma escrita “exata”, “certa”; e ainda possuidora da qualidade do “bom gosto”, uma expressão com grande possibilidade conotativa, que dá margem a certa gama de interpretações. É de se

¹ Assina esse trecho Roberto Civita (Diretor Superintendente da *Editora Abril*), filho de Victor Civita.

assinalar, pois, que o texto jornalístico aparece sempre ao lado de uma suposta veracidade e objetividade nas informações reportadas.

No *manual de redação e estilo do Estado de São Paulo* (MARTINS, 1990, p. 9), encontramos um trecho revelador no que se refere às características necessárias para a escrita de um texto jornalístico, observemos, “[...] os cuidados e critérios que devem orientar o noticiário, por exemplo, refletem uma linha de coerência e um religioso respeito à verdade que vêm sendo reafirmados já por mais de um século”. No que tange às instruções gerais para a escrita, encontramos ainda, “[...] seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias. Não é justo exigir que o leitor faça complicados exercícios mentais para compreender a matéria” (MARTINS, 1990, p. 16). Destacamos, além disso, outro trecho, “[...] a simplicidade é condição essencial do texto jornalístico” (MARTINS, 1990, p. 16) ou “[...] o estilo jornalístico é um meio-termo entre a linguagem literária e a falada” (idem).

Podemos perceber, tanto numa citação como noutra, a característica da simplicidade como fundamental e imprescindível para a escrita jornalística. Não se pretende que o leitor percorra árduos caminhos para a compreensão do texto veiculado pelo jornal, mas deve-se primar pela apreensão fácil e imediata daquilo que se lê, no intuito de facilitar a percepção do leitor, lho proporcionando uma sensação agradável de distração e divertimento.

Lage (1979), quando comenta sobre as técnicas de se fazer jornal e de suas relações com a História,² menciona primeiramente que não se deve confundir a “técnica de fazer jornal” com a “[...] tecnologia da fabricação dos jornais”. E afirma a existência de diferentes “[...] formas de produção da informação”,

O sensacionalismo é uma dessas formas. Ele permite manter um elevado índice de interesse popular [...], refletindo, na divulgação de crimes e grandes passionaismos, uma realidade violenta muito próxima de imprecisos sentimentos do leitor; [...] Quanto aos problemas, eles se esvaziam no sentimentalismo ou se disfarçam na manipulação da *simplificação* e do *inimigo único* [...] (LAGE, 1979, p. 24, grifo do autor).

² Sobre a história do jornalismo brasileiro, Lage propõe sua divisão em quatro períodos distintos, a citar: “[...] o de atividade sobretudo panfletária e polêmica, que corresponde ao Primeiro Reinado e Regências; o de atividade predominantemente literária e mundana, que corresponde ao Segundo Reinado; o de formação empresarial, na República Velha; e a fase mais recente, marcada por oposições aparentes do tipo nacionalismo/dependência, populismo/autoritarismo, tanto quanto pelo uso intensivo da comunicação no controle social” (1979, p. 29). Alerta-nos, no entanto, que estas fases devem ser entendidas em termos gerais, posto que o jornalismo de um determinado período histórico se mostra a partir de muitas faces (convém assinalar que o texto é do final da década de 1970, o que nos leva a inferir que a contemporaneidade traz mudanças na última perspectiva apontada pelo autor).

E cita ainda outra forma de se fazer jornal:

A outra forma, que se identificaria com a imprensa prestigiada, gerou o entendimento fundado na *imparcialidade*, na *objetividade* e na *veracidade* da informação. [...] Um jornalismo que fosse a um só tempo objetivo, imparcial e verdadeiro excluiria toda outra forma de conhecimento, criando o objeto mitológico da sabedoria absoluta. Não é por acaso que o jornalista do século XX mantém, às vezes, a ilusão de dominar o fluxo dos acontecimentos apenas porque os contempla, sob a forma de notícias, na batida mecânica e constante dos teletipos (LAGE, 1979, p. 25, grifo do autor).

Nilson Lage (1979, p. 25) nos diz ainda que o conceito de objetividade defendido por um jornalismo “sério” consistiria em “[...] descrever os fatos tal como aparecem”, onde deveria haver um abandono consciente das interpretações pessoais sobre os fatos e fenômenos, no intuito de se extrair deles apenas aquilo que se evidencia. Ou seja, a noção de verdade, de objetividade e de imparcialidade faz parte do estilo jornalístico por excelência, e é sob este ângulo que se apresentam os textos de *Nova Escola*.

6.2 Analisando os editoriais

É importante lembrar que ficamos impossibilitados de investigar na íntegra todos os editoriais do quadriênio elencado para este estudo, e que os textos a seguir expostos e examinados constituem uma parte pequena (mas, significativa) do todo. Os editoriais escolhidos de forma aleatória para a composição dessa parte do trabalho podem nos dar pistas da maneira como é construído o discurso “pedagógico” de NE e quais os procedimentos discursivos utilizados nessa construção; bem como, demonstrar em que quadro de valores esses discursos se inserem, questão principal de estudo. Por fim, cabe lembrar que nossa análise a partir de uma construção semiótica do sentido é apenas uma das possíveis leituras dos textos dispostos a seguir. Vamos às análises.

6.2.1 Editorial biênio 1997-1998

Para início de conversa, traremos um editorial escrito em abril de 1997, retirado da página 3 da revista *Nova Escola* de nº 101. Acompanhemos a Figura 72 disposta abaixo:

Carta ao leitor

Tenho a enorme satisfação de apresentar a nova Diretora Executiva da Fundação Victor Civita, Guiomar Namó de Mello. Com mais de 25 anos de atuação como educadora, Guiomar acumula uma extraordinária bagagem profissional. Foi professora primária, diretora de escola e professora universitária. Esteve à frente da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo de 1983 a 1987. Nos últimos quatro anos, trabalhou em projetos educacionais em vários países latino-americanos como representante do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Guiomar tem como desafio ampliar as atividades da Fundação Victor Civita, o ramo da árvore Abril dedicado a apoiar e valorizar o ensino básico no Brasil. A Fundação, criada há mais de onze anos por meu pai, Victor Civita, tem, através da revista NOVA ESCOLA, se empenhado em aumentar o nível de conhecimento do professor de primeiro grau, ajudá-lo na melhoria do desempenho em sala de aula e apoiá-lo na missão fundamental de formar os cidadãos do futuro. Guiomar chega à Fundação num momento em que a melhoria do ensino básico é cada vez mais reconhecida como um dos principais desafios para o desenvolvimento do Brasil. A ela e a todos os seus colegas professores do país – meus melhores votos de sucesso perante esse fantástico desafio.

Roberto Civita
Roberto Civita

HEMEROTECA
Biblioteca Central



4 *Sala dos Professores*
Dedicação livra aluno da classe especial

8 *Reportagem de Capa*
A Teoria das Inteligências Múltiplas na Matemática

16 *Sucata*
Bugigangas ajudam nas lições de aritmética

18 *Multidisciplinaridade*
Bairros e ruas de Recife viram salas de aula

22 *Psicologia Infantil*
Como enfrentar o desafio dos bocas-sujas

26 *Laboratório*
Explique a pressão com balões de borracha

27 *Ciências*
Um caixote de terra mostra o ciclo da vida

30 *Era uma Vez*
O passarinho que sabia dar conselhos

32 *Leitura*
Extra! Extra! Ensinando com jornais

38 *Alfabetização*
Uma construtivista na "pior" classe da escola

41 *Jogo Didático*
As quatro operações ficam fáceis no tabuleiro

42 *História*
Estudo da moda explica o passado

45 *Saúde*
Veja se seus alunos têm problemas de postura

48 *Deu Certo*
A cidade em que todas as crianças sabem ler

50 *Memória*
Darcy Ribeiro, o Indiana Jones verde-amarelo

52 *Mural*
O que as escolas exigem para admitir professores

54 *Com Certeza*
Os estudantes usam uniformes há 500 anos

56 *Livros*
Leia: informatizar a educação é inevitável

58 *Obrigada, Professor*
A atriz Fernanda Torres fala de seu maior mestre



Primeira página: espaços realçados

ESCOLA

FALE CONOSCO
Para conversar com os jornalistas, disque **0800-112055** (ligação gratuita)

Se preferir, envie um fax para **(011) 284-3733**

Na Internet, nosso endereço é **fvc@embratel.net.br**

Mande cartas para **Redação de Nova Escola** R. Haddock Lobo, 403-D, São Paulo, SP, CEP 01414-903

NOVA ESCOLA-ABRIL 1997
3

Figura 72 – Página de NE (nº 101)
Fonte: NE, nº 101, abril 1997, p. 3.

Vista de uma maneira global, a página pode ser dividida ao meio, onde se destacam dois retângulos. O primeiro traz o editorial, intitulado de “*Carta ao leitor*” ocupando a maior parte desse primeiro retângulo, contendo abaixo os telefones e endereço de contato com a redação

da revista. O segundo apresenta o conteúdo da revista sob a forma do índice. Neste podemos vislumbrar as seções da revista, cujos títulos são: Sala dos Professores, Reportagem de Capa, Sucata, Multidisciplinaridade, Psicologia Infantil, Laboratório, Ciências, Era uma Vez, Leitura, Alfabetização, Jogo Didático, História, Saúde, Deu Certo, Memória, Mural, Com Certeza, Livros e Obrigada, Professor. Com 19 seções, a página traz em termos visuais, duas fotografias e uma ilustração; a primeira fotografia estampa em primeiro plano a *nova Diretora Executiva da Fundação Victor Civita*, Guiomar Namó de Mello, donde se vislumbra ao fundo, no lado superior direito, dois outros quadros. O primeiro quadro, destacando-se pela topologia, localiza-se no ângulo superior direito, e traz uma fotografia pouco nítida, o que nos leva a indagar sobre o personagem presente na mesma (Victor Civita ou Roberto Civita?), não o sabemos ao certo, devido à semelhança entre pai e filho; mas, de todo modo, traz o idealizador ou o continuador da FVC, “[...] o ramo da árvore *Abril* dedicado a apoiar e valorizar o ensino básico no Brasil”. Nessa mesma fotografia, encontramos abaixo um quadro do que parece ser um desenho infantil, onde se destaca a imagem de um boneco, que lembra uma criança segurando um balão, balão este em forma de um coração vermelho, instituindo um efeito de sentido passional e afetivo ao trabalho da Fundação e sua relação com o professor e a educação brasileiros.³



Figura 73 – Fragmento do índice de *Nova Escola* (nº 101)
Fonte: NE, nº 101, abril 1997, p. 3.

A segunda fotografia (Figura 73) está relacionada à 9ª seção da revista, chamada *Leitura*, onde o clichê “*Extra! Extra!*” simula a divulgação de um fato de destaque feito geralmente

³ Quando formos analisar o editorial voltaremos à fotografia da Guiomar Namó de Mello.

pelo vendedor de um jornal; sendo uma forma abreviada da palavra *extraordinário*, dá destaque a algo ou alguém fora do comum, grandioso, admirável. Nessa brincadeira, dá ênfase ao trabalho pedagógico-didático no qual o jornal é o recurso principal. A fotografia (Figura 73) retrata um exercício sendo realizado por um grupo de alunos; onde se sobressaem, em primeiro plano, dois meninos. O menino da esquerda encara o interlocutor com o olhar, demonstrando com seu sorriso, o prazer que a atividade proposta, cuja legenda explicativa nos diz que é um exercício a partir da primeira página de um jornal, está lhe proporcionando. Os efeitos de sentido produzidos nos levam a interligar a atividade didática feita com jornais, a algo alegre, criativo e prazeroso, o que é reiterado pelo visual colorido das tintas e pincéis e pelo ambiente pouco tradicional de organização dos alunos.

Num recorte da terceira ilustração encontramos a Figura 74:



Figura 74 – Fragmento do índice de *Nova Escola* (nº 101)
 Fonte: NE, nº 101, abril 1997, p. 3.

A Figura 74 está relacionada à disciplina de História e traz como tema de trabalho pedagógico a moda e a possibilidade de com ela se “explicar o passado”, ou seja, tornar claro e inteligível o mesmo. A ilustração traz três desenhos. Um conjunto de camisa de mangas compridas, juntamente com o que parece ser uma bermuda no lado superior esquerdo do retângulo recortado; abaixo uma saia de comprimento longo quadriculada nas tonalidades azul e laranja, juntamente com uma bota vermelha tingida de pequenos detalhes em preto e azul dão certo tom de antiguidade às peças de vestuário, enquanto a “manequim” ao lado, vestida com uma minissaia cujas listras em roxo, amarelo e verde, juntamente com a posição da “modelo” (de pé), reiteram os traços de verticalidade das figuras expostas. A figura do coração aparece novamente, agora na miniblusa da menina. O corpo exposto da menina demarca a contemporaneidade de seu *look*. Ou seja, de um corpo coberto (passado), passou-se para um corpo exposto (presente).

Se observarmos bem poderemos ver um duplo movimento triangular na página, vislumbrado a seguir:

Carta ao leitor

HEMEROTECA
Biblioteca Central de JORNALISMOS

Índice

4 *Sala dos Professores*
Dedicação livra aluno da classe especial

8 *Reportagem de Capa*
A Teoria das Inteligências Múltiplas na Matemática

16 *Sucata*
Bugigangas ajudam nas lições de aritmética

18 *Multidisciplinaridade*
Bairros e ruas de Recife viram salas de aula

22 *Psicologia Infantil*
Como enfrentar o desafio dos bocas-sujas

26 *Laboratório*
Explique a pressão com balões de borracha

27 *Ciências*
Um caixote de terra mostra o ciclo da vida

30 *Era uma Vez*
O passarinho que sabia dar conselhos

32 *Leitura*
Extra! Extra! Ensinando com jornais

38 *Alfabetização*
Uma construtivista na "pior" classe da escola

41 *Jogo Didático*
As quatro operações ficam fáceis no tabuleiro

42 *História*
Estudo da moda explica o passado

45 *Saúde*
Veja se seus alunos têm problemas de postura

48 *Deu Certo*
A cidade em que todas as crianças sabem ler

50 *Memória*
Darcy Ribeiro, o Indiana Jones verde-amarelo

52 *Mural*
O que as escolas exigem para admitir professores

54 *Com Certeza*
Os estudantes usam uniformes há 500 anos

56 *Livros*
Leia: informatizar a educação é inevitável

58 *Obrigada, Professor*
A atriz Fernanda Torres fala de seu maior mestre

Capa: fotos de Thomas Kremer

4 *Sala dos Professores*
Dedicação livra aluno da classe especial

8 *Reportagem de Capa*
A Teoria das Inteligências Múltiplas na Matemática

16 *Sucata*
Bugigangas ajudam nas lições de aritmética

18 *Multidisciplinaridade*
Bairros e ruas de Recife viram salas de aula

22 *Psicologia Infantil*
Como enfrentar o desafio dos bocas-sujas

26 *Laboratório*
Explique a pressão com balões de borracha

27 *Ciências*
Um caixote de terra mostra o ciclo da vida

30 *Era uma Vez*
O passarinho que sabia dar conselhos

32 *Leitura*
Extra! Extra! Ensinando com jornais

38 *Alfabetização*
Uma construtivista na "pior" classe da escola

41 *Jogo Didático*
As quatro operações ficam fáceis no tabuleiro

42 *História*
Estudo da moda explica o passado

45 *Saúde*
Veja se seus alunos têm problemas de postura

48 *Deu Certo*
A cidade em que todas as crianças sabem ler

50 *Memória*
Darcy Ribeiro, o Indiana Jones verde-amarelo

52 *Mural*
O que as escolas exigem para admitir professores

54 *Com Certeza*
Os estudantes usam uniformes há 500 anos

56 *Livros*
Leia: informatizar a educação é inevitável

58 *Obrigada, Professor*
A atriz Fernanda Torres fala de seu maior mestre

Capa: fotos de Thomas Kremer

3

Carta ao leitor

Tenho a enorme satisfação de apresentar a nova Diretora Executiva da Fundação Victor Civita, Guiomar Namó de Mello. Com mais de 25 anos de atuação como educadora, Guiomar acumula uma extraordinária bagagem profissional. Foi professora primária, diretora de escola e professora universitária. Esteve à frente da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo de 1983 a 1987. Nos últimos quatro anos, trabalhou em projetos educacionais em vários países latino-americanos como representante do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Guiomar tem como desafio ampliar as atividades da Fundação Victor Civita, o ramo da árvore Abril dedicado a apoiar e valorizar o ensino básico no Brasil. A Fundação, criada há mais de onze anos por meu pai, Victor Civita, tem, através da revista NOVA ESCOLA, se empenhado em aumentar o nível de conhecimento do professor de primeiro grau, ajudá-lo na melhoria do desempenho em sala de aula e apoiá-lo na missão fundamental de formar os cidadãos do futuro. Guiomar chega à Fundação num momento em que a melhoria do ensino básico é cada vez mais reconhecida como um dos principais desafios para o desenvolvimento do Brasil. A ela e a todos os seus colegas professores do país – meus melhores votos de sucesso perante esse fantástico desafio.

A educadora Guiomar Namó de Mello: desafio

Roberto Civita

ESCOLA

FALE CONOSCO
Para conversar com os jornalistas, disque **0800-112055** (ligação gratuita)
Se preferir, envie um fax para **(011) 284-3733**
Na Internet, nosso endereço é **ivc@embratel.net.br**
Mande cartas para **Redação de Nova Escola** R. Haddock Lobo, 403-D, São Paulo, SP, CEP 01414-903

NOVA ESCOLA-ABRIL 1997

Figura 75 – Página de NE (nº 101)
Fonte: NE, nº 101, abril 1997, p. 3.

É, pois, esse movimento triangular que dirige nosso olhar na folha apresentada. Adentremos no editorial escolhido para análise.

Não é demais, no entanto, retomarmos as etapas do *percurso gerativo*, modelo de produção de sentido que na semiótica discursiva francesa nos possibilita construir a significação de um texto. Cabe lembrar que nesse caso falamos do plano de conteúdo do texto. De uma maneira resumida e simples, proposta por Diana Luz Pessoa de Barros (2003), a noção de percurso gerativo dos sentidos (PGS) pode ser assim resumida: a) o PGS vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto; b) o PGS pode ser dividido em três etapas diferentes, cada qual possuidora de uma gramática autônoma (uma sintaxe e uma semântica), mas complementares, já que a relação entre os níveis determinará, também, o(s) sentido(s) do(s) texto(s). Eis as três etapas fundamentais:

1. A primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, é o nível fundamental e nele a significação se apresenta como uma oposição semântica;
2. No segundo nível, o narrativo, organiza-se a narrativa do ponto de vista de um sujeito;
3. Finalmente, a terceira etapa, a mais complexa e concreta, é a discursiva, em que a organização narrativa vai-se tornar discurso, graças aos procedimentos de temporalização, espacialização, actorialização, tematização e figurativização, que completam o enriquecimento e a concretização semântica já mencionados (BARROS, 2003, p. 188).

Na verdade, inverteremos um pouco a ordem proposta pela autora. Iniciaremos a análise dos editoriais a partir do exame das organizações discursivas e narrativas do texto, já que Barros (1997) sugere ser mais fácil examinar as estruturas fundamentais depois de apreendidas as estruturas narrativas e discursivas do texto.

Nas palavras de Fiorin (2008a, p. 20), encontramos ainda a seguinte definição para o conceito de PGS,⁴

O percurso gerativo de sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo. No modelo que estamos apresentando, os patamares do percurso são três.

O autor citado constrói uma tabela que pode ser de grande valia para visualização do que foi dito sobre o PGS, vejamos:

⁴ Encontramos diferentes nomenclaturas para designar o percurso gerativo do sentido. Dessa maneira, o “percurso gerativo do sentido”, “percurso gerativo dos sentidos”, ou “percurso gerativo de sentido” significam a mesma expressão.

		Componente Sintático	Componente Semântico
Estruturas sêmio-narrativas	Nível profundo	Sintaxe fundamental	Semântica fundamental
	Nível de superfície	Sintaxe narrativa	Semântica narrativa
Estruturas discursivas	Sintaxe discursiva Discursivização (actorialização, temporalização, espacialização)		Semântica discursiva Tematização Figurativização

QUADRO 13 – ESQUEMA DO PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Fonte: Fiorin (2008a).

Bem, para clarear um pouco nossas considerações, devemos revisitar o conceito de enunciação. Segundo Fiorin (2005), o primeiro sentido de enunciação é, pois, o de ato produtor do enunciado; o autor cita Benveniste, trazendo uma ampliação do sentido de enunciação, consubstanciada na seguinte frase: “[...] a enunciação é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, *apud* FIORIN, 2005, p. 31). E levanta uma questão interessante que pode ser resumida na seguinte afirmação: “Ora, se a enunciação for considerada como ato singular, daí decorre logicamente sua impossibilidade de constituir um objeto científico” (FIORIN, 2005, p. 31). E através de um diálogo com alguns estudiosos da linguagem, cita uma importante contribuição de Catherine Kerbrat-Orecchioni (*apud* FIORIN, 2005, p. 31), trazendo à tona uma constatação, agora transcrita: “O linguista não mais opõe ‘a enunciação ao enunciado como o ato a seu produto, um processo dinâmico a seu resultado estático’, mas, impossibilitado de estudar diretamente o ato da enunciação, busca ‘identificar e descrever os traços do ato no produto’”. Apesar de Fiorin (2005, p. 31) ter citado essa perspectiva e atestar a razão da autora acerca da impossibilidade de descrever o ato de enunciação em si mesmo, ele nos diz, no entanto, que é preciso “[...] matizar a questão da descrição do ato da enunciação”. Em outro texto seu, intitulado *O corpo representado e mostrado no discurso*, chega a um denominador comum acerca da questão enunciação/enunciado, ponto de vista a seguir expresso:

Poder-se-ia, a partir daí, pensar que o enunciado é do domínio do dizível, enquanto a enunciação é da ordem do inefável, do indizível. Isso seria uma concepção muito estreita do processo enunciativo. Na verdade, assim como qualquer processo deixa suas marcas no produto que ele engendra, também a enunciação deixa marcas no

enunciado e, por meio delas, pode-se reconstruir o processo que o produziu. (FIORIN, 2008c, p. 138).

Dentro desse prisma, Fiorin (2005) cita também Landowski trazendo-nos seu conceito de enunciação, por nós retomado: “[a enunciação] é o ato pelo qual o sujeito *faz ser* o sentido”, e o enunciado, “[...] o objeto cujo sentido *faz ser* o sujeito” (LANDOWSKI, *apud* FIORIN, 2005, p. 31). E comenta, ainda: “[...] observe-se que o sujeito, que, por um ato, gera o sentido, é criado pelo enunciado. Trata-se, pois, de uma entidade semiótica” (FIORIN, 2005, p. 31). E aqui ficam as indagações: se, a enunciação enquanto ato faz ser o sentido; e o enunciado, o objeto que manifesta o próprio sujeito; no que tange aos editoriais da RNE, pergunta-se: quem é esse sujeito e que tipo de sentido cria com seu enunciado e que sujeito é esse manifesto no enunciado? Em que quadro de valores esses sujeitos construídos transitam? Acreditamos que já demos algumas pistas quanto a essas respostas.

Cabe lembrar que não pretendemos, de maneira alguma, esgotar os níveis de análise contidos na teoria semiótica do texto; no entanto, caminharemos no sentido de explicar *o que o texto diz*, e *como faz para dizer o que diz*, ou seja, suas significações e, sobretudo, apreender os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos. Também faz parte de nossos intentos perceber, na medida do possível, as possibilidades e limitações para o campo educacional do discurso jornalístico/pedagógico veiculado pela RNE. Acompanhemos o editorial abaixo, de abril de 1997, assinado por Roberto Civita (Figura 76).

HEMER
Biblioteca Ce

Carta ao leitor

Tenho a enorme satisfação de apresentar a nova Diretora Executiva da Fundação Victor Civita, Guiomar Namó de Mello. Com mais de 25 anos de atuação como educadora, Guiomar acumula uma extraordinária bagagem profissional. Foi professora primária, diretora de escola e professora universitária. Esteve à frente da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo de 1983 a 1987. Nos últimos quatro anos, trabalhou em projetos educacionais em vários países latino-americanos como representante do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Guiomar tem como desafio ampliar as atividades da Fundação Victor Civita, o ramo da árvore Abril dedicado a apoiar e valorizar o ensino básico no Brasil. A Fundação, criada há mais de onze anos por meu pai, Victor Civita, tem, através da revista NOVA ESCOLA, se empenhado em aumentar o nível de conhecimento do professor de primeiro grau, ajudá-lo na melhoria do desempenho em sala de aula e apoiá-lo na missão fundamental de formar os cidadãos do futuro. Guiomar chega à Fundação num momento em que a melhoria do ensino básico é cada vez mais reconhecida como um dos principais desafios para o desenvolvimento do Brasil. A ela e a todos os seus colegas professores do país – meus melhores votos de sucesso perante esse fantástico desafio.



A educadora Guiomar Namó de Mello: desafio

Eduardo Pozzella

Roberto Civita
Roberto Civita

Figura 76 – Carta ao leitor (nº 101)
Fonte: NE, nº 101, abril 1997, p. 3

Passemos, então, às nuances das análises realizadas. Principiemos, pois, com uma ida ao nível superficial, também chamado de nível discursivo do texto. Mas, o que caracteriza efetivamente esse nível? De que maneira ele pode ser percebido e detectado? Para Barros (2003), é no nível discursivo que a organização narrativa é temporalizada, espacializada e

actorializada, ou melhor, as ações e os esquemas narrativos são assumidos pelo sujeito da ação que, ao realizar a produção discursiva, deixa suas marcas no enunciado que produz, ou seja, com a actorialização, a espacialização e a temporalização. Quando a enunciação se define por um *eu-aqui- agora* ela produz no discurso enunciado efeitos de sentido de subjetividade; quando se define por um *ele-então-lá*, produz um efeito de sentido de objetividade. Essa operação é chamada na semiótica de debreagem e projeta no enunciado tanto efeitos de sentido de subjetividade como de objetividade. A primeira operação é chamada de debreagem enunciativa (*eu-aqui- agora*) e a segunda de debreagem enunciativa (*ele-então-lá*).

No nível das estruturas discursivas, um *eu* é logo instalado no trecho destacado acima; esse *eu* é de Roberto Civita que assina o editorial. Temos, pois, uma debreagem enunciativa, com a instalação de um *eu-aqui- agora*. No entanto, esse *eu* que fala, instala um *ela*, que se refere à Guiomar Namó de Mello. Percebemos um jogo entre subjetividade e objetividade, instalado em grande parte do discurso da revista.

Na verdade, esse editorial pode ser dividido em três blocos, no primeiro, esse *eu* instalado apresenta um *ela*, que se refere à Guiomar Namó de Mello; no segundo, o mesmo *eu* se refere à *Editora Abril*, a *Fundação Victor Civita* e à *Nova Escola*, instituindo a mesma relação anteriormente antevista, o de um *eu* que fala de alguém/algo. Aqui tanto a Guiomar Namó de Mello, como a *Editora Abril*, a FVC e a NE são designados por um *ela*. No terceiro bloco do texto, o narrador se dirige à própria Guiomar Namó de Mello e a todos os professores do país, “seus colegas”. No que se refere ao tempo, temos a predominância do presente do indicativo (“tenho”, “acumula”, “tem”, “há”, “chega”, etc.). O momento de referência é, pois, um ponto preciso no tempo, ou seja, a entrada na FVC de Guiomar Namó de Mello, professora, diretora, pesquisadora, etc. Esse *ela* instituído é qualificado positivamente pelo *eu* que fala, pelo *eu* que toma a palavra. Em termos de espacialização o discurso transita em espaços bem delimitados, o Brasil, a Fundação, São Paulo, América Latina, sala de aula, etc. Se novamente temos o uso abundante de figuras, podemos elencar alguns temas tratados pelo texto em questão, a seguir: mudança na diretoria executiva da FVC, apresentação da nova diretora, ações da FVC/NE e seus objetivos; e, ainda, o tema “de que a melhoria do ensino básico é cada vez mais reconhecida como um dos principais desafios para o desenvolvimento do Brasil”. A relação educação-desenvolvimento reaparece novamente, só não se discute, em profundidade, de que tipo de educação se fala, nem se faz referência acerca de qual é a concepção de

desenvolvimento defendida pela Abril/FVC. Em termos de investimento figurativo, encontramos a iconização,⁵ já que as fotografias trazem o sujeito que fala e o que é falado, e o estabelecimento de uma função referencial do discurso. Como se vê, procura-se, novamente, instalar no texto um efeito de verdade, de dizer verdadeiro. A figura da mulher-professora é novamente reiterada no discurso de *Nova Escola*. Em termos narrativos, encontramos a modalização dos sujeitos aos quais o narrador se refere. Tanto Guiomar Namó de Mello, quanto a *Abril*, a FVC e a NE são qualificados positivamente. No que se refere à Guiomar Namó de Mello o narrador sobremodaliza esse sujeito a partir de um *saber-fazer* e um *poder-fazer* e, institui, no jogo de qualificá-lo, uma aproximação com todos os professores do Brasil.

6.2.2 Editoriais biênio 2011-2012

A seguir, as análises dos editoriais demonstrativos do biênio 2011-2012. Seguiremos um procedimento que traz primeiro os objetos de estudo na íntegra, logo após, seguem-se as análises.

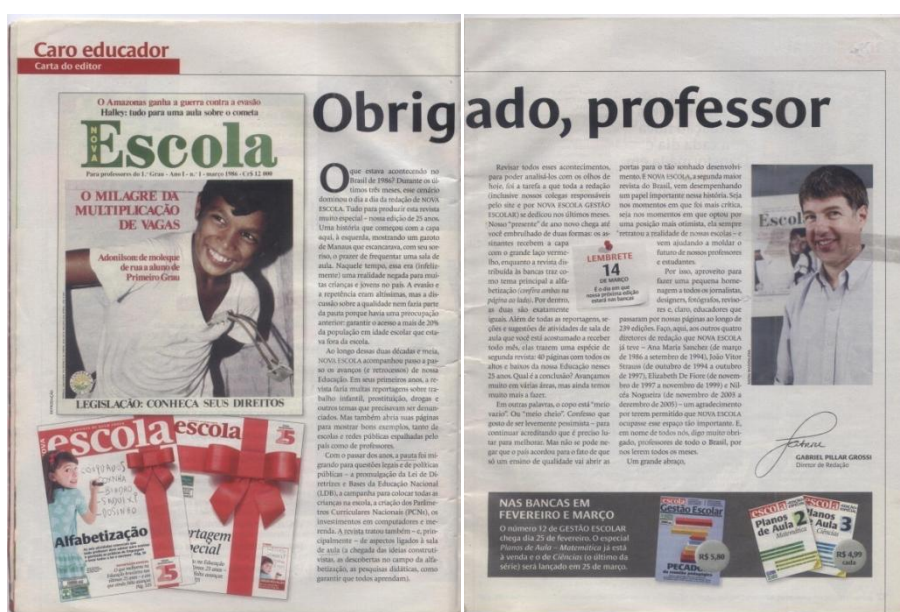


Figura 77 – Editorial 2 (nº 239)
Fonte: NE, nº 239, jan./fev. 2011, p. 10 e 11.

⁵ Sobre o conceito de *iconização*, ver Bertrand, 2003, p. 207-232. Mas, numa rápida alusão, temos: “Iconização e abstração [...] constituem antes graus variáveis da figuratividade” (GREIMAS, apud BERTRAND, 2003, p. 208).

Editorial 02 (que notaremos ED2), a seguir o texto verbal principal que acompanha as imagens (Figura 77).

“Obrigado, professor

O que estava acontecendo no Brasil de 1986? Durante os últimos três meses, esse cenário dominou o dia a dia da redação de NOVA ESCOLA. Tudo para produzir esta revista muito especial - nossa edição de 25 anos. Uma história que começou com a capa aqui, à esquerda, mostrando um garoto de Manaus que escancarava, com seu sorriso, o prazer de frequentar uma sala de aula. Naquele tempo, essa era (infelizmente) uma realidade negada para muitas crianças e jovens no país. A evasão e a repetência eram altíssimas, mas a discussão sobre a qualidade nem fazia parte da pauta porque havia uma preocupação anterior: garantir o acesso a mais de 20% da população em idade escolar que estava fora da escola.

Ao longo dessas duas décadas e meia, NOVA ESCOLA acompanhou passo a passo os avanços (e retrocessos) de nossa Educação. Em seus primeiros anos, a revista fazia muitas reportagens sobre trabalho infantil, prostituição, drogas e outros temas que precisavam ser denunciados. Mas também abria suas páginas para mostrar bons exemplos, tanto de escolas e redes públicas espalhadas pelo país como de professores.

Com o passar dos anos, a pauta foi migrando para questões legais e de políticas públicas - a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a campanha para colocar todas as crianças na escola, a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os investimentos em computadores e merenda. A revista tratou também - e, principalmente - de aspectos ligados à sala de aula (a chegada das ideias construtivistas, as descobertas no campo da alfabetização, as pesquisas didáticas, como garantir que todos aprendam).

Revisar todos esses acontecimentos, para poder analisá-los com os olhos de hoje, foi a tarefa a que toda a redação (inclusive nossos colegas responsáveis pelo site e por NOVA ESCOLA GESTÃO ESCOLAR) se dedicou nos últimos meses. Nosso ‘presente’ de ano novo chega até você embrulhado de duas formas: os assinantes recebem a capa com o grande laço vermelho, enquanto a revista distribuída às bancas traz como tema principal a alfabetização (*confira ambas na página ao lado*). Por dentro, as duas são exatamente iguais. Além de todas as reportagens, seções e sugestões de atividades de sala de aula que você está acostumado a receber todo mês, elas trazem uma espécie de segunda revista: 40 páginas com todos os altos e baixos da nossa Educação nesses 25 anos. Qual é a conclusão? Avançamos muito em várias áreas, mas ainda temos muito mais a fazer.

Em outras palavras, o copo está ‘meio vazio’. Ou ‘meio cheio’. Confesso que gosto de ser levemente pessimista - para continuar acreditando que é preciso lutar para melhorar. Mas não se pode negar que o país acordou para o fato de que só um ensino de qualidade vai abrir as portas para o tão sonhado desenvolvimento. E NOVA ESCOLA, a segunda maior revista do Brasil, vem desempenhando um papel importante nessa história. Seja nos momentos em que foi mais crítica, seja nos momentos em que optou por uma posição mais otimista, ela sempre retratou a realidade de nossas escolas - e vem ajudando a moldar o futuro de nossos professores e estudantes.

Por isso, aproveito para fazer uma pequena homenagem a todos os jornalistas, designers, fotógrafos, revisores e, claro, educadores que passaram por nossas páginas ao longo de 239 edições. Faço, aqui, aos outros quatro diretores de redação que NOVA ESCOLA já teve - Ana Maria Sanchez (de março de 1986 a setembro de 1994), João Vitor Strauss (de outubro de 1994 a outubro de 1997), Elizabeth De Fiore (de novembro de 1997 a novembro de 1999) e Nilcéa Nogueira (de novembro de 2003 a dezembro de 2005) - um agradecimento por terem permitido que NOVA ESCOLA ocupasse esse espaço tão importante. E, em nome de todos nós, digo muito obrigado, professores de todo o Brasil, por nos lerem todos os meses.

Um grande abraço,

Gabriel Pillar Grossi
Diretor de Redação”

Caro educador

Em julho, mês de férias, NOVA ESCOLA não circula.
AGOSTO
15
é o dia em que nossa próxima edição estará nas bancas.

GABRIEL PILLAR GROSSI
Diretor de Redação

Um retrato das escolas

EDUCADORA NOTA 10
A professora Rosana mostra seu trabalho ao editor Rodrigo Ratier

ESTE MÊS NAS BANCAS
A edição 14 de **GESTÃO ESCOLAR** chega dia 24 de junho. E a edição especial **50 Filmes para Trabalhar em Sala de Aula** será lançada dia 4 de julho. Garanta já seus exemplares.

Poucos dias depois de esta revista chegar às bancas, **estaremos** (aqui, na Fundação Victor Civita) envolvidos com um de **nossos projetos** mais gratificantes: o Prêmio Educador Nota 10. Este ano, as inscrições **estão** abertas de 10 de junho a 10 de julho – e, mais uma vez, milhares de professores e gestores enviarão seus trabalhos para concorrer à **maior premiação** de Educação do Brasil. Até o início de agosto, especialistas de todas as áreas do conhecimento **estarão** diariamente conosco na redação, ajudando a revelar um pouco do que se faz atualmente nas escolas brasileiras.

Mais do que o retrato dos avanços (e problemas) relatados pelos protagonistas da sala de aula, o grande barato de acompanhar o trabalho de seleção é ver o empenho coletivo de valorizar o professor. Criado em 1998, o prêmio chega à 14ª edição fiel à proposta original: apresentar ao país os **melhores projetos** desenvolvidos por gente como você.

E nós, de NOVA ESCOLA, temos orgulho em divulgar tantas boas práticas. Nas páginas 52 e 56, estão as reportagens sobre os trabalhos de Rosana Zafalon, de Sinop, em Mato Grosso, e Ana Cristina de Paula, do Rio de Janeiro, premiadas no ano passado. Falta pouco para conhecermos os vencedores de 2011. Antes, é só se inscrever. Vá à página 96 e confira as dicas para mandar um relato campeão. Daqui a alguns meses, **terei** a chance de escrever sobre as atividades que os **melhores professores** estão desenvolvendo neste exato momento.

10 JUNHO|JULHO 2011 novaescola.org.br

Figura 78 – Editorial 3 (nº 243)

Fonte: NE, nº 243, jun./jul. 2011, p. 10.

Editorial 03 (que notaremos ED3)

“Um retrato das escolas

Poucos dias depois de esta revista chegar às bancas, estaremos (aqui, na Fundação Victor Civita) envolvidos com um de nossos projetos mais gratificantes: o Prêmio Educador Nota 10. Este ano, as inscrições estão abertas de 10 de junho a 10 de julho – e, mais uma vez, milhares de professores e gestores enviarão seus trabalhos para concorrer à maior premiação de Educação do Brasil. Até o início de agosto, especialistas de todas as áreas do conhecimento estarão diariamente conosco na redação, ajudando a revelar um pouco do que se faz atualmente nas escolas brasileiras.

Mais do que o retrato dos avanços (e problemas) relatados pelos protagonistas da sala de aula, o grande barato de acompanhar o trabalho de seleção é ver o empenho coletivo de valorizar o

professor. Criado em 1998, o prêmio chega à 14ª edição fiel à proposta original: apresentar ao país os melhores projetos desenvolvidos por gente como você.

E nós, de NOVA ESCOLA, temos orgulho em divulgar tantas boas práticas. Nas páginas 52 e 56, estão as reportagens sobre os trabalhos de Rosana Zafalon, de Sinop, em Mato Grosso, e Ana Cristina de Paula, do Rio de Janeiro, premiadas no ano passado. Falta pouco para conhecermos os vencedores de 2011. Antes, é só se inscrever. Vá à página 96 e confira as dicas para mandar um relato campeão. Daqui a alguns meses, terei a chance de escrever sobre as atividades que os melhores professores estão desenvolvendo neste exato momento.

Gabriel Pillar Grossi
Diretor de Redação”

Caro educador

NOVEMBRO
14
É o dia em que nossa próxima edição estará nas bancas

GABRIEL PILLAR GROSSI
Diretor de Redação

Obrigado, professor

Outubro é o mês de celebrar o trabalho de todos os professores. Em nossas páginas, no site e nas redes sociais, nunca é demais dizer “obrigado” a cada um de vocês, que nos leem, nos acompanham, nos criticam, nos sugerem pautas, nos incentivam, nos elogiam. Nossa retribuição vem na forma de reportagens, homenagens e, claro, do Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10, que chega à sua 14ª edição. Basta ver os sorrisos nas fotos desta página, em que nossos repórteres aparecem ao lado de alguns dos vencedores deste ano, para perceber a importância desse trabalho de valorização da profissão docente.

Da mesma forma, diversas reportagens enaltecem a atuação de professores que ensinam com qualidade todos os seus alunos – é o caso do *Retrato* (na página 60), da nossa capa (na página 64), de diversos textos do bloco de sala de aula (a partir da página 72) e do próprio perfil dos finalistas do Prêmio Victor Civita (eles começam na página 95). E também de nossa campanha #orgulhodeserprofessor (ela aparece na capa e é apresentada com mais detalhes na página 112), que já está mobilizando educadores de todo o país no site nova-escola.org.br e em nossas páginas no Facebook e no Twitter. Divulgue essa ideia e participe. Porque só com professores que gostam e se orgulham do que fazem conseguiremos transformar nosso país.

ESTE MÊS NAS BANCAS
A edição especial *Desafios do Ensino Médio* já está à venda. O número 16 de **GESTÃO ESCOLAR** estará disponível a partir do dia 28. E outros dois especiais chegam às bancas no início de novembro: um só com artigos dos maiores pensadores da Educação na atualidade (dia 4) e um guia para professores novatos (dia 11). Reserve seus exemplares.

VALORIZAÇÃO
Cinco dos vencedores do Prêmio Victor Civita e (a dia) a campanha na web

#orgulhodeserprofessor

Figura 79– Editorial 4 (nº 246)
Fonte: NE, nº 246, outubro 2011, p. 12.

Editorial 04 (que notaremos ED4)

“Obrigado, professor

Outubro é o mês de celebrar o trabalho de todos os professores. Em nossas páginas, no site e nas redes sociais, nunca é demais dizer “obrigado” a cada um de vocês, que nos lêem, nos acompanham, nos criticam, nos sugerem pautas, nos incentivam, nos elogiam. Nossa retribuição vem na forma de reportagens, homenagens e, claro, do Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10, que chega à sua 14ª edição. Basta ver os sorrisos nas fotos desta página, em que nossos repórteres aparecem ao lado de alguns dos vencedores deste ano, para perceber a importância desse trabalho de valorização da profissão docente.

Da mesma forma, diversas reportagens enaltecem a atuação de professores que ensinam com qualidade todos os seus alunos – é o caso do *Retrato* (na página 60), da nossa capa (na página 64), de diversos textos do bloco de sala de aula (a partir da página 72) e do próprio perfil dos

finalistas do Prêmio Victor Civita (eles começam na página 95). E também de nossa campanha #orgulhodeserprofessor (ela aparece na capa e é apresentada com mais detalhes na página 112), que já está mobilizando educadores de todo o país no site novaescola.org.br e em nossas páginas no Facebook e no Twitter. Divulgue essa idéia e participe. Porque só com professores que gostam e se orgulham do que fazem conseguiremos transformar nosso país.

Gabriel Pillar Grossi
Diretor de Redação”

Antes de penetrarmos especificamente no plano de conteúdo dos textos expostos acima, não poderíamos deixar de mencionar algumas relações que percebemos a partir de uma leitura que leva em conta o entendimento desses objetos como *todos* de significação ou tomados como “[...] totalidades complexas articuladas” (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2009), que se constituem a partir das múltiplas linguagens que os compõem. Dessa forma, podemos dizer que a linguagem visual dos textos (ED2, ED3, ED4) tendem a reiterar os sentidos postos em ação nos textos verbais, inclusive com menções explícitas a esta função. Encontramos também uma constante autopromoção de si própria, ou seja, a revista, na pessoa de seu narrador, faz propaganda de si própria, hiper-valorizando seu papel e “[...] compromisso com a melhoria da educação brasileira” e com a divulgação das melhores práticas pedagógicas e dos melhores professores; nesse sentido, vemos nas páginas dos três editoriais de 2011, capas da própria RNE (inclusive a 1ª capa da revista, datada do ano de 1986), capas de algumas das edições especiais de NE e capas da revista *Gestão Escolar*, também editada pela *Fundação Victor Civita (FVC)/Editora Abril*.

A revista se considera um presente e uma homenagem para os professores, como se pode verificar nas imagens expostas no ED2; podemos vislumbrar dentre as imagens expostas uma das capas de *Nova Escola*, sendo ela mesma um presente, com um imenso laço vermelho figurativizando-o. Enuncia, pois, reforçando o dito pela visualidade o seguinte: “Nosso ‘presente’ de ano novo chega até você embrulhado de duas formas: os assinantes recebem a capa com o grande laço vermelho, enquanto a revista distribuída às bancas traz como tema principal a alfabetização [...]”.

Encontramos no ED2 diversas imagens, ocupando, aliás, um lugar de destaque (já que tomam, na primeira página do ED2 aproximadamente 2/3 da página); em todas elas aparecem capas de *Nova Escola*, inclusive na própria foto do editor, na qual encontramos ao fundo a 1ª capa de NE, a mesma exposta na 1ª página do editorial em questão; portanto, encontramos 7 capas

de NE constantes em suas páginas de editorial. No ED3 encontramos 4 imagens, das quais 2 são capas de revistas editadas pela *Fundação Victor Civita - FVC* (*Nova Escola* edição especial e *Nova Escola Gestão Escolar*). No ED4, ao invés das capas das revistas, encontramos 6 imagens, das quais 5 retratam alguns dos vencedores do Prêmio Victor Civita, promovido pela FVC. Portanto, as imagens agem como dispositivos veridictórios, como reforço e reiteração do dito através do verbal. Dentro desse prisma, pode-se citar o seguinte trecho, expresso no ED4: “Basta ver os sorrisos nas fotos desta página, em que nossos repórteres aparecem ao lado de alguns dos vencedores deste ano, para perceber a importância desse trabalho de valorização da profissão docente”. Aqui está posto, o que no ditado popular pode ser chamado de *ver para crer*; ou melhor, o ver confirmaria o estatuto de realidade proposto pelo verbal. Interessante notar também a repetição dos títulos dos editoriais (ED2 e ED4), ambos com a frase: “*Obrigado, professor*”. O verbal da palavra *professor*, grafada no masculino, se contrapõe ao estatuto das imagens presentes no ED4, onde o imagético traz, não professores, mas *professoras*, reforçando o lugar da mulher na docência dos primeiros anos de ensino.

Na análise dos textos citados acima, verificamos a presença tanto de debreagens enunciativas quanto das enuncivas, ora buscando um distanciamento e uma objetividade, ora buscando uma aproximação e um efeito de intersubjetividade, ou, porque não dizer de cumplicidade. Aliás, o editorial ED2 analisado, possui uma marca forte de impessoalidade, com o uso abundante da terceira pessoa do singular e do plural (*ele, eles*); o tempo do *então* e o espaço do *lá*. Aliás, o uso da terceira pessoa, em lugar da primeira, produz um “efeito de objetividade” das informações, no caso, da história contada (a história da revista) e, também, de veracidade das informações prestadas sobre o desenvolvimento histórico das questões relacionadas à educação brasileira e ao próprio desenvolvimento de NE. Como exemplo concreto, encontramos no 1º parágrafo do ED2 inúmeros verbos na terceira pessoa do singular, como: “o que *estava* acontecendo [...]”; “[...] uma história que *começou*”; “[...] essa *era* (infelizmente) uma realidade [...]”; “[...] *havia* uma preocupação anterior”, dentre outros. Esse aspecto do texto faz sobrepujar ainda mais seu tom impessoal; assim, podemos questionar: “[...] havia uma preocupação anterior”; pergunta-se: de quem? Para quê? Para quem? É como se houvesse uma verdade indiscutível a ser apenas retratada pelo enunciador da revista, na tentativa de suprimir o fato de que todo discurso é pronunciado por alguém (uma pessoa ou pessoas), de algum lugar e para produzir determinados efeitos em seu enunciatário. Reforçando nosso ponto de vista anterior, encontramos durante o desenrolar de

todo o texto inúmeros verbos na terceira pessoa tanto do singular, quanto do plural; numa tentativa de fortalecimento de seu caráter objetivo, “verdadeiro”, factual. Fiorin (2008a) menciona que quando se utiliza a terceira pessoa em detrimento da primeira, encontramos ressaltado um papel social e não uma subjetividade.

No que se refere às pessoas verbais no ED3 encontramos a prevalência da primeira pessoa, com ênfase para a primeira pessoa do plural; bem como no ED4. Lembrando novamente Fiorin (2008a, p. 64) não podemos deixar de colocar que

[...] narrar em primeira ou terceira pessoa é uma opção feita pelo enunciador, visando a transmitir efeitos de subjetividade ou de objetividade. No primeiro, narrado em primeira pessoa, há uma explosão de subjetividade, enquanto, no segundo, constrói-se uma objetividade analítica que recobre a projeção do *eu* [...].

Sendo assim, se o uso das pessoas do verbo decorre de uma escolha; percebemos que, sobretudo nos ED3 e ED4, a marca da subjetividade é fortemente colocada no texto. Opera-se, portanto, debreagens enunciativas, confirmando os efeitos de sentido de subjetividade. Temos outro aspecto a mencionar sobre o *nós* que se instaura, especialmente nos dois últimos editoriais. O *nós* é a “[...] junção de um *eu* com um *não-eu*” (FIORIN, 2005, p. 60); acreditamos que podemos falar que esse *nós* é muito mais um *nós inclusivo*, do que *exclusivo*, já que ao *eu* se acrescenta um *tu*, como se essas duas entidades estivessem quase que inerentemente ligadas. Procura-se aqui estabelecer e fortalecer uma relação de intimidade e cumplicidade com o destinatário/enunciário, como podemos perceber pelos trechos grifados a seguir: (ED3) “Poucos dias depois de esta revista chegar às bancas, *estaremos* (aqui, na Fundação Victor Civita) envolvidos com um de *nossos projetos* mais gratificantes [...]”; “estarão diariamente *conosco* [...]”; “E *nós*, de NOVA ESCOLA, *temos* orgulho em divulgar tantas boas práticas”. (ED4) “Em *nossas páginas*, no site e nas redes sociais, nunca é demais dizer ‘obrigado’ a cada um de vocês, que *nos* leem, *nos* acompanham, *nos* criticam, *nos* sugerem pautas, *nos* incentivam, *nos* elogiam. *Nossa retribuição* vem na forma de reportagens [...]”; “[...] em que *nossos repórteres* aparecem ao lado de alguns vencedores deste ano, [...]”; “*nossa capa*”; “*nossa campanha*”; “*nossas páginas*”; “*nosso país*”.

Dessa maneira, o ED4 distancia-se do ED2, sobretudo pelo uso intensivo do tempo verbal no presente do indicativo, com a utilização sobremaneira da primeira pessoa do plural numa instituição de um *nós* no discurso; um *nós* que funda uma só identidade com o leitor/enunciário.

Tendo em vista o ED2, notadamente à ancoragem realizada, encontramos o lugar e o tempo muito bem delimitados, ocorrendo assim um reforço aos efeitos de objetividade e veracidade pretendidos.⁶ No que se refere ao tempo, encontramos: “[...] no Brasil de 1986”; “[...] os últimos *três meses*”; “[...] *dia a dia* da redação”; “[...] edição de 25 *anos*”; “[...] ao longo dessas *duas décadas e meia*”; “[...] em seus *primeiros anos*”; “[...] com o *passar dos anos*”; “[...] se dedicou nos *últimos meses*”; dentre outros.

No que se refere às marcas de espaço, também presentes no ED2, encontramos: “[...] no *Brasil* de 1986”; “[...] *dia a dia* da redação”; “garoto de *Manaus*”; “*escola*”; “*sala de aula*”; “*banca*”, etc. O uso de datas específicas (presentes ao final do texto: “[...] de *março de 1986* a *setembro de 1994*”; “[...] de *outubro de 1994* a *outubro de 1997*”, dentre outros), também reforça o caráter do real e da verdade que se quer aparentar frente ao discurso enunciado. Não podemos dizer ser este um discurso científico, mas persegue, de certa maneira, as marcas de objetividade que caracterizam um discurso desse gênero. Na verdade, se perscrutarmos as características do texto jornalístico, encontraremos algumas características parecidas com as do discurso científico, como a tentativa de ser factual, objetivo e neutro. Situa-se bem aqui uma fala de Caetano (2009, p. 251).

Origina-se dessa trama discursiva uma visão ao mesmo tempo fragmentada e totalizante dos referentes apreendidos. Fragmentada, no sentido de que um discurso (impresso, audiovisual, digital) corresponde a um ponto de vista, mesmo quando simula vozes divergentes em debate [que não é o caso da RNE], e totalizante na medida em que a leitura do ‘mundo’ se faz como se este fosse uma unidade de sentido, sincretizada pelo conjunto de linguagens em cada mídia em particular e pela superposição de textos no conjunto das diferentes mídias.

Voltando à questão do efeito de objetividade produzido, encontramos em Barros (2003, p. 33) que “[...] no discurso científico são usadas marcas de afastamento do sujeito – terceira pessoa, presente do indicativo – que produzem o efeito de objetividade da ciência e que caracterizam um texto com função referencial e informativa”. Na verdade, apesar de ocorrer (notadamente no último parágrafo do ED2) o uso da primeira pessoa do singular e do presente do indicativo, e ocorrer aí uma tentativa de aproximação com o enunciatário, o tom de objetividade não desaparece, mas de alguma maneira é reforçado com o uso do verbo no presente do indicativo (ex.: “*aproveito*”, “*faço*”, “*digo*”).

⁶ Há também esse tipo de operação no ED3 e ED4, no entanto, assumem caráter diferenciado, muito mais no sentido de estabelecer uma relação de cumplicidade e inerência do que podemos apreender no ED2.

Percebemos, ainda, que a revista no ED2 é tratada por *ela* (terceira pessoa do singular), numa tentativa de reforço a um efeito de sentido de neutralidade; dessa maneira encontramos: “[...] *a revista fazia* muitas reportagens”; “[...] mas também *abria* suas páginas para mostrar bons exemplos”, “[...] *a revista tratou* também, seja nos momentos em que *foi [ela]* mais crítica, seja nos momentos em que *optou* por uma posição mais otimista, *ela* sempre *retratou* a realidade de nossas escolas”. Aliás, essa última frase traz uma carga semântica que não se pode desprezar: infere-se, pois, que se a revista possuiu uma fase em que “*foi mais crítica*”, agora ela já não o é? Não se pode ser crítica e otimista ao mesmo tempo (o editor, de certa maneira, opera uma contradição no que tange às categorias de pessimismo e otimismo)? Junta-se a essa observação, uma outra expressa também em um dos trechos do ED2, a citar: “Em seus primeiros anos, a revista fazia muitas reportagens sobre trabalho infantil, prostituição, drogas e outros *temas que precisavam ser denunciados*”. Pergunta-se: precisavam? Não há mais o que denunciar no atual momento da educação brasileira? A revista também se assumia como um veículo de denúncia, de caráter acentuadamente político, agora já não o é? Ou será que algum dia já o foi? E o texto continua: “Com o passar dos anos, *a pauta foi migrando* para questões legais e de políticas públicas – a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a campanha para colocar todas as crianças na escola, a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os investimentos em computadores e merenda”. Pode-se perguntar: o aspecto político de cunho *denunciador* foi também *migrando* juntamente com as novas pautas? Que tipo e que proposta educacional está contida nas linhas desse editorial? É possível percebê-la, apreendê-la? Certamente, não é uma proposta educacional transformadora, já que afirma no final do quinto parágrafo: “[...] e vem ajudando a *moldar o futuro* de nossos professores e estudantes”. Se, todavia, a revista se propõe a moldar professores e estudantes, irá moldá-los para o que já existe enquanto situação dada (dessa forma, não pretende uma transformação), ou seja, escolas pautadas em programas curriculares produzidos hierarquicamente, organização escolar ancorada em séries/anos escolares (seriação); escola dual (escola para ricos e para pobres), dentre outros aspectos que *moldam* (estruturam, remodelam, deformam) a educação brasileira tal qual a conhecemos atualmente. Diante do exposto, verificamos que o discurso da revista é, em muitos aspectos, problemático (não no sentido problematizador - freireano - do termo), já que traz consigo um forte ranço conservador/desenvolvimentista/linear, que vê a história e, aqui, a história da educação como algo que evolui linearmente em rumo ao “tão sonhado desenvolvimento”.

Diferentemente do ED2 e do ED3, o ED4 traz, predominantemente, formas verbais impressas no presente do indicativo, seja na terceira pessoa do singular ou do plural e/ou na primeira pessoa do plural. Estabelece-se, pois, predominantemente uma debreagem enunciativa, onde se instala um efeito de aproximação ou de proximidade da enunciação, notadamente pelo uso da primeira pessoa *eu*, do tempo presente do *agora* e do espaço do *aqui*. Podemos observar inúmeros casos no ED4 da pessoa do *eu*, do tempo do *agora* e do espaço do *aqui*. Os verbos estão notadamente no presente do indicativo, apesar da instalação predominante de um *nós* discursivo; assinalamos a seguir os trechos: “[...] outubro *é* o mês”; “[...] que nos *leêm*, nos *acompanham*, nos *criticam*, nos *sugerem* pautas, nos *incentivam*, nos *elogiam*”; “[...] nossa retribuição *vem*”; “[...] diversas reportagens *enaltecem* a atuação de professores que *ensinam...*”; “*é* o caso do Retrato”; dentre outros. Temos, pois, a prevalência do tempo do *agora* (presente do indicativo); no entanto, mais do que um *eu* predominante, temos um *nós* que sobressalta aos olhos, onde se procura confirmar e estabelecer uma relação de intimidade e cumplicidade recíproca; também confirmada pela presença do pronome de tratamento *você*, utilizado, geralmente, para com pessoas mais próximas.

Antes de iniciarmos o estudo do nível narrativo dos editoriais elencados, é importante que retomemos o conceito de narrativa, segundo a semiótica francesa. Para Fiorin (1995, p.166),

Uma narrativa mínima define-se como uma transformação de estado. Este organiza-se da seguinte forma: um sujeito está em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto. Temos, pois, dois tipos de estado: um disjuntivo e um conjuntivo. [...] A transformação é, por conseguinte, a mudança da relação entre sujeito e objeto. [...] As transformações narrativas articulam-se numa sequência canônica, assim chamada, porque, de um lado, revela a dimensão sintagmática da narrativa e, de outro, mostra as fases obrigatoriamente presentes no simulacro da ação do homem no mundo, que é a narrativa.

E continua enunciando que a primeira fase da narrativa é, pois, a *manipulação*. Nessa fase, um sujeito comunica a outro um *querer* e/ou um *dever* e pode ser concretizada através de um pedido, uma súplica, uma ordem, etc. O percurso da manipulação envolve um sujeito operador, denominado *destinador* e o sujeito dos estados sobre os quais ele age, o *destinatário*. Para Barros (2003), pode-se resumir este percurso da seguinte maneira: o destinador, nesse caso, quer levar o destinatário a fazer alguma coisa. E, nesse sentido, deve persuadi-lo disso, “[...] tem que levá-lo a *querer* ou a *dever fazer*, a *poder* e a *saber fazer*”. E esse percurso de manipulação pode usar de diferentes tipos de estratégias de persuasão, a citar: a intimidação, a tentação, a sedução ou a provocação.

Quando tomamos como fonte de análise os editoriais mostrados, podemos notar nitidamente esse percurso de manipulação que leva o destinatário/enunciário a *querer ser* moderno e atualizado, a *querer ler* a revista, a *querer acompanhar* as “novidades” propostas, a *querer participar* do *Prêmio Victor Civita* e *ser* um dos *melhores professores* do Brasil, a *querer participar* da *nossa campanha #orgulhodeserprofessor*, etc. Adentrando um pouco mais nas estratégias de persuasão utilizadas, encontramos de uma maneira contundente, tanto a *manipulação por tentação*, quanto a *manipulação por sedução*. Esta última pode ser verificada pelo fato de que na sedução, o destinador apresenta imagens positivas do produto que intenta vender – a revista, que, através da leitura atenta dos textos, mistura-se com o próprio enunciador/narrador.⁷ Tanto no ED2, quanto no ED3, as duas primeiras instâncias da enunciação se interpenetram a nosso ver, pois da mesma forma que o *eu*, que constrói o discurso, é o autor do discurso, seu enunciador; ele também é projetado no interior do texto, o que se observa bem a partir do uso da 1ª pessoa do singular, tanto num quanto noutro texto; ao mesmo tempo em que o *eu* (no caso o diretor da redação) enuncia, ele também narra e relata; diferentemente do ED4, onde o que *prevalece* é a pessoa do *nós*.

Retomando a questão da manipulação por tentação, esta se dá na medida em que são oferecidos valores desejados, sobretudo no ED3, como *ser um dos melhores professores do país*; *possuir o melhor, ou um dos melhores projetos didáticos*; *participar da maior premiação de Educação do Brasil*. Pode-se ainda prestar atenção ao fato, no caso do ED3 sobretudo, do uso intensivo de adjetivos no grau superlativo, como: “[...] à *maior* premiação de Educação do Brasil”; “[...] apresentar ao país os *melhores* projetos desenvolvidos por gente como você”; “[...] atividades que os *melhores* professores estão desenvolvendo neste exato momento”. Como se vê, os termos são tão enfáticos, com o uso até mesmo exagerado de tantos adjetivos no grau superlativo, que o discurso se torna altamente apelativo, na busca mesmo de influenciar o destinatário/enunciário a adotar um determinado tipo de comportamento, ou seja, participar do *Prêmio Victor Civita* e ser o “melhor” ou fazer parte do grupo dos “melhores” professores do Brasil.

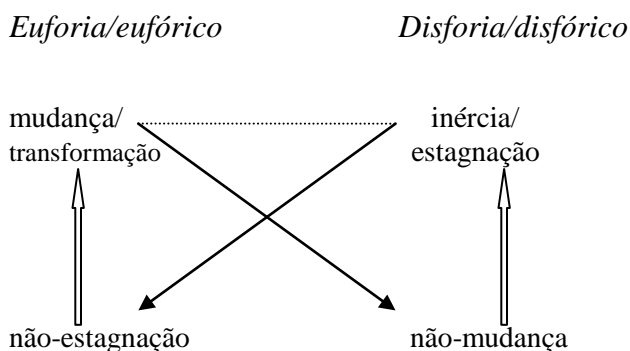
⁷ Sabemos da diferença entre enunciador e narrador no que se refere às instâncias da enunciação, no entanto, se tomarmos como fonte a definição de Fiorin, exposta em seu livro *Elementos de análise do discurso*, encontramos que: a primeira instância é a pressuposta, a do *eu* que constrói o discurso, a do autor, também chamado aqui de enunciador; no entanto, o *eu projetado* no interior do texto é aquele que conduz o texto, que o relata, este é o narrador. Há, ainda, para Fiorin, uma terceira instância, que são a dos interlocutores, ou seja, quando o narrador dá voz às personagens e estas falam em discurso direto.

Se, no ED3 e no ED4, a função apelativa da linguagem se nos é nítida, no ED2 a função referencial (ou denotativa) se nos é bem marcante, assim como no ED1, já que se centra no referente, que no caso, é a própria revista e sua história, e que no caso do ED1, aparece a partir da figura da diretora Guiomar Namó de Mello, da Abril, da FVC e de NE. No nível discursivo, o intenso uso da 3ª pessoa do singular, procura imprimir ao discurso um caráter objetivo, direto e denotativo.

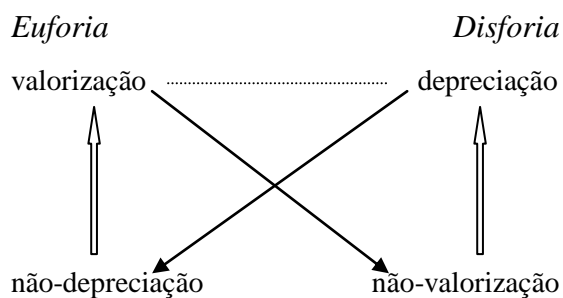
No nível das estruturas fundamentais, encontramos algumas oposições semânticas importantes; porém, antes de citá-las percebeu-se nos discursos proferidos, um tom maniqueísta, onde existem “os melhores projetos”, “a maior premiação”, “os melhores professores”, “a maior revista do Brasil”, numa percepção que nos remete ao que Foucault (2005), em sua obra *Arqueologia do Saber*, enunciava: por que se diz isso e não outra coisa? Que formação discursiva é esta do discurso pedagógico (o caso dos editoriais é ainda mais complexo, pois é um discurso jornalístico travestido de uma verdade pedagógica)?⁸

Numa ida ao nível das estruturas fundamentais do texto, entendendo nesse nível, o modo de existência da significação como uma estrutura elementar, ou melhor, como uma estrutura na qual a rede de relações se inscreve numa única relação; ou ainda, onde a relação de oposição ou de “diferença” entre dois termos se estrutura a partir da existência do mínimo de sentido sobre o qual o texto se ergue, pergunta-se: que relação seria essa, onde as outras relações poderiam estar contidas? E, tornando-a operatória, de que forma poderia ser apresentada sua estrutura elementar, ou, que tipo de modelo lógico, expresso no quadrado semiótico, poderia ser construído?

Podemos, pois, apontar como oposição semântica básica do ED2 o seguinte modelo:



⁸ Outra análise interessante poderia ser feita levando em consideração os escritos de E. P. Orlandi (2006), quando, em sua obra *A linguagem e seu funcionamento*, procura caracterizar o discurso pedagógico (DP) como um discurso autoritário, já que limita a polissemia e tende à paráfrase.



O que podemos vislumbrar com este modelo analítico? A questão da valorização do trabalho docente (ou da necessidade desta) é reiterada diversas vezes durante o texto. O editorial em questão (ED4) poderia ser dividido em três grandes blocos: o primeiro, no qual se estabelece um contato direto entre enunciador e enunciatário, com intensos “agradecimentos” aos seus leitores-professores; o segundo, em que o enunciador divulga os atos que a revista vem realizando no sentido de homenagear esses professores-leitores; e terceiro, em que conclama a adesão dos professores à campanha lançada (*#orgulhodeserprofessor*).

Uma palavra/ação se destaca no texto, a necessidade de se valorizar a profissão docente e de, como professor, sentir-se orgulhoso de o ser. E o que vem a ser orgulho? Podemos encontrar no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975, p. 1005) a seguinte definição: “[...] sentimento de dignidade pessoal; brio, altivez”. Pode-se inferir, pois, algumas reflexões: se se precisa fazer uma campanha chamada *#orgulhodeserprofessor* é porque, de certa maneira, o professor (notadamente aqueles da educação básica) tem precisado cultivar seu sentimento de dignidade pessoal. E por que esses professores têm precisado cultivar seu sentimento de dignidade pessoal? Essa questão englobaria o mergulho em diversos aspectos e variáveis do trabalho do professor hoje, no entanto, já podemos apontar de antemão, a precarização da profissão como um todo. Precarização que é constantemente reforçada pelas condições de trabalho, pelos baixos salários, pelas insuficiências formativas, pelas incompletudes da formação cultural mais ampla dos educadores, pela falta de acesso a inúmeros bens culturais, apesar da *internet*. O que pudemos perceber é que, apesar da revista ter como qualidade eufórica e estabelecer uma junção com o valor *valorização da profissão docente* (ou sua necessidade), o que podemos perceber, hoje, na prática de inúmeras escolas, no desempenho de nossos estudantes em várias avaliações externas, sejam nacionais e/ou internacionais,⁹ nos incontáveis discursos veiculados pela mídia, dentre outros, é o estado de depreciação e de desvalorização em que se

⁹ Poder-se-ia aqui problematizar as avaliações externas e sua validade, mas, no momento, não é esse o nosso intento.

encontra a profissão professor hoje, especialmente dos professores da educação infantil e do ensino fundamental (ao qual a revista destina a maior parte de seus conteúdos);¹⁰ ou seja, o estado de conjunção com a valorização da profissão docente, que o discurso da revista procurar *fazer crer* ao seu destinatário, se revela uma ficção a partir da observação da realidade da profissão professor hoje no Brasil.

Tendo em vista as questões levantadas intenta-se afirmar que apesar de dialogarmos e utilizarmos o quadrado semiótico, reforçando o uso de oposições como caminho metodológico, sabemos da enorme complexidade do real e dos fenômenos do real e a impossibilidade, de alguma maneira imanente, de lhes perscrutarmos completamente.

6.3 Adentrando as capas de *Nova Escola*

“[...] aquilo com o que um sujeito ‘parece’
depende menos do que ele ‘é’ que da
maneira como ele é representado”.
Eric Landowski

Vislumbrar as capas de *Nova Escola* significa observar um campo extremamente rico de análises, o que poderia estender demasiadamente esse trabalho de pesquisa. Certamente este capítulo possibilitaria o desenvolvimento de diversos tipos de investigações, que poderiam ser bastante significativas para a compreensão do “discurso pedagógico” de *Nova Escola*, ou dos efeitos de sentido que esses discursos criam e quais as relações intertextuais e interdiscursivas

¹⁰ A realidade de depreciação a qual o professor da educação básica no Brasil está ligado é mais do que um sentimento, vejamos a notícia veiculada por *O Globo*. “Os professores brasileiros ainda têm o salário mais baixo do país entre as carreiras universitárias. De acordo com a reportagem do jornal O Globo, com base no Censo do IBGE, no ano 2000, a renda média de um professor do ensino fundamental equivalia a 49% do que ganhavam os demais trabalhadores também com nível superior. Dez anos depois, esta relação aumentou para 59%. Entre professores do ensino médio, a variação foi de 60 para 72%. Apesar do avanço, o censo revela que as carreiras que levam ao magistério continuam sendo as de pior remuneração. Os menores salários foram verificados entre brasileiros que vieram de cursos relacionados à educação como Pedagogia, Língua Portuguesa, Matemática, História e Biologia”. Disponível em: <<http://radioglobo.globo.com/noticias/2012/05/21/DESVALORIZACAO-DOMAGISTERIO.htm>>. Acesso em: 5 fev. 2013.

que estabelecem com outros textos da imprensa pedagógica. No entanto, nosso foco neste capítulo é investigar o simulacro de professor construído no discurso de *Nova Escola* a partir de suas capas (quadriênio mencionado). Os motivos que nos levaram a escolher esse *corpus* específico já foram em parte mencionados na introdução dessa dissertação, mas cabe aqui uma lembrança. Importante lembrar que nessa parte da investigação a capa é tomada como face identitária tanto do enunciador – *Nova Escola*, quanto do enunciatário – professores do ensino básico. A capa assume o importante papel de seduzir à primeira vista; ela, como “cartão de visitas” de qualquer veículo impresso, nos chama atenção para aquilo que a revista considera importante ser ressaltado e salientado, formando mesmo a própria identidade gráfica, verbal e visual do veículo de comunicação, além de difundir, para além de seu plano de expressão, suas pautas e propostas de ensino e aprendizagem, bem como teorias pedagógicas e recursos didáticos considerados fundamentais ao bom termo do processo educativo.

Fraga (2008, p. 6-7), ao desenvolver sua pesquisa de Mestrado, aprofunda a relação entre capa e identidade do veículo de comunicação, apesar de tomar como objeto as primeiras capas dos livros de duas editoras a citar, a *Record* e a *Cosac Naify*, suas afirmações podem nos ser úteis para entendermos a importância das primeiras capas¹¹ das revistas, vejamos,

A 1ª capa faz ver pelo arranjo das formas, cores, topografias e texturas, o arranjo de sua plástica expressiva verbo-visual-espacial desenvolvida e tratada como um chamariz para a venda do livro. Como a relação entre produto e consumidor é construída a partir de identidades, a do produto, a da empresa que o fabrica e a do consumidor, no âmbito da circulação da mercadoria livro, tem-se que a 1ª capa é a embalagem que porta o produto comercializado. Razão maior que prescreve que ela deve ser desenvolvida com uma identidade gráfica própria e específica, na medida em que volta para o tipo de consumidor que é sua intenção conquistar. [...] Para as editoras, a manifestação do conceito de identidade nas 1ª capas de livros é imprescindível para o seu reconhecimento pelo público a quem se dirige (FRAGA, 2008, p. 6-7).

A capa é tomada nessa investigação não só como a “embalagem do miolo”, mas também como a face identitária tanto da revista quanto da própria FVC, e, conseqüentemente, da *Abril*. Cláudia Trevisan Fraga (2008, p. 7) no resumo de sua dissertação menciona que “[...] para os *designers* que a concebem ela é desenvolvida e tratada à maneira de um anúncio publicitário para a venda do produto a partir do primeiro contato entre o livro [no caso, a revista] e o consumidor”.

¹¹ Termo utilizado na linguagem gráfica, veiculada pelos profissionais do *designer*.

Ao examinarmos as capas de 1997-1998 e de 2011-2012, fez-se necessário a criação de um critério de sistematização, assim numa tentativa de organizar os vários dados em mãos, criamos alguns critérios de classificação. O primeiro critério seria a presença da fotografia em suas capas, e especialmente daquelas que trouxessem professores estampados. Pretende-se compreender os modos de presença da figura docente no enunciado de *Nova Escola*, a partir de revistas que tragam fotografias de professores em suas capas. Assim, da pesquisa sobre as 39 capas desse estudo, selecionamos 6, que trazem a figura docente no enunciado, a partir da linguagem fotográfica.¹² Para que tenhamos uma ideia mais palpável vejamos o quadro abaixo.

Figura 80. Modos de presença da figura docente no enunciado de *Nova Escola*



O próximo quadro traz não só a foto do professor, mas insere o personagem do aluno em sua composição. Observemos.

¹² Sobre os tipos de composição das capas de *Nova Escola*, ver Apêndice E.

Figura 81. Modos de presença da figura docente/discente no enunciado de *Nova Escola*

Para nossa curiosidade, a grande maioria das capas que utilizavam a fotografia como forma privilegiada de composição traziam os alunos como atores centrais da encenação,¹³ aspecto que pode ser mais amplamente investigado numa outra pesquisa.

No intuito de iniciar a análise propriamente dita, é importante afirmar que o sentido só se constrói a partir do agir relacional das partes com o todo e do todo em relação às partes e no sentido de objetivar nossa leitura, partiremos, primeiramente, daquilo que é fixo na capa da revista, diferenciando-o de sua parte modificável, nessa medida, iniciaremos com a análise do logotipo da revista em questão, ou seja, sua parte fixa, aquilo que identifica e que marca o destinador. Temos, pois, o seguinte recorte, retirado da primeira edição de 1997.



Figura 82 – Título e *slogan* NE (1997)
Fonte: NE, nº 100, março 1997, capa.

¹³ Conferir quadro completo das capas do quadriênio da pesquisa no Apêndice F; e quadro de sistematização das capas no Apêndice G.

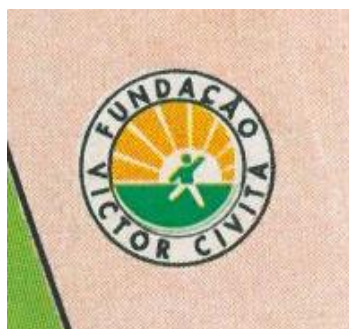


Figura 83– 1º logotipo da FVC (1986-1998)
 Fonte: NE, nº 100, março 1997, capa.

O logotipo de *Fundação Victor Civita* (Figura 83), que em meados do ano de 1998 sofre alteração, vem durante o ano de 1997 e parte de 1998, na sua forma circular, cuja configuração cromática é laranja e verde, com fundo branco e letras em preto. Esse elemento fixo vem sempre do lado direito no canto superior da capa. Também como elemento fixo, encontramos abaixo da palavra *Escola*, em maiúsculas, fonte pequena, no canto superior esquerdo um escrito, que contém as seguintes informações acerca da revista: o ano de existência da revista, seu respectivo número, mês e ano, e preço. Um dado importante a ser mencionado é o fato de que se durante o ano de 1997 e parte de 1998, o preço de um exemplar da revista era de R\$ 3,50, a partir de maio de 1998, esse preço tem uma redução sugestiva, passando a custar R\$ 1,00 cada exemplar, preço constante até final de 1998. O dizer: “[...] exemplar de assinante, venda proibida”, sendo também um elemento fixo, sofre uma alteração em sua forma gráfica em maio de 1997, mas permanece do lado superior direito das capas de 1997, ora em cima da letra A de escola, ora em cima da letra L. Em 1998, essa frase, passa a estar inscrita dentro da letra L, do título Escola em letras maiúsculas, ocupando a direção vertical do traçado do L.

Se o título da revista (Figura 82) e os fatores mencionados acima são fixos, o mesmo não ocorre com o aspecto cromático desse mesmo título, já que encontramos uma cromaticidade variada nesses dois anos estudados; assim, vislumbramos desde as cores primárias, como o vermelho, o amarelo e o azul, como também a utilização de cores secundárias, como o verde e, mesmo, de cores terciárias, como o laranja; até, num caráter de exceção, a mescla do verde e do amarelo, como encontrado no título de setembro de 1998. Durante o ano de 1997, a capa é composta de uma manchete principal, toda em caixa alta, com a presença de um *lead* que varia de duas a três linhas, com exceção da edição de março de 1997, que não traz um *lead* explicativo da manchete. As chamadas secundárias apresentam-se também como elementos

que mostram certa variação, já que se diferenciam em número, cor e disposição na página. As manchetes secundárias ocupam diferentes espaços na capa da revista, ora ocupando o lado inferior da página, numa disposição horizontal, ora o lado esquerdo, numa disposição verticalizada. Seu número é variável, indo de 5 a 1 manchete secundária por edição. Se o ano de 1997, traz certo predomínio de 3 manchetes secundárias, o ano de 1998, traz o predomínio de apenas 1 manchete secundária. Importante apontar o fato de que em meados de 1998, o logotipo de *Fundação Victor Civita*, passa de sua forma circular, para uma forma retangular, figurativizando uma lousa de sala de aula.

Nessa época *Nova Escola* traz como *slogan* “*A revista do ensino de primeiro grau*”. A palavra *Escola*, numa escala bem maior que a palavra *nova* e o *slogan* citado acima, se destaca. Dá-se realce à palavra ESCOLA, da qual se extrai já uma primeira ancoragem do discurso; o espaço é a escola, é aqui que subsiste a primeira delimitação identitária da revista. Topologicamente, o título ocupa sempre a parte superior da página e vai de uma extensão à outra das laterais da revista. Se em termos eidéticos e topológicos o título da revista (*nova ESCOLA*), bem como seu *slogan* não sofrem alteração, o mesmo não se dá em termos cromáticos. Aliás, a variação é apenas cromática.

As revistas de 2011-2012, no que se referem ao seu título e *slogan*, trazem apenas permanências. Ela não sofre nenhuma alteração e diferenciação nesses dois anos. Abaixo a demonstração do aspecto visual de seu formato.



Figura 84 - Título e *slogan* de NE (2011-2012)¹⁴

Sobre este fundo retangularizado de direção horizontal, de um vermelho saturado, é que estão dispostas, em letras brancas as seguintes palavras: “*A revista de quem educa*” na parte superior em maiúscula e com fonte pequena. *Nova*, escrita na vertical é igualmente em maiúscula; ocupando o maior espaço e em minúscula encontramos a palavra *escola*. *Nova*, no

¹⁴ Capa da revista *Nova Escola*, ano XXVI, n. 243, junho/julho 2011.

dicionário (FERREIRA, 1975) significa notícia, novidade, bem ao encontro do propósito da revista. *Escola*, que remete a “estabelecimento público ou privado onde se ministra, sistematicamente, ensino coletivo” (FERREIRA, 1975, p. 554); ou ainda, “alunos, professores e pessoal de uma escola” (FERREIRA, 1975, p. 554); ou, “ensinamento; exemplo, lição” (FERREIRA, 1975, p. 554); ou seja, a revista a partir de seu título se afirma como ensinamento (re)novado. Sua grafia em minúscula nos sugere um efeito de sentido de proximidade, numa tentativa de fraturar relações hierárquicas entre destinador e destinatário, logo é importante comentar que desde a sua logomarca a revista busca se aproximar de seu leitor, destituindo-se de uma posição hierárquica.

Seu *slogan* também em maiúsculas amplia e marca o público alvo ao qual a revista se destina e o seu papel como mídia qualificada. “A revista de quem educa” se afirma e se qualifica como detentora de um saber, o de ensinar. Num primeiro olhar, *Ela*, a revista, é quem educa. *Ela* é quem educa os professores. Num segundo momento, “A revista de quem educa”, também nos remete ao professor, já que “quem educa” é o professor, ou seja, a revista é *daquele que* educa, ou seja, o professor (a). Por outro lado, o lexema *educar* nos remete a uma ampla área de significação. No que diz respeito à sua etimologia, encontramos o fato de que *educar* vem do latim *educare* que, por sua vez, está ligado a *educere*, verbo composto do prefixo *ex* (fora), mais *ducere* (que significa conduzir, levar), o que literalmente traz como significação o “conduzir para fora”, ou seja, preparar o indivíduo para o mundo (HRIDIOMAS, *on line*, 2012).¹⁵ Para além de seu significado latino propriamente dito, encontramos no dicionário Aurélio (1975), diversas outras significações, ampliando o campo semântico do lexema *educar*; vejamos: “1. promover a educação de; 2. transmitir conhecimentos a, instruir; 3. domesticar, domar; 4. Cultivar o espírito, instruir-se, cultivar-se” (FERREIRA, 1975, p. 499). Assim, suas significações trazem à tona tanto o papel do destinador *Nova Escola*, tido como aquele que educa (educa os professores); quanto nos remete também à função dos professores, como educadores. Há aqui a supressão da palavra ensino (ou “a revista de quem ensina”), optando o destinador pelo uso da expressão “de quem educa”, em detrimento de “de quem ensina”. Portanto, se no campo educativo, a palavra *educar* tem seu significado ampliado, a palavra ensino (no contexto educativo), na maior parte das vezes, se refere à sistematização do processo de educação de forma intencional, ou seja, está ligado ao conjunto de métodos e técnicas de aprendizagem, ou a um determinado tipo de

¹⁵ Fonte: <hridiomas.com.br/blog/2012/10/etimologia-origem-das-palavras-na-escola/>. Acesso em: 4 nov. 2012.

prática educativa, vale afirmar, uma modalidade de trabalho pedagógico; portanto, a revista a partir de seu *slogan* amplia o público ao qual se destina.

A logomarca não se modifica, ela permanece inalterada e assim mantém relação com os demais elementos plásticos e verbais presentes nas capas. Podemos perceber a partir do logotipo da revista, a oposição reto/curvo, onde a palavra escola valoriza as formas arredondadas e as palavras em letras maiúsculas (*NOVA, A REVISTA DE QUEM EDUCA*), trazem a valorização do retilíneo. Branco e vermelho, a que efeitos de sentido esse jogo das categorias cromáticas nos remetem? O fundo é vermelho, expansivo e saturado, indo em direção ao enunciatário. O branco pode significar o conjunto e a mistura das cores; ambos são luminosos e atuam um em relação ao outro como cores de contraste. Podemos lembrar que “[...] colocar branco ao lado de uma cor é realçar-lhe o valor, é como se retirássemos da cor – por efeito de contraste – a luz branca que diminuía sua intensidade” (CHEVREUL, *apud* PEDROSA, 1989, p. 173).

Antes de passarmos à capa propriamente dita, outro elemento plástico-verbal nos chama atenção, a logomarca da *Abril*, já comentada anteriormente e a logomarca da FVC abaixo estampada,



Figura 85. Logomarca *Abril* e *Fundação Victor Civita* (2011-2012)

Ao lado da logomarca da *Abril* encontramos a logomarca da *Fundação Victor Civita*, responsável pela edição da revista. Temos, assim, um quadro de giz – que remete à tradição (que a própria *Abril* faz questão de reiterar). Desse modo, o fundo verde do quadro se contrapõe ao branco da escrita, em letra cursiva, do nome da Fundação. Em termos figurativos, tanto a letra cursiva, quanto o quadro de giz, nos remetem, de certa maneira, a um passado, que embora não tão distante (posto que inúmeras escolas ainda convivem com essa e apenas essa realidade), já vem sendo ultrapassado por novos objetos e técnicas (vide quadro branco e letra de imprensa com o uso do computador e outras mídias eletrônicas). Portanto, o

quadro instaura um tempo e um lugar cujos efeitos de sentido estão ligados à tradição de um saber já consolidado.

No que se refere à construção temática e programática de *Nova Escola*, tendo em vista o universo de suas capas no quadriênio escolhido para esta pesquisa, podemos construir 8 grandes blocos, com ênfase destacada, em termos numéricos, para o que categorizamos como: “*Conteúdos, temas e propostas de atividades didáticas*” e “*Técnicas de ensino, materiais e recursos didáticos*”. A seguir listaremos os grandes blocos temáticos encontrados em NE a partir de suas capas (tendo em vista somente a manchete principal).

<i>Blocos temáticos</i>	<i>Capas da revista Nova Escola</i>
<i>Conteúdos, temas e propostas de atividades didáticas</i>	Diversidade cultural (NE, nº 108) Monteiro Lobato (NE, nº 100) A Guerra de Canudos (NE, nº 105) Os Sem-Terra (NE, nº 105) Leitura (NE, nº 112) Frações (NE, nº 113) Sustentabilidade (NE, nº 252) Eleição/cidadania (NE, nº 115) Inclusão (NE, nº 244) Tabuada (NE, nº 248) Gramática/textos (NE, nº 254) Educação Infantil (NE, nº 258)
<i>Legislação</i>	Novidades legislativas (NE, nº 102)
<i>Técnicas de ensino, materiais e recursos didáticos</i>	Catavento (ens. de Ciências) (NE, nº 103) História em quadrinhos (NE, nº 111) Cinema (filmes) (NE, nº 114) Materiais artísticos (pincéis, papel, etc.) (NE, nº 116) Televisão (NE, nº 118) Livros de Monteiro Lobato (NE, nº 100) Estudo do meio (NE, nº 106) Aula expositiva (NE, nº 246) Projeto didático (NE, nº 241, nº 249) Lição de casa (NE, nº 243) Estratégias de estudo (NE, nº 247)
<i>Teorias</i>	Teoria das Inteligências Múltiplas (NE, nº 101) Neurociência (NE, nº 253) Ideias do senso comum (NE, nº 240)
<i>Alfabetização</i>	Alfabetização (leitura, escrita) (NE, nº 239, nº 112, nº 251)
<i>Avaliação</i>	Avaliação externa (“testes de rendimento escolar”) (NE, nº 104) Avaliação da aprendizagem (NE, nº 245) Avaliação diagnóstica /erro (NE, nº 250)
<i>Parceria empresa-escola</i>	Parceria empresa-escola (NE, nº 117)
<i>Meio/Sociedade</i>	Violência (NE, nº 242)

QUADRO 14 – Temáticas de *Nova Escola*

Fonte: Capas das edições de 1997-1998 e 2011-2012.

Com temáticas muito variadas, a revista possui como foco central a sugestão de conteúdos e temas (diversidade cultural, Guerra de Canudos, Os Sem-Terra, sustentabilidade, eleição, cidadania, etc.) de aula que podem/devem ser explorados pelo professor e também os recursos e materiais que didáticos ou não (histórias em quadrinhos, filmes de cinema, livros de Monteiro Lobato, etc.) podem ser utilizados para fins de ensino.

A questão da confecção de materiais didáticos ou a concentração dessa temática está muito mais localizada nos dois anos de 1997 e 1998, do que nos anos de 2011 e 2012. “*Brincando com a Ciência*” (Capa NE, nº 103, junho 1997), “*Faça seu material de Geografia*” (Capa NE, nº 107, nov. 1997), “*A Maga revela suas fórmulas*” (Capa NE, nº 116, out. 1998), trazem “receitas” de como confeccionar determinados materiais para uso didático. Se no primeiro biênio a revista dava certa ênfase para a confecção de materiais, no segundo biênio ela dá mais ênfase para a “gestão do trabalho docente”, ou de como é a melhor forma de geri-lo. As capas do biênio 2011-2012, falam muito mais de como administrar o ensino-aprendizagem, estratégias de ensino-aprendizagem (avaliação, lição de casa, projetos de trabalho, etc.) do que propriamente de como confeccionar o material didático. O uso de projetos didáticos, como forma de trabalho pedagógico, assume destaque tanto numa fase, quanto noutra. Nos anos de 2011-2012 ele é novamente reiterado e reforçado como uma das melhores, se não a melhor forma de direcionar o ensino e o trabalho didático em sala de aula, especialmente no ensino fundamental.

Além do aspecto temático, encontramos nas capas de *Nova Escola* o predomínio do figurativo, com a presença numericamente elevada da imagem do aluno-criança-jovem. A reiteração da imagem da mulher professora também é quantitativamente reiterada na apresentação e na forma de visibilidade de suas capas.

Seguem a partir de agora, as últimas análises dessa dissertação: são três capas que nos possibilitam investigar o simulacro de professor(a) reiterado e fortalecido pelo discurso de NE. Cabe lembrar que estas capas foram escolhidas tendo em vista a categorização constante nas Figuras 80 (p. 197) e 81 (p. 198). Abaixo a primeira capa elencada para análise.



Figura 86 – Capa NE (nº 116)

Se entrarmos nessa cena (Figura 86) pelo nível das estruturas profundas do plano de expressão o que nos chama atenção de imediato são as cores primárias e quentes presentes no texto. O enunciador ao optar pela utilização de cores quentes produz em seu enunciatário um efeito de sentido de aproximação. Assim, a dimensão cromática assume papel de destaque, pois tanto o verbal, com a utilização do amarelo-alaranjado e do vermelho, quanto o visual, com a presença destacada do amarelo e do vermelho presentes na fotografia como um todo (nas roupas dos bonecos do boi-de-mamão, na roupa dos alunos presentes na composição fotográfica, bem como nos objetos presentes na cena) produzem esse efeito de proximidade para com aquele que vê a cena. Vejamos o que nos diz Pedrosa (1989, p. 116) sobre as

qualidades do laranja, para o autor é uma “cor quente por excelência, sintetiza as propriedades das cores que lhe dão origem. Em comparação com cores mais frias, parece avançar em direção ao observador. [...]. As áreas coloridas pelo laranja parecem sempre maiores do que são na realidade”.

Em termos eidéticos o predomínio das curvas chama atenção. No entanto, essa curva é entrecortada por retas, devido à posição vertical dos atores da cena, bem como pelas diagonais. Assim, a posição verticalizada dos atores, sejam eles os sujeitos – professora e alunos – sejam eles – os bonecos, imprime um sentido de movimento à cena. Esse dinamismo é reforçado ainda mais pela posição diagonal dos objetos presentes, especialmente o que se localiza na mão da “mestra Zuleica”, bem como do objeto, que parece ser o *boi-de-mamão* localizado logo atrás da personagem principal. A base da capa, com a presença de uma faixa vermelha, realiza um jogo de simetria com o título da revista, na parte superior, criando uma espécie de borda.

Dentre as técnicas visuais utilizadas pelo enunciador encontram-se o equilíbrio, que para Dondis (2007, p. 141), “[...] é uma estratégia de *design* em que existe um centro de suspensão a meio caminho entre dois pesos” (cujo centro é mesmo a “Maga”); a simetria e a regularidade. A frontalidade dos atores retratados também é outra tônica na composição. Se no plano da expressão o que temos em destaque é um efeito de aproximação e encantamento, sobretudo pela presença do vermelho reiterado em toda a capa (no título, na base, no batom da “Maga”, no vestido do boneco negro da esquerda, nos detalhes do colar e do vestido do boneco da direita, na roupa do aluno localizado à direita da professora, e pulverizado nos outros objetos da cena), bem como do laranja, e do amarelo; esses efeitos de expansão e aproximação com o enunciatário são reiterados não só pelo imagético, mas também pelo verbal. A produção da cena envolve, pois, a escolha de procedimentos de iconização, “[...] que, tomando as figuras já constituídas, as dota de investimentos particularizantes, suscetíveis de produzir a ilusão referencial” (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 251). Entendendo a ilusão referencial “[...] como sendo o resultado de um conjunto procedimentos mobilizados para produzir efeito de sentido ‘realidade’ ”(GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 251).

Exploremos um pouco mais o texto verbal inscrito no enunciado. Vejamos: “*A maga revela suas fórmulas*”. A “maga” a qual o texto verbal se refere logo se nos aparece na fotografia que compõe a capa da revista. O verbal e o visual se retroalimentam para criar e fortalecer um efeito de sentido de magia e encantamento. Segundo o Aurélio (FERREIRA, 1975, p. 865),

maga “[...] é aquela que faz magia”, ou “mulher que pratica magia; feiticeira; bruxa, mágica”. O lexema magia nos remete a magnetismo, fascinação, encanto, mágica. E é nesse ambiente que a cena se instala. Esse ambiente de magia é reforçado isotopicamente por diversos elementos da composição, como a moldura da fotografia, que nos remete a um ambiente onírico, pois na forma de uma nuvem procura manter o destinatário em suspensão, imprimindo certa leveza à cena, sensação reforçada pela tonalidade azulada do fundo da mesma.

Continuando a exploração do verbal, encontramos o seguinte texto: “Com ingredientes singelos como crina de cavalo, terra e papel, a mestra Zuleica faz tintas e massa de modelar usadas nos bonecos do boi-de-mamão”. Como podemos perceber o texto verbal é predominantemente figurativo, com menção à “crina de cavalo, terra, papel, mestra Zuleica, tintas, massa de modelar, bonecos do boi-de-mamão”, gerando um efeito de sentido, que a despeito do ambiente de magia instalado inicialmente a partir da chamada verbal principal, nos remete a um mundo concreto, referencializado no texto que acompanha a manchete.

Podemos perceber ainda que na frase “*A maga revela suas fórmulas*”, o ambiente de encantamento não é dado apenas pela presença do lexema “maga”, mas pela construção de toda a frase, já que na presença dos vocábulos *revela* (verbo revelar), e do lexema “*fórmulas*”, a carga semântica de descobrimento e experimentação é mantida. No entanto, para além desse ambiente de experimentação, o vocábulo “*fórmulas*”, como está ligado também a uma “expressão de um preceito, regra, código ou princípio”, ou “maneira já estabelecida para requerer, declarar, executar, resolver, alguma coisa com palavras precisas e determinadas” (FERREIRA, 1975, p. 647), cria um efeito de sentido prescritivo para o texto. A presença de uma mulher reitera novamente a figura da mulher-professora, mas agora, essa mulher é mais que uma professora, é uma “maga”, uma “mestra”, uma artesã, aquela que *faz* e que faz fazer crer ao enunciatário que é possível, com a utilização de ingredientes singelos, realizar aulas criativas e instigantes e, o que é melhor, sem ter custos adicionais com a compra de materiais.

O tema geral da composição é também o das festas populares, o da simplicidade, e contentamento. No plano narrativo, esse é um sujeito que *faz*, só que sobremodalizado por modalidades epistêmicas do *saber-fazer*, volitivas do *querer-fazer* e deônticas do *poder-fazer*.

No plano dos valores as escolhas feitas pelo enunciatário, com a utilização da expressão “ingredientes singelos”, assim como a instalação de um ambiente ligado às festas populares,

criam um efeito de sentido de singeleza e simplicidade. O que no nível fundamental nos remeteria à oposição básica da /*simplicidade*/ vs /*complexidade*/. O texto constrói-se, pois, sobre a oposição semântica /*simplicidade*/ /*singeleza*/ vs /*complexidade*/ /*complicação*/. Sendo a simplicidade um valor positivo, ou seja, no texto a simplicidade é eufórica e a complexidade disfórica, o que é reafirmado no plano da expressão com a fotografia que retrata um ambiente informal, popular de ensino-aprendizagem e também pela utilização das cores primárias, consideradas as mais “simples”. Essa oposição manifesta-se de formas diversas no texto: “ingredientes singelos”, “Zuleica faz tintas e massa de modelar”, “bonecos do boi-de-mamão”. Sua organização sintática dá-se pela afirmação da simplicidade e da singeleza, em detrimento da complexidade e da opulência.

Na capa o sujeito “*maga*” está em relação de conjunção com os valores da “criatividade”, da “inventividade”, da “simplicidade”, inseridos nos objetos manifestados como “crina de cavalo”, “terra”, “papel”, “tintas”, “massa de modelar”, “bonecos do boi-de-mamão”. Como se pode notar os elementos do mundo natural sofrem uma transformação para se tornarem elementos do mundo cultural, e quem opera essa transformação no mundo natural é a ação da professora/maga que pelo seu *fazer* gera essa transição da natureza para a cultura. Podemos dizer ainda que a relação do sujeito com o seu fazer sofre qualificações modais, a “maga” ao coletar materiais ou “ingredientes singelos”, opera uma mágica ao transformá-los em instrumentos e materiais utilizáveis nas aulas de Artes. O sujeito/ator retratado *faz*. Esse sujeito inscrito no enunciado é qualificado para a ação, ele já realiza a *performance* desejada, de uma professora criativa que com objetos e materiais “singelos” e quase sem custos transforma suas aulas em verdadeiros “laboratórios”.

Acompanhemos a próxima capa analisada em diante.



Figura 87 – Capa NE (n° 244)

Esta capa (Figura 87) traz outros atores para a cena, aumentando a ilusão referencial, já que cita os nomes da aluna e da professora – parte esquerda da página - em destaque (em primeiro plano), ancorando o discurso num determinado espaço e utilizando actantes dotados de uma identidade para a *apresentação representada*. Podemos fazer aqui menção ao que Greimas (2011) nos ensina, quando nos fala sobre a *ilusão referencial*. Esta, não é um fenômeno universal e se encontra somente em determinados “gêneros” de textos, como os veiculados por NE.

Em termos de forma, predomina o curvilíneo e certa profundidade na imagem. O espaço é bem delimitado, aparecendo em cena outros alunos fazendo uma atividade na qual se utiliza o bambolê¹⁶ de cor laranja, e onde se apresenta um forte envolvimento emocional (reforçado

¹⁶ A. B. H. Ferreira (1975, p.180), define da seguinte maneira a palavra *bambolê*: “aro de plástico ou de metal, de cerca de 1 m de diâmetro, usado como brinquedo por adolescentes e crianças, que o fazem girar, com o

pelo uso de cores como o vermelho, o laranja e o amarelo) entre professora e aluna com deficiência. Daí, para além da função referencial, a capa possui também forte função apelativa (ou conativa), procurando, dessa maneira, influenciar o comportamento de seu destinatário, para que este ao abrir a página da revista encontre a “solução” para o problema da inclusão de crianças deficientes nas escolas de ensino básico do Brasil.

O centro de interesse na fotografia aparece, pois, em primeiro plano, com a figura da professora (sobreposta ao título, dando-lhe certa opacidade) e da aluna com deficiência. Para complementar o ambiente e reforçar o contrato veridictório de persuasão do maior número de destinatários, o fundo tende para o branco, sendo assim a professora e as crianças estão, não em um lugar específico, mas em algum lugar educativo, possibilitando uma aproximação com qualquer espaço educativo, seja ele escolar ou não.

A capa de agosto de 2011 (ver Figura 87) utiliza a “interseção dos terços” do quadro – as linhas imaginárias que o dividem, horizontal e verticalmente, em três partes iguais – para valorizar ainda mais o destaque que dá à figura da professora Roberta Villaça e da aluna Isabelly dos Santos, de 5 anos. Encontramos também, formada pelo conjunto de crianças uma diagonal que corta a cena retratada, criando uma triangulação abaixo, dando à página certo movimento e atividade. Podemos observar também que a cena recebe certa luminosidade vinda de trás, o que, de certa maneira, divide a imagem; já que se observarmos atentamente, a diagonal formada pelos alunos, onde se origina um triângulo imaginário abaixo, à direita, é ligeiramente mais escura que a parte superior esquerda acima. A capa em questão possui certa profundidade; já que utiliza formas sobrepostas e escala, destacando os atores do primeiro plano da imagem. Também podemos dizer que os matizes mais carregados em direção ao centro, contribuem para acentuar a profundidade dessa distribuição dos atores retratados. Já que o centro temático é a “inclusão” e o foco, pois, é a criança com deficiência, a criança com problemas aparece, sutilmente, sobreposta à professora, que juntas ocupam o primeiro plano da foto – como já dito – e o foco do nosso olhar na capa.

A gestualidade dos sujeitos em destaque, também merece atenção, já que sugere efeitos de sentido de satisfação, felicidade e forte afetividade. Pode-se sentir o prazer de ensinar e de estar com uma criança possuidora de deficiência, se nos deixarmos levar pelo sujeito retratado na imagem. A revista se propõe sempre a solucionar o problema do professor, e essa solução

movimento do corpo, em torno da cintura, ou na perna, ou em um braço.” A brincadeira proposta pela professora subverte esse uso inicial do objeto.

vem, nesse caso, não da academia, mas da experiência de outros professores, como afirmado pelo enunciador/destinador – “[...] a solução é dada por professoras que enfrentam os mesmos problemas” – interessante notar também o uso do substantivo no feminino plural, “professoras”, reforçando isotopicamente o lugar das mulheres na docência das crianças brasileiras. O fato da palavra *professor* vir no feminino, como dito (ideia reforçada pela presença da imagem de uma professora) reforça novamente o simulacro da mulher-professora, fortemente presente no discurso da revista, gerando efeitos de sentido e reforçando um simulacro de professor que pode ser ilustrado sintagmaticamente na seguinte relação: mãe-professora-criança-cuidado-desvalorização profissional.

O simulacro instituído aqui passa pelo reforço a um modelo de professor, ou melhor, de professora que se encontra realizada com sua profissão; que tem prazer e se realiza na e pela docência, inclusive ao lidar com pessoas com deficiência; que possui amor pelo que faz. O efeito de sentido colocado pelo plano da expressão nos remete à docência como o lugar do cuidado do Outro, com o Outro, sobrelevando a afetividade no processo de ensinar.

Se nos ativermos ao texto verbal da chamada principal (“[...] *inclusão, respostas às maiores dúvidas de quem tem alunos com deficiência. A solução é dada por professores que enfrentam os mesmos problemas*”), veremos que o tema proposto – a inclusão – é reiterado pelo visual, na medida em que se coloca como centro da cena uma professora e uma criança com deficiência. Aliás, não é sem intenção que ambas, criança e professora, assim como as demais crianças que vêm atrás *estão dentro* (figurativizando a temática da inclusão) do bambolê, ou, se não estão, certamente estarão dentro do bambolê, a partir de suas movimentações.

Temos, no entanto, a partir da chamada verbal, a instituição de certo distanciamento, pelo uso da terceira pessoa (*ele/eles* – “*professores que enfrentam*”); essa terceira pessoa funda uma ausência de pessoalidade, instituindo a não-pessoa. Citemos, pois, Benveniste (1976, p. 250-251).

Estamos aqui no centro do problema. A forma dita de terceira pessoa comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma “pessoa” específica. O elemento variável e propriamente “pessoal” dessas denominações falta aqui. [...] a “terceira pessoa” não é uma “pessoa”; é inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a “não-pessoa”.

Se o sentido só se concebe a partir “[...] da apreensão das diferenças e que se trata, a partir daí, de construir sistemas de relações que dão conta disso: as linguagens serão construídas

como sistemas de relações e não como sistemas de signos [...]” (FLOCH, *apud* HERNANDES, 2000, p. 212). Nessa direção, temos implicitamente a afirmação de que “ter alunos com deficiência” constitui-se em um problema, passível de solução, mas ainda um problema, posto que o que se pretende é *apontar soluções para lidar com problemas*, no caso abordado, se refere ao trabalho pedagógico que deve ser desenvolvido por professores(as) com alunos portadores de alguma deficiência. Assim, o discurso instala efeitos de sentido que nos levam a relacionar a deficiência com a resolução de problemas; dessa maneira, há uma não-congruência entre o texto visual e o verbal, já que sua visualidade nos dá a ver um ambiente feliz, amoroso, onde “não se tem problemas”; portanto, o texto verbal, que à primeira vista parece estabelecer uma relação de reiteração com o texto visual, se afasta deste e estabelece outros tipos de relações, que a primeira vista não podem ser concebidas. Podemos, pois, retomar aqui a noção de *ilusão enunciativa* sobre a qual Landowski escreve em “A sociedade refletida” – ou seja, a articulação da promessa da revista *Nova Escola* e a aposta do enunciatário.

Tomemos, pois, a terceira capa (Figura 88), observemo-la.



Figura 88 – Capa NE (nº 246)

A capa de outubro de 2011 (Figura 88) se distancia de sua anterior, já que traz um fundo verde em sua composição. Ou seja, há a utilização aqui da complementaridade clássica do verde-vermelho. Um aspecto nos chama a atenção, a existência de uma oposição movimento/passividade. Se a cena possui certo movimento e dinâmica com a presença do móbile (sobre o qual trataremos a seguir) também traz certa passividade com o uso da cor verde. Expliquemos, pois, para Kandinsky (*apud* GUIMARÃES, 2002, p. 116-117),

[...] o verde é o ponto ideal de equilíbrio da mistura dessas duas cores (o autor se refere ao amarelo e azul) diametralmente opostas e em tudo diferentes. Os movimentos horizontais anulam-se. Assim como se anulam os movimentos excêntricos e concêntricos. Tudo fica em repouso [...].

O verde da Figura 88 possui certa luminosidade, gera efeitos de sentido que nos remetem, não a uma passividade total, e sim parcial; estabelecendo, pois, certa relação com a temática abordada pela revista, ou seja, a utilização da aula expositiva (“*A aula expositiva andou esquecida, mas faz a diferença em diversos momentos*”), que também traz certa passividade e pouco movimento para o ambiente de ensino. O verde como fundo reitera, de certa maneira, a logomarca da *Fundação Victor Civita* (ver Figura 85, p. 202) e a sua posição como suporte de um saber para a educação brasileira, portanto, se simbolicamente o verde representa certa ambiguidade, semioticamente, ele traz em si a marca de uma identidade bem delimitada, a da *Fundação Victor Civita*, editora da “*revista de quem educa*”.

O segundo aspecto que nos chama a atenção é o fato da presença de um móbile, onde se encontram penduradas fotos de professores (3 professoras e 1 professor). A utilização do móbile nos traz algumas pistas e caminhos de apreensão da significação da cena. A palavra móbile pode ser definida das seguintes maneiras: “Escultura abstrata móvel, que consta de formas de material leve suspensas no espaço por fios, de maneira equilibrada e harmoniosa, e que mudam de posição impelidas pelo ar” (FERREIRA, 1975, p. 932), ou ainda,

[...] escultura contemporânea, que difere de outros tipos de escultura por ganhar expressão e significado através do movimento. A escultura tradicional se expressa por intermédio do arranjo de formas sólidas. Os móveis são geralmente compostos de frágeis elementos ligados frouxamente por um sistema de hastes finas. Esses elementos balançam suavemente e giram livremente, descrevendo uma infinita variedade de movimentos curvos (FERREIRA, 1975, p. 932).

O móbile da imagem da Figura 88 tem sua especificidade já que possui a cor dourada – o que reforça o caráter de “importância” do professor, dando-lhe um ar de realeza -, pendurado com um conjunto de linhas rosa e violeta. Podemos dizer que apesar do efeito de sentido de

movimento dado pelo objeto móvel, esse movimento é limitado espacialmente, ou seja, o professor pode e deve se deslocar, mas sempre dentro de um espaço pré-delimitado – pela revista *Nova Escola*. Aliás, o fato do móvel se apoiar sobre o título *Nova Escola* não é sem intenções. O movimento do professor, a ação da professora se apoia em *Nova Escola*, suas dicas e indicações. Ou seja, o laço com o móvel pendurado no título pode criar o efeito de sentido de que a base de apoio do trabalho do professor é a própria revista, a detentora do saber, aliás, se o ator do enunciado é modalizado já de início pela modalidade epistêmica do *saber-fazer*, pela modalidade volitiva do *querer-fazer* e pela modalidade deontica do *poder-fazer*, essa modalização atinge o destinatário e também sobremodaliza-o por um *saber-fazer*, pois ele aprenderá *como* na revista, um *querer-fazer*, já que a aula expositiva “faz a diferença em diversos momentos” e, por fim, a um *poder-fazer*, já que com a aquisição do *saber-fazer* ele certamente poderá realizar a *performance* indicada.

No centro de interesse da imagem está a fotografia de quatro professores. Topologicamente numa posição de destaque está a professora de Língua Portuguesa, Alice Yoko Horikawa de São Paulo. Quase numa mesma altura, mas sobpostas à primeira fotografia, vem as outras duas fotos (das professoras Adriana Becker de Santa Catarina, professora do 4º ano, cujo conteúdo ministrado é de Ciências Naturais; e Maristela Mosca, do Rio Grande do Norte, professora do 3º ano, cujo conteúdo ministrado é de Matemática); mais abaixo, em formato paisagem temos o professor de História, Ailton Camargo, cuja foto, topologicamente abaixo da foto da professora Maristela, encontra-se sobreposta a esta. Na capa, encontra-se o equilíbrio entre o retilíneo – do formato das fotografias – e o curvilíneo – das letras em destaque e da própria figura dos sujeitos retratados. Não sem intenções, as áreas privilegiadas são Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e História; sendo figurativizada a importância da área de língua materna, com o destaque topológico, eidético e cromático que se dá à fotografia da professora de traços orientais.

A forte relação de dependência entre o verbal e o imagético situam esses sujeitos professores, ou melhor, referencializam esse “você”. O verbal, com sua chamada central, “[...] *você no centro das atenções*”, coloca o professor no centro da cena de ensino-aprendizagem e valoriza uma metodologia própria das pedagogias tradicionais, ou seja, a aula expositiva. O uso do pronome de tratamento “você”, utilizado para pessoas íntimas e familiares, cria uma relação de aproximação entre o destinador, e o destinatário; fazendo com que, ao mostrar professores “reais”, “concretos”, haja uma identificação entre o destinatário e o ator retratado, reforçando

o contrato veridictório e a ilusão referencial. O uso prioritário do presente do indicativo (“faz”, “usá-la”), dão atualidade e presentificam o tema, reafirmando o caráter (re)inventivo da aula expositiva.

Por fim, tomando o fato de que a revista, atualmente, realiza uma campanha intitulada “*orgulho de ser professor*” (Figura 89), podemos fazer algumas reflexões. Também é interessante notar que a semelhança plástica entre o título da revista e o da campanha, pode nos ser revelador. Fundo vermelho, letras arredondadas brancas em minúscula (no caso da palavra *escola*, que é a que mais se destaca), o mesmo ocorrendo com a frase orgulho de ser professor, fundo vermelho, com letras brancas. A cromaticidade vermelha nesse *slogan* em especial, reiterada também nas capas, e na parte interna da revista, gera efeitos de sentido passional, reforçado pelo discurso verbal. O destinador-manipulador procura persuadir seu destinatário através de uma via “emotiva”, da valorização do prazer, do compromisso e da missão de ensinar, onde o professor sente ou deve sentir orgulho de ser o que é. O que temos é um enunciado de estado, alguém já é alguma coisa, no caso, é professor. Só que o vocábulo “orgulho”, na medida em que está ligado a um “sentimento de dignidade pessoal, brio, altivez” (FERREIRA, 1975, p. 1005), nos diz que esse sujeito que é, precisa ter ou desenvolver um sentimento de dignidade de ser o que se é – professor/a brasileiro/a.



Figura 89 – Fragmento da capa NE (nº 246)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos, por fim, chegando ao término deste trabalho de pesquisa. Devemos, pois, voltar nosso olhar para a questão que motivou esse percurso investigativo, a seguir retomada: Como se constrói o discurso pedagógico na revista *Nova Escola*, quais os procedimentos discursivos são usados nessa construção e, em que quadro de valores esses discursos se inserem?

Se retomarmos os níveis do percurso gerativo de sentido, poderemos traçar as primeiras considerações acerca do discurso de *Nova Escola* e dos procedimentos discursivos utilizados em sua construção. Entendendo o nível discursivo como o patamar do percurso gerativo mais superficial do percurso, aquele mais próximo da manifestação textual, podemos dizer que o discurso da revista produz tanto um efeito de proximidade como de distanciamento, ou de subjetividade e objetividade. Ela mescla esses tipos de efeitos de sentido; produzindo um discurso em terceira pessoa, um tempo do *então* e um espaço do *lá*, quando precisa fazer crer ao enunciatário sua isenção, sua imparcialidade, seu relato idôneo de fatos e coisas; e, ao mesmo tempo, no intuito de instaurar e realimentar uma relação próxima com seu leitor produz de outra maneira, um discurso em primeira pessoa, num tempo do *aqui* e *agora*. Assim o recurso a terceira pessoa é utilizado quando se pretende instaurar no enunciado uma ilusão de objetividade, nas palavras de Barros (2002, p. 55):

Finge-se distanciamento da enunciação, que, dessa forma, é “neutralizada” e nada mais faz que comunicar os “fatos” e o modo de ver de outros. Além de produzir efeito de verdade objetiva, o jornal, com a aparência de afastamento, evita arcar com a responsabilidade do que é dito, já que transmite sempre a opinião do outro, o saber das fontes.

Ou ainda,

Há uma certa tradição de “objetividade” no jornalismo, ou seja, de manter a enunciação afastada do discurso, como garantia de sua imparcialidade. Existem, como bem se sabe, recursos que permitem “fingir” essa objetividade, que permitem fabricar a ilusão de distanciamento, pois a enunciação, de todo modo, está lá, *filtrando* por seu valores e fins tudo o que é dito no discurso. O principal procedimento é o de produzir o discurso em terceira pessoa, no tempo do “então” e no espaço do “lá” (BARROS, 2002, p. 58).

Nova Escola, ao afirmar o seu discurso como jornalístico, cumpre bem os pressupostos da linguagem jornalística já mencionados por Barros (2002). No entanto, ao instaurar uma relação também próxima ao leitor, com a utilização da primeira pessoa, a revista se coloca

como uma amiga do professor/a; uma intersubjetividade é instaurada, no entanto, uma objetividade analítica nunca é abandonada. Uma amiga qualificada por pressuposto, pois traz a voz de quem *sabe* e de quem *faz*. Uma relação onde quem forma o professor é *Nova Escola*, todavia, nesse ato de formar o Outro, o discurso da revista oscila entre a valorização de um saber acadêmico e um saber prático, vindo da experiência de quem vive a escola em seu dia a dia. Todavia, o saber acadêmico trazido pela revista possui sempre uma finalidade principal: *instrumentalizar* o professor para um *saber-fazer*.

Um dos aspectos que mais nos chama atenção é a existência de uma gestualidade que conota sempre prazer e alegria de ser professor e exercer a docência, ou seja, o objeto valor aqui é o próprio exercício da profissão, que a despeito de todas as dificuldades, é sempre enobrecedora. As figuras apresentadas nas capas são oferecidas como modelos de professor/a; modelos que devem ser imitados, pois possuem o *saber-fazer*. Os sujeitos retratados se encontram numa condição eufórica em relação à sua profissão e ao seu saber e são reforçadas e reiteradas espécies de narrativas de como o ensinar é bom e prazeroso. Isotopicamente, a docência é ainda retratada como uma profissão “missionária”, uma “vocação”. O caráter heróico da profissão também está presente no discurso da revista, bem como o fato de que a construção da pessoa humana depende do professor. A dimensão instrumental do discurso e do trabalho do professor é sobrelevada em relação à sua dimensão conceitual, como já dito.

Fica-nos a necessária reflexão sobre a relação entre o sujeito e seu simulacro; e aí a questão tão bem enunciada por Landowski (1995, p. 248) quando se interroga acerca da prevalência de um ou de outro. Enuncia, pois: “[...] ficarão naturalmente livres os cépticos de se perguntarem qual dos dois, nesse processo reunificador, é que afinal se afirma a despeito do outro.” Triunfo do simulacro ou do sujeito? E continua: “[...] triunfo do simulacro que o sujeito vai se fantasiando para si mesmo, sendo apenas aquela imagem capaz de dar à identidade dele uma *forma* – a mais ilusória talvez, ou, afinal de contas, a única um pouco ‘autêntica’ – quem o poderia dizer?” (LANDOWSKI, 1995, p. 248).

A reiteração do croma vermelho, especialmente no título das edições de 2011-2012 e na parte interna das revistas, tanto da primeira fase (1997-1998), como da segunda (2011-2012), remetem, no nível das estruturas profundas, a um estado de alma passional. A professora de *Nova Escola*, *sabe-fazer* e tem orgulho de ser quem é - *professora*. A despeito das condições sociais, econômicas e culturais adversas ultrapassa, por vontade pessoal, todos esses obstáculos e realiza um ato educativo de qualidade. Cabe à vontade pessoal o primeiro passo

para o “sucesso”. As questões políticas, sociais, culturais e econômicas, mesmo citadas, são tidas como aspectos que não interferem tanto na prática didática e cotidiana de uma sala de aula, apesar do papel que o tema da tecnologia vem desempenhando nas pautas escolhidas pela revista em questão.

Outro procedimento também muito utilizado por NE é o emprego do discurso direto e indireto. Ou seja, *Nova Escola*, adota predominantemente um estilo indireto, entrecortado por um estilo direto. Vejamos o que um e outro significam, acompanhemos o raciocínio de Cunha (2008, p. 651).

No plano expressivo, a força da narração em discurso direto provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas. Estas, na reprodução direta, ganham naturalidade e vivacidade [...].

No que se refere ao discurso indireto, vejamos ainda o que Cunha (2008, p. 652) tem a nos dizer: “No plano expressivo, assinale-se, em primeiro lugar, que o emprego do discurso indireto pressupõe um tipo de relato de caráter predominantemente informativo e intelectual, sem a feição teatral e atualizadora do discurso direto”. Ou ainda, “[...] no discurso indireto o narrador subordina a si a personagem, com retirar-lhe a forma própria e afetivamente matizada da expressão” (CUNHA, 2008, p. 653).

Se os procedimentos discursivos utilizados por *Nova Escola* são, de certa maneira, facilmente identificáveis em seus textos, os valores não o são de imediato. Na verdade, o que vislumbramos nesse estudo, é a construção e o reforço de um quadro de valores, onde o individual e o mérito pessoal toma vulto. Os relatos e análises apreciados nos indicam que a vontade individual é capaz de sobrepujar as dificuldades impostas pelo meio, seja social, seja econômico e mesmo cultural. O que se vê é a afirmação de uma meritocracia, onde tem lugar aqueles, que a despeito das condições materiais, se esforçam, ultrapassam esses impasses dados à primeira vista, superam-se em termos de formação deficiente e, por fim, realizam/fazem uma ação educativa de qualidade. E aí o projeto didático assume um grande espaço, pois ele é, no discurso da revista, a “forma” esperada de um bom trabalho pedagógico.

A questão de gênero também assume destaque, já que, através da predominância de figuras (tanto visuais, quanto verbais) de mulher na função de professora, especialmente de crianças, reforça a relação entre cuidado-docência-mulher-criança. No entanto, vê-se uma certa diferença entre a *mulher-professora*, cujo simulacro trazido pela revista é daquela que *faz*, e

que faz também seus próprios materiais pedagógicos (mais presente nas edições de 1997-1998); e a *mulher-professora* do biênio 2011-2012, que busca formas de organizar melhor seu trabalho pedagógico em sala de aula, procurando meios para *gerir* melhor o tempo e o espaço de ensino-aprendizagem. Em relação à valorização de um saber acadêmico e um saber proveniente da experiência, o discurso da revista é um pouco ambíguo, pois ao mesmo tempo tende a valorizar o saber da experiência, também valoriza o saber acadêmico proveniente da universidade, discurso transmitido na palavra dos inúmeros especialistas que enunciam sobre diversos assuntos da pauta educacional. No entanto, apesar de termos essa ambiguidade no discurso de *Nova Escola*, o discurso científico-racional é tido como a melhor forma de explicar a realidade educacional e superar seus entraves, dificuldades e conflitos.

Verificamos, também, no discurso veiculado pela revista a ausência de qualquer lexema que trate das questões associativas e sindicais tendo em vista a profissão docente, o único vocábulo encontrado foi “*greve*” na seção “*Em dia*” das edições de 2011-2012. No entanto, essa referência explícita ao movimento grevista na educação possui apenas caráter meramente informativo, omitindo-se as questões estruturais e contextuais envolvidas nessa questão.

Por fim, resta-nos ainda uma última consideração. Floch (1993), ao analisar os efeitos de sentido produzidos por logotipos de organismos financeiros (bancos e seguradoras), em sua obra *Semiótica, marketing y comunicación* (1993), nos dá uma boa pista de leitura da dimensão visual de *Nova Escola*. Para tanto, o autor citado utiliza-se dos estudos de H. Wölfflin, contidos na obra *Principes fondamentaux de l'histoire de l'art*. Nesse estudo H. Wölfflin expõe cinco categorias básicas que diferenciam um estilo clássico, de um estilo barroco. Vejamos quais são essas categorias básicas que diferenciam os estilos citados: a primeira categoria compõe-se do par *estilo linear vs estilo pictórico*, a segunda do par *planos e profundidade*; a terceira, do par *forma fechada vs forma aberta*; a quarta categoria, do par *multiplicidade vs unidade* e a quinta e última categoria, do par *claridade e obscuridade*. Em rápidas pinceladas e para fins de sistematização, vejamos o quadro que Floch (1993, p. 89-90) propõe acerca das duas estéticas contrárias:

<i>Estilo ou visão clássica</i>	<i>Estilo ou visão Barroca</i>
Linear (linha de contorno significante)	Pictórica (linha simples elemento sombreado)
Planos (divisão do espaço em zonas paralelas)	Profundidade (movimento que capta todas as coisas em profundidade)

Forma fechada (a organização plástica leva em consideração as qualidades do formato)	Forma aberta (a forma – formato – parece fortuita/casual)
Multiplicidade (uma [relativa] autonomia se concede às diferentes partes)	Unidade (as partes perdem seu direito a uma existência autônoma)
Clareza (a forma se desvela em sua totalidade)	Obscuridade (a forma já não coincide com a forma do objeto)

QUADRO 15 – Quadro-resumo estilo clássico vs estilo barroco

Fonte: Floch, 1993, p. 89-90, tradução nossa.

Tendo em vista, os aspectos levantados no quadro acima, podemos inferir que a estética adotada por *Nova Escola*, provém de uma matriz clássica, onde os objetos, bem delimitados, guardam sua individualidade e não se misturam às partes, o que traduz o elemento linear e múltiplo da linguagem clássica. Para Floch (1993, p. 83), o estilo clássico aponta para uma apreensão fragmentada do mundo e dos corpos e privilegia as formas puras, “verdadeiras” e palpáveis. Ao optar por uma composição em diferentes planos e frontais, em relação a quem olha, esse estilo busca o apoio seguro e referenciável das figuras existentes no mundo natural, por meio de jogos de simetria, contrastes e paralelismo.

Sabendo que a estética visual escolhida pela revista é eminentemente clássica. Resta-nos a questão: se no enunciado verbal encontramos as marcas da enunciação e a partir dessas marcas podemos construir e apreender os efeitos de sentido proveniente de tal ou qual texto, a escolha de uma determinada visualidade, também não pode nos passar de forma desinteressada e sem intenções. Ainda podemos recorrer a Floch (1993, p. 92), quando nos diz que “[...] a marca é palavra: a instauração de uma relação”. E continua considerando que dizer é se fazer ouvir e é manter o dito. *A marca se reconhece e é reconhecida por uma determinada maneira de articular seus elementos plásticos e por um certo modo de pensar; tomando as palavras do autor: “[...] la marca posee constantes de expresión y constantes de contenido que le aseguran su identidad”*¹ (1993, p. 92).

Por fim, ainda temos dois aspectos que não podemos olvidar. O primeiro refere-se ao fato de que é preciso que as pesquisas sobre impressos pedagógicos sejam mais divulgadas e intensificadas. No que se refere à pesquisa desse impresso em especial, a revista *Nova Escola*, sugere-se a continuação de investigações que tomem os aspectos visuais mais a fundo e de forma ampliada, com a realização de mais análises de capas e seções.

¹ A marca possui invariâncias de expressão e invariâncias de conteúdo que asseguram sua identidade (tradução nossa).

É preciso ainda apontar a necessidade de, num próximo estudo, explorar mais as possibilidades de uma *semiótica das paixões*, apesar da menção que se faz aos sentimentos passionais na relação instituída destinador-destinatário. As paixões, para Barros (1988, p. 61), “[...] devem ser entendidas como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito do estado”. Essa possibilidade de remanejamento do foco de pesquisa abriria mais outras tantas brechas e possibilidades de análise que não foram supridas nessa pesquisa, daí a necessidade de explorar num próximo estudo o universo de uma *semiótica das paixões*.

No intuito de arrematar esse trabalho gostaríamos, ainda, de reiterar o forte caráter simbólico e referencial dos textos em questão. Poder-se-ia dizer, pois, que o texto jornalístico possui como função prioritária de linguagem a função referencial, no entanto, nosso olhar caminha no sentido de afirmar o discurso de *Nova Escola* não como puramente jornalístico, mas um discurso que caminha entre o publicitário e o jornalístico. E, ainda, um discurso que tende a se situar um tanto quanto distante das semióticas poéticas e/ou semissimbólicas.

REFERÊNCIAS

- ABRIL, Editora. *Manual de estilo Editora Abril: como escrever bem para nossas revistas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ASSINE ABRIL. *Revistas*. Disponível em: <http://www.assine.abril.com.br/assinar/revista-capricho/origem=sr_pa_botaocapa_revistas>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Galvão G. Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail M.. *Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1997.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2002.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003. p.187-219.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A comunicação humana. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 25-54.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Uma reflexão semiótica sobre a “exterioridade” discursiva. *Alfa*, São Paulo, 53(2), 351-364, 2009.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Cor e sentido*. 2011. No prelo.
- BASTOS, Maria Helena Camara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.47-76.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Resenha. *Revista Brasileira de Educação*, v.12, n.34, jan./abr. 2007. P.166-168.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Tradução Maria da Glória Novak; Luiza Neri. São Paulo: Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BRASIL. *Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968*. Brasília, 1968. Disponível em: <www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=5&tipo_norma=AIT&data=19681213&link=s>. Acesso em: 27 jan. 2013.

BRASIL. *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Brasília, 1971. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 2 de fev. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. 1997. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf . Acesso em: 27 jan. 2013.

CAETANO, K. A propósito de um sincretismo intermediário. In: OLIVEIRA, A. C.; TEIXEIRA, L. (Orgs.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

CALBUCCI, Eduardo. Modalidade, paixão e aspecto. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 70-78, 2009.

CAMARGO, Isaac Antonio. O uso da fotografia e a construção do objeto noticioso na edição da mídia impressa. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CAMARGO, Isaac Antonio (Orgs.). *Caderno de discussão do CPS*. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS), n. 6, 2000. p. 69-84.

CARMO, Sonia Irene Silva do. Luz e sombra nos editoriais da Folha de São Paulo. *Perspectivas*, São Paulo, 16, p. 255-263, 1993.

CASPARD, Pierre; CASPARD, Penélope. Imprensa Pedagógica e Formação Contínua de Professores Primários (1815-1939). In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 33-46.

CASTRO, Juliana Contti. Revista Nova Escola: um olhar semiótico. In: *Caderno de discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas – CPS*. Nº 17, Vol. 1, dez 2011, p.1-24.

CATANI, Denice Barbara et al. A profissionalização e as práticas de organização dos professores: Estudos a partir da Imprensa Periódica Educacional. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.77-92.

CHARNIZON, Ana. *A modelagem de leitores e de leituras no discurso midiático da revista Nova Escola*. 2008. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CHARNIZON, Ana; PAULINO, Maria das Graças Rodrigues. *A instituição do leitor no discurso midiático da revista Nova Escola*. [s.d.]. Disponível em: < <http://>

alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss13_06.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Portugal: Ed. Difel, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CODATO, Henrique; LOPES, Flor Marlene E. Semiologia e semiótica como ferramentas metodológicas. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

COMUNIQUE-SE. Editora Abril anuncia faturamento superior a 2 bilhões em 2011. *Portal comunique-se*. Disponível em: <portal.comunique-se.com.br/index.php/editorias/3-imprensa-a-comunicacao-/68360-editora-abril-anuncia-faturamento-superior-a-r-2-bi-em-2011.html>. Acesso em: 27 jan. 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DAMETTO, Fabiana Veloso de Melo. *O papel da revista Nova Escola na rede discursiva que se desenvolve em torno do agir docente: um jogo de discursos e representações*. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2010.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. Tradução de Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1977. 231p.

FARIA, G. *Nova Escola: um projeto político-pedagógico em andamento (1986-2000)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. 15 impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. *Organon*, Rio Grande do Sul, vol. 09, nº 23, p. X-X, 1995.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2008a.

- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008b.
- FIORIN, José Luiz. O corpo representado e mostrado no discurso. In: OLIVEIRA, A. C.; CASTILHO, K. (Orgs.). *Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008c. p. 137-150.
- FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008c.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- FIORIN, José Luiz. Semiótica e História. *Caderno de Letras da UFF*. Dossiê: Linguagens em diálogo, nº42, p. 15-34, 2011.
- FLOCH, Jean-Marie. De uma crítica ideológica da arte a uma mitologia da criação científica: Immendorf 1973-1988. In: OLIVEIRA, A. C. (Org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004. p. 243-262.
- FLOCH, Jean-Marie. *Semiótica, marketing y comunicación: bajo los signos, las estrategias*. Traducción de M^a del Rosario Lacalle y M^a Francisca Fernández. Barcelona, España: Ediciones Paidós Ibérica, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Coimbra: Almedina, 2005.
- FRAGA, Claudia Trevisan. *A construção da identidade das editoras pelas 1^{as} capas*: Record e Cosac Naify. 2008. 101 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- FREITAS NETO, José Alves de; TASINAFO, Célio Ricardo. História geral e do Brasil. São Paulo: HARBRA, 2006.
- FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. Nossa História. *Fundação Victor Civita*. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/nossa-historia.shtml>>. Acesso em: 3 jul 2011.
- GADOTTI, Moacir. *Pensamento pedagógico brasileiro*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- GIBBERT, 2008. *Reforma do Estado no Brasil e o processo de terceirização dos serviços sociais: um estudo na revista Nova Escola*. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- GIOLO, Jaime. Educação a distância e a formação de professores. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol.29, n.105, p.1211-1234, set./dez. 2008.
- GOBETTI, Eusdete de Jesus Trabach. *A produção do sentido na relação texto verbal e visual no Programa Veja na Sala de Aula*. 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. 2.ed. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1966.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GRUPO ABRIL. *Institucional*. Perfil. Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/perfil.shtml>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

HEDGECOE, John. *Curso de fotografia*. O manual mais prático para fotografar melhor. Tradução Léa Amaral Tarcha e Nelson Puyol Yamamoto. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de Carlos Vogt, et al. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

IASBECK, Luiz Carlos Assis. Método semiótico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

KLEIN, Rejane. *O discurso sobre as novas tecnologias e a subjetivação docente: a docência na rede*. 2008. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LANDOWSKI, Eric. O olhar comprometido. *Galáxia*, n. 2, p.19-56, 2001.

LANDOWSKI, Eric. Flagrantes delitos e retratos. *Galáxia*, Brasília, n. 8, p. 31-70, 2004.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública, a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo, Loyola, 1985.

MACHADO, Arlindo. *Arte e mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MAGAZINE. In: LANDAU, Sidney I. *Cambridge Dictionary of American English*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 504.

MARCONDES, Luiz Fernando. *Dicionário de termos artísticos*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1998.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da Imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Discurso Fundador*. A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, São Paulo: Pontes, 1993, p. 31-42.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2001.

MARTINS, Eduardo (Org.). *Manual de redação e estilo*. O Estado de São Paulo. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1990.

MICHEL, Maria Helena. *Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais*. Um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril*. 1997. 366f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

NOVA ESCOLA. Editorial. *Revista Nova Escola*, nº 101, São Paulo, 1997.

NOVA ESCOLA. Capa. *Revista Nova Escola*, nº 116, São Paulo, 1998.

NOVA ESCOLA. Editorial. *Revista Nova Escola*, nº 239, São Paulo, 2011.

NOVA ESCOLA. Editorial. *Revista Nova Escola*, nº 243, São Paulo, 2011.

NOVA ESCOLA. Editorial. *Revista Nova Escola*, nº 246, São Paulo, 2011.

NOVA ESCOLA. Capa. *Revista Nova Escola*, nº 244, São Paulo, 2011.

NOVA ESCOLA. Capa. *Revista Nova Escola*, nº 246, São Paulo, 2011.

NÓVOA, António. A imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do *repertório* português. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 11-31.

OLIVEIRA, Ana Claudia. Notas sobre a presentificação: inteligibilidade e sensibilidade na primeira página do jornal. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CAMARGO, Isaac Antonio (Orgs.). *Caderno de discussão do CPS*. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS), n. 6, 2000. p. 177- 188.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. (Org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. A plástica sensível da expressão sincrética e enunciação global. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lúcia (Orgs.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p.79-140.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lúcia (Orgs.). *Linguagens na Comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. 5. ed. Brasília: Editora UnB. 1989.

PEREIRA, Caroline Suellen Cardoso. *Narrativas da sexualidade e suas prescrições revistas*. 2010. 215 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. *Semiótica Visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

PILLAR, Analice Dutra. *Visualidade e sentido: contágios entre arte e mídia no ensino da arte*. Fonte: <http://viuvabranca.ufrgs.br/pesquisa/PRD/PP/Anexo/15323_1.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2012.

PIROLA, Maria Nazareth Bis. *Televisão, criança e educação: as estratégias enunciativas de desenhos animados*. 2006. 220f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. *O ensino de História na revista Nova Escola (1986-2002): cultura midiática, currículo e ação docente*. 2009. 272f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. *Revista Nova Escola: “ensinar” o professor pela mídia?* Disponível em: <<http://files.teteramos.webnode.com>>. Acesso em: 01 jul. 2011.

REALIDADE. Editorial. *Revista Realidade*. São Paulo: Editora Abril, 1967.

REBOUÇAS, Moema Martins. *O discurso modernista da pintura*. Lorena: CCTA, 2003.

REBOUÇAS, Moema Martins. Uma leitura de textos visuais. *Cadernos de Pesquisa em Educação*, Vitória, v.12, n.24, pp.101-116, jul/dez. 2006.

REVAH, Daniel; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. O regime militar na (des)memória da editora Abril: a revista Escola e a difusão da Lei 5.692/71. *Revista de História da Educação*, v.15, n.33, jan./abril 2011, p.137-161.

REVAH, Daniel; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Estratégia editorial e dispositivos materiais da revista Escola para professores*. Disponível em:

<www.sbhe.org.br/novo/congresso/cbhe5/pdf/885.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2013.

REVIEW. In: LANDAU, Sidney I. *Cambridge Dictionary of American English*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 715.

RIPA, Roselaine. *Nova Escola – “a revista de quem educa”*: a fabricação de modelos ideais do ser professor. 2010. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

ROCHA, Bárbara Trindade. *Cartas em revista: estratégias editoriais de difusão e legitimação da Nova Escola*. 2004. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ROCHA, Andressa Roberta. *Relatos de experiência publicados na revista Nova Escola (2001-2004): modelo de professora ideal*. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. *A dialogia entre a revista Nova Escola e o professor-leitor: implicações para o trabalho docente*. 2007. 178 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, s.d.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Marcos; FEITOSA, Lucineia dos Santos. *Revista Nova Escola: legitimação de políticas educacionais e representação docente*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.31, p.183-198, set. 2008.

SILVEIRA, Fernanda Romanezida. *Um estudo das capas da revista Nova Escola: 1986-2004*. 2006. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ZABALAR, Débora Macedo. *A leitura na revista Nova Escola: Dialogismo e produção de sentido*. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Franca, Franca, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Índices das edições de *Nova Escola* (1997)

Índices de 1997 - 9 edições				
março nº 100	abril nº 101	maio nº 102	junho nº 103	agosto nº 104
sala dos professores	sala dos professores	sala dos professores	sala dos professores	Depoimento
Reportagem de Capa	Reportagem de Capa	Reportagem de Capa	brincando	Reportagem de Capa
Matemática	Sucata	Geografia	memória	Português
Sucata	multidisciplinaridade	Português	Reportagem de Capa	Ciências
brincando	Psicologia Infantil	Alfabetização	Alfabetização	História
Educação Artística	Laboratório	Recreação	multidisciplinaridade	Era uma Vez
Era uma Vez	Ciências	Era uma Vez	Era uma Vez	Matemática
Ciências	Era uma Vez	Educação Ambiental	Matemática	Geografia
Geografia	Leitura	Matemática	Festas Juninas	Sucata
Deu Certo	Alfabetização	Sucata	Mural	Gestão Escolar
Gramática	Jogo Didático	Atualização	Gestão Escolar	Mural
Política Educacional	História	Deu Certo	Parcerias	Com Certeza
Minas Gerais	Saúde	Cidadania	Com Certeza	Livros
Pedagogia	Deu Certo	Mural	Livros	Obrigada, Professor
Mural	Memória	Livros	Obrigado, Professora	
Com Certeza	Mural	Perfil		
Livros	Com Certeza	Com Certeza		
Obrigado, Professor	Livros	Obrigada, Professora		
	Obrigada, Professor			
Nº de páginas	60	60	60	60

APÊNDICE E – Formas de composição das capas da revista *Nova Escola* (1997, 1998, 2011 e 2012)

Forma de composição	Anos				
	1997	1998	2011	2012	
	série 1	série 2	série 3	série 4	série 5
Fotografia	5	3	5	5	18
Fotografia e desenho/artes gráficas	1	5	1	2	9
Artes gráficas/desenho	2	2	4	3	11
Somente texto verbal	1	0	0	0	1
Total de capas	9	10	10	10	39

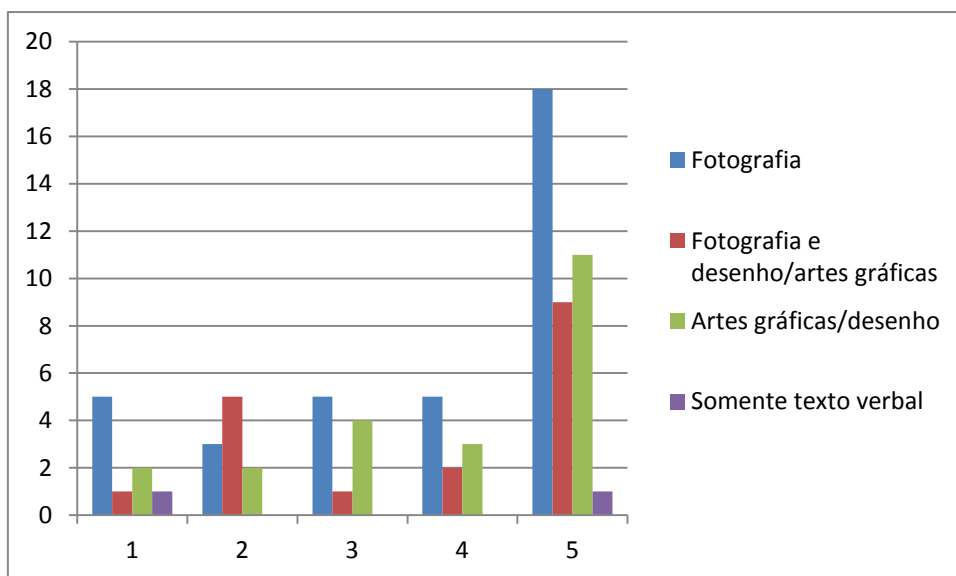


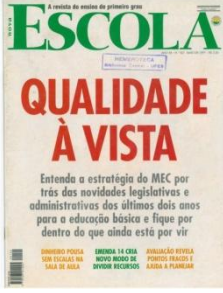



GRÁFICO (apêndice) – FORMAS DE ARTE VISUAL DAS CAPAS DE NE






APÊNDICE F – Capas da Revista *Nova Escola* (1997, 1998, 2011 e 2012)

Capas de 1997

Referência 1997 Ano XXII	Capa
n° 100 março 1997	
n° 101 abril 1997	
n° 102 maio 1997	
n° 103 Junho/julho 1997	

Capas de 1998

Referência 1998 Ano XXIII	Capa
n° 109 jan./fev 1998	
n° 110 março 1998	<p><i>Capa não encontrada</i></p>
n° 111 abril 1998	
n° 112 maio 1998	

<p>n° 113 Junho/julho 1998</p>	
<p>n° 114 agosto 1998</p>	
<p>n° 115 setembro 1998</p>	
<p>n° 116 outubro 1998</p>	
<p>n° 117 novembro 1998</p>	

<p>n° 118 dezembro 1998</p>	
---------------------------------	--

Capas de 2011

<p>Referência 2011 Ano XXVI</p>	<p>Capa</p>
<p>n° 239 jan./fev 2011</p>	
<p>n° 240 março 2011</p>	
<p>n° 241 abril 2011</p>	
<p>n° 242 maio 2011</p>	

<p>n° 243 Junho/julho 2011</p>	
<p>n° 244 agosto 2011</p>	
<p>n° 245 setembro 2011</p>	
<p>n° 246 outubro 2011</p>	
<p>n° 247 novembro 2011</p>	

n° 248

dezembro 2011



Capas de 2012

Referência 2012 Ano XXVII	Capa
n° 249 jan./fev 2012	
n° 250 março 2012	
n° 251 abril 2012	
n° 252 maio 2012	

<p>n° 253 Junho/julho 2012</p>	
<p>n° 254 agosto 2012</p>	
<p>n° 255 setembro 2012</p>	
<p>n° 256 outubro 2012</p>	
<p>n° 257 novembro 2012</p>	

nº 258
dezembro 2012

